

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Wesley Diniz Ferreira

**O ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: limites, desafios e possibilidades**

Uberlândia-MG

2013

Wesley Diniz Ferreira

**O ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: limites, desafios e possibilidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: Saberes e Práticas Educativas

Orientadora: Prof. Dra. Myrtes Dias da Cunha

Uberlândia-MG

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F383e Ferreira, Wesley Diniz, 1970-
2013 O ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental: limites,
desafios e possibilidades / Wesley Diniz Ferreira. -- 2013.
219 p. : il.

Orientadora: Myrtes Dias da Cunha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Ensino Fundamental - Teses. 3. Artes -
Estudo e ensino (Ensino Fundamental) - Teses. I. Cunha, Myrtes
Dias da. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Wesley Diniz Ferreira

**O ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: limites, desafios e possibilidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: Saberes e Práticas Educativas

Uberlândia, 19 de Agosto de 2013

Banca Examinadora

Prof. Dra. Myrtes Dias da Cunha – FACED/UFU.

Prof. Dra. Roberta Maira de Melo Araújo – FAFCS/UFU.

Prof. Dra. Lucimar Bello Pereira Frange – Aposentada (UFU)
Pesquisadora voluntária na PUC/SP.

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço a Deus, que tem me dado força inesgotável em todos meus caminhos e me amparado em todas as horas, principalmente, nos momentos de maiores provações. Agradeço ao nosso Criador pela oportunidade de viver, aprender e ensinar.

À minha orientadora, Professora Dr^a Myrtes Dias da Cunha, pelas interlocuções, cumplicidade, acolhimento e paciência diante das minhas limitações.

À minha esposa, Raquel Elane, a quem devo a oportunidade de vivenciar esta importante conquista. Agradeço também pela compreensão nos momentos de ausência, pelos ensinamentos acadêmicos e de vida, pela parceira na companhia fiel de todos os dias.

Aos meus filhos, Pedro Henrique e Maria Cecília. Razões da minha vida, que alimentam a minha alma com alegrias e carinhos. A vocês dois, o papai dedica este trabalho e, ao mesmo tempo, pede desculpas pelo tempo furtado, pelas horas ausentes e pelos passeios não realizados.

À minha mãe, Lucivander, pelo exemplo de ser humano e dedicação à família. Penso ter herdado de ti a vontade de crescer e aprender a todo instante. Obrigado por tudo que já fizeste e ainda tem feito não só por mim, mas, principalmente, pelo meu pai, que faz anos luta pela vida.

Ao meu pai, Leonardo, por ter me ensinado o valor e a importância do amor e da solidariedade. Agradeço e parabenizo-o pela maneira correta, humilde e fraterna com que sempre pautou sua vida.

À minha irmã, Viviane, pela atenção e interesse constante de me ajudar diante das minhas dúvidas e dificuldades.

Ao meu cunhado, Marcos, pelo exemplo de luta e de dedicação ao estudo.

À minha sogra, Maria Claudina, pelo apoio constante que nos tem dado no dia a dia.

Ao meu sobrinho, Gabriel, que, por várias vezes, enquanto eu precisava me concentrar nos meus estudos, ele doava o seu tempo para brincar e dar atenção aos meus filhos.

A toda a minha família e amigos, que torceram por mim e foram importantes na minha caminhada até o presente momento.

Ao Professor Dr. Arlindo José de Souza Júnior, pelas relevantes considerações feitas em nossa banca de qualificação, especialmente, pela atenção e carinho que sempre demonstrou ter para conosco e com o nosso trabalho como professor de Arte.

Aos professores e colegas de mestrado, com os quais compartilhamos importantes momentos de aprendizagem.

À Professora Dra. Roberta Maira, pelo aprendizado durante a graduação, pelas importantes sugestões na banca de qualificação e por ter aceitado, prontamente, o convite de participar da banca de defesa.

À Professora Dra. Lucimar Bello, primeiramente, por aceitar nosso convite para participar da nossa banca de defesa. Lamentamos não termos tido a felicidade de ser seu aluno na graduação, entretanto, destacamos a nossa felicidade e honra em tê-la neste momento tão importante da nossa vida.

À Professora Dra. Luciana Arslan, pela sabedoria com que nos orientou na banca de qualificação.

À Gianny, James e bibliotecários, que sempre nos atendeu com cortesia e atenção.

Aos colegas que compõem o grupo de professores de Arte do CEMEPE, pelo carinho, generosidade e importantes trocas de conhecimentos e questionamentos acerca do nosso trabalho docente e da arte.

À Diretora Escolar Kárita Cristina de Lima Araújo Alves, pelo constante apoio, estímulo e confiança em nosso trabalho.

Aos colegas de trabalho e, principalmente, as nossas crianças, os quais tanto têm nos ensinado em nossas convivências diárias.

Ser professor não é tarefa fácil. Muitas vezes, imaginar e planejar o que consideramos como o que há de melhor pra ensinar não dá o resultado esperado. Mas ser professor é permitir-se parar, refletir e refazer. Não existe um caminho pronto, uma forma infalível. Como diz Guimarães Rosa, “o caminho se faz ao caminhar”.

(LOUREIRO, 2010)

RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão sobre a nossa prática como docente de Arte em 2011, 2012 e parte de 2013, em uma escola municipal de Uberlândia, ora denominada “Escola Municipal Jardins de Monet”. Intentando compreender o trabalho realizado, seus limites, desafios e possibilidades, adotamos a pesquisa-ação como modelo investigativo, tendo em vista sua conotação participativa, política e de transformação social. Ao percebermos que o Ensino de Arte, a nosso ver, nesta escola, não tinha uma identidade e não era valorizado como área do conhecimento, em fevereiro de 2011, na condição de professor, apresentamos para a direção escolar uma proposta para o Ensino de Arte com duração de três anos (2011, 2012 e 2013). Como objeto do presente estudo, elegemos os anos de 2011, 2012 e o 1º semestre de 2013. A proposta para 2011, intitulada “Uma viagem pela história da arte mundial”, possibilitou-nos contextualizar da arte do período rupestre à arte pós-moderna. Em 2012, nosso objetivo foi explorar a arte do nosso país, tendo como referência 14 artistas brasileiros. Para 2013, está em andamento uma proposta que tem como objetivo estimular o potencial criativo do aluno; permitindo-o vivenciar a arte nas suas diferentes linguagens. A pesquisa sobre essa prática docente teve os seguintes objetivos: perceber os pontos positivos e negativos do Ensino de Arte em nossa escola; verificar se a proposta para o Ensino de Arte contribuiu para a formação estética, social, cognitiva e afetiva das crianças; conhecer melhor os alunos em seu cotidiano, nas suas limitações e potencialidades; e, por fim, sugerir uma proposta para o Ensino de Arte para a escola em parceria com os demais professores de Arte. Este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, caracterizamos a escola e os sujeitos da pesquisa; no segundo, contextualizamos o Ensino de Arte no Brasil e em Uberlândia; por último, apresentamos a nossa proposta para o Ensino de Arte e discutimos o trabalho realizado em 2011, 2012 e meses iniciais de 2013.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de Arte. Saberes e práticas docentes. Cotidiano Escolar.

ABSTRACT

This research shows a reflection on our practice as Art's teacher in 2011, 2012 and some months in 2013, in a municipal school in Uberlândia, for a time named "Municipal School Monet's Gardens." Aim to understand the work, its limitations, challenges and possibilities we adopted Action-research as an investigative model, by reason of its participatory, political and social transformation characteristics. When we realize that Art Education in this school did not have an identity and was not valued as a knowledge area we presented to the school board, in February 2011, a proposal for Teaching Art for three years (2011, 2012 and 2013). But as the object of this study, we selected the years 2011, 2012 and the first semester of 2013. The proposal for 2011, entitled "A journey through the history of world art," enabled us to contextualize since Art Cave period to postmodern Art. In 2012, our purpose was to explore the art of our country, with reference to 14 Brazilian artists. A proposal for 2013 is in process and aims to encourage the creative potential in students allowing him to experience Art in its different possibilities. The research on teaching practice had the following objectives: to realize the positives and negatives aspects about of Art Education in our school; determine the proposal for Teaching Art which contributed to the aesthetic, social, cognitive and affective children; know better students in their daily lives, limitations and potentials, and finally suggest a proposal for Art Education for the school in collaborative efforts with other art teachers. This work was divided into three chapters. In the first, we introduce the school and the research of this the subjects, in the second we contextualize the Art Education in Brazil and Uberlândia, and finally, we present our proposal for Art Education and discuss the work done in 2011, 2012 and in the beginning of 2013.

Keywords: Teaching and Learning in Art - Teacher's knowledge and practices - everyday School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE -	Atendimento Educacional Especializado
AEPA-AMAP -	Associação de Estudantes, Professores e Artistas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.
ALGAR -	Grupo Alexandrino Garcia
BDI -	Banco de Dados Integrados
CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD -	Compact Disc
CEEEU -	Centro Estadual de Educação Especial para Diagnóstico, Recuperação e Trabalho de Uberlândia.
CEMEPE -	Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz”
CESAG -	Centro Esportivo Social Alexandrino Garcia
CRAS -	Centro de Referência de Assistência Social
DVD -	Digital Versatile Disc
ECA -	Estatuto da Criança e do Adolescente
FACED -	Faculdade de Educação da UFU
FAEB -	Federação de Arte-educadores do Brasil
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB -	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC -	Ministério da Educação
NAICA -	Núcleo de Apoio a Criança e ao Adolescente
OMS -	Organização Mundial de Saúde
ONG -	Organização Não Governamental
PCN -	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID -	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PBF -	Programa Bolsa-família
PPP -	Projeto Político Pedagógico
SIAB -	Sistema de Informação de Atenção Básica
SME -	Secretaria Municipal de Educação
UAI -	Unidade de Atendimento Integrado à Saúde
UFU -	Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de turmas nos anos de 2011, 2012 e 2013.....	30
Tabela 2 - Quantitativo de profissionais e áreas de atuação.....	54
Tabela 3 - Homicídios consumados na zona leste de Uberlândia entre os anos de 2006 até o primeiro trimestre de 2013.	57
Tabela 4 - Crimes ocorridos nos bairros Morumbi, Dom Almir e Alvorada de Janeiro de 2012 até março de 2013.....	58
Tabela 5 - Turmas de alunos da Escola Municipal Jardins de Monet em 2011, que foram nossos alunos e que participaram da Mostra de Artes: “Uma viagem pela história da arte mundial”.....	114
Tabela 6 - Turmas de alunos da Escola Municipal Jardins de Monet que participaram da presente pesquisa – 2012.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Índice de homicídios da zona leste em relação à taxa da OMS entre os anos de 2006 a 2010	59
Quadro 2 - Quantidade de turmas do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet, no turno da manhã/2012.....	61
Quadro 3 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012.....	148
Quadro 4 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012.....	150
Quadro 5 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012.....	152
Quadro 6 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012.....	154
Quadro 7 - Turmas e artistas que foram trabalhados no ano de 2012.	158
Quadro 8 - Turmas do professor Wesley em 2013	186

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sujeitos que responderam ao questionário sobre aspectos da vida familiar das crianças.....	62
Gráfico 2 - A constituição familiar das crianças.	63
Gráfico 3 - Situação das moradias das crianças.	63
Gráfico 4 - Tipo de construção das casas em que vivem as crianças.	64
Gráfico 5 - Convivência dos nossos alunos com outras crianças em seus lares.....	68
Gráfico 6 - Lazer das crianças.	68
Gráfico 7 - Situação da criança em relação a matrícula escolar/reprovação.	70
Gráfico 8 - Abandono escolar.....	71
Gráfico 9 - Quais atividades as crianças mais gosta de fazer em casa?	72
Gráfico 10 - Relacionamento das crianças com as pessoas.....	73
Gráfico 11 - Satisfação da criança em ir à escola.....	74

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Aula de performance com bolsista PIBID/Teatro/UFU	38
Foto 2 - Jogos teatrais com bolsista PIBID/Teatro/UFU.....	38
Foto 3 - Jogos teatrais com bolsista PIBID/Teatro/UFU.....	38
Foto 4 - Aula de performance com bolsista PIBID/Teatro/UFU	38
Foto 5 - Frente da Escola Municipal Jardins de Monet.....	47
Foto 6 - Pátio da Escola Municipal Jardins de Monet.....	47
Foto 7 - Refeitório da Escola Municipal Jardins de Monet.....	48
Foto 8 - Biblioteca da Escola Municipal Jardins de Monet.....	48
Foto 9 - Quadra Poliesportiva da Escola Municipal Jardins de Monet	48
Foto 10 - Sala de Aula da Escola Municipal Jardins de Monet.....	48
Foto 11 - Sala da Supervisão Pedagógica da Escola Municipal Jardins de Monet	49
Foto 12 - Sala da Direção e Vice-direção da Escola Municipal Jardins de Monet	49
Foto 13 - Secretaria da Escola Municipal Jardins de Monet.....	49
Foto 14 - Área de convivência da Escola Municipal Jardins de Monet	49
Foto 15 - Área de convivência da Escola Municipal Jardins de Monet	50
Foto 16 - Corredor da Escola Municipal Jardins de Monet.....	50
Foto 17 - Sala dos professores da Escola Municipal Jardins de Monet	50
Foto 18 - Laboratório de Informática da Escola Municipal Jardins de Monet.....	50
Foto 19 - Quiosque da Escola Municipal Jardins de Monet.....	51
Foto 20 - Imagens de casas do Bairro São Francisco.	65
Foto 21 - Entrada do Bairro Dom Almir	66
Foto 22 - Construção do novo Shopping	66
Foto 23 - Imagens das casas entregues pelo Programa Minha casa, minha vida	66

Foto 24 - Imagens gerais do Bairro Morumbi	66
Foto 25 - Imagens de rua no Bairro Dom Almir sendo terraplanada	66
Foto 26 - Imagens da Avenida Solidariedade no Bairro Dom Almir.....	66
Foto 27 - Confecção de cartazes – 2º ano A	116
Foto 28 - Confecção de cartazes – 2º ano A.....	116
Foto 29 - Confecção de cartazes - 3º ano	117
Foto 30 - Confecção de cartazes – 4º ano.....	117
Foto 31 - Grupo de alunos (as) de 1º ano pintando painel sobre a Arte Rupestre.....	117
Foto 32 - Alunos do 3º ano fazendo pesquisa no laboratório de Informática.	120
Foto 33 - Alunos do 4º ano fazendo desenho de observação com data-show.....	120
Foto 34 - Alunos do 2º ano fazendo desenho de observação com data-show.....	120
Foto 35 - Alunos do 3º fazendo desenho de observação do painel da Tarsila do Amaral....	121
Foto 36 - Alunos do 3º fazendo desenho de observação do painel da Tarsila do Amaral....	121
Foto 37 - Alunos do 5º ano desenhando a partir de imagem projetada.	122
Foto 38 - Alunos montando a estrutura para a Mostra de 2011.	123
Foto 39 - Alunos montando a estrutura para a Mostra de 2011.	123
Foto 40 - Montagem do painel da Mostra / 2011	123
Foto 41 - Montagem do painel da Mostra / 2011	123
Foto 42 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural	124
Foto 43 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural	124
Foto 44 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural	125
Foto 45 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural	125
Foto 46 - Alunos do 1º ano fazendo desenhos rupestres em painel.....	125
Foto 47 - Alunos do 1º ano fazendo desenhos rupestres em painel.....	125
Foto 48 - Aula prática de pintura – 4º ano.....	127

Foto 49 - Aula prática de pintura – 4º ano.....	127
Foto 50 - Painel do 4º ano – Releituras das obras de Jackson Pollock.....	128
Foto 51 - Painel da Mostra de 2011.....	128
Foto 52 - Imagem externa da Mostra de 2011.....	128
Foto 53 - Imagem do corredor 1.....	129
Foto 54 - Imagem do corredor 3.....	129
Foto 55 - Imagem do corredor 3.....	129
Foto 56 - Imagem do corredor 3.....	129
Foto 57 - Imagem do corredor 4.....	129
Foto 58 - Imagem do corredor 5.....	129
Foto 59 - Imagem da destruição da Mostra (2011) momento de desmontagem.....	131
Foto 60 - Imagem da destruição da Mostra (2011) momento de desmontagem.....	131
Foto 61 - Imagem do que restou da Mostra (2011)	132
Foto 62 - Imagem do que restou da Mostra (2011)	132
Foto 63 - Alunos do 4º ano assistindo ao vídeo sobre a Mostra de 2011	133
Foto 64 - Alunos do 4º ano assistindo ao vídeo sobre a Mostra de 2011	133
Foto 65 - Imagem da turma de 3º ano visitando a Mostra (2011).	142
Foto 66 - Imagem da turma de 3º ano visitando a Mostra (2011).	142
Foto 67 - Turma do 3º ano, em sala de aula, assistindo o vídeo sobre a biografia da Tarsila do Amaral.	162
Foto 68 - Turma do 3º ano fazendo desenho de observação das obras da Tarsila do Amaral no laboratório de informática da escola.....	162
Foto 69 – Crianças do 2º ano A fazendo seu desenho de observação a partir da obra de Iberê Camargo. Junho de 2012. Junho de 2012.....	167
Foto 70 - Criança do 2º ano A fazendo seu desenho de observação a partir da obra de Iberê Camargo. Junho de 2012.	167
Foto 71 - Alunos do 3º fazendo de observação a partir de revistas infantis.....	174

Foto 72 - Alunos do 3º fazendo de observação a partir de revistas infantis.....	174
Foto 73 - Aula no laboratório de informática da escola.	175
Foto 74 - Aula no laboratório de informática da escola	175
Foto 75 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 2º A - Iberê Camargo.....	175
Foto 76 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 3º A - Cândido Portinari	175
Foto 77 – Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 3º B - Tarsila do Amaral	176
Foto 78 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 4º B - Wesley Duke Lee	176
Foto 79 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 5º A - Alcy Xavier	176
Foto 80 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 5º C - Di Cavalcanti.....	176
Foto 81 - Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).	178
Foto 82 - Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).	178
Foto 83 - Alunas do 5º ano nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).	178
Foto 84 – Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).....	179
Foto 85 - Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).	179
Foto 86 – Imagem do painel da Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D..	180
Foto 87 - Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.	180
Foto 88 – Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.	180
Foto 89 - Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.	180
Foto 90 – Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.	180
Foto 91 - Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.	180
Foto 92 – Crianças do 5º ano D produzindo, na sala de aula, painéis inspirados em obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes	181

Foto 93 - Crianças do 5º ano D produzindo, na sala de aula, painéis inspirados em obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes	181
Foto 94 – Alunos do 5º ano pintando na sala 16	182
Foto 95 - Alunos do 5º ano pintando na sala 16	182
Foto 96 – trabalho conjunto de alunos do 2 ano (tarde) e 5 ano (manhã) na confecção de painéis inspirados em obras de Beatriz Milhazes Romero Britto. Fonte: Arquivo Pessoal ...	184
Foto 97 - trabalho conjunto de alunos do 2 ano (tarde) e 5 ano (manhã) na confecção de painéis inspirados em obras de Beatriz Milhazes e Romero Britto. Fonte: Arquivo Pessoal.	184
Foto 98 – Aluno do 3º ano fazendo seu desenho de observação.....	189
Foto 99 - Aluno do 3º ano fazendo seu desenho de observação.....	189
Foto 100 – Aluna do 3º ano pintando seu trabalho para a Mostra (2012)	189
Foto 101 - Aluna do 3º ano pintando seu trabalho para a Mostra (2012).....	189
Foto 102 – Alunos do 4º ano rasgando jornal para aprender a fazer papel machê	190
Foto 103 - Alunos do 3º ano aprendendo triturar os papéis rasgados para fazer papel machê.	190
Foto 104 – Aluno do 4º ano moldando sua escultura com jornal, fita crepe e arame.	190
Foto 105 – Alunos do 3º ano moldando suas esculturas com massa de papel Machê.	190
Foto 106 – Alunos do 4º ano participando de uma atividade de teatro no quiosque da escola.	191
Foto 107 - Alunos do 4º ano participando de uma atividade de teatro em sala de aula.	191
Foto 108 – Alunos do 4º ano tendo atividade de Teatro com os pibidianos teatro/UFU.	191
Foto 109 – Leitura da história o Pequeno Príncipe.	191
Foto 110 - Aluno do 1º ano fazendo uma Máscara para atividade com jogos teatrais.....	192
Foto 111 - Turma do 1º ano do Ensino Fundamental e suas máscaras por eles confeccionadas.	192

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 - Planta Baixa da Mostra de Artes (2011): “Uma viagem pela história da Arte Mundial: da pré-história ao pós-moderno.	130
Imagen 2 - Desenho de Tomie Ohtake – 1º B	141
Imagen 3 - Desenho de Grande Otelo – 1º B	141
Imagen 4 - “Vendedor de Frutas” (1925). Tarsila do Amaral.....	164
Imagen 5 - Desenho de Observação da obra: “Vendedor de Frutas”	164
Imagen 6 - Desenho de Criação: “A natureza no planeta terra” – (2012). Aluno: Raul Seixas - 3º ano B	164
Imagen 7 - “A Zona” – (1965) – Wesley Duke Lee.....	165
Imagen 8 - Desenho de Observação da obra: “A Zona”. Aluna: Dalva de Oliveira 4º ano B.	165
Imagen 9 - Desenho de Criação: “O Monstro Mulher” – (2012). Aluna: Dalva de Oliveira – 4º ano B.	165
Imagen 10 - “Gato” – (1959) Alcy Xavier.	166
Imagen 11 - Desenho de Observação da Obra: “Gato”. Aluno: Renato Russo 5º ano A.....	166
Imagen 12 - Desenho de Criação: “Super Vandizio” (2012). Aluno: Renato Russo – 5º ano A	166
Imagen 13 - A bicicleta do ano - (2012) – Leila Diniz – 2º ano A	168
Imagen 14 - A bicicleta do mundo - (2012) - Mario Lago - 2º ano A.....	168
Imagen 15 - A bicicleta da Daniele – (2012). Carmem Silva - 2º ano A.	169
Imagen 16 - A minha bicicleta – (2012). Elisete Cardoso - 2º ano A.	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	33
2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL JARDINS DE MONET ...	46
2.1 Caracterização dos Sujeitos desta Pesquisa.....	61
3 UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE ARTE: da missão artística francesa as escolas municipais de Uberlândia	76
3.1 Considerações sobre a Arte	93
4 ENSINO DE ARTE: Uma proposta para a Escola Municipal Jardins de Monet..	102
4.1 A proposta para o Ensino de Arte no ano de 2011 e o trabalho realizado: “Contextualização da História da Arte Mundial - da pré-história ao pós-moderno.”	112
4.2 A proposta para o Ensino de Arte em 2012 e o trabalho realizado: artistas brasileiros .	147
4.3 Considerações parciais sobre o Ensino de Arte no ano de 2013	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS	205
APÊNDICE A - Questionário para os pais ou responsáveis	211
APÊNDICE B - Questionário para a direção da escola	214
APÊNDICE C - Questionário para os alunos.....	218

INTRODUÇÃO

Na ânsia de sair da superfície e buscar novas perspectivas por meio de um olhar mais detalhado em relação à nossa experiência docente e à de outros professores de Arte, bem como ao posicionamento de autores que tratam do Ensino de Arte, é que nos lançamos neste desafio de entender e materializar, nesta pesquisa, algumas percepções/reflexões sobre a Arte e seu ensino, reflexões estas que temos tido ao longo da nossa experiência como aluno, como docente e como ser humano, já que entendemos que arte é vida ou “potência de vida” e também “potência **da** vida”, conforme o pensamento de Guyau e Nietzsche (SCHÖPKE, 2009, p.19, grifos do autor).

Acreditamos que todo ser humano, independente da sua situação social, econômica e cultural, tem o direito de vivenciar, fruir e conhecer arte. Portanto, a fim de potencializar estas reflexões e questionamentos sobre a Arte, é que iniciamos esta pesquisa com a intenção de entender melhor a nossa prática docente nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013, numa escola municipal de Uberlândia.

Vale ressaltar, em primeiro lugar, que nesta pesquisa, quando a palavra **arte** aparecer com sua inicial em minúsculo, estaremos nos referindo à arte de uma maneira geral; quando esta palavra estiver com inicial em maiúsculo, iremos nos referir ao nome como área do conhecimento. Neste estudo, optamos também pelo emprego do termo **Ensino de Arte** quando estiver mencionando a arte como disciplina e, desconsideramos o termo Arte-educação, por entendermos que a arte/Arte vai muito além da educação. Sobre esta questão, Frange (1992) cita que:

Não existem história-educação; geografia-educação; matemática-educação; português-educação como disciplinas e assim por diante, mas existe História, Geografia, Matemática, Português dentro de nossos currículos. A Arte tem que resgatar sua autonomia na Educação formal e/ou informal. Muito menos existe “educação artística”, a arte não é adjetivo de educação. Discordo, radicalmente, dessas terminologias, “arte-educação e educação artística” e para onde elas têm levado e possam levar (p. 21).

Nossos questionamentos e reflexões sobre o Ensino de Arte ocorrem desde o início da nossa formação acadêmica, porém destacamos que, a partir de fevereiro de 2008, data em que chegamos a uma escola municipal de Uberlândia para assumir o cargo de professor de Oficina Pedagógica, é que novas considerações e novos questionamentos começaram a nos inquietar. Esta experiência nos fizeram repensar sobre o exercício docente, talvez pelo fato de termos

tido a oportunidade de vivenciar um ensino diferenciado do ensino regular, pois as Oficinas Pedagógicas eram um espaço destinado ao desenvolvimento de habilidades e competências numa proposta de educação em tempo integral. Elas aconteciam dentro das dependências da escola e, normalmente, requeriam materiais e mobiliário específico, com sala apropriada, mesas maiores, pia, liquidificador industrial, telas para confecção de papel reciclado, máquinas de costura, instrumentos musicais, além de outros materiais para o Ensino de Arte, costura e bijuterias.

As Oficinas Pedagógicas surgiram, inicialmente, pelo interesse da Secretaria Municipal de Educação em promover experiências pilotos com educação em tempo integral e de profissionais da escola que aderiram a tal proposta, em especial da direção da escola, que buscou promover uma aprendizagem diferenciada do que era oferecida no ensino regular. Tal diferença consistia em número reduzido de alunos, na realização do trabalho em período extraturno e pela flexibilidade das atividades em relação ao currículo escolar; proporcionando tanto ao aluno quanto ao professor uma maior proximidade, estreitando-se os laços de amizade e de afetividade, favorecendo com que ambas as partes se beneficiassem desse encontro.

Durante o período em que estivemos fora do ensino regular, de 2008 a 2010, atuando como professor na Oficina Pedagógica, procurávamos sempre que possível, uma atualização sobre os fatos que aconteciam em relação ao Ensino de Arte na escola. Porém, entendíamos ser necessário manter o devido cuidado e respeito ao trabalho realizado pela professora de Arte que atuava no ensino regular, mas, na medida do possível, nos colocávamos sempre a sua disposição com o propósito de contribuir, especialmente, com o processo de aprendizagem dos alunos.

Percebíamos que o Ensino de Arte nesta escola não tinha uma identidade e tampouco era valorizado pela comunidade escolar, ou seja, não apresentava o mesmo peso das demais disciplinas curriculares. Por este aspecto, ao sermos reconduzidos em fevereiro de 2011, para o cargo de professor de Arte na referida escola, tomamos como uma de nossas metas valorizar o Ensino de Arte nesta instituição escolar, e experimentando a realização de um trabalho que pudesse alcançar tal meta. Desse modo, nesta pesquisa, ao escolher um pseudônimo para a escola, fizemos a opção por denominá-la “Escola Municipal Jardins de Monet”. Nossa intenção foi a de fazer referência aos jardins que Monet planejou e construiu na pequena cidade de Giverny, na França. Assim como Monet, nosso desejo tem sido de lançar sementes e vê-las florescer, contudo, em nosso caso, no espaço-tempo da escola, junto com outros

docentes e alunos. Portanto, neste estudo, iremos nos referir a esta escola pelo pseudônimo escolhido.

Em relação ao Ensino de Arte da Escola Municipal Jardins de Monet, sempre manifestamos duas preocupações principais; primeiramente, com o reduzido número de aulas semanais em cada turma; a outra, com a falta de uma sala específica para o Ensino de Arte. Felizmente, a primeira preocupação foi resolvida depois de muito diálogo com a equipe pedagógica e direção da escola. Por meio destas conversas, conseguimos que essa carga horária fosse alterada.

Até o final do ano letivo de 2011, a disciplina de Literatura contava com três aulas semanais de 50 minutos cada, e a disciplina de Arte com apenas uma aula semanal de 50 minutos. Através dos nossos questionamentos, conseguimos alterar estes horários, e ficou definido que, a partir de fevereiro de 2012, seria retirada do currículo escolar uma aula de Literatura, passando-a para Arte. Dessa forma, ambas as disciplinas passariam a contar com duas aulas semanais de 50 minutos. Tal mudança tem possibilitado um maior contato com os alunos, o que permite conhecê-los melhor em relação às suas necessidades e potencialidades; permitindo-nos também dispor de um tempo maior para trabalhar os conteúdos e atividades, o que nos tem favorecido desenvolver aulas com melhor qualidade.

Neste novo formato, com 100 minutos de aulas semanais para Arte, os alunos foram favorecidos pelo fato de terem mais tempo para compreender e absorver o que estavam aprendendo; quanto ao professor, possibilitou-nos desenvolver momentos de discussão, diálogos e reflexões com os alunos sobre as atividades em questão, o que nem sempre era possível diante dos 50 minutos de aula semanal, tempo insuficiente para entrar na sala, conferir a frequência, entregar o material, explicar a atividade, tirar dúvidas, fazer as devidas intervenções, zelar pela disciplina, recolher a produção dos alunos, fazer os comentários necessários para o encerramento da aula e por fim, organizar o material para levar para outra turma e limpar a sala a fim de deixá-la organizada para o próximo professor. Quando se tem que utilizar o data-show, a situação torna-se ainda mais difícil devido ao tempo gasto para a montagem e desmontagem do equipamento.

Acreditamos que 100 minutos de aulas semanais para o Ensino de Arte sejam ainda insuficientes diante da diversidade de possibilidades que nós teríamos para trabalhar com as crianças. Entendemos também a necessidade de refletir sobre a nossa prática pedagógica em relação ao Ensino de Arte. Percebemos grande parte dos professores da nossa área dando muita ênfase à história da arte e pouca atenção às potencialidades artísticas apresentadas pelos

alunos. Com isso, a nosso ver, além de gerar em alguns casos o desinteresse das crianças pelas aulas de Arte, pode também desencadear atos de indisciplina, tendo em vista a dificuldade do educando para estabelecer uma relação de empatia, de significados e mesmo de interesse pelo que está sendo apresentado.

Somos favoráveis a um Ensino de Arte contextualizado, entendemos a necessidade de se ensinar o conhecimento histórico, até para que o aluno possa compreender melhor o seu presente e ter mais clareza em relação ao futuro. Todavia, somos favoráveis a que todo processo de Ensino de Arte parta inicialmente da realidade da criança, de forma que o educando consiga estabelecer laços com a atividade e/ou conteúdo trabalhados em sala de aula. Por outro lado, também indagamos, por onde andam, nas nossas práticas docentes, o humor, a fantasia, a imaginação e o lúdico?

Tal questionamento faz-nos lembrar a palestra proferida por Duarte Júnior (2011), quando comentou sobre o desespero dos pais de alunos quando o ouvem falar que “a arte além de não ser séria é completamente inútil. Que a arte não tem serventia prática, não é utilitário, pois que não é esse o seu papel e a sua função no mundo”. Na ocasião desta fala, olhamos para os lados e percebemos a inquietação e o descontentamento latente na face de muitos colegas que prestigiavam aquela palestra. Sobre esta questão, Duarte Jr.(2011) esclarece-nos que:

[...] As coisas práticas, as coisas úteis, são aquelas que pertencem ao que o Rubem Alves chama de caixa de ferramentas. Já a arte, faz parte da caixa de brinquedos. Nós nascemos com essas duas caixas, a caixa de ferramentas e a caixa de brinquedos. Porém, a escola se preocupa apenas em abrir a caixa de ferramentas dos alunos e os obriga a fechar sua caixa de brinquedos. Porque esta, obviamente, não é uma coisa séria. Mas é justamente a conexão entre essas duas coisas o mais importante a se conseguir. A arte pertence à caixa de brinquedos, e, portanto, não é coisa séria nesse sentido de se poder fazer as coisas práticas com ela. Contudo, ela desempenha um papel fundamental na vida humana. A arte não é um instrumento, uma ferramenta de uso prático. Eu até posso usar uma escultura do Degas, uma de suas pequenas bailarinas, para escorar a porta de modo a não bater com o vento. No caso, estou fazendo um uso prático dela, só que ela poderia perfeitamente ser substituída por um tijolo, por um bloco de bronze, qualquer coisa pesada, que essa função prática continuaria a ser cumprida. Sua dimensão estética, no caso, não estaria em questão nem teria qualquer utilidade. Desta maneira, a dimensão estética da obra de arte é algo absolutamente inútil no mundo prático, no espaço de atuação da caixa de ferramentas (5-6).

De acordo com o referido autor, podemos entender que tem sido comum as escolas ignorarem o lúdico como componente pedagógico; talvez por isso, a intenção, ainda que inconsciente, de alguns professores de Arte em conferir um caráter mais teórico às suas aulas,

possivelmente, aconteça na tentativa de inserir o Ensino de Arte dentro da “caixa de ferramenta”.

Temos consciência dos avanços conquistados pelos professores de Arte ao longo da história da educação brasileira; citaremos aqui três significativas contribuições como exemplo. Começaremos por aquele que criou o primeiro espaço formal para o Ensino de Arte no país, que foi Augusto Rodrigues, juntamente com Margaret Spencer e Lúcia Valentim. Eles fundaram, no Rio de Janeiro, em 1948, a “Escolinha de Arte no Brasil”; logo depois, tivemos a importante contribuição de Noêmia Varela, cuja proposta buscava valorizar a arte da criança, tendo como princípio o desenvolvimento da liberdade criadora e da livre expressão; também não podemos nos esquecer da professora Ana Mae Barbosa, inicialmente por ter nos apresentado a Proposta Triangular, que foi estruturada em três vertentes: a leitura da obra de arte, o fazer artístico e a contextualização histórica, além de ter produzido importantes obras: Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais (2005); Arte-educação: Leitura de Subsolo (2001); Abordagem Triangular no Ensino (2003); A Imagem no Ensino de Arte (1991), e outras obras que servem como aponte para a prática docente.

Também temos estudado vários teóricos: BARBOSA (1975), FRANGE (2001), FISCHER (1987), MARTINS (1998), READ (2001), dentre outros, os quais têm se debruçado sobre tal questão.

Ainda há muito que fazer para que nossos alunos consigam de fato sentir, no sentido pleno da palavra, o verdadeiro significado da arte para suas vidas. Porém, entendemos que primeiro os próprios educadores deverão estar de posse desse entendimento, para que, a partir daí, tenham recursos que poderão dar-lhes uma maior sustentação teórica e prática para o exercício docente.

Acreditamos que, enquanto o professor de Arte não conseguir exaltar para seus alunos a beleza implícita na arte e a essência que ela traz em si, teremos dificuldade em promover este ensino que transcende aos conteúdos e atividades. Penso ser indispensável para todo educador, em nosso caso, para o professor de Arte, que este consiga trabalhar com convicção e esperança, que seja capaz de demonstrar segurança em relação ao que ensina e empatia por quem aprende; principalmente, quando se deparar com algum aluno que traz consigo dificuldades de aprendizagem, tendo em vista que o viés do processo ensino-aprendizagem, a nosso ver, terá que se dar por outras vias não convencionais, como por exemplo a utilização de atividades lúdico-pedagógicas, recursos audiovisuais, dinâmicas.

Sabemos que o professor não é nenhum super-herói, tampouco possui poções mágicas para lidar com todas as dificuldades encontradas na sala de aula. Sozinho, sua atuação fica limitada, mas quando este educador pode contar com a participação de outros profissionais da escola e com a própria família dos alunos, as adversidades tendem a ser superadas de maneira mais completa.

Quando o professor tem recursos para trabalhar e desenvolve interesse em buscar entender o cotidiano doméstico de seus alunos - preocupando-se não só com notas, avaliações e conteúdos, mas, sobretudo, com o indivíduo que não está ali só por conta dos conhecimentos, mas também para compreender a importância e a necessidade de se relacionar, interagir, conflitar, indagar, abstrair, opinar, enfim, exercer suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais -, as perspectivas de termos uma educação com maior qualidade tornam-se mais próxima.

Acreditamos que o educador poderá conseguir estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem com seus alunos sem permutar o conhecimento por notas e/ou avaliações. Sem forçar uma situação de aprendizagem pautada na opressão e autoritarismo, muitas vezes vistas em sala de aula como a única forma de manter a ordem e a disciplina, terá, possivelmente, muitas chances de alcançar sucesso na sua prática docente, não só como professor, mas como exemplo de ser humano.

Tal afirmação surge por experiência própria, pois, ao longo da nossa formação, tivemos um professor de física que nos marcou bastante, tratava-se de um jovem estudante de medicina da Universidade Federal de Uberlândia e também aluno de piano no Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli. Seu grande sonho era ser um musicista profissional, porém, optou por submeter-se aos desejos de seus pais, que almejavam que ele tivesse primeiro uma profissão que lhe propiciasse uma maior estabilidade financeira para depois se dedicar à música.

E assim ele o fez, adiou seu sonho, entretanto, compartilhava conosco, seus alunos, entre um momento ou outro das suas aulas, algumas de suas divagações artísticas. Naquele instante, nós conseguíamos, com facilidade, entender aquele sonho que se constituía de uma forma sincera e honesta. Sentíam-nos felizes pela maneira com que este professor se dirigia a todos nós, ainda assim, nós nos percebíamos muito distante da sua intelectualidade. O que nos impressionava era que ele, com toda humildade, compartilhava seus anseios conosco como se tivéssemos condições de ampará-lo, e aquela atitude nos fazia sentir, como aluno, uma pessoa valorizada.

Certamente, esse professor de física, que hoje é um médico que atua num hospital particular da cidade, tem muita contribuição para que neste momento da nossa vida possamos realizar esta pesquisa, principalmente, porque foi o único professor de física que conseguiu nos ensinar algo, tendo em vista as nossas dificuldades de aprendizagem com cálculos e números.

Além do brilho nos olhos do educador, especificamente no caso da arte, acreditamos que seja preciso rever alguns conteúdos e atividades e repensar sua relevância para a formação do aluno e em que momento estas devem ser trabalhadas. Entendemos que, mais importante do que ensinar sobre a vida de um determinado artista, seja oferecer recursos para que o aluno compreenda a sua própria vida, ou seja, que durante o processo desta descoberta o aluno possa se descobrir como um artista e/ou admirador da arte, como um ser que pensa, age e contextualiza, levando-o a perceber suas potencialidades e limitações.

Nesse movimento, o professor se coloca como mediador da relação do aluno com a arte. Dessa maneira, acreditamos que o aluno, ao se descobrir como artista e apreciador, ou melhor, como um sujeito que tem capacidade de admirar e produzir arte, possivelmente terá mais recurso para entender e refletir sobre artistas, bem como sobre movimentos artísticos, ou seja, colocando-se como referência ele poderá perceber melhor o estilo artístico que lhe agrada e faça sentido, e assim ter maior compreensão daquilo que precisa para que tenha uma produção artística com maior qualidade.

Não que isso signifique que as aulas de Arte devam se transformar em fábrica de artistas, não é essa a intenção, e sim que o aluno possa experienciar esta atividade, oportunizando a ele explorar sua criatividade, potencializando sua expressividade, e, assim, fomentar suas capacidades e os conhecimentos artísticos individuais, algo inerente a todo o ser humano. Corroboramos com Martins, Picosque e Guerra (1998), quando nos esclarecem que:

Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte, que vem sendo trabalhado há anos por muitos arte-educadores. Ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente (p. 13).

Nos PCN-Arte estes três campos conceituais aparecem como sendo produção, fruição e reflexão, o que para nós também é relevante para a prática docente. Conforme a citação acima, a criação/produção aparece em primeiro lugar, para que depois o aluno possa perceber

e analisar o que fez e em seguida, refletir e contextualizar a sua produção. Porém, o que temos percebido ao longo da nossa experiência docente nas várias instituições de ensino onde trabalhamos, tanto na rede pública (municipal/estadual) quanto particular, é que o caminho tem sido feito de forma inversa. Primeiro, os professores de Arte contextualizam para depois, se houver tempo, os alunos produzirem.

Dessa forma, para os educandos, torna-se mais difícil estabelecer relações quando se está estudando a biografia de um artista ou algum movimento artístico, talvez por isso, o alto índice de reclamação sobre a indisciplina nas aulas de Arte. Acreditamos que, ao invés de apresentar uma gama de artistas e movimentos artísticos, para depois desenvolver as habilidades dos alunos, primeiramente, seja interessante elaborar condições para que este aluno explore suas potencialidades por meio de atividades que possibilitem desenvolver sua criatividade e, assim, este terá, possivelmente, mais interesse ao assistir uma aula de história da arte e conseguirá ter mais recurso para comprehendê-la melhor.

Desse modo, entendemos ser preciso colocar o aluno como elemento principal nesse processo ensino-aprendizagem, valorizando e explorando suas características artísticas e fornecendo recursos para que ele, a partir daí, possa desenvolver maior interesse no Ensino de Arte. Saber entender e estimular os alunos já é um importante passo que o professor dá em direção a uma alfabetização mais significativa, e isso demanda tempo, trabalho e interesse.

Em nosso percurso profissional em outras instituições de ensino na rede municipal de Uberlândia como professor de Arte, percebemos que as dificuldades em relação à falta de uma sala específica para a disciplina, e a carga horária de apenas 50 minutos por semana trazem significativos prejuízos ao processo de aprendizagem dos alunos e também comprometem a qualidade dos trabalhos realizados.

Devido à demanda no desenvolvimento de uma aula, já citado anteriormente, perdemos em média 40% do tempo de aula, o que inviabiliza ao professor ter condições para conhecer cada aluno, para estabelecer momentos de diálogos e reflexões, bem como há uma significativa perda para os alunos que não conseguem ter tempo suficiente para que possam produzir seus trabalhos, analisá-los e contextualizá-los. Salientamos também que não basta termos 100 minutos de aulas se elas não forem geminadas.

A conquista de um espaço adequado e das condições necessárias para a realização de um trabalho de qualidade no Ensino de Arte é uma luta a ser vencida. Temos consciência dos desafios e responsabilidades, acreditamos em nosso trabalho e nos frutos que eles possam dar. Não almejamos facilidades, somente melhores condições de colocar em prática o que nos

propomos a fazer a partir do momento em que aceitamos o desafio de sermos educadores que tem buscado, na medida do possível, trazer para a nossa prática docente a responsabilidade social, por isso, temos nos esforçado em conseguir projetar para os alunos a importância de uma educação significativa para o enfrentamento das adversidades do mundo que nos cerca, ou seja, temos procurado fomentar um Ensino de Arte que seja capaz de impactar positivamente na vida pessoal, profissional e afetiva dos alunos.

Acreditamos que o Ensino de Arte possa contribuir de maneira significativa na formação dos alunos, desde que, para isso, sejam utilizados metodologias e recursos apropriados. A nosso ver, precisamos trazer cada vez mais para a sala de aula a realidade das crianças, colocando-as em pauta e refletindo sobre elas. Entendemos que todas as áreas de conhecimento possuem elementos necessários para que possam, sem sair do foco de sua disciplina, abordar questões presentes no cotidiano dos alunos.

Compreendemos que a arte possibilita ao sujeito ampliar sua leitura de mundo, ao mesmo tempo em que oportuniza desvendar os mistérios do seu próprio mundo. Sobre esse aspecto, Fischer (1987) comenta e acrescenta que a “arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer o mundo e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente” (p. 20).

Estamos conscientes do encantamento que a arte sempre nos provocou e das mudanças positivas ocorridas em nossa vida a partir do instante em que decidimos estabelecer com a arte uma relação pessoal e profissional de maior proximidade, e também do quanto ela tem possibilitado ampliar nossas leituras de mundo. Por tudo isso, é que optamos por fazer algumas escolhas, tais como a que fizemos no momento em que ingressamos, em agosto de 2004, no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia.

Naquela ocasião, resolvemos abdicar do nosso trabalho numa grande empresa atacadista de Uberlândia, onde exercíamos uma função no departamento financeiro. Todavia, números, calculadoras e computadores não ecoavam para nós nenhum sentimento, não produziam o contentamento de uma gargalhada saudável, tampouco conseguia nós tornar uma pessoa melhor e mais reflexiva. Naquele ambiente, percebíamos que estávamos num processo de desumanização, e isso nos perturbava!

Assim, decidimos procurar em Uberlândia a Superintendência Regional de Ensino do Estado de Minas Gerais a fim de obter o documento que autorizava a todo graduando dos cursos de licenciatura ministrar aulas na Educação Básica. Tendo em vista que a legislação estadual naquele período nos permitia. Desse modo, a partir daquela opção, tivemos a

oportunidade de nos perceber inseridos num contexto que, para nós, era e continua sendo um terreno extremamente excitante e desafiador, que é a escola.

Nesse aspecto, nossa carreira docente começa de forma paralela com a formação acadêmica. Pudemos experimentar o cotidiano escolar como instrumento de análise das teorias que líamos e refletíamos, dessa maneira, fomos nos constituindo como professor, procurando sempre trazer conosco o desejo de compartilhar com nossos alunos a magia e a maravilha da arte.

Ressaltamos que, nesta pesquisa, fizemos a opção de trazer manuscritos, e não transcritos, todos os relatos das crianças e considerações feitas por elas sobre o nosso trabalho com o Ensino de Arte. Para isso, digitalizamos estes depoimentos e os inserimos nesta pesquisa, tendo em vista a nossa intenção de privilegiar o sentido do que foi escrito pelos alunos e suas maneiras de escrever e se posicionar. Para facilitar a leitura dos escritos aqui apresentados, traremos em notas de rodapé uma reconstrução deste material.

Após estas considerações acerca de algumas experiências que vivenciamos, cujo valor foi e continua sendo significativo para nossa vida, principalmente por nos dar hoje elementos relevantes para a nossa atual situação de pesquisador, é que ratificamos o nosso honesto desejo para que o fruto desta pesquisa possa também despertar interesses e reflexões aos que se dispuserem a consultá-la.

Portanto, em relação à presente pesquisa, tomamos como objetivo geral refletir sobre o trabalho que realizamos como professor de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet, entre os anos de 2011, 2012 e parte de 2013, com alunos do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 - Número de turmas nos anos de 2011, 2012 e 2013

2011 (15 turmas)		2012 (07 turmas)		2013 (06 turmas)	
1º ano	03	1º ano	01
2º ano	02	2º ano	01
3º ano	03	3º ano	02	3º ano	01
4º ano	03	4º ano	01	4º ano	03
5º ano	04	5º ano	03	5º ano	01 ¹

¹ Na turma do 5º ano C, trabalhamos apenas 01 hora/aula por semana, na quinta-feira, haja vista que esta turma as aulas não são geminadas, sendo que a outra aula é dada na terça-feira por outra professora, no dia da nossa licença para o Mestrado.

Com essa investigação pretendemos perceber os pontos positivos e negativos do Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013. Tal objetivo se fundamenta na necessidade de avaliar a prática educativa realizada, cuja intenção é a busca pela melhoria do Ensino de Arte que tem sido oferecido aos alunos da Escola Municipal Jardins de Monet; outro objetivo que postulamos é verificar se a proposta para o Ensino de Arte contribuiu na formação estética, social, cognitiva e afetiva das crianças. Assim, a intenção é refletir sobre as nossas aulas e perceber até que ponto elas contribuíram para que os alunos desenvolvessem suas habilidades artísticas, capacidades de relacionarem-se e potencialidades de aprendizagem. Outro objetivo consiste em conhecermos melhor os alunos em seu cotidiano doméstico, nas suas limitações e potencialidades. Acreditamos que seja de suma importância para o educador conhecer seus alunos, tanto no que se refere às suas dificuldades de aprendizagem, como em seus potenciais; pois, a nosso ver, essas informações são imprescindíveis para que o professor possa ter êxito no planejamento de suas aulas. Para finalizar, almejamos, a partir deste estudo, sugerir uma proposta para o Ensino de Arte para a Escola Municipal Jardins de Monet, em parceria com os demais professores de Arte da escola e inseri-la no Projeto Político-Pedagógico. Essa intenção é algo que compartilhamos com a direção e equipe pedagógica da escola, desde o momento em que assumimos, em fevereiro de 2011, o cargo de professor de Arte no ensino regular.

O presente estudo está estruturado em quatro capítulos. Sendo que, no primeiro capítulo, tratamos dos Caminhos Metodológicos, no qual expomos os métodos de pesquisa utilizados.

No segundo capítulo, Caracterização da Escola Municipal Jardins de Monet e dos sujeitos desta pesquisa, tratamos das questões relativas à caracterização da nossa escola e avaliamos os aspectos físicos e pedagógicos, bem como, históricos, quadro de funcionários, localização, dentre outros. Quanto à caracterização dos sujeitos, fizemos um levantamento socioeconômico e cultural dos moradores da região onde se situa a escola, levando em consideração seu cotidiano doméstico, sua participação e interação com as atividades escolares e sociais na escola.

No terceiro capítulo, Um olhar sobre o Ensino de Arte: da missão artística francesa a Escola Municipal Jardins de Monet. Faremos, inicialmente, um percurso histórico em relação ao Ensino de Arte no Brasil. Para isso, consideramos como marco inicial a chegada da Missão Artística Francesa em nosso país. Na sequência, abordamos o Ensino de Arte nas escolas municipais de Uberlândia e, para finalizar, apresentamos outra parte deste capítulo, em que

são desenvolvidas algumas análises em relação às contribuições que o Ensino de Arte proporciona no processo de aprendizagem dos alunos.

No quarto e último capítulo, *Ensino de Arte: uma proposta para a Escola Municipal Jardins de Monet*, apresentamos o desenvolvimento e o planejamento para o Ensino de Arte na referida escola. Nesta parte do texto, relatamos a nossa experiência no Ensino de Arte nos anos de 2011, 2012 e algumas considerações sobre 2013.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa tem como cenário a Escola Municipal Jardins de Monet, situada em uma área periférica da cidade de Uberlândia / MG. Tal instituição de ensino foi nosso local de estudo e também é o nosso local de trabalho.

Encontrar um problema de pesquisa não foi algo difícil, pois as dúvidas borbulhavam à nossa frente e, a cada momento, aumentava o desejo de refletir sobre elas à luz de teorias que embassem nossa compreensão e mudança de postura naquilo que fosse necessário. Dessa maneira, a reflexão em relação à nossa práxis pedagógica passou a ser algo constante. Sobre esta questão, Moreira e Caleffe (2008) comentam que

A prática reflexiva é vista como um meio pelo qual os professores podem desenvolver um nível maior de autoconsciência sobre a natureza e o impacto de sua prática, consciência esta que oferece oportunidades para o desenvolvimento profissional (p. 12).

Potencializadas pela prática reflexiva, surgem na nossa trajetória pedagógica algumas inquietações em relação ao Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet, as quais foram acompanhadas de reflexões críticas que fizemos sobre a realidade do Ensino de Arte na escola e como o mesmo era percebido pela comunidade escolar.

Nesse aspecto, destacamos as nossas primeiras observações e inquietações referentes às condições de trabalho que encontramos no ano de 2011, momento em que assumimos, na referida escola, o cargo de professor de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental regular. Constatamos que o Ensino de Arte carecia de uma proposta pedagógica, percebíamos que o mesmo não tinha uma identidade e tampouco era reconhecido e valorizado como uma área do conhecimento. Em suma, nos sentíamos inconformados com a realidade do Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet naquele momento e, por isto, assumimos conosco mesmo o compromisso de tentar reverter ou minimizar tal situação.

Com esse propósito, em 2011, idealizamos um projeto para o Ensino de Arte, com uma duração de três anos, sendo que, no primeiro ano (2011); trabalhamos a história da arte mundial; no segundo ano (2012), os alunos conheceram a arte brasileira; e, para concluir, no último ano deste projeto (2013), estamos trabalhando o potencial criativo dos alunos por meio de linguagens artísticas, tais como o Teatro, Artes Visuais, Música e Dança.

Este projeto tem como finalidade concretizar uma proposta para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet, valorizando-a como área do conhecimento, ao mesmo tempo em que oportuniza à comunidade escolar ter acesso a uma parte do que foram as histórias das artes mundial e brasileira e, por fim, conhecerem a arte de nossos alunos.

Em 2011, fizemos um recorte da história da arte mundial em cinco momentos, sendo que cada ano do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) ficou responsável por uma parte desta história.

- 1º Ano: Da Arte Rupestre à Arte Greco-Romana
- 2º Ano: Renascimento – Barroco – Rococó
- 3º Ano: Neoclassicismo – Romantismo – Impressionismo
- 4º Ano: Fovismo – Cubismo – Surrealismo – Expressionismo Abstrato e Figurativo
- 5º Ano: Hard Edge – Arte Pop – Arte Conceitual

Tal trabalho foi materializado numa Mostra denominada por nós como “Uma Viagem pela História da Arte Mundial”. Nesta fase do projeto, os alunos (re)produziram obras consagradas por meio do desenho de observação. A contextualização dos períodos históricos se deu através de estudo e análise de vídeos e livros. As produções das crianças ocorreram de forma coletiva.

No ano de 2012, foi definido por nós e por outro Professor de Arte da escola, que cada turma do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental trabalharia com um artista brasileiro. Nesta ocasião, os alunos das turmas de 1º ano tiveram a oportunidade de conhecer as obras dos artistas Siron Franco, Antônio Bandeira e Bracher. A turma do 2º ano A produziu seus trabalhos a partir das obras do artista Iberê Camargo. As turmas do 2º ano B e do 2º ano C não participaram². Enquanto isso, os alunos de 3º ano interagiram com as obras dos artistas Candido Portinari e Tarsila do Amaral. Com as turmas de 4º ano, a proposta foi trabalhar as obras de Vicente do Rego Monteiro, Claudio Tozzi, Burle Marx e Wesley Duke Lee. E, por fim, os alunos do 5º ano fundamentaram seus trabalhos a partir das obras de Romero Britto, Alcy Xavier, Di Cavalcanti e Beatriz Milhazes.

² Devido à nossa licença para o Mestrado, tivemos que repassar as aulas do 2º ano B e 2º ano C para outra professora. Ainda que tenha sido convidada a participar da nossa proposta pedagógica, ela optou por não aderir a este planejamento e, dessa forma, os alunos de ambas as turmas ficaram fora da Mostra intitulada “Artistas Brasileiros” no ano de 2012.

Antes de iniciarmos o projeto, fizemos uma seleção dos artistas que iríamos trabalhar. Na ocasião, levamos em consideração o estilo de cada artista e o grau de dificuldade que, a nosso ver, pudesse representar para os alunos. E, a partir daí, apresentamos as biografias e as obras destes artistas por meio de vídeos, livros e pesquisas no laboratório de informática da escola. Entre os sites consultados, citamos:

- www.portinari.org.br;
- [www.suapesquisa.com/temas/pintores_brasileiros.htm;](http://www.suapesquisa.com/temas/pintores_brasileiros.htm)
- [www.itaucultural.org.br;](http://www.itaucultural.org.br/)
- [www.tarsiladoamaral.com.br;](http://www.tarsiladoamaral.com.br)
- [www.mercadoarte.com.br;](http://www.mercadoarte.com.br)
- [www.g1.globo.com/educacao;](http://www.g1.globo.com/educacao)
- [www.iberecamargo.org.br;](http://www.iberecamargo.org.br)

Na sequência do projeto, por meio de votação, as turmas escolheram um artista brasileiro cuja vida e obra seria estudada, sem haver repetição de seleção. Acreditamos que este fato foi um aspecto negativo da nossa proposta, pois as turmas seguintes acabavam ficando com as opções que sobravam. No entanto, não nos restou alternativa, visto o pouco tempo que dispúnhamos para executar o projeto.

Neste momento do projeto, as produções passaram a ser individuais e cada aluno deveria apresentar/produzir dois trabalhos: um desenho de observação de um dos artistas escolhidos para sua sala e outro desenho de sua criação, sendo que o aluno deveria respeitar/reproduzir o estilo do artista escolhido. Neste ano, a mostra foi denominada “Artistas Brasileiros”.

Diferentemente do ano de 2011, quando não tivemos a oportunidade de compartilhar o Ensino de Arte com outro professor na Escola Municipal Jardins de Monet, no ano de 2012 contamos com a colaboração/participação de um dos professores de Arte da Escola, aqui denominado como Professor Raphael. Durante este ano, elaboramos e desenvolvemos atividades práticas e teóricas de maneira conjunta. Ressaltamos que essa parceria foi importante para o projeto “Artistas Brasileiros”.

No entanto, pelo fato de este professor não ter sido aprovado no concurso público da Prefeitura Municipal de Uberlândia para o cargo de professor de Arte, tivemos a informação, no final do ano de 2012, de que ele não trabalharia na escola em 2013.

Para o ano de 2013, que ainda está em construção, estamos trabalhando com o potencial criativo do aluno, e a intenção é oportunizar às crianças (re)descobrirem quais linguagens artísticas despertam-lhes mais atenção e interesse. Para isso, estamos apresentando para todas as turmas vídeos sobre artes visuais, teatro, música e dança. Vale ressaltar que, neste ano, estamos tendo a colaboração dos alunos graduandos do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID³.

Desejamos com esta pesquisa verificar os aspectos positivos e negativos deste trabalho desenvolvido nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013. Nesse aspecto, começamos a questionar a nossa prática pedagógica, as condições de trabalho, o Projeto Político-Pedagógico da escola e as Diretrizes Curriculares do Ensino de Arte para o município de Uberlândia. Dessa maneira, nossa problemática veio ao encontro do pensamento de Corazza (2002), ao afirmar que:

Constituir um problema de pesquisa é começar a suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção partilhada, com os quais estamos habituadas/os. Em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias (p. 118).

Desse modo, tivemos como preocupação inicial de pesquisa a percepção de que faltava em nossa escola um Ensino de Arte com identidade. Entendíamos que tanto os profissionais da escola como os alunos não davam para a disciplina de Arte, de uma maneira geral, a mesma valorização concedida às demais áreas do currículo escolar.

Como desdobramento destas questões, constatamos a ausência de uma proposta metodológica para o Ensino de Arte. A nosso ver, tal fato advém da grande rotatividade de professores de Arte na Escola, tendo em vista que, até a nossa chegada ao ensino regular, todos estes eram professores contratados, ou seja, não eram efetivos no cargo em que atuavam e, talvez por isto, não tiveram a oportunidade de estruturar uma proposta educativa para a Escola.

Após ter sido reconduzido ao cargo de origem como professor de Arte no ensino regular, levamos ao conhecimento da direção escolar e pedagogas alguns questionamentos

³ PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES), em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

que entendíamos serem necessários para uma melhoria do Ensino de Arte. Estas reflexões se deram, a princípio, por conta dos seguintes fatos mais relevantes:

- Carga horária reduzida da disciplina de Arte (1h/aula semanal);
- Ausência de uma sala apropriada para o Ensino de Arte, com mesas e cadeiras adequadas, armários e estantes, boa ventilação e iluminação, pia, cavaletes, aparelhagens como reproduutor de CD/DVD, televisão, projetor e aparelho de som;
- Falta de recursos e materiais para o Ensino de Arte, por exemplo: tintas guache e aquarela, pincéis, cola branca, papéis coloridos/branco, tesouras, régua, compasso, cordão, fita crepe e transparente, jornais e revistas, arame.

Sentimo-nos incomodados também diante da condição social de pobreza de muitas famílias das crianças da escola, da convivência com drogas, com a criminalidade e com a ilegalidade nos bairros em que vivem as crianças, da violência física e psicológica que muitas vezes marcam, em diversos graus, as crianças e suas famílias, das dificuldades de aprendizagem e carência afetiva que muitos de nossos alunos vivenciam em seu cotidiano. No entanto, cabe-nos enfatizar a maneira positiva, as atitudes de perseverança e otimismo com que essas crianças enfrentam as adversidades na escola e fora dela. Ainda que o contexto apresente momentos difíceis, a alegria e o entusiasmo são sentimentos constantes em seus rostos. Nesse aspecto, cremos que tais dificuldades, as quais constatamos em nosso convívio diário com os alunos e por vezes com os pais, não ofuscaram o brilho e a vontade de viver das crianças.

Tal constatação foi por nós vivenciada na segunda semana do mês de março de 2013, quando os bolsistas do PIBID/UFU/Teatro foram por nós convidados e provocados a desenvolverem brincadeiras e jogos teatrais com nossos alunos do 1º ao 5º ano (manhã e tarde) do Ensino Fundamental. Nesta experiência, tivemos a oportunidade de nos colocarmos como observador, o que nos possibilitou perceber atitudes e comportamentos dos alunos que não havíamos até então percebido, por exemplo: a importância e o significado das atividades lúdicas para as crianças; a socialização entre os alunos; a alegria e a espontaneidade presentes durante as brincadeiras e, principalmente, o brilho no olhar das crianças, que é algo que nos chamou muito a atenção e que, naquele momento, procuramos de alguma forma registrar nas imagens capturadas em fotografias.



Foto 1 - Aula de performance com bolsista PIBID/Teatro/UFU
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 2 - Jogos teatrais com bolsista PIBID/Teatro/UFU
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 3 - Jogos teatrais com bolsista PIBID/Teatro/UFU
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 4 - Aula de performance com bolsista PIBID/Teatro/UFU
Fonte: Arquivo Pessoal.

Por meio das atividades propostas e desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID/UFU/Teatro, constatamos que há em nossas aulas uma ausência do lúdico, entretanto, ao refletirmos sobre o início da nossa prática docente, verificamos que as brincadeiras e os jogos eram atividades comuns em nossas aulas.

Uma das brincadeiras mais comum em nossas aulas e que os alunos mais apreciavam era o jogo “Maestro”. As crianças adoravam o desafio de descobrir quem era o maestro que comandava os movimentos da turma e ficavam ainda mais excitadas com o final da brincadeira, quando alguém pagava alguma prenda (imitar um animal, cantar, dançar, etc.) por ter perdido o jogo. Outra brincadeira muito solicitada pelas crianças era o jogo do silêncio e que até hoje verificamos que alguns alunos ainda gostam de brincar na sala de aula.

Temos também a recordação do jogo “Fórmula 1”, no qual os alunos, após terem lido algum texto sobre a história da arte, por exemplo, biografia de algum artista, movimento artístico, dentre outros, formavam grupos e nós lançávamos perguntas para a turma. Os grupos que acertavam as respostas, dependendo da complexidade da pergunta, avançavam uma ou mais casas na pista que havíamos desenhado no quadro. Promovíamos também alguns momentos em que as crianças eram estimuladas a apresentarem alguma performance artística para a turma, seja com dança, música, mímica e desfile de moda.

Nesse aspecto, indagamos a causa de termos deixado de trazer para as nossas aulas tais atividades lúdicas. Por estas razões, questionamos a nossa prática docente como professor de Arte, averiguando as atividades e conteúdos trabalhados nesta disciplina nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013, e perguntamo-nos: Até que ponto este trabalho atende às necessidades pedagógicas apresentadas pelos alunos?

Assumimos a responsabilidade desta pesquisa desejosos de aprender e de refletir sobre a prática pedagógica do Ensino de Arte, o cotidiano da Escola Municipal Jardins de Monet e conhecer os estudantes com os quais mantemos uma relação social, profissional e afetiva.

Durante a graduação no curso de Artes Visuais (1994 – 2000), não fomos incentivados a participar de iniciação científica, até porque só ouvimos algo a respeito anos depois de formado, não tivemos também a prática da escrita acadêmica, tampouco fomos motivados a participar de eventos científicos. Acreditamos que esta tenha sido uma lacuna na nossa formação inicial.

Os questionamentos sobre a nossa prática aconteceram no instante em que tivemos a consciência da responsabilidade social que, como professor, possuímos e, a partir daí, passamos a entender que um caminho importante a seguir seria o estudo, mais especificamente, a pesquisa.

Tal fase profissional surge no exato momento em que começaram a borbulhar inquietações em relação à nossa prática pedagógica e a outras questões do cotidiano escolar. Nesse sentido, Diniz-Pereira (2008, p. 26) nos esclarece que os professores “[...] têm sido vistos como um profissional que reflete, questiona e constantemente examina sua prática pedagógica cotidiana, a qual por sua vez não está limitada ao chão da escola”. Assim, desejosos de compreender as questões que nos inquietam e encontrar respostas para os nossos questionamentos, é que nos lançamos no presente estudo.

Nesse aspecto, com o intuito de aprofundar nossas reflexões e buscar respostas para nossos questionamentos, esta pesquisa inseriu-se numa proposta metodológica qualitativa.

Sobre esta perspectiva, Moreira e Caleffe (2008, p. 73) esclarecem que esta abordagem metodológica “[...] explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação”.

Quanto ao Ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a pesquisa qualitativa nos permite ter uma visão mais ampla do objeto estudado e requer o envolvimento com a realidade social, política, econômica e cultural em que os sujeitos de nossa pesquisa estão inseridos, pois não nos limitamos a investigar somente os aspectos superficiais e imediatos.

Corroboramos com Moroz e Gianfaldoni (2006, p. 25), ao afirmarem que o sucesso da investigação de um problema está condicionado à sua formulação clara e objetiva, devendo o mesmo atender aos requisitos de relevância social e científica. Para as autoras, o conhecimento deverá refletir o contexto social no qual é produzido.

Por outro lado, entendemos as dificuldades deste estudo tendo em vista que o mesmo acontecerá em nosso local de trabalho. Sobre esta questão, Bodgan e Biklen (1994, p. 87) esclarecem que “conduzir uma investigação com pessoas que conhece pode ser confuso e embarçoso.” Tais autores não acreditam ser conveniente que o pesquisador aborde um assunto ao qual esteja intimamente ligado. Dessa maneira, acreditamos ser necessário criar um estranhamento, sempre que possível, em relação ao nosso objeto de estudo, para que não limitemos nossos questionamentos e, sobretudo, para que possamos, ao longo da pesquisa, desenvolver novos olhares em relação ao cotidiano escolar.

Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida no cotidiano escolar, entendemos que seja um trabalho delicado, pois concebemos a escola como um organismo vivo, dinâmico e mutável, o que requer um cuidado especial nas observações e reflexões realizadas neste cenário. Preocupamo-nos com julgamentos enviesados no processo de análise dos dados, bem como com alguns acontecimentos que serão colocados à nossa frente. Por causa disso, enfatizamos um importante esclarecimento de Vianna (2003):

[...] o pesquisador ou observador pode muitas vezes apresentar um viés pessoal excessivamente forte nas suas observações e julgamentos, introduzindo, dessa forma, erros sistemáticos nos seus dados, com efeitos problemáticos para a pesquisa. Um desses efeitos que, aliás, ocorre com bastante frequência, é o efeito de *halo*, que envolve transferência de impressões generalizadas sobre a característica ou situação de uma pessoa para outra, gerando interpretações pouco confiáveis. O efeito de *halo* compromete a validade do julgamento das tendências e dos traços observados e introduz elementos de natureza espúria nas observações (p. 28).

Nesse sentido, percebemos a necessidade de buscar diretrizes que conduzam o nosso estudo de maneira cuidadosa, a fim de minimizar a possibilidade de tais erros, e utilizamos os seguintes procedimentos:

- levantamento bibliográfico sobre as contribuições do Ensino de Arte no desenvolvimento infantil;
- levantamento, registro e análise de dados e documentos que caracterizassem a região e o bairro onde vivem os alunos;
- aplicação de questionários com os pais ou responsáveis pelas crianças e para a direção da escola;
- análise das Diretrizes Básicas do Ensino de Arte no município de Uberlândia⁴;
- Análise da Proposta que elaboramos para o desenvolvimento do Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet para os anos de 2011, 2012 e parte de 2013;
- produção e desenvolvimento de atividades educativas que possibilitassem aos alunos externarem suas considerações e impressões sobre as aulas de Arte no período de 2011, 2012 e parte de 2013; análise de diálogos coletivos na sala de aula, com a finalidade de obter informações das crianças acerca do trabalho educativo realizado no Ensino de Arte;
- registro e reflexões de nosso trabalho como professor de Arte por meio das Notas de Campo.

Procuramos registrar as nossas ações através de fotografias, anotações e depoimentos dos alunos (orais ou escritos), bem como de outras pessoas da comunidade escolar. Durante as atividades com os alunos em sala de aula, procuramos fotografar as ações das crianças com a intenção de capturar suas expressões, movimentos e, principalmente, o desenvolvimento dos trabalhos propostos, com a intenção de não alterar a rotina da turma, e nem as atitudes dos alunos. Foi mantida atitude discreta nos momentos de fotografar.

Cabe ressaltar que a proposta pedagógica do Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet, nos anos 2011, 2012 e parte de 2013, teve como finalidade compreender melhor os aspectos positivos e negativos do trabalho educativo desenvolvido durante as aulas de Arte neste período. Para isso, nos valemos dos dados produzidos por meio de todos os procedimentos apresentados acima.

Optamos por fazer um recorte nos anos 2011, 2012 e parte de 2013, pelo fato de ser nestes anos que foram iniciadas, da nossa parte, as primeiras intervenções pedagógicas no

⁴ Vale ressaltar que não utilizamos nesta pesquisa o Conteúdo Básico Comum em Arte/Artes da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, pelo fato de que em Minas Gerais os anos iniciais do Ensino Fundamental não contam com a disciplina de Arte em seu currículo.

Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet. Como já dissemos, nosso propósito inicial foi fomentar no cotidiano escolar a importância da arte não só nos aspectos educacionais, mas também fora do ambiente escolar.

Neste estudo, adotamos a pesquisa-ação como modelo investigativo, tendo em vista sua conotação participativa, política e de transformação social, que, para Thiollent, (1996),

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 14).

Nossa prática pedagógica, assim como nosso problema de pesquisa tem como finalidade principal a realização de reflexão sobre ações para o Ensino de Arte. Atualmente, a escola conta com mais dois professores de Arte que, de forma indireta, têm contribuído com a nossa pesquisa. Contudo, há uma intenção entre nós, professores de Arte da Escola Municipal Jardins de Monet, de que, a partir da conclusão deste estudo e do atual projeto de Arte, que finda em dezembro de 2013, possamos nos reunir para esboçar outra proposta para o Ensino de Arte na respectiva escola.

Outra definição que temos sobre a pesquisa-ação é apresentada por Moreira e Caleffe (2008, p. 89-90), quando citam que “a pesquisa-ação é uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção”. Estes dois autores citam algumas características sobre este método de pesquisa, tais como:

- situacional: está preocupada com o diagnóstico do problema em um contexto específico para tentar resolvê-lo nesse contexto;
- colaborativa: equipes de pesquisadores trabalham juntos no projeto;
- participativa: os participantes da equipe tomam parte diretamente ou indiretamente na implementação da pesquisa;
- autoavaliativa: as modificações são continuamente avaliadas, pois o principal objetivo é melhorar a prática.

Dessa forma, acreditamos que a nossa pesquisa se insere em dois aspectos apresentados acima: pesquisa-ação situacional e auto-avaliativa. É situacional pelo fato de que uma das nossas preocupações é diagnosticar as possíveis falhas na nossa prática docente e buscar resolvê-las. É autoavaliativa pelo aspecto de que a nossa motivação para esta pesquisa

é justamente o desejo de refletir e avaliar as etapas da nossa prática docente no período de 2011, 2012 e parte de 2013, para então buscar melhorá-la no que se fizer necessário.

Um dos motivos para termos escolhido a pesquisa-ação foi justamente a nossa preocupação em entender melhor a prática pedagógica de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao optar por esta abordagem, o pesquisador deverá se posicionar e mediar questões entre sujeito e objeto, teoria e prática, além dos aspectos sociais que, segundo Barbier (2007),

Se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social (p. 53).

Para Barbier (2007, p. 73), há quatro modelos de pesquisa-ação: a existencial, a integral, a pessoal e a comunitária. Percebemos que o presente estudo enquadra-se na pesquisa-ação existencial, que, para o autor, possibilita “favorecer bastante o imaginário criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a complexidade humana admitida, o tempo de maturação e o instante da descoberta.”

Sobre a pesquisa-ação, Kemmis e Wilkinson (2008) enfatizam que,

Por meio da pesquisa-ação, as pessoas podem vir a entender suas práticas sociais e educacionais de uma maneira mais rica ao localizarem suas práticas, o mais concreta e precisamente possível, nas circunstâncias materiais, sociais e históricas específicas, dentro das quais essas práticas são produzidas, desenvolvidas e onde evoluem – para que suas práticas reais tornem-se acessíveis a reflexão, discussão e reconstrução enquanto produtos de circunstâncias passadas, que são capazes de serem modificadas rumo a circunstâncias presentes e futuras (p. 48 – 49).

Assim, definimos então a abordagem qualitativa e o método da pesquisa-ação como norteadores do nosso estudo. Neste momento, manifestamos o desejo de trazer alguns apontamentos e reflexões que favoreçam um melhor desenvolvimento do Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet.

Corroborando com essa ideia, Moroz e Gianfaldoni (2006, p. 12) esclarecem que “Só é possível dizer que um conhecimento foi produzido, uma vez que se tornou público. [...] A comunicação faz parte do processo de produção de conhecimento; por meio dela é possível a continuidade deste processo”. No entanto, para que se produza um conhecimento científico, é preciso que o pesquisador explore as especificidades do seu problema inicial, desvende as

características do seu objeto de estudo e dos sujeitos da pesquisa. Assim, poderá o pesquisador trilhar os caminhos do seu estudo com maior segurança.

Com a intenção de caracterizar o contexto social e familiar dos alunos e como estes vivenciam sua infância, utilizamos questionários com os pais ou responsáveis, cuja finalidade foi de compreender melhor o cotidiano doméstico destas crianças. Salientamos, anteriormente, que o nosso local de pesquisa é também o nosso local de trabalho e, por existir um contato diário com os conflitos e problemas dentro e fora da sala de aula (indisciplina, agressividade, dificuldade de aprendizagem, dentre outros), é que devemos nos cercar de cuidados a fim de evitar rótulos, estereótipos e ideias pré-concebidas em relação aos educandos. Por isso, tomamos como medida utilizar estes instrumentais com o propósito de obter informações mais detalhadas sobre a realidade em que as crianças estão inseridas.

Não foi possível entregar os questionários diretamente aos pais ou responsáveis pelo fato de termos acesso a eles somente na entrada ou saída das crianças, momentos que não nos possibilitam ter uma maior aproximação devido ao tumulto gerado, por conta da pressa dos pais ou responsáveis em pegar as crianças, e pelo excesso de pessoas nos corredores da escola, o que acaba gerando muita agitação e barulho no local.

Por esse aspecto, optamos por solicitar aos professores regentes que orientassem as crianças sobre o questionário e pedissem a eles que levassem tal instrumento para que seus pais ou responsáveis pudessem respondê-lo. Sobre a impossibilidade de distribuir estes questionários, nos embasamos nas orientações de Moreira e Caleffe (2008, p.131) ao nos esclarecer que, “se o pesquisador não puder distribuir o questionário pessoalmente, deve fazer o que puder para controlar o modo pelo qual o questionário é apresentado aos respondentes e as circunstâncias em que eles serão respondidos”.

Também realizamos um levantamento sócio-histórico das famílias da região leste de Uberlândia. Para isso, acessamos o Banco de Dados Integrados (BDI) da Secretaria de Serviço Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia, o Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB) e os equipamentos sociais do Bairro Morumbi e região. Também colhemos alguns dados na secretaria da Escola Municipal Jardins de Monet, por exemplo, o número de crianças que recebem o bolsa-família⁵.

Buscando analisar possíveis aproximações e distanciamentos entre o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet e as orientações prescritas pela Secretaria Municipal de

⁵ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70,00 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos.

Educação, fizemos uma análise das Diretrizes Básicas do Ensino de Arte no Município de Uberlândia. Além destas questões relativas ao Ensino de Arte, refletimos também sobre como tais Diretrizes contemplam as necessidades pedagógicas dos alunos na referida instituição escolar.

Vale ressaltar que, ao longo desta pesquisa, também nos valemos de importantes registros, que foram significativos no momento de refletir sobre a nossa prática docente. Como exemplo, citamos as anotações de campo em relação aos fatos e reflexões que iam surgindo durante as nossas aulas de Arte. Infelizmente, devido ao pouco tempo disponível em sala de aula, grande parte das nossas anotações de campo acontecia horas depois de termos concluído a aula, normalmente em horários vagos ou ao final do dia, quando já estávamos em nossa residência.

Por outro lado, embora o tempo que dispúnhamos em nossas aulas tivesse sido, na maioria das vezes, insuficiente, ainda assim nos foi possível registrar, através de fotografias, as nossas ações pedagógicas, principalmente, as crianças produzindo e interagindo com a arte e com os demais alunos. A nosso ver, as imagens capturadas pela lente de nossa máquina fotográfica conseguiram registrar muito mais do que os nossos olhos puderam perceber. Alegria, entusiasmo, novidade, desejo, espanto foram percepções que só tivemos após vermos estes registros fotográficos. Acreditamos que estas imagens fotográficas dizem muito mais do que poderíamos exprimir em palavras.

Outro registro que destacamos nesta pesquisa foram os depoimentos das crianças. Com a intenção de preservar e valorizar a expressão e a espontaneidade dos alunos, optamos por digitalizar estes registros e mantê-los neste estudo, tal qual foram escritos pelas crianças. Com o intuito de facilitar o entendimento de alguma palavra ou ideia que não foi escrita ou expressada corretamente pelos alunos em seus registros, colocamos em notas de rodapé seus depoimentos.

Para compreender as contribuições do Ensino de Arte no desenvolvimento infantil, fizemos nossas reflexões à luz de um referencial teórico que discute o Ensino de Arte e traz esclarecimentos relevantes para a prática docente. Além deste aporte teórico, tomamos como material de estudo os trabalhos acadêmicos desenvolvidos por professoras de Arte que atuam ou já atuaram em escolas municipais de Uberlândia-MG e que desenvolveram pesquisas *stricto-sensu* sobre o Ensino de Arte.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL JARDINS DE MONET

Nossa pesquisa tem como espaço de observação a Escola Municipal Jardins de Monet, entretanto, no processo de buscar compreender melhor o cotidiano desta instituição, a nosso ver, torna-se importante conhecer seu histórico, localização, estrutura física e pedagógica.

Segundo os dados obtidos por meio de documentos da escola, em especial o Projeto Político-Pedagógico, elaborado em 2007 e que está em processo de reformulação, verificamos que a Escola Municipal Jardins de Monet obteve sua autorização de funcionamento pela Secretaria Municipal de Educação no dia 28/08/2006, através da Lei Municipal nº 9298, tendo suas atividades iniciadas em fevereiro de 2007.

Tal escola está situada na zona leste da cidade, especificamente no bairro Morumbi, área periférica da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, e atende estudantes provenientes dos bairros Alvorada, Dom Almir, Joana Darc, Celebridade, Prosperidade, Vila Marielza, Jardim Sucupira, Residencial Zaire Rezende, Favela São Francisco. Tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Uberlândia, por meio da Secretaria Municipal de Educação. Atualmente, esta região possui 4 escolas (sendo 2 municipais de ensino fundamental, 1 estadual de ensino fundamental e médio e 1 de ensino infantil); 1 instituição não governamental, filantrópica, que desenvolve trabalhos de cunho social junto à comunidade do bairro (Ação Moradia); 1 NAICA (Núcleo de Apoio à Criança e ao Adolescente); 1 Unidade de Atendimento Integrado á Saúde (UAI); farmácias; lojas; supermercados; açougue; postos de gasolina; papelarias; igrejas, dentre outros estabelecimentos.

Destacamos também outros trabalhos sociais que funcionam nesta região, tais como: Associação Comunitária Cristã Fé para Vencer; Bemsocial Casa da Família – CRAS; Bemsocial Núcleo de Atendimento Assistencial; Bemsocial Centro Profissionalizante Alvorada; Casa Espírita Eurípedes Barsanulfo de Educação Espiritual Infantil; Instituto Gera Vida; Instituto Politriz; Lar de Amparo e Promoção Humana - Centro de Formação III; as ONG's Artcon e Terra Fértil; Fica Vivo, que é um projeto desenvolvido pela defesa social em colaboração com a ONG Ação Moradia.

No que tange à cultura, a zona leste conta com duas bibliotecas: Carlito Cordeiro, da ONG Terra Fértil, e Geraldo Mariano de Oliveira, da ONG Terra Fértil/Unidade II. Na parte esportiva, a comunidade dispõe do Ginásio Poliesportivo Alexandrino Garcia – CESAG, situado no Bairro Alvorada, onde funcionava o antigo clube “União dos Viajantes”, que foi

adquirido pelo Grupo Alexandrino Garcia – ALGAR - e, atualmente, em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, oferece cursos e atividades esportivas para as crianças da zona Leste.

No aspecto religioso, os moradores da zona leste contam com as seguintes instituições: Assembleia de Deus Missão; Assembleia de Deus - Ministério Novo Tempo; Igreja Pentecostal; Igreja Católica Cristo Rei; Centro Espírita Bezerra de Menezes; Casa de Oração para todos os povos e Igreja Assembleia de Deus.

Com relação à estrutura física da Escola Municipal Jardins de Monet, podemos dizer que ela possui uma área de 6.506,91 m², sendo composta de divisões adequadas, espaços amplos para recreação, dezessete salas de aula bem iluminadas e arejadas, refeitório amplo, pátio coberto com palco fixo, sala da secretaria, sala de supervisão pedagógica, sala de professores, sala da direção e vice-direção, quadra coberta, laboratório de informática, quiosque e sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE)⁶.

IMAGENS DA ESCOLA MUNICIPAL JARDINS DE MONET



Foto 5 - Frente da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: PPP 2012.



Foto 6 - Pátio da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: PPP 2012.

⁶ Segundo o Projeto Político-Pedagógico (2012, p. 53), “considera-se Atendimento Educacional Especializado (AEE) o conjunto de atividades e recursos pedagógicos de acessibilidade organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos público alvo da educação especial, matriculados no ensino regular.”



Foto 7 - Refeitório da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: Arquivo Pessoal.

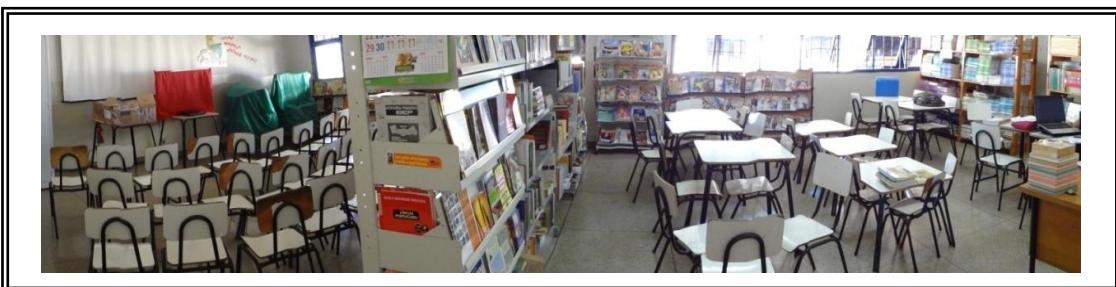


Foto 8 - Biblioteca da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: PPP 2012.



Foto 9 - Quadra Poliesportiva da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: PPP 2012.



Foto 10 - Sala de Aula da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 11 - Sala da Supervisão Pedagógica da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 12 - Sala da Direção e Vice-direção da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 13 - Secretaria da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 14 - Área de convivência da Escola Municipal Jardins de Monet.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 15 - Área de convivência da Escola Municipal Jardins de Monet.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 16 - Corredor da Escola Municipal Jardins de Monet.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 17 - Sala dos professores da Escola Municipal Jardins de Monet.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 18 - Laboratório de Informática da Escola Municipal Jardins de Monet.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 19 - Quiosque da Escola Municipal Jardins de Monet.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Em relação ao espaço físico da Escola Municipal Jardins de Monet, consideramos que ainda se necessita de uma sala apropriada para o Ensino de Arte, um laboratório de ciências, uma sala de vídeo e de reunião, haja vista que acontecem na biblioteca da escola projeções de vídeos e reuniões com pais ou responsáveis e também entre funcionários. Entendemos que atividades desta natureza devem acontecer em espaços adequados e não em um ambiente de estudo como é o caso da biblioteca.

A nosso ver, outro grave problema constatado neste espaço físico consiste na forma imprópria com que os alunos bebem água, já que o bebedouro coletivo disponível para as crianças não oferece o mínimo de higiene. Nesse aspecto, entendemos ser necessária a construção de um bebedouro adequado e, preferencialmente, distante dos banheiros (masculino e feminino) das crianças. Todavia, o atual bebedouro fica em frente aos banheiros, os quais não possuem sabonete e nem toalhas descartáveis. As crianças não lavam as mãos após usarem o banheiro e, se decidirem beber água, geralmente usam as mãos para aparar a água.

Outro aspecto negativo é que os funcionários da limpeza, ao higienizarem os banheiros dos alunos, utilizam esse mesmo bebedouro como apoio para seu trabalho, contaminando-o ainda mais. Acreditamos que os demais espaços da escola são adequados às necessidades educacionais das crianças, embora tal espaço seja insuficiente para comportar todas as atividades escolares.

Quanto ao aspecto do atendimento pedagógico desta unidade escolar, a mesma compreende a primeira etapa do ensino fundamental (Ensino Fundamental I), do 1º ao 5º ano, no turno da manhã, e do 1º ao 4º ano, no turno da tarde; sendo que, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico (2012) da escola, o atendimento será

[...] amparado pela Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, bem como a Lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006 que altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei n.9.394/96, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Nesse sentido, crianças com 6 anos completos até dia 31 de março poderão ser matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental, conforme resolução do CNE (Conselho Nacional de Educação), à exceção do ano de 2011, em que crianças que completam seis anos após essa data, desde que comprovada escolarização anterior de, no mínimo, dois anos, também poderão matricular-se no ensino fundamental (p. 04).

No que se refere às propostas pedagógicas desta instituição, o Projeto Político-Pedagógico (2007) esclarece-nos que,

[...] junto com seu corpo docente, administrativo e pedagógico, propõem um conjunto de ações que visam amenizar os impactos sociais e culturais que massacraram as comunidades mais humildes. Entre as ações desenvolvidas, está o trabalho em conselhos, para que de forma coletiva, seja possível efetivar propostas para elevar o conhecimento. Enfim, fazendo da leitura e interpretação um trampolim de acesso cultural, oferecendo à comunidade espaços de lazer, palestras, discussões e trabalhos voluntários. Pois a partir da aquisição da leitura crítica de mundo é possível conhecer e transformar a realidade. As parcerias também serão efetivadas quando de interesse da comunidade escolar (p. 5-6).

Concordamos com a referida proposta supramencionada no Projeto Político-Pedagógico de 2007, contudo, abriremos um parêntese sobre o Conselho Escolar. Inicialmente, tomaremos como referência o que está expresso, em relação a esta questão, no Projeto Político-Pedagógico (2012), o qual nos informa que,

Para viabilizar a aplicação do dinheiro, a escola consulta todos os funcionários a fim de fazer um consolidado sobre as necessidades da equipe, a qual, prioritariamente, deve atender o aluno, seja por meio da aquisição de recursos didáticos, seja de equipamentos. A análise para a aprovação da aplicação do dinheiro é feita pelo Conselho Escolar que delibera a favor ou contra do que foi proposto pela equipe escolar (p. 58).

Fazemos parte do quadro de docentes da Escola Municipal Jardins de Monet há cinco anos. Neste percurso, percebemos que o Conselho Escolar tem funcionado de forma bem tímida, inclusive, desconhecemos as pessoas da comunidade e, principalmente, os profissionais que dele fazem parte. Inclusive em 2010, quando fomos parte integrante do Conselho Escolar, tivemos a oportunidade de participar como membro ativo em apenas duas reuniões.

Com o intuito de entendermos melhor o papel dos Conselhos Escolares, buscamos informações no Portal do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o qual nos informa que

As famílias podem se envolver ativamente nas decisões tomadas pelas escolas dos seus filhos. Candidatar-se a uma vaga no conselho escolar é uma boa maneira de acompanhar e auxiliar o trabalho dos gestores escolares. O Conselho Escolar é constituído por representantes de pais, estudantes, professores, demais funcionários, membros da comunidade local e o diretor da escola. Cada escola deve estabelecer regras transparentes e democráticas de eleição dos membros do conselho. Cabe ao Conselho Escolar zelar pela manutenção da escola e participar da gestão administrativa, pedagógica e financeira, contribuindo com as ações dos dirigentes escolares a fim de assegurar a qualidade de ensino. Eles têm funções deliberativas, consultivas, fiscais e mobilizadoras, garantindo a gestão democrática nas escolas públicas. Entre as atividades dos conselheiros estão, por exemplo, definir e fiscalizar a aplicação dos recursos destinados à escola e discutir o projeto pedagógico com a direção e os professores (BRASIL, 2013).

Nesse aspecto, acreditamos ser preciso rever certas ações e intervenções do Conselho Escolar na Escola Municipal Jardins de Monet. De acordo com a nossa experiência como professor de Arte nesta instituição, compreendemos que questões políticas necessitam de maiores reflexões coletivas, haja vista a necessidade de uma melhor socialização das informações para fundamentar as decisões tomadas durante as reuniões.

Se, por um lado, percebemos algumas falhas no que se refere às atuações do Conselho Escolar, em especial, a falta de uma comunicação eficiente dentro da própria escola sobre as decisões tomadas pelos conselheiros, por outro, ressaltamos a gestão democrática, responsável e transparente da atual Direção Escolar, desde a fundação desta Instituição, mantendo uma excelente relação com toda a comunidade escolar.

Conforme dados obtidos na secretaria da Escola Municipal Jardins de Monet, podemos concluir que a comunidade que esta instituição atende, na sua maioria, é composta de pessoas com baixa renda financeira, tendo em vista que dos 893 alunos matriculados em março de 2013, 550 recebiam bolsa-família. A partir de dados obtidos por meio de questionário formulado por nós e respondidos por pais ou responsáveis, concluímos que essas crianças vivenciam sua infância com insuficiente acesso aos bens culturais produzidos - cinema, teatro, shows artísticos, dentre outros.

Atualmente a referida instituição de ensino conta com 97 funcionários, dentre estes, 08 trabalham na escola nos dois turnos. A escola também dispõe de 03 profissionais que fazem a segurança patrimonial da escola no período noturno, durante os recessos, feriados, finais de semana e férias; no entanto, estas pessoas estão cedidas para a escola e não são funcionários

da mesma, pois estão vinculados profissionalmente, com a Secretaria Municipal Antidrogas e Defesa Social.

Em relação ao quantitativo de profissionais e suas respectivas áreas de atuação, a Escola Municipal Jardins de Monet mantém a seguinte distribuição:

Tabela 2 - Quantitativo de profissionais e áreas de atuação.

CARGO	FUNCIONÁRIOS NO TURNO DA MANHÃ	FUNCIONÁRIOS NO TURNO DA TARDE	FUNCIONÁRIOS COM DOIS CARGOS OU DOBRA ¹		TOTAL DE FUNCIONÁRIOS
			CARGOS OU DOBRA ¹	TOTAL DE FUNCIONÁRIOS	
Regente I	17	11	06	34	
Ens. Religioso	01	01	--	02	
Literatura	04	04	--	08	
Educ. Física	02	02	--	04	
Ens. de Arte	03	02	01	06	
Laboratorista	01	01	--	02	
Eventual ¹	02	01	01	04	
Ens. Alternativo	01	02	--	03	
Bibliotecária	01	01	--	02	
Secretária	02	02	--	04	
ASG ¹	08	07	--	15	
Readaptados ¹	04	01	--	(05)	
Supervisão	02	02	--	04	
Vice-Direção	01	01	--	02	
Direção	#	#	--	01	

Fonte: Direção escolar.

No ano de 2009 foi divulgado pelo MEC o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB⁷, cuja nota classifica a escola, a cada dois anos, conforme o seu desempenho nos conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa, nas turmas de ensino de 5º ano do Ensino Fundamental.

Nesse aspecto, a Escola Municipal Jardins de Monet obteve, no ano de 2009, a nota 4.7, e a meta estabelecida para 2011 foi de 4.9. Contudo, a escola não alcançou esta meta, ficando com a nota de 4.8.

⁷ IDEB: criado pelo Ministério da Educação em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, e em taxas de aprovação. Assim, para que o Ideb de uma escola ou rede cresça é preciso que o aluno tenha boas notas, não repita o ano e frequente a sala de aula.

Quanto à aprendizagem dos alunos da Escola Municipal Jardins de Monet, no que se refere ao conteúdo de Língua Portuguesa, a nota 200 é a pontuação mínima esperada para um aluno de 5º ano, entretanto, a escola obteve nesta disciplina uma pontuação média de 194, portanto abaixo do mínimo esperado; para o conteúdo de Matemática, a nota 225 é a pontuação mínima determinada para um aluno de 5º ano, e a escola obteve 201. Tais números revelam uma baixa produtividade da escola de acordo com as expectativas e mensurações do governo. Entretanto, em nossa opinião, tais procedimentos são insuficientes para entender e, ainda mais, resolver os problemas de ensino e aprendizado existentes na escola. No cotidiano da escola, há muitos processos, relações e significados que permanecem invisíveis para tal avaliação, mas interferem diretamente no processo de ensino-aprendizado.

Além da nossa preocupação com a aprendizagem dos estudantes, também inquietamos, a violência e o tráfico de drogas na região onde a escola está inserida. Desde fevereiro de 2008, data em que assumimos o cargo de professor de Arte da Escola Municipal Jardins de Monet nas oficinas pedagógicas, temos escutado, com muita frequência, várias pessoas da escola comentarem que a zona leste é a mais violenta da cidade e que abriga grupos criminosos que comandam o tráfico de drogas em nosso município.

Conforme o que temos vivenciado na relação com esta comunidade e, principalmente, pelo nosso contato direto com as crianças, não podemos negar que a violência não esteja no cotidiano de algumas famílias, como também a presença das drogas ilícitas. Porém, ao avaliarmos estas questões de acordo com as nossas percepções, tendo como referência estes cinco anos de convívio, verificamos que, atualmente, houve uma diminuição quanto às afirmações sobre a violência na comunidade, inclusive as próprias crianças têm nos procurado com menor frequência para se queixarem de conflitos em suas famílias envolvendo questões de violência e drogas.

No entanto, com a intenção de conhecer melhor a situação da zona leste no que se refere à criminalidade e à violência, fomos até a 158ª Cia. da Polícia Militar de Uberlândia, que é responsável pela segurança desta região. Sobre este contato, ressaltamos a boa receptividade dos polícias que nos atenderam, em especial o Soldado Régis que, interessado em nos ajudar, mapeou os dados sobre os homicídios consumados neste setor da cidade entre o período de janeiro de 2006 a março de 2013, bem como apresentou-nos um levantamento sobre incidentes com tráfico, estupro e roubo ocorridos no ano de 2012 e nos três primeiros meses de 2013.

Com o intuito de colher mais informações além daquelas que os dados trazem, mantivemos por alguns minutos um diálogo com o Soldado Régis sobre as nossas inquietações; neste momento, procuramos obter uma leitura pessoal do soldado em relação à comunidade do entorno da nossa escola. Sobre esta questão, o Soldado foi incisivo ao afirmar que houve significativo decréscimo da criminalidade na zona leste, tendo em vista as constantes ações da Polícia Militar, que tem atuado 24 horas por dia naquele setor. Inclusive, segundo este policial, a 158^a Cia. da Polícia Militar de Uberlândia foi premiada, em âmbito estadual por ter sido aquela que mais conseguiu reduzir as estatísticas de criminalidade no estado de Minas Gerais.

Ressaltamos que, em relação a homicídios, os dados que nos foram informados pela 158^a Cia. da Polícia Militar correspondem apenas aos *crimes consumados*.

Tabela 3 - Homicídios consumados na zona leste de Uberlândia entre os anos de 2006 até o primeiro trimestre de 2013.

Ano	Homicídios Consumados	Idade média das vítimas		Vítimas com idade até 18 anos	Sexo das vítimas		Horário do Homicídio		Local do Homicídio
		Vítimas com idade conhecida	Vítimas com idade desconhecida		M	F	06:00 às 18:00	18:01 às 05:59	
2006	14	13 vítimas com idade média de 26 anos	01 vítima	03 vítimas com idade média de 17 anos	13	01	07	07	Morumbi: 06 Zona Rural: ⁸ 04 Joana Darc: 03 Dom Almir: 01
2007	13	12 vítimas com idade média de 36 anos	01 vítima	---	13	---	03	10	Morumbi: 03 Tibery: 01 Prosperidade 02 Zona Rural: 03 Aclimação: 01 Joana Darc: 02 Alvorada: 01
2008	13	10 vítimas com idade média de 36 anos	03 vítimas	01 vítima com idade de 15 anos	13	---	05	08	Morumbi: 08 Zona Rural: 03 Joana Darc: 02
2009	14	09 vítimas com idade média de 33 anos	05 vítimas	02 vítimas com idade média de 18 anos	08	02	09	05	Morumbi: 04 Zona Rural: 05 Joana Darc: 02 Alvorada: 01 S. Francisco: 02
2010	08	08 vítimas com idade média de 33 anos	---	01 vítima com idade de 18 anos	06	02	05	03	Morumbi: 06 Joana Darc: 01 S. Francisco: 01
2011	03	03 vítimas com idade média de 44 anos	---	---	02	01	03	---	Morumbi: 01 Zona Rural: 01 Joana Darc: 01
2012	07	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N. I.	01	06	Morumbi: 01 Zona Rural: 01 Joana Darc: 01
2013	04	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N. I.	02	02	Morumbi: 01 Zona Rural: 01 Joana Darc: 01

Fonte: 158^a Cia. da Polícia Militar de Uberlândia – MG

* N.I. : Dado Não informado pela 158^a Cia. da Polícia Militar de Uberlândia.

⁸ Zona Rural: área compreendida por estradas de terra, anel viário, rodovias, além das propriedades rurais que estão inseridas no mapeamento correspondente a zona leste de Uberlândia.

Tabela 4 - Crimes ocorridos nos bairros Morumbi, Dom Almir e Alvorada de Janeiro de 2012 até março de 2013.

<i>Natureza da Ocorrência</i>	<i>2012</i>	<i>Até março de 2013</i>
Tráfico de drogas	168	44
Uso e consumo de drogas	108	04
Estupro	04	01
Estupro de Vulnerável ⁹	08	00
Roubo	51	08

Fonte: 158ª Cia. da Polícia Militar de Uberlândia – MG

Segundo o quadro acima, ressaltamos que, no ano de 2012, dentre os crimes ocorridos, as modalidades de crime que obtiveram maiores números foram tráfico, uso e consumo de drogas; além disso, oito crianças ou incapacitados foram violentados sexualmente, dado que nos alerta para a vulnerabilidade das crianças. Todavia, tais números apenas refletem dramas reais com os quais temos convivido na escola, pois podemos identificar crianças violentadas pelo fato de apresentarem mudanças de comportamento e apresentarem agressividade, isolamento e dificuldades de aprendizagem.

Os dados obtidos por nós, no entanto, referem-se apenas à zona leste, o que para nós era insuficiente, já que o nosso intuito inicial era justamente checar se a região leste é ou não a mais violenta da cidade.

Prosseguindo com o intuito de buscar respostas para este questionamento, fomos até o 32º Batalhão da Polícia Militar, o qual poderia nos informar sobre os índices gerais da cidade. Na ocasião, nos disseram que a cidade era dividida em dois setores, sendo um de responsabilidade do 17º Batalhão da Polícia Militar e o outro, do 32º Batalhão da Polícia Militar. Desse modo, conforme nos explicaram, a Polícia Militar em Uberlândia não possui dados sobre a criminalidade na cidade que seja tabulada por região.

Desejosos por entender o real contexto da violência na nossa comunidade, tendo como referência outros setores da cidade, iniciamos uma busca de tais informações pela internet, porém não encontramos nada que nos possibilitasse confrontar os dados já obtidos com os de outras regiões da cidade.

⁹ Estupro de vulnerável refere-se a vítimas com idade menor de 14 anos ou incapacitantes.

Por fim, optamos em utilizar como parâmetro os dados da OMS - Organização Mundial de Saúde (2013), que define como taxa aceitável para homicídios o valor de 10 homicídios para cada 100 mil habitantes. Com a intenção de confrontar as estatísticas de homicídios consumados na zona leste em relação às taxas apresentadas pela OMS, procuramos a Secretaria de Planejamento Urbano com o intuito de obter o quantitativo populacional deste setor da cidade nos anos de 2006 a 2010, tendo em vista que o último senso feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi realizado em 2010.

Assim, confrontando os dados de homicídios com a taxa populacional, pudemos relacionar os índices de homicídio na zona leste de Uberlândia entre os anos 2006 a 2010 com índices gerais. Dessa maneira, conforme o quadro abaixo, nos foi possível fazer uma leitura em relação às taxas da OMS no que se refere a homicídios por habitantes.

Quadro 1 - Índice de homicídios da zona leste em relação à taxa da OMS entre os anos de 2006 a 2010

<i>Ano</i>	<i>População da zona leste</i>	<i>Homicídios consumados</i>	<i>Taxa de homicídios na Zona Leste</i>	<i>Taxa de homicídio aceitável pela OMS</i>	<i>Resultados encontrados</i>	
					<i>Acima da taxa OMS</i>	<i>Abaixo da taxa OMS</i>
2006	133.189	14	10,51	10 homicídios para cada 100 mil habitantes	0,51	
2007	134.960	13	9,63	10 homicídios para cada 100 mil habitantes		0,37
2008	138.075	13	9,41	10 homicídios para cada 100 mil habitantes		0,59
2009	133.580	14	10,48	10 homicídios para cada 100 mil habitantes	0,48	
2010	137.000	08	5,83	10 homicídios para cada 100 mil habitantes		4,17

Fonte: 158ª Cia. da Polícia Militar de Uberlândia – MG

A partir das informações apresentadas acima, verifica-se que não confrontamos os dados da zona leste com os dados sobre criminalidade das demais regiões da cidade, e por isso não respondemos, da maneira como pretendíamos, ao questionamento relativo a zona leste, se

esta é ou não a região mais violenta de nossa cidade; mas, mesmo assim, chegamos a algumas conclusões.

Por exemplo, de acordo com as taxas aceitáveis de homicídio estabelecidas pela OMS, a zona leste de Uberlândia apresentou-se com índices toleráveis de criminalidade nos anos 2007, 2008 e 2010; todavia, os dados apontam que, nos anos de 2006 e 2009, os valores ultrapassaram, respectivamente em 0,51 e 0,48, o quantitativo indicado pela OMS.

Dessa maneira, entendemos que a zona leste caracteriza-se por eventos criminosos no seu espaço, o que exige de nós preocupação, pois, quaisquer que sejam os números, verificamos que ali há sofrimento humano e perigos para as pessoas; inclusive devemos mencionar que os índices, por exemplo, sobre os homicídios refletem os crimes consumados, de maneira que aqueles homicídios cujo óbito se deu depois do atentado podem ficar fora das estatísticas apresentadas, procedimento que diminui o número das ocorrências. No momento, podemos afirmar que os índices de criminalidade ali apresentados não destoam significativamente de índices internacionais, por exemplo, de homicídios, os quais se mantêm dentro de padrões estabelecidos por entidades internacionais; mesmo quando ultrapassou a taxa da OMS, estes valores se mantiveram muito próximo ao tolerável.

Para nós, de acordo com os dados obtidos e aqui apresentados sobre crimes ocorridos na região leste da cidade, onde se localiza a escola em que trabalhamos e realizamos a presente pesquisa, devemos pelo menos questionar, comprometidos com a educação das crianças, sobre até que ponto podemos atribuir os problemas de aprendizado desses sujeitos, até mesmo o baixo índice de IDEB obtido pela Escola Municipal Jardins de Monet, à idéia de que os bairros que rodeiam a escola são mais violentos do que outros da cidade. Parece-nos, sem negar a realidade vivenciada, que podemos trabalhar com as crianças na escola tomando-as e confirmando-as como sujeitos plenos de direitos, ressaltando o direito de aprender, desmitificando situações e avaliações preconceituosas que ocorrem por desconhecimento e desvalorização das culturas populares, origem das famílias cujos filhos estudam na escola pesquisada.

2.1 Caracterização dos Sujeitos desta Pesquisa

Consideramos como sujeitos de nossa pesquisa os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, que foram nossos alunos e estiveram matriculados no turno da manhã da Escola Municipal Jardins de Monet, entre os anos de 2011, 2012 e parte de 2013. Com a intenção de conhecer melhor estas crianças no seu cotidiano, optamos por elaborar e aplicar um questionário a seus pais e responsáveis. Como há mais de uma turma para cada ano (conforme quadro abaixo), optamos por escolher apenas uma turma por ano; como critério de escolha, optamos pelas turmas cujos professores regentes tinham maior contato conosco, já que iríamos depender desta para a entrega e recebimento dos questionários.

Quadro 2 - Quantidade de turmas do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet, no turno da manhã/2012.

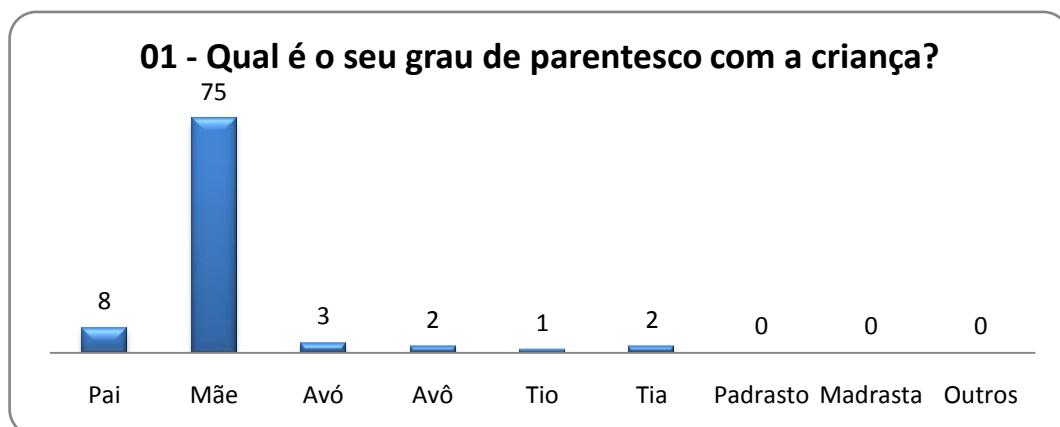
Anos de escolarização do Ensino Fundamental	Quantidade de turmas do turno da manhã no ano de 2012 que participaram da proposta do Ensino de Artes	Turmas em que foram aplicados os questionários aos pais e responsáveis	Número de questionários entregues para serem respondidos	Número de questionários que retornaram respondidos
Primeiro ano	03	1º ano B	32	12
Segundo ano	01	2º ano A	25	15
Terceiro ano	02	3º ano B	28	23
Quarto ano	04	4º ano B	25	16
Quinto ano	04	5º ano D	33	25
Total	14	..	143	91

Em novembro de 2012, entregamos os questionários para os alunos levarem para suas casas para que os pais ou responsáveis pudessem respondê-los. Na ocasião, conforme o quadro 02 foram entregues 143 questionários; destes, apenas 91 foram respondidos e devolvidos. Em relação aos 52 questionários que não foram devolvidos, percebemos que 30 questionários foram das turmas de 1º e 2º ano.

Retornaram respondidos praticamente 64% dos questionários, o que nos possibilitou analisar os dados e chegarmos a algumas considerações sobre algumas características dos sujeitos da nossa pesquisa. Ressaltamos neste trabalho a significativa contribuição das professoras regentes, que muito nos ajudaram durante a entrega e o recebimento dos questionários; inclusive este percentual de retorno devemos a tais profissionais que, gentilmente e diariamente, pediam às crianças a devolução dos questionários.

Acreditamos que, conhecendo melhor as crianças, teremos melhores condições de entendê-las no espaço educacional. Para isso, lançamos mão deste questionário, que tem a intenção de apurar algumas questões referentes a hábitos, relacionamentos, atividades e preferências descritas e analisadas abaixo.

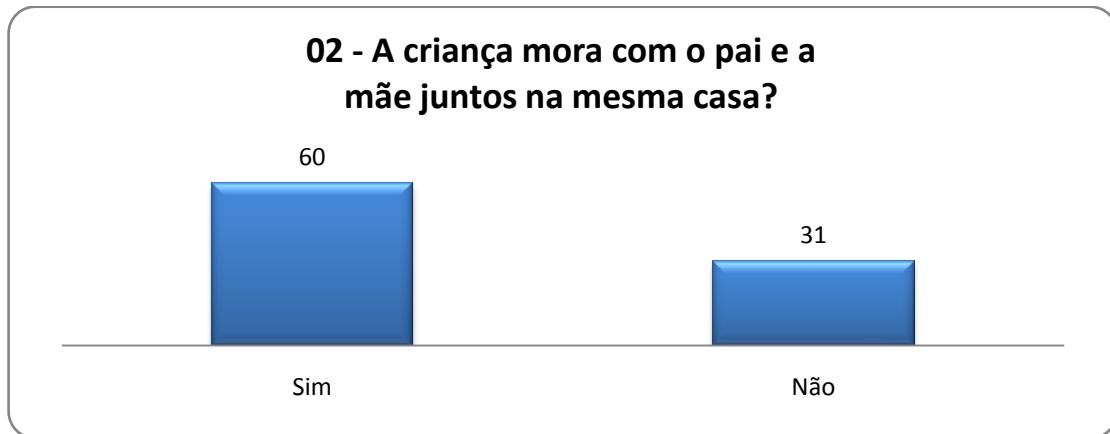
Gráfico 1 - Sujeitos que responderam ao questionário sobre aspectos da vida familiar das crianças.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

Ao analisarmos o gráfico 1, constatamos que, dos 91 questionários entregues, 75 foram respondidos por mães e 8 questionários por pais, o que significa que ambos foram responsáveis por 83 questionários respondidos, ou seja, pouco mais de 91% do total, tendo restado aos demais - avós, tias e tio - 9% das respostas. Por estes dados, podemos constatar que a mãe foi responsável por aproximadamente 83% dos questionários respondidos, o que pode demonstrar que nestas famílias a figura materna tem sido uma presença mais constante.

Gráfico 2 - A constituição familiar das crianças.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

A partir dos dados obtidos no Gráfico 2, percebemos que as famílias da comunidade atendida pela Escola Municipal Jardins de Monet permanecem com 66 % (60 respondentes) do seu núcleo familiar constituído por pai, mãe e filho(s) morando juntos na mesma casa, e 34% (31 respondentes) declarou que pai e mãe não vivem juntos com a criança numa mesma casa. Esse dado contrasta com a realidade atual no Brasil. Segundo Almeida (2012)

A família brasileira se multiplicou. O modelo de casal com filhos deixou de ser dominante no Brasil. Pela primeira vez, o censo demográfico captou essa virada, mostrando que os outros tipos de arranjos familiares estão em 50,1% dos lares. Hoje, os casais sem filhos, as pessoas morando sozinhas, três gerações sob o mesmo teto, casais gays, mães sozinhas com filhos, pais sozinhos com filhos, amigos morando juntos, netos com avós, irmãos e irmãs, famílias “mosaico” (a do “meu, seu e nossos filhos”) ganharam a maioria. O último censo, de 2010, listou 19 laços de parentesco para dar conta das mudanças, contra 11 em 2000. Os novos lares somam 28,647 milhões, 28.737 a mais que a formação clássica.

Gráfico 3 - Situação das moradias das crianças.

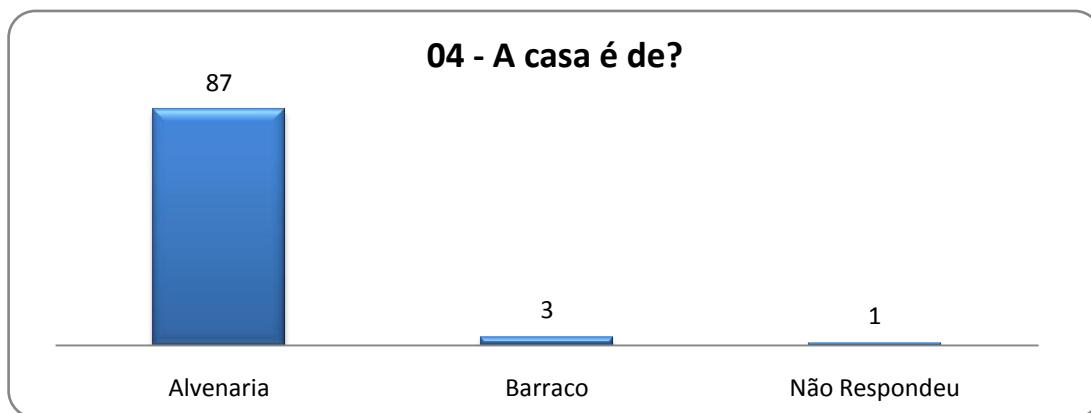


Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

De acordo com o gráfico nº 03, praticamente 89% (reunindo os 68 respondentes que declararam morar em casa própria, mais 13 respondentes que informaram ter moradia financiada) das famílias residem em moradias próprias, sendo que 75% em média declararam nos questionários respondidos serem donos do imóvel e pouco mais de 14% estão pagando prestações de suas casas. Verificamos também que aproximadamente 8% (7 respondentes) pagam aluguel e 3% (3 respondentes) moram em residência emprestada.

A partir desses dados, podemos constatar que grande parte da comunidade atendida pela Escola Municipal Jardins de Monet reside em moradias próprias; desse modo, percebe-se que as crianças estão, na sua maioria, vivendo em condições estáveis no que se refere à moradia, no entanto, três respondentes declararam morar em casa emprestada.

Gráfico 4 - Tipo de construção das casas em que vivem as crianças.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

O gráfico nº 04 nos aponta que mais de 95% das residências (87 respondentes) são de alvenaria, e uma média de 3% (3 respondentes) declararam morar em barracos. No entanto, quando confrontamos estes dados com a seguinte afirmação do Projeto Político-Pedagógico da escola (2012, p.10); “[...] Muitos sobrevivem da mendicância. Quando empregados, trabalham em subempregos, explorados [...]”, perguntamos: será que é possível este alto índice de pessoas residir em casas próprias e de alvenaria tendo que sobreviver da mendicância e de subempregos? Por isso, confrontamos algumas fotos que constam no Projeto Político-Pedagógico que foram tiradas no bairro São Francisco (região próxima a Escola Municipal Jardins de Monet), no mês de abril de 2012. Dessa maneira, podemos verificar a contradição de informações, conforme nos mostram estas imagens:

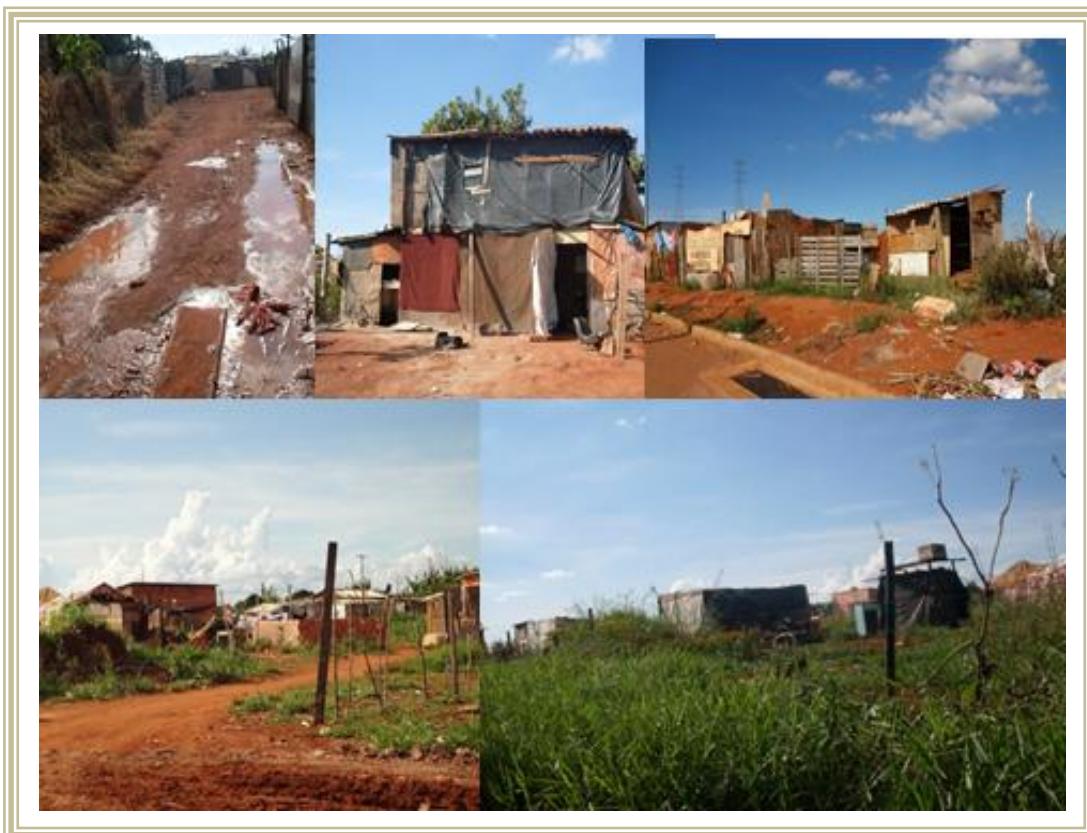


Foto 20 - Imagens de casas do Bairro São Francisco.

Fonte: Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal Jardins de Monet.

Certamente estas imagens são apenas um pequeno recorte das moradias dos nossos alunos, não desconsideramos a veracidade das informações, contudo desejamos completar estas informações para que tenhamos condições de conhecer melhor as crianças que participaram da pesquisa e perceber, nesta questão em específico, em quais condições de moradias elas vivem.

A zona leste de Uberlândia, região onde a escola está inserida, nestes últimos dois anos, recebeu por parte da Prefeitura Municipal de Uberlândia benfeitorias, tais como: asfalto, ciclovias, arborização, água e esgoto, entregas de casas financiadas pelo Programa Federal “Minha casa, minha vida”, construção de um shopping.



Foto 21 - Entrada do Bairro Dom Almir
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 22 - Construção do novo Shopping
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 23 - Imagens das casas entregues pelo Programa Minha casa, minha vida
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 24 - Imagens gerais do Bairro Morumbi.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 25 - Imagens de rua no Bairro Dom Almir sendo terraplanada
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 26 - Imagens da Avenida Solidariedade no Bairro Dom Almir.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Acreditamos que o elevado número de famílias que declararam, neste questionário, serem proprietárias de seus imóveis, pode ser o reflexo do que ocorreu recentemente na região, tal como nos informa a matéria publicada em agosto de 2012, pelo Jornal Correio de Uberlândia, quando cita que,

Mais de 2 mil famílias estão prestes a ter os terrenos de suas casas regularizados pela prefeitura. Tramita na Câmara de Uberlândia um projeto de lei que transfere a posse de terrenos municipais nos bairros Joana D'arc, São Francisco e Celebração, na zona leste, para os ocupantes das áreas. Os terrenos ficam em um local conhecido como Loteamento Integração e são habitados há mais de 16 anos. O projeto de lei será votado ainda neste mês. A regularização vai beneficiar mais de 8 mil pessoas. A área tem cerca de 765 mil metros quadrados e passou a ser ocupada no final da década de 1990. Os terrenos, resultado do desmembramento de antigas fazendas da região, foram desapropriados e assumidos pela prefeitura municipal após decisão judicial que saiu em março do ano passado. "O terreno vai passar agora para os moradores da área. O processo de desapropriação demorou um pouco por problemas jurídicos, como, por exemplo, para definir qual valor a ser pago pela terra e algumas discussões entre os herdeiros dos antigos donos", afirmou o líder do Executivo na Câmara, vereador Wilson Pinheiro¹⁰.

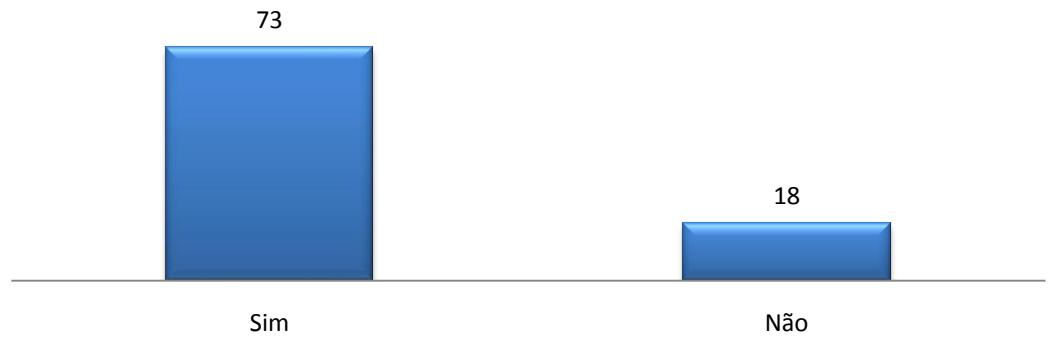
A nosso ver, o Projeto Político-Pedagógico da escola traz em seu texto algumas informações que nos parecem ser parciais em relação à realidade social destas crianças. Quando nos deparamos com as imagens contidas no Projeto Político-Pedagógico da escola (Foto 20), que se referem às casas da comunidade atendida pela Escola Municipal Jardins de Monet, inicialmente, nos remetemos para a década de 1990, ano em que começaram a surgir os primeiros assentamentos na região. Entretanto, percebemos que estas imagens contrastam com a realidade social nos dias de hoje. Ainda que saibamos que existem barracos naquela região que servem de moradias, estes não são mais as únicas edificações presentes na realidade dos bairros próximos à escola.

Percebemos também que houve, nestes últimos dois anos, uma melhoria na qualidade de vida destas famílias. É notório o quanto os alunos têm ido mais bem vestidos para a escola e com uma melhor higiene corporal.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.correiouberlandia.com.br/cidade-e-regiao/2-mil-terrenos-serao-regularizados-na-zona-leste-de-uberlandia>>. Acesso em 16 mai. 2012.

Gráfico 5 - Convivência dos nossos alunos com outras crianças em seus lares.

05 - A criança convive na mesma casa com outras crianças?

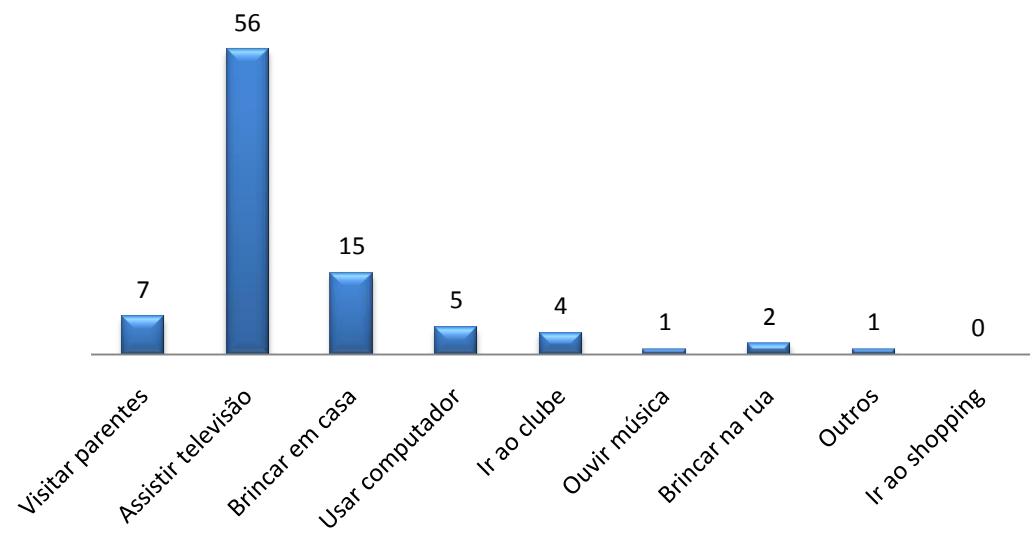


Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

Na questão nº 05 do questionário, caso fosse assinalada a opção (sim), deveria ser mencionada a quantidade de crianças na mesma casa. Contudo, não nos foi possível analisar este dado devido ao grande número de questionários que não teve esse quantitativo apresentado. Houve apenas a confirmação de que há outras crianças vivendo na mesma casa. Porém, o gráfico nº 05 nos permite perceber que uma média de 80% (73 respondentes) destas famílias possui duas ou mais crianças em seus lares.

Gráfico 6 - Lazer das crianças.

06 - Qual a forma de lazer mais frequente da criança?



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

Ao verificarmos os dados obtidos no gráfico nº 06, percebemos que pouco mais de 61% (56 respondentes) das crianças têm como lazer mais frequente “assistir televisão”; em segundo lugar, tivemos a opção “brincar em casa” com uma média de 16% (15 respondentes), totalizando nestas duas opções 77%, o que nos possibilita perceber que, dos 91 lares pesquisados, em 71 deles as crianças podem não ter acesso a lazer fora de seu cotidiano doméstico.

Na outra ponta, percebemos também que a opção “Ir ao Shopping” não foi assinalado, o que de certa forma reforça a nossa suspeita da falta de recursos financeiros como uma das causas prováveis para tal situação, tendo em vista que o shopping pode ser um espaço de lazer, mas é prioritariamente lugar de consumo.

No entanto, em relação ao tempo que as crianças ficam diante da televisão, Pillar (2004, p.55) comenta que, “Estudos mostram que o número de horas que as crianças pequenas assistem à televisão é muito significativo, cerca de seis horas diárias”.

A nosso ver, esta questão pode ser ainda mais séria, quando levamos em conta que, ao assistir à televisão, a criança está diretamente exposta aos conteúdos e mensagens veiculadas não só pelos programas televisivos quanto pelas propagandas comerciais. Nesse sentido, Postman (1999) explica que:

Graças ao milagre dos símbolos e da eletricidade, nossas crianças sabem tudo que qualquer outra pessoa sabe – de bom e de mau. [...] A metáfora normalmente empregada é que a televisão é uma janela para o mundo. Essa observação é inteiramente concreta, mas por que deve ser tomada como sinal de progresso é um mistério” (p. 111).

Dessa forma, para o autor, a televisão tanto pode trazer novas informações e contribuir para ampliar a leitura de mundo realizada pelas crianças, quanto pode também ser prejudicial, já que, pelo fato de o controle remoto permitir transitar por todos os canais da televisão sem qualquer dificuldade, a criança, movida pela curiosidade, poderá se deparar com programas inadequados à sua idade, exposição excessiva a modelos de consumo e às propagandas e, o que é pior, muitas horas de televisão normalmente significam muito tempo solitário, sem a companhia de outras pessoas, sejam crianças e adultos. O contato direto com outras pessoas pode contribuir para um crescimento mais humanizado. Um dos problemas da televisão na vida moderna é que ela tem se tornado, muitas vezes, uma educadora onipresente de crianças e a vida que se vive é diferente do que se veicula na televisão.

Neste mundo globalizado e consumista, a mídia torna-se um importante instrumento de sedução. Esse fato tem norteado de uma maneira geral várias tendências e comportamentos

da sociedade atual, porém, quando nos referimos sobre a exposição das crianças diante dos referenciais exibidos pela televisão, preocupamo-nos. Sobre essa questão, Buoro (1998) comenta que:

A criança, atualmente, enfrenta os sedutores apelos da sociedade de consumo. Para citar apenas um exemplo, as normas ditadas pela televisão tornam a conduta infantil cada vez mais marcada por modelos estereotipados que, muitas vezes, transformam-se em obstáculos para a construção de um conhecimento mais significativo (p. 35).

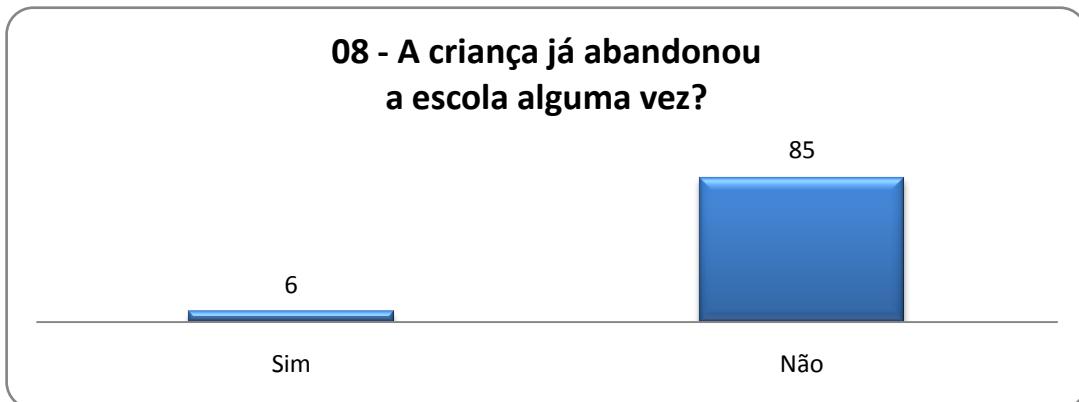
Gráfico 7 - Situação da criança em relação a matrícula escolar/reprovação.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

No gráfico nº 07, tivemos 1 questionário que não respondeu a essa pergunta, entretanto, 77% (70 respondentes) afirmaram que a criança está matriculada no ano correspondente à sua idade e nunca foi reprovada, no entanto 22% (20 respondentes) declararam que há um atraso da criança na relação idade/escolaridade. Entendemos que é alta essa quantidade de crianças com atraso na escolaridade, tendo em vista as inúmeras instituições de ensino público que ofertam vagas naquela região, tanto em nível municipal quanto estadual. Com a intenção de buscar compreender melhor as razões pelas quais esses 22% declararam isso, apresentamos outra pergunta:

Gráfico 8 - Abandono escolar.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

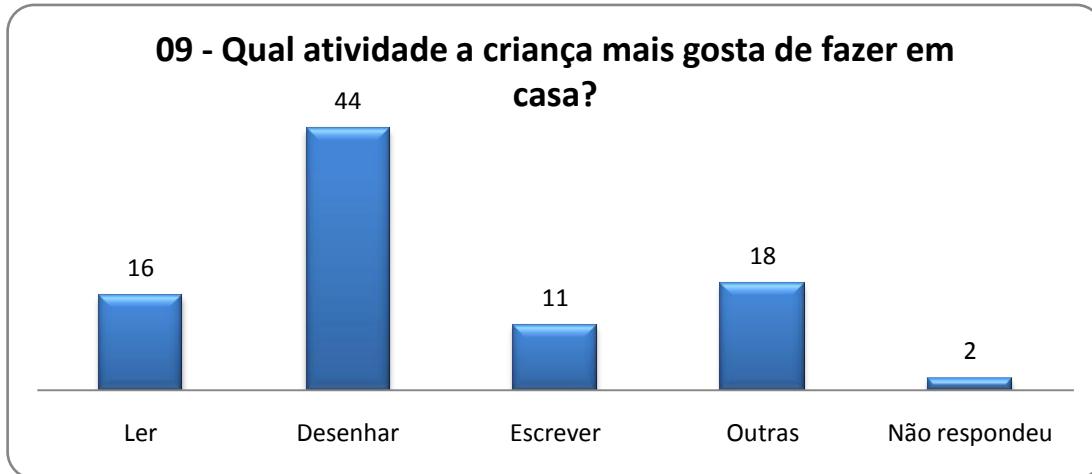
Outro dado que nos ajuda a entender melhor o gráfico nº 07 é o gráfico nº 08, pois neste último percebemos que uma média de 6% (6 respondentes) declarou que sua criança abandonou a escola pelo menos uma vez. Nesse aspecto, verificamos que, se no gráfico 07 temos que 22% (20 respondentes) estão com atraso na escolaridade, já no gráfico 08, pouco mais de 6% informaram que a criança abandonou a escola pelo menos uma vez. Podemos então dizer que um total de 16% deve estar em atraso por motivo de reprovação ou por ter iniciado a escolarização com idade superior ao previsto e, portanto, tal discrepância não se deve ao abandono da escola. Tais dados nos ajudam a entender que famílias tentam manter suas crianças na escola, restando-nos questionar, para o caso da reprovação, a qualidade social da formação que as escolas públicas oferecem para os estudantes.

No entanto, consideramos preocupante o número de abandonos da escola declarados no questionário - 6% (6 respondentes) -, principalmente no caso dessas famílias, em que uma média de 62% do total geral de alunos matriculados na escola nos dois turnos recebe o bolsa-família, programa que exige que as famílias tenham suas crianças matriculadas e frequentes na escola. Sobre a evasão escolar, em fevereiro de 2012, foi publicado no site da Globo Educação uma entrevista com a Secretaria de Educação Básica do MEC, Maria do Pilar que fez as seguintes afirmações:

A evasão escolar ainda é um dos grandes problemas da educação brasileira. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais, divulgada em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil tem a maior taxa de abandono escolar no Ensino Médio entre os países do Mercosul. Segundo a pesquisa, 1 em cada 10 alunos entre 15 e 17 anos deixa de estudar nessa fase. No Ensino Fundamental os índices de evasão são menores, 3,2%, mas ainda estamos atrás de outros países da América do Sul. As menores taxas

de abandono estão, no Ensino Fundamental, no Uruguai (0,3%); e no Médio, na Venezuela (1%). Para Maria do Pilar Lacerda, Secretária de Educação Básica do MEC (Ministério da Educação), o motivo principal que leva crianças e jovens a abandonarem a escola é o fracasso escolar. “As pesquisas mostram que os alunos que deixam de estudar o fazem porque está indo mal na escola. O que precisamos fazer então é garantir o sucesso escolar. Quem vai bem, não sai¹¹.

Gráfico 9 - Quais atividades as crianças mais gosta de fazer em casa?



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

De acordo com os dados apresentados no gráfico nº 09, temos que o desenho foi a opção mais escolhida, com uma média de 48% (44 respondentes), e a segunda mais assinalada foi a opção “outras” com 20% (18 respondentes), com a apresentação dos seguintes complementos:

- Trabalhar;
- Abrir um buraco no chão e mexer com o barro;
- Ver televisão;
- **Brincar**;
- Dançar funk;
- **Brincar** com os irmãos;
- Usar o computador;
- **Brincar** com o vídeo-game.

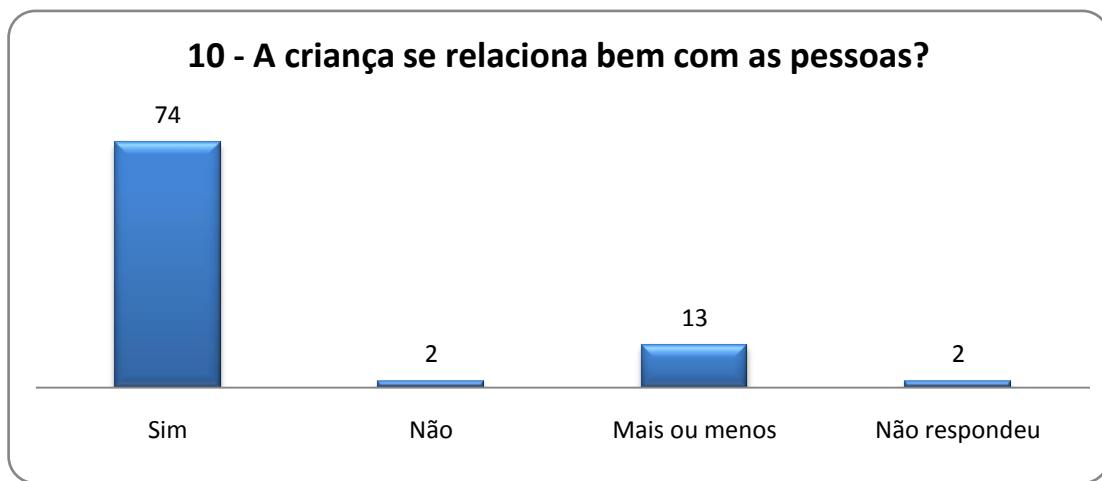
Dos 20% de questionários marcados com a opção “Outras”, o brincar, brincar com os irmãos, brincar com o vídeo-game foram os complementos que mais apareceram. Esses dados

¹¹ Disponível em: < <http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/10/indice-de-evasao-escolar-e-maior-entre-estudantes-do-ensino-medio.html>> Acesso em: 27 abr. 2013.

nos permitem considerar que nossos alunos, além de trabalharem e verem televisão, também brincam em suas casas, informação já apresentada anteriormente no Gráfico 06. Para Wallon (2007, p. 54), “A atividade própria da criança, como se diz, é o brincar, e, como muitas vezes ela brinca com extrema dedicação”.

Ao analisarmos os questionários, verificamos que uma média de 18% (16 respondentes) assinalou neste gráfico a opção ler; sobre esse dado, acreditamos que ainda não seja o ideal, no entanto, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, edição 2012 e publicada no Portal G1 em março de 2012, apontou que 14% das crianças de 5 a 10 declararam ter lido um livro nos últimos três meses. Ainda que os números apresentados na presente pesquisa sejam pequenos, os dados levantados pelos questionários pelo menos oferecem um parâmetro para questionarmos a afirmação comum de que as crianças, principalmente as que freqüentam escolas públicas, não gostam de ler e não costumam fazê-lo em suas casas.

Gráfico 10 - Relacionamento das crianças com as pessoas.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

No que se refere ao relacionamento com outras pessoas, os dados do gráfico nº 10 informam que pouco mais de 81% (74 respondentes) das crianças se relacionam bem com outras pessoas e apenas 2% (2 respondentes) declararam que suas crianças se relacionam mal com outras pessoas. Tivemos também 15% (13 respondentes) que assinalaram a opção “Mais ou menos” e 2% (2 respondentes) não responderam a esta questão.

Diante do que já foi apresentado em relação às condições socioeconômica e culturais destas crianças, entendemos que são dados relativamente positivos, tendo em vista que, a

nosso ver, uma vida social ativa, em que a criança possa desenvolver atividades lúdicas e diversificadas, mantendo uma rotina de lazer com certa frequência, pode favorecer significativamente na melhoria da autoestima, do bom humor e, consequentemente, das relações sociais.

Gráfico 11 - Satisfação da criança em ir à escola.



Fonte: Questionários respondidos pelos pais ou responsáveis.

No gráfico 11, verificamos que 89% das crianças gostam de ir para a escola, uma estatística que, para nós, é motivo de muita alegria. Por outro lado, nos faz refletir e questionar se a escola para estas crianças não tem representado um lugar de refúgio, tendo em vista os diversos casos de alunos que vivenciam em seu cotidiano situações de risco, como: o fato de um aluno (2013) que, segundo o que nos foi passado pela equipe pedagógica da escola, a mãe separou-se do pai, e ele, não aceitando a separação, tem ameaçado voltar na casa e colocar veneno na comida de todos, inclusive dos filhos. Temos também vários casos na escola de crianças que já sofreram abusos sexuais por parte de adultos, inclusive de seus responsáveis, e outras tantas que suspeitamos serem molestadas em seu ambiente doméstico. Assim como, temos também crianças que nos relataram terem presenciado o assassinato do pai, a tentativa de homicídio entre os pais, crianças que viram a irmã cometendo suicídio ao colocar fogo no corpo, dentre outros casos. Nessa perspectiva, acreditamos que a escola possa representar, para estas crianças que vivenciam situações tão conflitantes, um espaço de segurança.

Contudo, cremos também que a Escola Municipal Jardins de Monet possui alguns atrativos para que os alunos possam gostar de ir pra lá. Inclusive por ser um ambiente onde há várias crianças e adultos e que oferece atividades diversificadas, tais como: aulas em laboratório de informática, leitura e vídeos na biblioteca, brincadeiras no quiosque e pátio, passeios fora da escola.

Em suma, após tabularmos e analisarmos as respostas obtidas nos questionários respondidos pelos pais ou responsáveis, concluímos que nossas crianças, na sua maioria, moram em casas próprias, de alvenaria, com pai e mãe morando na mesma residência, inclusive, com a possibilidade de a mãe ter uma presença mais constante na vida das crianças. Verificamos também que grande parte dos nossos alunos vivencia seu cotidiano com outras crianças, sendo que, na maior parte do tempo, a sua ocupação fora da escola é assistir televisão e brincar. Em média, $\frac{3}{4}$ das crianças estão matriculadas no ano correspondente à sua idade e, em poucos casos, já houve abandono escolar. Outra constatação foi o fato de grande parte das crianças não ter problemas de relacionamento e, por fim, a satisfação de termos tido a informação de que praticamente todas as crianças gostam de ir para a escola.

3 UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE ARTE: da missão artística francesa as escolas municipais de Uberlândia

Desde a origem do homem, ele olha o mundo ao seu redor e representa-o, à sua maneira, num processo de produção artística individual e/ou coletiva. Com isso consegue expressar, através de sua arte, significados que o constitui como sujeito atuante em determinado espaço e tempo.

Ao analisarmos as diferentes representações da natureza criadas pelo homem - pintura, escultura, desenho, dentre outras -, percebemos a diversidade de olhares e de significados presentes nestas produções artísticas. Compreendemos também que a arte tem acompanhado e refletido os diversos acontecimentos mundiais e, neste sentido, acreditamos que ela tem se constituído num importante meio ou recurso de expressão de sentimentos, sensações e ideologias.

Ao longo dos tempos, os conhecimentos artísticos foram socializados de diversas maneiras, variando de acordo com as tradições de cada povo e época. Contudo, a transmissão dos conhecimentos artísticos que permeiam este processo de maneira sistematizada e dentro de instituições de ensino é algo recente, como afirma Osinski (2001),

As origens da arte coincidem com as do próprio homem. Mas a história do ensino de arte sistematizado, ocorrendo em instituições organizadas, é algo relativamente recente na história da humanidade. Desde os tempos mais remotos, os conhecimentos artísticos eram transmitidos pela tradição, situação esta que perdurou, desde o período Paleolítico, palco das primeiras manifestações artísticas, até o Renascimento (p. 11).

Buscando entender melhor a Arte, no que se refere ao processo de transmissão dos conhecimentos artísticos a partir de um ensino sistematizado e dentro de instituições educacionais em nosso país, neste momento da pesquisa, tomamos como objeto de nosso estudo o Ensino de Arte. Assim, adotamos como ponto de partida deste trabalho a chegada da Missão Artística Francesa no Brasil até os dias atuais, nas escolas municipais de Uberlândia.

O ensino sistematizado de Artes Visuais em nosso país iniciou-se nas primeiras décadas do século XIX, com a vinda da Missão Artística Francesa, que valorizava o ensino

acadêmico baseado nos valores neoclássicos¹², na cópia fidedigna e na utilização dos modelos estéticos da Europa (UBERLÂNDIA, 2003, p. 14).

No ano de 1808, Dom João VI, fugindo de Napoleão Bonaparte, ancora no litoral brasileiro. Oito anos depois, em 1816, funda no Rio de Janeiro a Academia Imperial de Belas Artes e traz para o Brasil artistas franceses, os quais, para Araújo (2008, p. 50), “[...] vieram introduzir o ensino acadêmico com todas as suas regras, fazendo predominar o aprendizado convencional em detrimento da criatividade, da expressividade emocional e do espontaneísmo”. Sobre este fato, Taunay (1983) comenta:

Quando D. João, príncipe regente de Portugal, se viu compelido a refugiar-se no Brasil, escreve, o Rio de Janeiro, agora capital da monarquia portuguesa, necessitava de estabelecimentos de educação que completassem iniciativas levadas a cabo desde 1808. [...] Resolveu, assim, contratar na Europa, em 1815, um grupo de artistas e artífices que no Brasil viesse fundar uma escola de “Ciências, Artes e Ofícios” (p. 09-10).

Porém, há de se destacar que a intenção dos colonizadores não era de criar uma nova cultura no país, mas sim trazer a cultura européia para cá, tendo em vista a vinda da família real para o Brasil. Para Sousa (2006, p. 41), “A Academia de Belas Artes era uma escola de educação superior voltada para a formação de artistas e tinha como paradigma estético as linhas retas e puras da Arte Neoclássica”.

Ocorreu naquele período uma sobreposição das ideias neoclássicas a qualquer outro tipo de arte que fugisse dos padrões do neoclassicismo, o que desencadeou um distanciamento entre a arte e o povo, ou seja, o modelo neoclássico foi totalmente absorvido pela elite brasileira.

Enfim, percebemos que a implantação de um sistema de Ensino de Arte no Brasil não levou em consideração os desejos e as necessidades nacionais, mas sim os interesses da Coroa Portuguesa. Não houve, por parte do Império, uma valorização dos artistas locais e tampouco do barroco brasileiro. Outro aspecto quanto ao Ensino de Arte no Brasil daquele período é citado nas Diretrizes Básicas do Ensino de Arte (UBERLÂNDIA, 2003),

No século XIX, as discussões sobre a importância dos conhecimentos artísticos para a indústria, geradas pelas transformações tecnológicas, trouxeram para o ensino de arte a necessidade da adoção de uma metodologia que estivesse a serviço da produção industrial (p. 12).

¹² A Arte Neoclássica ou Neoclassicismo é um estilo artístico nascido na Europa no século XVIII, onde as criações neoclássicas apresentavam harmonia e beleza, tendo como base os princípios estéticos das artes grego-romana.

Percebemos que a arte até então não teve uma finalidade em si mesma; se, num primeiro momento, serviu como transposição da cultura européia para o Brasil, em outro, serviu como um instrumento a serviço da produção industrial. Fato é que em nenhum instante o potencial criativo e a expressividade dos sujeitos foram cogitados.

Temos, no final do século XIX, o desencadeamento de significativas transformações de ordem tecnológica, política, econômica e social. Em meio ao turbilhão de fatos que se descontinavam no cenário brasileiro daquela época, na cultura, vemos florescer o pensamento romântico que, ao mesmo tempo em que defendia a valorização dos sentimentos, combatia a racionalidade absoluta e não via sentido algum no ensino artístico das academias. A opção feita pelos artistas românticos pautou-se na busca do natural, da pintura ao ar livre e do contato com a natureza como fonte de inspiração.

Se, por um lado, os artistas românticos aproximavam-se do ambiente natural como forma de potencializar suas obras, conforme seus ideais estéticos, por outro lado, o fervor industrial crescia a pleno vapor. Isso acarretou a supressão dos artesãos, já que a fabricação em série ganhou força em detrimento da produção artesanal.

Desse modo, aquele trabalho manual que normalmente era transmitido de pai para filho, que estreitava laços familiares e servia como forma de sobrevivência da família, com o advento das máquinas e do fomento do mercado, acabou sendo sufocado pela indústria. A crescente industrialização também se refletiu nos bancos escolares. Osinski (2001) comenta que:

A consciência da necessidade de preparar o homem para a convivência proveitosa com a máquina gerou, no âmbito escolar, a difusão de uma metodologia do ensino de arte com conteúdos rígidos que privilegiava o ensino do desenho, muitas vezes geométrico, onde a técnica e a cópia imitativa eram as estratégias mais frequentes utilizadas para transmitir os conhecimentos. O desenho era visto, segundo algumas correntes, como o Positivismo de Augusto Comte, como um meio eficaz de desenvolver a mente para o pensamento científico, atuando também, de acordo com teóricos liberais como Spencer e Walter Smith, como um importante instrumento auxiliar na preparação de mão-de-obra para a produção industrial (p. 52).

Nessa perspectiva, as metodologias utilizadas para o Ensino de Arte no Brasil foram postas a serviço da produção industrial, uma vez que os ideais capitalistas ditavam o ritmo da sociedade. Como a demanda por mão de obra era grande e o desenvolvimento industrial avançava, a escola passou a ser um terreno fértil para a preparação dos futuros operários.

Porém, com a virada do século XIX e a chegada do século XX, a valorização da expressividade do artista, suscitada pelas vanguardas artísticas, e a descoberta da criança, por

meio dos estudos de Piaget, instigaram reflexões e discussões quanto à necessidade de se rever o modelo de ensino até então implantado a fim de atender a demanda industrial. A nova proposta pedagógica para o Ensino de Arte que surge no início do século XX, tem como característica promover uma educação mais criativa. Nasce uma nova concepção metodológica que visava à superação tanto do modelo tradicional das academias quanto aquela formação promovida pelo ensino pragmático, que teve como ápice o desenho geométrico. Neste novo panorama educacional, o Ensino de Arte no Brasil sofreu algumas influências, inicialmente, pelo movimento de Arte Moderna de 1922.

No cenário artístico brasileiro, tivemos dois expoentes do modernismo, Mário de Andrade e Anita Malfatti, que tiveram como foco em seus trabalhos a livre-expressão da criança e a valorização da arte infantil. A iniciativa de ambos de olhar para a produção da criança, de maneira investigativa, por parte do Mário de Andrade, e pela inovação de métodos e concepções da arte infantil, por parte de Anita Malfatti, acabou despertando a curiosidade e o interesse de alguns intelectuais, como: Fernando de Azevedo, Osório César e Flávio de Carvalho. Sobre esta questão, Silva e Araújo (2007) comentam:

Os modernistas Mário de Andrade e Anita Malfatti desempenharam um papel fundamental na introdução das idéias da livre-expressão do ensino de arte para as crianças, através da implementação de novos métodos baseados na valorização da expressão e da espontaneidade da criança (p. 6-7).

Nesse contexto, o sistema de ensino brasileiro se fundamentava nos ideais da Escola Nova - um movimento de renovação do ensino que surge em 1882 na Europa e Estados Unidos -, que ganhou força no Brasil só a partir de 1930, após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Este documento defendeu a universalização da escola pública, laica e gratuita. Dentre os pioneiros deste movimento, destacam-se: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Cecília Meireles e Armando Álvaro Alberto.

A Pedagogia Nova prevaleceu no Brasil de forma mais consistente até 1970, tendo como princípio dois pilares, a expressividade e a espontaneidade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998),

As aulas de Desenho e Artes Plásticas das Escolas Experimentais e Vocacionais (em São Paulo), além de outros centros brasileiros, assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de Artes Plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na auto-expressão dos alunos (p. 24 - 25).

No Brasil, este modelo educacional teve como fonte principal os ideais de John Dewey e Viktor Lowenfeld. Por sua vez, o filósofo inglês Herbert Read, além de corroborar esta nova concepção de ensino, insere nesta teoria a “Educação pela Arte”, influenciando, assim, alguns profissionais da educação em nosso país; por exemplo, o artista plástico e arte-educador Augusto Rodrigues, que, aderindo ao movimento da “Pedagogia Nova”, inaugura em 1948 uma “Escolinha de Arte”, no Rio de Janeiro.

A concepção de Educação pela Arte, segundo França (2006):

[...] ganhou uma aliada importante, quando em 1949, Noemí Varela, arte-educadora, tomou conhecimento da proposta de Augusto Rodrigues e passou a investir na Arte-educação, defendendo a presença significativa da arte na vida da criança, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento sensível e cognitivo (p. 38).

Esta metodologia de ensino sofreu, por parte de alguns estudiosos, inúmeras críticas e “[...] produziu também alguns equívocos, que resultaram no Ensino de Arte em um livre fazer, sem que o professor fosse o mediador no processo ensino-aprendizagem com o aluno”, (FRANÇA, 2006, p. 37). Ainda sobre esta questão, Osinski (2001) explica que:

Numa época de posicionamentos radicais, coube a John Dewey, com suas argumentações bem colocadas, fazer o papel de mediador, apontando alternativas viáveis e consistentes para a educação em geral e para o ensino de arte em particular. No entanto, interpretações equivocadas fizeram com que sua pedagogia da experiência fosse erroneamente confundida com a livre expressão, conceito por ele mesmo combatido como desprovido de sentido na sua acepção pura. Sua luta foi para que, por meio da experiência vivida, o conhecimento fosse cada vez mais valorizado e melhor assimilado (p. 70).

Equívocos quanto à pedagogia idealizada por Dewey e Lowenfeld culminaram, certamente, no descrédito desta concepção de ensino. Por exemplo, a omissão dos professores em relação às suas responsabilidades de educadores, pois, ao munir os alunos de materiais e instrumentos em suas aulas, esperavam que as crianças por si mesmas respondessem às propostas e atividades escolares, sem que para isto houvesse qualquer tipo de intervenção pedagógica. Entretanto, ainda nos é possível perceber, com certa frequência, tais atitudes metodológicas nos dias atuais, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Contrapondo à “Pedagogia Nova”, em meados do século XX, constitui-se uma Pedagogia Tecnicista e, particularmente, de 1960 e 1970, no Brasil. Segundo Ferraz e Fusari (1999),

Na “Pedagogia Tecnicista”, o aluno e o professor ocupam uma posição secundária, porque o *elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso*. Orientados por uma concepção mais mecanicista, os professores brasileiros entendiam seus planejamentos e planos de aulas centrados apenas nos objetivos que eram operacionalizados de forma minuciosa. Faz parte ainda desse contexto tecnicista o uso abundante de recursos tecnológicos e audiovisuais, sugerindo uma “modernização” do ensino. Nas aulas de Arte, os professores enfatizam um “saber construído” reduzido aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados [...] (p. 32, grifos do autor).

Na Pedagogia Tecnicista temos a figura do professor e do aluno em segundo plano e o foco do trabalho educativo passa a ser o uso de apostilas e livros que darão ênfase às técnicas e aos recursos audiovisuais. Para Lara (2011, p. 24), “nesta proposta o objetivo é o produto final, que deve ser confeccionado passo a passo, de forma homogênea, sem possibilidade de expressão individual”.

Temos, então, que, até o ano de 1970, a história do sistema educacional brasileiro teve como pano de fundo algumas tendências pedagógicas, tais como a Pedagogia Tradicional (conservadora), a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. Porém, após 1964, a Ditadura Militar extinguiu as Escolas Experimentais, fazendo com que as tendências clássicas, espontaneísta e tecnicista se mesclassem nas escolas públicas. A partir de 1960, os educadores, ao discutirem as reais contribuições da escola no que se refere ao processo ensino-aprendizagem, acabaram gerando novas teorias que tinham como princípio uma educação conscientizadora.

Entre os anos de 1961 e 1964, surge no Brasil um importante trabalho educacional desenvolvido por Paulo Freire. Esta nova concepção de ensino, que nos dias de hoje se insere numa perspectiva de consciência crítica da sociedade, desencadeou naquele momento uma grande repercussão política, devido ao seu método revolucionário de alfabetização de adultos.

Paulo Freire tinha como aporte em seu trabalho o diálogo entre educador-educando e, através deste encontro, pretendia desenvolver a consciência crítica do aluno. Tal proposta de ensino é retomada no Brasil a partir de 1971 e reconhecida hoje como uma Pedagogia Libertadora, preocupada que está não somente com o processo de ensinar-aprender, mas também com a humanização da sociedade. Segundo Sousa (2006),

No fim da década de 1960, o ensino de arte que acontecia em escolas especializadas, ou seja, fora da escola formal, recebeu algumas influências das concepções de educação de Paulo Freire, no sentido de orientar o trabalho com a arte para a intervenção no contexto social e para a libertação dos sujeitos pela conscientização sobre a realidade (p. 50-51).

Através desta concepção de educação, entendemos que a arte passa a ter também uma conotação social, a Arte passa a ser considerada também como uma maneira de o aluno perceber melhor o seu cotidiano e, através da conscientização, transformar sua realidade.

Somente a partir de 1971, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71, o Ensino de Arte passa a ser obrigatório no currículo escolar de 1º e 2º graus. Conforme Silva e Araújo (2007),

Na realidade, a referida Lei, no campo do ensino da arte, caracterizou-se como uma ação não planejada, pois, as atividades eram desenvolvidas, apenas, para cumprir as formalidades e ocupar os horários, sendo ministradas por professores de outras áreas que não compreendiam o significado da Arte na Educação. É necessário destacar, que diferente das outras concepções de ensino de arte, não encontramos em nossos estudos registros históricos ou conceituais de uma matriz teórica que a fundamentasse. Na realidade, essa concepção é a maior expressão da presença do tecnicismo pedagógico no ensino de arte. Apesar de uma trajetória conceitual curta, a concepção de ensino da arte como atividade cristalizou no ensino de arte diferentes práticas pedagógicas, que encontramos, ainda hoje, nas escolas brasileiras, tais, como: (1) cantar músicas da rotina escolar e/ou o canto pelo canto; (2) preparar apresentações artísticas e objetos para a comemoração de datas comemorativas; (3) fazer a decoração da escola para as festas cívicas e religiosas; entre outras (p. 10).

Porém, nos anos 70, o Ensino de Arte encontrava-se voltado para atividades práticas que tinham como proposta o desenvolvimento de habilidades técnicas e trabalhos manuais. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.26, grifos dos autores), “ [...] a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada ‘atividade educativa’ e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento”.

Contudo, ainda que houvesse a exigência legal do Ensino de Arte nas escolas, nenhuma universidade no país oferecia cursos de formação para os professores de Educação Artística. Devido à demanda, o governo federal criou em 1973 a graduação em Educação

Artística, na modalidade de Licenciatura Curta¹³, a qual teve como característica formar professores polivalentes. Conforme as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte (UBERLÂNDIA, 2010, p.15), “Estes professores refletiam em seu ensino e aprendizagem duas tendências antagônicas: ou a aprendizagem técnica e reprodutiva ou o fazer expressivo e espontâneo dos alunos, situação esta que marcou profundamente a imagem do Ensino de Arte no Brasil”.

Outro fato que constatamos é que não havia naquele momento histórico do sistema de educação brasileiro, nem por parte dos educadores, tampouco das instituições de ensino, preocupação no que se refere à formação continuada dos professores em exercício. Possivelmente tal desinteresse deveu-se à precariedade dos cursos de pós-graduação daquela época. Entretanto, neste momento delicado da educação no Brasil, o Ensino de Arte contou com a preocupação e o trabalho de profissionais como Augusto Rodrigues e Noêmia Varela ao chamar a atenção para a necessidade de existir um arcabouço teórico que fundamentasse a prática docente em Arte, tal como esclarece França (2006):

Tanto Noêmia Varela quanto Augusto Rodrigues posicionaram-se nesse percurso como pessoas de uma clareza política, intelectual e uma visão de educação cujas perspectivas conceituais perduram até hoje. Nesse sentido, repercute a preocupação efetiva e a estruturação de cursos de formação de professores com a consciência de que o ensino de Artes necessita de fundamentação teórica densa para o saber/fazer de mestres e alunos, para que se possa discutir e reelaborar o conhecimento (p. 40).

Nesse aspecto, entendemos como relevante a preocupação de Noêmia Varela e Augusto Rodrigues por acreditar que sem o conhecimento em relação às especificidades do Ensino de Arte, bem como de suas concepções metodológicas, corre-se o risco de promover uma prática docente equivocada, empobrecida e desvinculada da realidade, o que acarreta prejuízos no processo de ensino e aprendizagem de Arte.

A partir da década de 1980, surgiu no contexto do Ensino de Arte um movimento denominado de arte-educação que preconizava a organização dos professores de Arte e tinha como objetivos iniciais a conscientização e a integração de profissionais tanto da educação formal como não-formal. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998):

¹³ Licenciatura curta eram cursos de ensino superior que tinham uma duração de dois anos, o objetivo destes cursos era a formação de professores que pudessem ensinar conteúdos das quatro modalidades artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Esse movimento denominado arte-educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre o compromisso, a valorização e o aprimoramento do professor, e se multiplicassem no país as novas idéias, tais como mudanças de concepções de atuação com arte, que foram difundidas por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares (p. 28).

Consideramos que a década de 1980 foi marcada por lutas políticas e constantes debates teóricos e trouxe significativas contribuições para o Ensino de Arte no Brasil. Em especial, destacamos que, no ano de 1983, quando Ana Mae Barbosa dá uma nova roupagem ao Ensino de Arte no Brasil, ao conceber e sistematizar a Proposta Triangular, que além de enfatizar a importância do fazer artístico, preconiza leitura de imagem e contextualização da obra de arte no processo de ensinar-aprender Arte.

Esta abordagem metodológica partiu de três influências: As *Escuelas al Aire Libre* do México, o *Critical Studies* da Inglaterra e o *DBAE* (Discipline-Based Arts Education) desenvolvido nos Estados Unidos. Para Sousa (2006),

[...] a Proposta Triangular é uma abordagem metodológica que representa uma preocupação em instrumentalizar o professor de Arte para realizar uma leitura artística e humanizadora das imagens, ao mesmo tempo em que reflete uma concepção de ensino que compreende a arte na educação como conhecimento, expressão pessoal e como cultura. Nessa proposta, a imagem torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como nos sentimos, sendo que o ensino da arte torna-se importante instrumento para a identificação e o desenvolvimento cultural, compreendendo a leitura como interpretação cultural (p. 63-64).

Tivemos no ano de 1988 a promulgação da Constituição no país e, em meio a este marco político, inicia-se as discussões para a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que foi sancionada no dia 20 de dezembro de 1996.

Nesse aspecto, França (2006, p. 43) considera que a década de 1990 “[...] foi um marco articulador para uma nova dimensão do Ensino de Arte no contexto da educação escolar. A LDB 9.394/96 colaborou para que a arte se fizesse presente na educação, tornando-se uma das áreas do saber [...]”.

Após a LDB 9394/96, tem-se a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para as diversas áreas do conhecimento, tais como: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, Educação Física e Arte, bem como a apresentação dos Temas Transversais Ética, Meio Ambiente e Saúde e, por fim, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

Ressaltamos que para a elaboração do PCN/Arte foi utilizada, entre outras tendências, a Proposta Triangular concebida por Ana Mae Barbosa, confirmado a relevância desta abordagem metodológica para o referido ensino. Tal como é esclarecido nas Diretrizes Básicas do Ensino de Arte:

A Proposta Triangular foi tomada como referência nos PCNs da área de Arte (1997 e 1998) e, somada às tendências multiculturalistas e de projetos educativos, tem norteado práticas docentes e debates teórico-conceituais nas várias instâncias e níveis educacionais nos quais o ensino de arte está presente. Nos últimos dez anos, as pesquisas de pós-graduação e os eventos científicos na área de arte têm se intensificado e ampliado discussões sobre currículo, culturas, novas tecnologias, interdisciplinaridade, formação e atuação docente, visando à construção de conhecimentos para o ensino-aprendizagem em Artes coerente com a contemporaneidade (UBERLÂNDIA, 2010, p. 15).

Certamente, a Proposta Triangular elaborada por Ana Mae Barbosa teve uma expressiva repercussão positiva no Ensino de Arte em nosso país. No entanto, acreditamos que as contribuições práticas e teóricas de alguns profissionais - Mário de Andrade, Anita Malfatti, Augusto Rodrigues, Noêmia Varela, dentre outros - também contribuíram, ao longo da história do Ensino de Arte na educação brasileira, para significativos avanços conceituais e metodológicos.

É possível perceber tais conquistas quando analisamos as duas Leis de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil. A nosso ver, se na LDB nº 5692/71 a arte era considerada uma “atividade educativa” e não uma disciplina, na LDB nº 9394/96, o Ensino de Arte é tido como uma das áreas do conhecimento. Esta mudança de concepção seguramente foi uma conquista a ser creditada aos professores que se organizaram e se dispuseram aos debates e reflexões sobre o Ensino de Arte, ao longo da história do sistema educacional brasileiro. Sobre esta questão, Araújo (2008, p. 91) cita que, “Os encontros para estudos, reflexões, foram de grande importância, não só no início, pois continua sendo um dos principais momentos e espaços para definições e posicionamentos políticos [...]”. Além disso, Silva (2008) acrescenta que

A preocupação com o ensino da arte não foi apenas nacional, a década de 1990, trouxe a nível mundial, diversas discussões e projetos voltados à arte, em especial através da Unesco. A ampliação do interesse da Unesco para o ensino da arte pode ser observada nas duas últimas décadas do século XX. Essa agência como as demais do Banco Mundial, refere-se à educação e a arte de acordo com a divisão de setores: Europa e América no Norte, Ásia, África; Caribe e América Latina. Na 30ª sessão da conferência geral da Unesco, em

novembro de 1999, decidiu-se criar o Lea Internacional, um portal sobre arte e educação, com objetivo de organizar o contato entre pesquisadores e professores dos diferentes países. O primeiro passo tomado nessa direção foi a elaboração de estudos e pesquisas para serem discutidos posteriormente num Congresso Mundial sobre a arte. O Congresso “World Conference on Arts Education”, foi realizado em março de 2006, em Lisboa e intitulado “Building Creative Capacities for the 21st Century” (Construindo capacidades criativas para o século XXI). Outros eventos foram organizados em diferentes regiões do mundo, entre estes, a “Conferência de Arte Educação na América Latina e Caribe”, em Uberaba-MG, de 16 e 19 de outubro de 2001 (p. 04).

Desse modo, verificamos que os interesses políticos internacionais também estiveram por trás das significativas transformações educacionais do nosso país a partir da década de 1990. Não desconsideramos que as parcerias e políticas educacionais, quando em consonância com as realidades e necessidades do cotidiano escolar, também podem trazer frutos positivos para o processo ensino-aprendizagem. No entanto, vale ressaltar, que, a nosso ver, o professor ainda continua sendo o principal instrumento de transformação da educação, já que o educador é aquele que está, diariamente, em contato direto com o educando, assim, por meio das suas ações, intervenções e relações com os alunos, é que as aprendizagens podem se consolidar. De acordo com Barbosa (2008, p. 50), a tarefa do professor de Arte é “oferecer a comida que alimenta o aprendiz é também organizar pistas, trilhas instigantes para descobertas de conhecimentos, pelos alunos e visitantes, alimentando-se também.”

Em relação à citação de Barbosa (2008, p. 50), destacamos que no Ensino de Arte na rede municipal de Educação de Uberlândia, os professores de Arte têm buscado alimentar-se através das suas próprias experiências docentes e no diálogo com seus pares.

Teoricamente, o Ensino de Arte surge no cenário educacional da rede municipal de Uberlândia a partir de 1989, por meio de um projeto de arte-educação, que teve como idealizadora a professora de Educação Artística Cesária Alice Macêdo (SÁ, 2007, p. 110). A primeira escola municipal na zona urbana a oferecer o Ensino de Arte foi a Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha. Conforme Macêdo (2003) esclarece:

A Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha, situada no bairro Jardim Brasília, foi a escolhida para o início do projeto, por se tratar da única escola de Ensino Fundamental de zona urbana. Começar pela zona rural seria impossível, considerando o número de 13 (treze) escolas ser incompatível com o número reduzido de professores, apenas dois disponíveis para atuarem, antes da realização do 1º concurso (p. 52).

Atendendo à LDB nº 5692/71, que estabelecia a obrigatoriedade da disciplina de Educação Artística nas escolas, o projeto de arte-educação desenvolvido na Escola Municipal

Afrânio Rodrigues da Cunha surge como marco inicial da inclusão do Ensino de Arte no município de Uberlândia. Entretanto, este projeto, segundo as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte “superou as orientações de um ensino de arte polivalente, estando em consonância com o movimento de arte-educadores que acontecia em âmbito nacional, reivindicando o reconhecimento da disciplina como área do conhecimento” (UBERLÂNDIA, 2010, p.8).

A década de 1990 acena para o surgimento de significativas conquistas e propostas para o Ensino de Arte no Brasil, em especial, na Rede Municipal de Educação de Uberlândia. De acordo com Macêdo (2003),

Estas propostas traduzem os anseios e as experiências de *Arte-educadores* de todo o país que, a despeito de sua formação, buscam novos paradigmas para o ensino da Arte, partindo de suas próprias experiências e das concepções pós-modernas de Arte-educação. Estas concepções consideram a Arte como cognição que implica reflexão, crítica e compreensão histórica, social e cultural da Arte nas sociedades (p. 39, grifos da autora).

No ano de 1990, a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia (SME) contava com 14 (quatorze) escolas de ensino fundamental, destas, apenas 1 (uma) se localizava na zona urbana. Naquela época, havia também no perímetro urbano 7 (sete) instituições municipais de ensino que ofereciam a pré-escola, com um total de 5.670 alunos matriculados naquele ano (MACÊDO, 2003, p. 49). Ainda no ano de 1990, conforme Diretrizes Básicas do Ensino de Arte:

[...] foram realizados dois concursos sendo que no primeiro somente a Professora Cesária Alice Macêdo tomou posse e assumiu a elaboração de um projeto de Ensino de Arte na Rede Municipal. Somente após o segundo concurso é que se iniciou então, com cinco professores na zona rural e urbana, a implantação sistematizada de uma Proposta de Ensino de Arte (UBERLÂNDIA, 2003, p. 8).

No decorrer do ano de 1990, segundo Sousa (2006), “O Projeto de Arte-Educação foi reformulado e encaminhado à SME como proposta que incluía o Ensino de Arte na estrutura curricular das escolas municipais”; fato que culminou, no ano de 1991, na ampliação deste projeto para todas as escolas municipais, tanto na zona rural quanto na zona urbana (FRANÇA, 2006, p. 45).

Além da ampliação do projeto Arte-educação a todas as escolas municipais, segundo as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte “em 1991, com a ampliação do número de escolas da

Rede Municipal foi realizado mais um concurso, sendo aprovados vinte e cinco professores com formação em Artes Plásticas” (UBERLÂNDIA, 2003, p. 8).

Um grande marco para a Educação em Uberlândia surge com a inauguração do CEMEPE - Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz -, no ano de 1991, pela Secretaria Municipal de Educação, para suprir a ausência de um espaço de formação e capacitação dos professores e profissionais da educação.

Acreditamos que uma característica, positiva, que o grupo de professores de Arte em Uberlândia traz consigo desde a sua constituição no cenário educacional do município, de 1990 até o momento atual, é o desejo e a luta constante por espaços e momentos de trocas de experiências. Neste aspecto, Silveira (2007) comenta:

Apesar das ações político-administrativas implementadas em 1992 desfavorecerem os encontros semanais dos professores da área de Arte, estes, mediante o seu compromisso com a Proposta de Arte-Educação estruturada, conseguem manter seus propósitos e resistir aos contratempos impostos, e mesmo enfrentando questões políticas e econômicas adversas (como, por exemplo, a retirada da remuneração para as suas reuniões de estudo), o grupo de professores de Arte realiza em 1993, com o apoio da direção do CEMEPE, o 1º Salão de Arte das Escolas Municipais de Uberlândia (p. 52).

O 1º Salão de Arte em Uberlândia foi montado com trabalhos de alunos de praticamente todas as escolas do município; na ocasião, tal Mostra foi estruturada em três categorias por faixas etárias e, por meio da colaboração de empresas privadas, houve a premiação para 1º, 2º e 3º lugares conforme cada categoria (MACÊDO, 2003, p. 64).

Em meio aos crescentes avanços no Ensino de Arte em Uberlândia, surge, no ano de 1994, uma falta de professores de Arte para atender à demanda da Rede Municipal de Ensino. Com isso, algumas escolas optaram pela diminuição da carga horária semanal de 2 (duas) aulas semanais de 50 minutos cada, para apenas 1 (uma) aula semanal de 50 minutos (UBERLÂNDIA, 2003, p.8); situação que permanece, ainda, em algumas escolas municipais de Uberlândia e que também encontramos ao assumir o cargo de professor de Arte no ensino regular da Escola Municipal Jardins de Monet, tal como descrito anteriormente.

Os entraves burocráticos e desinteresses políticos têm sido fortes obstáculos na construção e efetivação de uma educação de qualidade social significativa para os educandos e os educadores. Para Silveira (2007),

Ainda nesse mesmo ano (1994), embora as políticas públicas vigentes desfavorecessem os encontros entre os educadores da Rede Municipal, um pequeno grupo de professores de Arte resiste à desmobilização e, apesar de enfrentar diversas pressões advindas da administração das escolas, resolve retomar as reuniões na sua área de ensino, reunindo-se quinzenalmente no CEMEPE. Desse modo, mesmo sem receber qualquer remuneração extra, esse grupo organiza o 2º Salão de Arte das Escolas Municipais, confirmando o desejo de manter os seus encontros e explicitar a importância do Ensino de Arte na Rede Municipal, dando-lhe mais uma vez um lugar de destaque (p. 53).

Nos dias atuais, o grupo de professores de Arte realiza esses encontros no CEMEPE, quase sempre quinzenais. Entretanto, vale ressaltar que, a nosso ver, há neste grupo três tipos de situações:

- Professores de Arte que mantém um vínculo bem estreito com a formação continuada e conservam-se afinados com a proposta do grupo e estão sempre presentes nas ações e planejamentos da área de Arte;
- Professores de Arte que optam por não participar dos encontros do CEMEPE, das atividades propostas ou qualquer outra ação desenvolvida pela área de Arte do município de Uberlândia;
- Professores de Arte que oscilam quanto a sua participação e frequência nestes encontros do CEMEPE.

Porém, é preciso levar em consideração que, em muitos casos, a ausência destes profissionais não se deve a má vontade e/ou falta de interesse. Cabe lembrar que há no grupo de professores de Arte em Uberlândia um expressivo número de docentes que trabalham também em escolas estaduais e particulares e que, nesses casos, quase sempre, nos dias em que acontecem as reuniões no CEMEPE, eles estão desenvolvendo suas atividades docentes em outras instituições de ensino, o que o impossibilita a sua presença nas reuniões.

Esta última situação foi algo que vivenciamos praticamente em quase todos os anos da nossa prática docente, desde 1994. Nesse aspecto, desejamos fazer uma observação quanto à fala de Silveira (2007):

[...] tomamos como referência a presença dos professores em pelo menos metade das reuniões, o que para nós demonstra uma participação mínima no grupo e um [des]interesse pelas questões da Arte na Rede Municipal de Ensino e por sua formação continuada (p.95, acréscimo nosso).

Acreditamos que, assim como em nosso caso, também outros professores de Arte desejaram participar das reuniões de formação continuada no CEMEPE e, se não foi possível estar presente no grupo, não foi por desinteresse pelas questões da Arte na Rede Municipal de Ensino e muito menos pela formação continuada.

Retomando a trajetória em relação ao Ensino de Arte no município de Uberlândia, destacamos que foi realizada uma Mostra de Experimentação em Arte na praça interna da Câmara Municipal de Vereadores de Uberlândia no ano de 1995 - tal evento foi organizado pelo CEMEPE -, porém, por decisão dos próprios professores de Arte, daquela vez não houve classificação dos trabalhos apresentados e nem qualquer tipo de premiação (Tinoco; França; Sousa; Campos e Vannucci, 2003, p. 19).

Temos também que no ano de 1995, a professora Doutora Maria Lúcia Batezat Duarte¹⁴, naquela ocasião, docente do Curso de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, orientou e coordenou os trabalhos de um grupo de 10 (dez) professores de Arte. Em conjunto, esses docentes elaboraram uma Proposta Curricular para a área de Arte, com o intuito de sistematizar e unificar este ensino em nosso município (UBERLÂNDIA, 2003, p. 8-9). A elaboração deste documento refletiu-se nos encontros de formação continuada dos professores de Arte no CEMEPE. Como nos esclarece Sousa (2006),

Com o término da elaboração das Propostas Curriculares para o Sistema Municipal de Educação, no final de 1996, e pensando na implementação da Proposta Curricular de Educação Artística nas escolas, ficou clara a necessidade de que a totalidade dos 85 professores que compunham o quadro de professores de Arte da Rede Municipal participasse de reuniões para estudos, a fim de compreenderem a estrutura e fundamentação da Proposta Curricular que havia sido elaborada. Para tanto, a SME manteve a assessoria da professora Maria Lúcia, mas o retorno das reuniões do Grupo de Estudos de Professores de Arte do CEMEPE, contando com a participação aberta a todos os professores de Arte da Rede Municipal de Ensino, só voltaria a acontecer no início de 1997 (p. 123).

Contudo, o grupo de Arte não se acomodou em relação às suas constantes lutas em favor de um Ensino de Arte com qualidade. Mesmo não havendo reuniões de formação continuada no CEMEPE, durante o ano de 1996, momento em o país passava por significativas transformações legais em seu sistema de ensino, tendo em vista a aprovação da nova LDB nº 9394/96, o grupo de professores de Arte, naquele contexto da educação

¹⁴ Professora Doutora em Artes, na época, docente do Curso de Artes da Universidade Federal de Uberlândia/UFU

municipal, com o intuito de garantir o Ensino de Arte, mobilizou-se através da Federação de Arte -Educadores do Brasil (FAEB)¹⁵ e da Associação de Estudantes, Professores e Artistas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (AEPA-AMAP)¹⁶, juntamente com os congressistas e, também, buscou apoio com os vereadores na Câmara Municipal de Uberlândia (Tinoco; França; Sousa; Campos e Vannucci, 2003, p. 20).

No ano de 2003, como resultado de um processo histórico, que representa a materialização do conhecimento que foi acumulado e sistematizado a partir das experiências daqueles que se dispuseram a participar desta história, no cenário educacional do Ensino de Arte no município de Uberlândia, surgem as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte 1^a a 8^a Séries (UBERLÂNDIA, 2003, p. 5).

As Diretrizes Curriculares para o Ensino de Arte (2003) compreenderam as três linguagens artísticas: Artes Visuais, Teatro e Música. Naquela ocasião, participaram profissionais qualificados nessas três áreas do conhecimento e docentes da Universidade Federal de Uberlândia.

Este documento traz, inicialmente, o histórico do Ensino de Arte no município de Uberlândia e, em seguida, apresenta a trajetória do Ensino de Arte no Brasil, tanto no que se refere ao Ensino das Artes Visuais, Música e Artes Cênicas. Abordam-se também nestas Diretrizes Curriculares algumas questões, tais como: educação, conhecimento, cultura e Arte. Logo após, o documento apresenta uma proposta metodológica e avaliativa para o trabalho educativo com Arte. Finalizando a estrutura deste documento, foram apresentados os conteúdos específicos de Ensino de Arte para as três linguagens artísticas.

As Diretrizes propostas no ano de 2003 para o Ensino de Arte no município de Uberlândia foram referência para o trabalho docente dos professores de Arte até o ano de 2010, ocasião em que foi estruturada e apresentada, pela Secretaria Municipal de Educação, uma nova proposta de ensino, sob a coordenação de Márcia Elaine Zanetti e Maria Rosalina Souza Pereira Miguel, ambas professoras de Arte do município.

Para a elaboração e redação das Diretrizes, as professoras contaram com a participação dos seguintes professores da Rede Municipal de Educação: Aroldo José de Souza (Professor

¹⁵ FAEB (Federação de Arte Educadores do Brasil) é uma entidade nacional da área de arte que congrega ações de pesquisadores responsáveis por uma produção significativa referente aos temas da educação básica e do ensino superior, bem como dos processos educativos informais e não-formais, privilegiando o diálogo interdisciplinar das linguagens – artes visuais, dança, música e teatro.

¹⁶ AEPA-AMAP: Associação de Estudantes, Professores e Artistas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba criada em 1995 e extinta em 1999, tinha como um de seus objetivos expressar as reivindicações dos profissionais e estudantes de Arte nos planos educacional, cultural, social e político. Sua diretoria foi composta por professores de Arte do ensino superior (UFU), artistas plásticos e estudantes de Arte.

de Arte); Beatriz dos Reis Oliveira (Professora Regente: 1º ao 5º ano); Léa Carneiro de Zumpano França (Professora de Arte); Rosângela de Ávila Oliveira (Professora de Arte); Sônia Maria Ferreira (Professora de Arte); Teresa Cristina Melo da Silveira (Professora de Arte); Valéria Soares de Faria Simão (Professora Regente: 1º ao 5º ano); Waldilena Silva Campos Araújo (Professora de Arte). Além destes, houve também a colaboração das professoras, Gláucia de Moura Pinheiro (Professora Regente: 1º ao 5º ano); Márcia Maria de Sousa (Professora de Arte); Mary Rodrigues da Silva Castro (Professora de Arte) e Valéria Carrilho da Costa (Professora de Arte). De acordo com as Diretrizes Curriculares de Arte (2010), suas orientações

[...] “representam a materialidade do conhecimento que foi possível ser acumulado e sistematizado a partir das suas experiências e reflexões. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que o currículo encontra-se em constante processo de construção, sendo concebido não como um documento acabado ou uma simples listagem de conteúdos, mas como uma estratégia de ação que requer discussões contínuas e sucessivas reelaborações” (p. 05).

Dessa maneira, entendemos que essas Diretrizes (2010) não se apresentam como caminho único, fechado e inflexível, pois, ao mesmo tempo em que propõem estratégias, convidam a novas possibilidades, experimentações e discussões. Tal abertura pressupõe uma maneira democrática e dinâmica de compartilhar conhecimentos e fomentar um Ensino de Arte com qualidade, condizente com a realidade social e escolar.

A coordenação de área de Arte do CEMEPE inicia uma reformulação das atuais Diretrizes Curriculares de Arte a partir do ano de 2009, por meio de convocação feita pela Secretaria Municipal de Educação, concluindo os trabalhos no ano de 2010.

Segundo essas Diretrizes de 2010, a intenção deste novo documento era atender às Leis 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente/E.C.A.), 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos africanos, e o estudo sobre as nações indígenas no Brasil.

De acordo com as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte (2010), sua estruturação levou cerca de dois anos para ser concluída e proporcionou aos profissionais envolvidos na sua elaboração aprimorar seus estudos, desenvolver dinâmicas e discussões junto aos educadores que participavam da formação continuada de Arte do CEMEPE. As Diretrizes apresentam os seguintes objetivos:

Compreender a arte como linguagem, como forma de expressão, reflexão, questionamentos e interação do ser humano; estimular o pensar, o interpretar, a compreensão intuitiva e racional do mundo; entender a arte como um processo histórico e social de construção e produção humana; criar formas artísticas por meio de poéticas pessoais; estabelecer relações com o trabalho de arte produzido por si, por seu grupo e por outros; identificar os elementos da expressão artística e suas relações em trabalhos artísticos e na natureza; conhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos e reconhecer a existência desse processo em jovens e adultos de distintas culturas; valorizar a pesquisa às fontes de documentação, preservação, acervo e veiculação da produção artística (p. 07).

Entretanto, durante a elaboração do atual documento que norteia o Ensino de Arte no município de Uberlândia, não foi possível contar com a participação de profissionais das três linguagens artísticas, devido ao fato de não haver representação das áreas de Teatro e Música. Dessa forma, houve somente a reformulação para a área de Artes Visuais, sendo que, em relação à Música e ao Teatro, permaneceram os mesmos textos elaborados em 2003, sem nenhuma alteração.

Portanto, atualmente, a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, no que se refere ao Ensino de Arte, tem como referência as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte que foram reformuladas no ano de 2010. Até o presente momento, os professores de Arte estão distribuídos nas 143 unidades escolares, sendo estas:

- 62 escolas municipais de educação infantil;
- 32 unidades de educação infantil conveniadas – ONGs;
- 13 escolas municipais de ensino fundamental – Zona Rural;
- 39 escolas municipais de ensino fundamental – Zona Urbana.

3.1 Considerações sobre a Arte

Na história da humanidade, conforme as transformações ocorriam nas sociedades, na cultura e na política, os artistas, com olhares atentos, registravam-nas em seus trabalhos por meio das várias linguagens artísticas (Artes Visuais, Pintura, Escultura, Arquitetura, dentre outras). Dessa forma, possibilitaram que a arte se tornasse uma das principais “testemunha” dos fatos ocorridos em relação às transformações que acontecem nas diversas civilizações. De acordo com Strickland (2002),

Durante milhares de anos, acompanhando a ascensão e a queda de cada civilização, essas três formas de arte – pintura, escultura e arquitetura – encarnaram as ambições, os sonhos e os valores da cultura. Embora os primeiros artistas fossem anônimos, muito do que sabemos sobre as civilizações antigas vem da arte que nos legaram (p. 02).

Ainda de acordo com esta autora, “o homem anda ereto há milhões de anos, mas só há 25.000 anos nossos ancestrais inventaram a arte”, invenção esta que se deu antes da comunicação verbal e da escrita. Passado todos estes milênios, questionamos: Afinal, o que é arte? Para Coli (1995),

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepcionamo-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única (p. 07).

Entendendo as dificuldades inerentes à conceituação de arte, podemos, a nosso ver, extraír como consenso na complexa discussão sobre o assunto que a arte seja uma criação do homem e, ao mesmo tempo, uma forma de comunicação do ser humano com a natureza e dos seres humanos entre si, ou seja, ela surge como uma manifestação humana da relação do artista com aquilo que ele vive e imagina, com o que ele percebe e sente, transferindo seu olhar e sua percepção de mundo para aquilo que chamamos de obra de arte. A relação do homem com a natureza e dos homens entre si se dá por meio das várias linguagens artísticas, sejam elas, visuais; sonoras; corporais ou concretas.

Um autor que aborda a questão sobre a definição de arte é Herbert Read, no seu livro “A Educação Pela Arte”. Neste trabalho, ele também corrobora Coli (1995), ao mencionar que muitos já ousaram buscar uma resposta para o que seja este fenômeno chamado Arte. Sobre essa indefinição de idéias, Read (2001) explica que a Arte

[...] é um dos conceitos mais indefiníveis da história do pensamento humano. Essa indefinibilidade é explicada pelo fato de que ela sempre foi tratada como um conceito metafísico, embora seja fundamentalmente um fenômeno orgânico e mensurável (p. 15).

Embora haja controvérsias e discussões em relação ao conceito de arte, para nós, independente da conceituação que se dê, vemos um aspecto ainda mais importante e relevante

a ser considerado, que é a possibilidade de a arte oportunizar ao homem se expressar através do seu potencial criativo, ampliando sua leitura de mundo e proporcionando sua interação com a realidade, ao mesmo tempo em que humaniza seu processo de “estar” no mundo e favorece seu autoconhecimento. Sobre essa questão, Ferraz e Fusari (1999, p. 16) entendem que “a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo.”

Dessa forma, um determinado artista, ao produzir arte, numa busca subjetiva e objetiva de elementos para a construção da sua obra, parte originalmente das concepções de mundo presentes em seu repertório pessoal, e que, no momento em que este indivíduo externa sua arte, concomitantemente, coloca-a à disposição da humanidade. Assim sendo, esta produção artística irá, de certa forma, confrontar também com outro tipo de arte que servirá de referência para outra pessoa, que irá produzir outro trabalho a partir do qual se inspirou anteriormente, o que favorecerá o surgimento de uma nova produção artística e assim por diante. Nesse aspecto, Brasil (1997) apresenta o seguinte conceito,

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal (p. 45).

Entendemos que a arte teve um importante papel social na humanidade, pois, além de retratar o pensamento de uma época, possibilitou-nos conhecer culturas e manifestações artísticas diferentes das que são comuns a nós. Acreditamos também que a arte possa representar uma ponte entre o passado e o presente, possibilitando-nos conhecer nossas origens culturais, sociais e políticas. Por exemplo, como poderíamos saber como eram as belezas da nossa fauna e flora brasileira do século XIX se não fossem as pinturas dos mestres da Missão Artística Francesa?¹⁷

Portanto, ao sermos, todos nós, parte de uma sociedade que vive um momento histórico cultural, social e político, não podemos aceitar a arte como um privilégio somente daqueles que estão inseridos num contexto social ou intelectualmente mais favorecido. A arte é um direito de todo ser humano. Sobre esta questão, Sans (1995) também defende a arte como sendo social:

¹⁷ Grupo de artistas franceses que vieram para o Brasil no início do século XIX. Liderados por Joachim Lebreton, ancoraram no Rio de Janeiro com o objetivo de fundar a primeira Academia de Arte no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

A arte é um fenômeno social que nasce do homem, portanto reflete suas virtudes e defeitos, certezas e incertezas, enquanto ser que está caminhando ao encontro de melhor se situar no mundo. Há autênticas criações, mas há também aquelas que se originaram de valores supérfluos (p. 103).

A arte está presente em todas as camadas sociais e, através dela, há uma relação muito próxima entre as formas de expressão dos sujeitos com o seu cotidiano. Podemos encontrar esse aspecto tanto na arte erudita quanto na arte popular. Nessa última, as representações sociais estão ainda mais presentes, possivelmente por possibilitar uma forma de protesto perante as injustiças sociais que estes segmentos populacionais vivenciam.

Entendemos a arte como um processo histórico, pois, como já foi dito, a arte foi e continua sendo uma “fiel parceira” da história da humanidade e acabou se transformando, ao longo do tempo, num importante registro das sociedades e das culturas, e que, por meio das suas várias linguagens artísticas, possibilitou aos homens expressarem suas realidades, críticas, sonhos e desejos. Se, por um lado, a história da arte nos permite ter uma melhor compreensão do passado, a arte contemporânea possibilita-nos perceber questões que poderão influenciar novos conceitos importantes para nos posicionarmos diante do mundo em que vivemos. Sobre isso, Duarte Júnior (1983, p. 70) aponta que, “conhecendo a arte de meu tempo e cultura, adquiro fundamentos que me permitem uma concomitante compreensão do sentido da vida que é vivida aqui e agora.”

Entendendo a arte como um produto humano e como uma construção do homem, acreditamos que ela também nos favorece pela possibilidade da humanização. Justamente por esta característica de humanização, acreditamos que ela represente, nos dias de hoje, um importante instrumento que possibilita ao sujeito dar vazão às suas angústias, conflitos e estresses.

Dessa forma, percebemos que a arte transcende o seu papel puramente estético, pois agrega valores humanos e sociais; além de oportunizar aos seres humanos, artistas ou não, a possibilidade de transitar por mundos subjetivos, transpondo o mundo concreto em que o sujeito está intrinsecamente inserido. Esse fenômeno se dá pelo recurso da imaginação, e que, quanto mais o potencial criativo no indivíduo for estimulado, maiores serão as capacidades deste sujeito para se livrar das amarras que o envolvem no seu mundo. Sobre isso, Duarte Júnior (1983) explica que

[...] a arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. Pela arte, a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reserva (p. 67).

Vemos então a relevância do Ensino de Arte na instituição escolar, que, além de fomentar a subjetividade da criança por meio da imaginação criadora, se coloca como uma importante área do conhecimento capaz de operar significativas contribuições na formação dos alunos através de seus saberes, desencadeando nas crianças um maior conhecimento de si, da cultura que a cerca e de tantas outras culturas que se deram ao longo da história da humanidade. Assim, pode favorecer o indivíduo se perceber como alguém capaz de sonhar, criar e transformar.

Infelizmente, ainda hoje é comum ouvirmos a seguinte pergunta: “Por que a arte é importante na escola?” Sobre este questionamento, Martins, Picosque e Guerra (1998) descrevem que

[...] a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte constitui-se em patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber (p. 13).

Ao discutirmos a importância da arte na escola, entendemos que primeiro seja preciso levar em conta alguns questionamentos em relação ao professor de arte, à equipe pedagógica e à direção escolar. No que tange ao papel do professor de arte, sentimos a necessidade de refletir sobre sua formação e como ele percebe o seu papel na formação dos alunos e, ao mesmo tempo, entende o papel da arte fora e dentro do espaço educacional.

Sobre isso, comenta Barbosa (1975, p. 90): “[...] o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e para a sociedade”. A autora ainda acrescenta que “O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno vêem o papel da arte fora da escola”. Entendemos as dificuldades enfrentadas pelos professores de arte no âmbito educacional, principalmente quando a sua disciplina é tida como algo secundário e vista como “perfumaria”.

Possivelmente esta depreciação em relação ao Ensino de Arte seja ainda reflexo do tecnicismo¹⁸, que tinha como orientação a formação de pessoas para atender a demanda de

¹⁸ A Pedagogia Tecnicista surge no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 e perdura ainda hoje na cultura escolar. No tecnicismo, a ênfase dada se refere ao sistema técnico de organização da aula.

mão de obra do mercado, e por isso, talvez, a valorização das disciplinas entendidas por alguns como mais importantes para o trabalho, tais como a matemática e a língua portuguesa.

Na ânsia de alcançar um espaço privilegiado na escola, grande parte dos professores de Arte se esmera em desenvolver atividades que fogem ao seu papel profissional. Por isso acabam se envolvendo na elaboração e execução de festas comemorativas, datas cívicas e outras. Sobre isso, Almeida (2002, p. 18-19) comenta que “[...] a realização de tais eventos acaba por centralizar toda atenção dos professores, que, preocupados em demonstrar serviço, acabam impingindo aos alunos exercícios árduos, repetições exaustivas, propostas desprovidas de sentido para eles.” Nesse aspecto, Lelis (2004) comenta:

[...] na maioria das escolas o Ensino de Arte ainda funciona como adereço, disciplina decorativa no currículo e até como relações públicas, orientando eventos, enfeitando o espaço físico, organizando festividades nas datas comemorativas, ou seja, um ensino a serviço da comunidade, cuja função maior é a ilustração de fatos e eventos (p. 68).

Por outro lado, somos a favor de que o professor de Arte também possa dar sua contribuição para uma melhor estética da escola. Sabemos que a estetização também é um importante aspecto a ser levado em consideração, pois um ambiente agradável favorece o processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, o professor de Arte acaba tendo a oportunidade de colocar em prática os seus saberes estéticos, dar sua contribuição social e, ao mesmo tempo, ter a possibilidade de reforçar o valor e a importância do conhecimento artístico.

O que discordamos é a forma como as coisas normalmente têm acontecido na escola em relação à disfunção do professor de Arte, o qual, com certa freqüência, acaba tendo que se assujeitar a desenvolver principalmente trabalhos que nada têm a ver com sua práxis pedagógica, como: cortar bandeirinhas, fazer desenhos para os outros professores, pintar painéis e faixas.

Acreditamos que todo professor pode e deve ter a consciência profissional de seu papel na instituição escolar e, principalmente, não perder de vista a função social que a arte exerce na escola e em contrapartida na sociedade. Por isso, sublinhamos a necessidade deste educador acreditar na sua ação transformadora, de se ver como um agente transformador capaz de conduzir seus alunos a uma maior reflexão sobre si e sobre os papéis sociais, ou seja, como cidadãos críticos capazes de interagir e modificar o meio ao qual pertencem. Nesse aspecto, a arte favorece ao aluno adquirir a confiança, elemento indispensável para uma

inserção ativa na sociedade, pois, estando seguro de si, pode se relacionar melhor com o outro e, assim, posicionar-se de forma mais incisiva frente às adversidades da vida profissional e pessoal. De acordo com Azevêdo (1996),

Trazer a arte para o cotidiano da escola sem perder de vista a relação dialética entre a entrega (processos sensíveis emocionais e sociais) e a disciplina (processos sensíveis cognitivos): eis o desafio do professor de arte. O professor não pode esquecer a função social que possui a arte em transgredir padrões impostos e retrógrados, tão comuns em alguns segmentos da educação escolar. É tarefa difícil, pois exige um aprofundamento conceitual e uma postura política em relação a sua contribuição para a sociedade (p. 39).

Dessa maneira, entendemos que a práxis pedagógica do professor de Arte ganha uma dimensão que transcende a dinâmica da sala de aula. Nesse caso, este educador deve ser um articulador de saberes sensíveis e cognitivos, um sujeito que consiga entender a relevância da sua prática docente e, para isso, possa buscar novos conhecimentos e atualizar os saberes já constituídos e assim realizar de forma plena intervenções pedagógicas pautadas em ações sociais e políticas.

Além dos desafios do professor de Arte citados por Azevêdo (1996), a nosso ver, a tarefa deste profissional se torna ainda mais difícil quando percebemos claramente, no cotidiano escolar, a depreciação do Ensino de Arte em relação àqueles tidos como mais importantes. Sobre isso, Azevêdo (1996, p. 37) acrescenta que “a escola tem privilegiado os processos racionais (cognitivos) em detrimento dos processos sensíveis, bipolarizando o conhecimento e o próprio ser humano”.

Dessa forma, destacamos o papel da equipe pedagógica, que poderá fazer intervenções a fim de minimizar as fronteiras existentes entre as várias áreas do conhecimento presentes na instituição escolar. Portanto, o coordenador e o supervisor pedagógico aparecem no contexto educacional como importantes articuladores que podem, por meio de suas ações, fortalecer as relações interpessoais e promover no grupo um espírito de coletividade e cooperação. O coordenador e o supervisor pedagógico precisam manter-se atualizados e informados sobre as especificidades de cada disciplina a fim de melhor intervir. Nesse aspecto, Orsolon (2002) esclarece:

O coordenador, como um dos articuladores desse trabalho coletivo, precisa ser capaz de ler, observar e congregar as necessidades dos que atuam na escola; e, nesse contexto, introduzir inovações, para que todos se comprometam com o proposto. À medida que essas novas ideias, além de conter algo novo, forem construídas, discutidas e implementadas pelos professores e coordenadores

envolvidos, tornar-seão possíveis a adesão e o compromisso do grupo e, dessa forma, se reduzirão as prováveis resistências (p. 22).

Compreendemos que a formação de um profissional de educação não é finalizada na graduação, nem mesmo na pós-graduação, a formação é contínua e permanente. Por isso, entendemos que um dos principais agentes incentivadores à formação permanente deve ser o coordenador pedagógico. Sobre esse aspecto, Almeida (2011) cita que

[...] na tarefa de coordenação pedagógica, de formação, é muito importante prestar atenção no outro, em seus saberes, dificuldades, angústias, em seu momento, enfim, um olhar atento, sem pressa, que acolha as mudanças, as semelhanças e as diferenças; um olhar que capte antes de agir” (p. 71).

Por isso destacamos a importância do supervisor e coordenador pedagógico diante da diversidade e dificuldades presentes no contexto educacional. Entendemos que estes profissionais da educação, além dos conhecimentos e saberes específicos da sua competência, precisam ter também uma percepção global, uma sensibilidade maior para poder compreender os sujeitos envolvidos naquele espaço educacional e poder intervir de forma eficiente e prudente. Em seu texto “O Pedagogo na Escola”¹⁹, Luzia Bontempo também esclarece que “[...] o pedagogo precisa aceitar sua parcela de responsabilidade e compromisso com a equipe de professores desde o início. Sua ação junto a estes deve ser semelhante a uma potente locomotiva, puxando todos para o movimento, para a ação continuada e na direção certa.”

Na tração dessa locomotiva, temos também outro importante profissional da educação, que é o diretor escolar, e assim, a nosso ver, apresentamos a tríade profissional na escola (professor, pedagogo e diretor). Sobre o diretor, as exigências são ainda maiores, tendo em vista que a sua responsabilidade perante a comunidade escolar engloba alguns aspectos como questões pedagógicas, administrativas, financeiras, além das educativas. Em relação ao papel do diretor escolar, Libâneo (2003) comenta que devemos

[...] entender o papel do diretor como o de um líder cooperativo, o de alguém que consegue aglutinar as aspirações, os desejos, as expectativas da comunidade escolar e articular a adesão e a participação de todos os segmentos da escola na gestão em um projeto comum. O diretor não pode ater-se apenas às questões administrativas. Como dirigente, cabe-lhe uma visão de conjunto e uma atuação que apreenda a escola em seus aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros e culturais (p. 332).

¹⁹ Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=935>>. Acesso em 25 jul. 2012.

Cabe, então, ao diretor escolar, a função de zelar pelos interesses pessoais e coletivos, as relações interpessoais e os projetos pedagógicos, como também atentar-se para questões administrativas e financeiras. Diante de tantas atribuições e responsabilidades que carrega um diretor numa instituição escolar, entendemos que este profissional também deveria ter uma formação específica e continuada, que possibilite a ele desenvolver com sabedoria e eficiência as funções de sua competência.

A nosso ver, quando o professor de Arte pode contar com uma equipe pedagógica e uma direção escolar comprometida e consciente sobre a importância da disciplina de Arte na formação social, cognitiva e afetiva das crianças, as probabilidades de se obter sucesso na sua prática docente aumenta consideravelmente.

No entanto, entendemos também que o professor de Arte, por meio de seu trabalho, precisa discutir e construir nas escolas um lugar significativo para a disciplina de Arte, não como a mais importante, mas que seja vista e entendida como área do conhecimento e não como complemento de outras disciplinas, ou mesmo, apenas como lazer e momentos de descontração para os alunos. Buoro (2000, p. 33) comenta que “[...] precisamos conquistar um espaço para a Arte dentro da escola, espaço que ficou perdido no tempo e que, se recuperado, poderá mostrar-se tão significativo como qualquer outra matéria do currículo.”

Sobre esta questão, Camillis (2002, p.27) traz outra contribuição, ao afirmar que “[...] a arte, portanto, deve ter seu lugar assegurado na discussão sobre educação, não como elemento secundário nos currículos da escola fundamental, mas como importante recurso para o desenvolvimento do indivíduo e da coletividade.”

Corroboramos afirmação da autora anterior pelo fato de compreendermos como são significativas as contribuições que o Ensino de Arte poderá trazer para o processo de formação do aluno, o que pode refletir no autoconhecimento e na capacidade de atuar no mundo em que está inserido; assim, a escola e a Arte, juntamente com as outras áreas de conhecimento, poderão contribuir efetivamente para a constituição de sujeitos plenos e para o desenvolvimento de importantes valores para o pleno exercício da cidadania.

4 ENSINO DE ARTE: Uma proposta para a Escola Municipal Jardins de Monet

Quando chegamos à Escola Municipal Jardins de Monet, no ano de 2008, percebemos que, nesta instituição, o Ensino de Arte, a nosso ver, não tinha o mesmo valor que as demais disciplinas e não era reconhecido como área do conhecimento, tanto pelos alunos como pelos profissionais da escola. Porém, só foi possível fazer algo para reverter esta situação a partir do momento que fomos reconduzidos, no ano de 2011, para o cargo de professor de Arte no ensino regular, tendo sido finalizado o trabalho com as oficinas educativas vinculadas à proposta municipal de escola em tempo integral. De 2008 a 2010, desempenhamos nesta escola a função de professor de uma oficina pedagógica de produção de vídeos de animação.

De acordo com os PCN Arte (1997, p. 47-48), “Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é um caminho mais eficaz”. Nesse aspecto, com a intenção de ensinar arte com arte e superar a artificialidade da escola, minimizando a distância entre arte e comunidade escolar é que, em fevereiro de 2011, apresentamos, para a direção desta instituição e para as supervisoras pedagógicas, uma proposta para o Ensino de Arte a ser desenvolvida na escola por um período de três anos (2011, 2012 e 2013).

Nesta proposta, inicialmente, destacamos dois objetivos: despertar na comunidade escolar um novo olhar em relação ao Ensino de Arte e criar uma identidade para a disciplina. Para isso, estruturamos nosso planejamento para 2011, 2012 e 2013:

- **A proposta para o Ensino de Arte em 2011 e o trabalho realizado:**
Contextualização da História da Arte Mundial - da pré-história ao pós-moderno.
- **A proposta para o Ensino de Arte em 2012 e o trabalho realizado:**
“Artistas brasileiros.”
- **Consideração sobre a proposta para o Ensino de Arte em 2013:**
“(re) descobrindo minha arte.”

Iniciamos a docência há quase duas décadas e neste período, estivemos sempre à procura de algo que pudesse transcender/superar o que até então entendíamos/víamos como Ensino de Arte. Durante esse tempo, vivenciamos várias experiências nas diversas escolas em

que trabalhamos, seja na rede municipal, estadual ou nas escolas particulares, onde tivemos a oportunidade de atuar como professor de Arte da educação infantil ao ensino médio.

De acordo com o nosso ponto de vista, essas vivências permitiram-nos perceber que os alunos tinham aulas de Arte, no entanto, desconheciam a relevância da arte para nossas vidas; aprendiam sobre a arte de vários artistas, entretanto, não conseguiam perceber o seu próprio potencial artístico. Enfim, com a intenção de possibilitar as crianças perceberem a importância da arte para a sociedade e (re)descobrirem-se como artistas, esboçamos, em janeiro de 2011, a proposta que neste momento é objeto de nosso estudo.

Inúmeros foram os projetos que desenvolvemos nas instituições de ensino em que trabalhamos, várias foram as alegrias e decepções, porém, a motivação, a curiosidade, a vontade e a esperança foram questões que raríssimas vezes nos faltou em nosso percurso docente. Acreditamos que esta proposta tenha sido gestada e nutrida por estas experiências que vivenciamos em outras escolas nos anos anteriores, nas quais, tivemos o prazer de deixar um pouco de nós e trazer bastante daqueles com os quais compartilhamos saberes e sonhos.

Por isso, ao darmos início a esta proposta, nos colocamos diante do desafio de promover um Ensino de Arte que seja significativo, que fomente a curiosidade e o novo, sem depreciar o velho, que valorize uma linguagem artística e sem ignorar as demais, que possibilite aos alunos valorizarem-se como indivíduos capazes de sonhar, elaborar e produzir, que aprendam a trabalhar de maneira individual e coletiva, que estejam conscientes de que o belo envolve valores, produtos e relações que são historicamente produzidas, e que o certo ou o errado dependem exclusivamente do referencial de cada indivíduo e/ou grupo.

Durante o processo de elaboração da proposta, tínhamos consciência de que o ano de 2011 seria o mais crítico por três razões. Primeiro, porque naquele ano o Ensino de Arte na escola contava com apenas 01 hora/aula de 50 minutos por semana; segundo, pelo fato de o nosso trabalho, naquele momento, se pautar quase que exclusivamente nos desenhos de observação; e, por último, por não se trabalhar neste ano com atividades que fomentassem o processo de criação, ainda que, a nosso ver, estivéssemos também ampliando o universo visual e o repertório gráfico das crianças através do contato delas com imagens de obras de arte. Para Tragante (2012),

É na ação de trabalhar sobre a obra, do fazer, desenhando, pintando, colando, refazendo, relendo, recontextualizando, que a criança poderá sentir-se agente na relação obra/observador e, a partir de então, ocorre o verdadeiro ato de fruição, no sentido de tomar posse da imagem e não ser por ela possuída (p. 29).

Quanto à carga horária semanal mínima, realmente vivenciamos uma situação complicada, perdíamos muito tempo transportando materiais e trabalhos dos alunos, organizando a sala, montando e desmontando o projetor, explicando e conduzindo a atividade proposta, enfim, foi bem desgastante, tendo em vista que o tempo de 50 minutos de hora/aula semanal era insuficiente para desenvolver um trabalho com boa qualidade. No entanto, tentamos superar estas dificuldades e despender uma energia que por vezes nos tirava o fôlego.

Por outro lado, desejávamos que a direção da escola tomasse consciência sobre o quanto a nossa carga horária semanal era limitada. Era preciso justificar as nossas reivindicações de aumento de carga horária para o Ensino de Arte não pelo discurso, mas através do trabalho. Assim, após concluirmos o ano de 2011, tínhamos consciência do trabalho executado e, principalmente, de que dispúnhamos de argumentos convincentes para reivindicar o aumento de mais 01 hora/aula semanal para o Ensino de Arte.

Felizmente, fomos atendidos com o aumento da carga horária de Arte, passando de uma 1 hora semanal em 2011 para 2 horas semanais em 2012. No momento em que foi levada a nossa solicitação para apreciação das coordenadoras pedagógicas e direção, por unanimidade, votou-se favorável ao aumento de mais 01 hora/aula na semana. Dessa maneira, a partir de fevereiro de 2012, o Ensino de Arte passou a contar com 02 horas/aula semanais, o que também possibilitou a chegada de mais professores de Arte na escola.

O fato de propor e realizar com os alunos o desenho de observação no planejamento de 2011 foi algo que nos trouxe algumas preocupações, já que esta é uma atividade contestada por alguns professores de Arte que entendem que ela remete a um ensino tradicional e academicista. No entanto, entendíamos que seria algo necessário para a obtenção dos objetivos propostos, já que havíamos percebido que a maior dificuldade das crianças em relação ao desenho era justamente a falta de observação.

Desse modo, apoiamo-nos nos estudos apresentados por La Pastina (2009) sobre interação, cópia, decalque e apropriação. A autora traz as seguintes explicações sobre estes tipos de desenho:

- **Interação:** Quando a criança interage com algo ou alguém. Quando a criança interage com seu colega, muitas vezes os desenhos ficam parecidos, pois as crianças se apropriam dos desenhos uma das outras.

- **Cópia:** A criança copia quando observa um desenho e tenta fazer igual, mantendo-se bastante fiel ao desenho original.

- Decalque: É realizado com folhas transparentes, como papel de seda. Neste caso a folha é colocada por cima do desenho e a imagem é traçada por cima do original.

- Apropriação: A criança se apropria quando realiza algum acréscimo ao desenho original, alguma modificação (p. 104-106).

Sobre a *interação* entre as crianças durante a criação do desenho, é preciso esclarecer que estas relações são naturais e independem da vontade do adulto, ainda que ele seja um orquestrador do processo de ensino e aprendizagem. Porém, quando tais interações entre alunos acontecem de forma produtiva e organizada, o fruto deste encontro poderá ser significativo no desenvolvimento e aprimoramento da produção artística da criança. Dessa forma, entendemos que a aquisição do conhecimento não se dá somente na relação professor/aluno, mas, também, na interação aluno/aluno. Sobre isso, Monroe e Lima (2011) apontam que:

É evidente que não se adquire conhecimentos apenas com os educadores: na perspectiva da teoria sociocultural desenvolvida por Vygotsky, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço (p. 86).

Nesse aspecto, por entender a importância do professor na escola como um orquestrador do processo de ensinar-aprender é que viabilizamos atividades que permitissem esses momentos de encontros e trocas; para isso, nos colocávamos, sempre que possível, como mediadores e provocadores das relações estabelecidas durante as nossas aulas.

Em relação à proposta de 2011, grande parte da produção das crianças aconteceu de maneira coletiva; por várias vezes, presenciamos cenas em que alunos sentavam-se juntos para desenhar e se apropriarem de alguma imagem desenhada pelo colega.

Nesses casos, ficávamos atentos para que houvesse uma relação de troca entre as crianças e não apenas cópia. Sobre esta questão, nos lembramos de que foi justamente numa atividade coletiva, quando éramos estudante de quarta série do ensino fundamental, que aprendemos a desenhar coqueiros vendo um colega nosso desenhar; inclusive, até hoje, nossos coqueiros são feitos daquela mesma maneira.

Outro aspecto positivo nas interações das crianças foi a ajuda mútua; por exemplo, uns auxiliavam os outros na maneira de pegar o pincel, no cuidado em não colocar o pincel sujo em outro pote de tinta que não fosse da mesma cor, na limpeza e cuidado com os materiais e na organização da sala.

Sobre a *cópia*, a nosso ver, não vemos problema de a criança também copiar, desde que ela não permaneça apenas copiando. Entendemos que a cópia permite ao aluno aprimorar a capacidade de *ver*, o que é um processo bem diferente de simplesmente olhar. Sobre tal questão, Vasconcelos²⁰ comenta que:

[...] só realmente vê aquele que consegue perceber a idéia do artista, sua humanidade, personalidade, maturidade, sensibilidade, a natureza peculiar da rocha (ou qualquer outro material, como a madeira) e, quem sabe, até os efeitos destas ou daquelas ferramentas usadas. Olhar depende dos olhos, mas o ver depende da consciência.

Desse modo, com a finalidade de desenvolver nos alunos uma consciência que permitisse a eles *ver* a arte de uma maneira que ultrapassasse o simples olhar, é que utilizamos como recurso metodológico o desenho de observação. Entendemos que esta atividade, por vezes contestada por alguns professores de Arte, seria, a nosso ver, uma opção que nos possibilitaria alcançar nossos objetivos. Segundo La Pastina (2009),

Quem convive com crianças provavelmente já percebeu atitudes de cópia em seus desenhos. Em casa ou na escola a criança procura se inspirar nas imagens que observa: desenhos de colegas ou familiares, desenhos de gibis, da televisão, imagens presentes na sala de aula, entre muitas outras. A cópia é uma atitude controversa e problemática dentro do ensino da arte e gera uma situação curiosa: as crianças percebem que na escola não se pode copiar desenhos, por isso copiam em casa, sem a presença do professor. Assim, muitas perguntas surgem: Por que as crianças copiam desenhos? Até que ponto é saudável copiar? (p. 98-99).

Para nós, pode ser saudável copiar, desde que isso não se cristalize como hábito, que a criança não permaneça só nesta atividade. Entendemos que a cópia pode permitir ao aluno perceber os objetos e, com isso, aumentar seu repertório gráfico. Assim, não vemos a cópia como algo negativo, já que esta prática pode ampliar o universo visual da criança. La Pastina (2009) cita ainda que

[...] é necessário que o professor de arte gerencie essas questões em sala de aula, ajudando a criança a mover-se da cópia para invenção e propondo imagens outras que as da cultura de massa. Os professores devem também observar a diferença entre apropriação e cópia. Existe grande diferença entre fazer uso de imagens para criar novas ou apenas copiá-las. Na primeira atitude está presente um processo de criação, na segunda, a repetição de um modelo (p. 115).

²⁰ Artigo disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=11777>>. Acesso em 10 ago. 2012.

Estruturamos a nossa proposta de maneira que houvesse essa transição da cópia, ou seja, do desenho de observação para o desenho de criação. Entendemos que não só as crianças como qualquer indivíduo, para criar um determinado trabalho artístico, necessita, dependendo da intenção, acessar seu repertório visual, sonoro, tático, corporal, dentre outros. Portanto, a nossa intenção é oportunizar às crianças ampliar suas referências e estimular seus sentidos. Por outro lado, desejávamos desenvolver esse processo de transição num tempo menor, porém, devido a nossa carga horária atual de 100 minutos por semana, isso não tem sido possível, principalmente em 2011, quando tínhamos apenas 50 minutos de aula semanal.

De acordo com nossa proposta para 2011, quando propúnhamos aos alunos desenvolverem desenhos de observação de uma determinada obra de arte, tínhamos alguns objetivos, tais como:

- desenvolver a capacidade de ver;
- ampliar os referenciais artísticos e repertório gráfico;
- perceber os diferentes planos da obra;
- identificar os pontos de luz e sombra;
- verificar nas produções artísticas as texturas visuais, volumes, proporções, dentre outras propriedades.

As críticas em relação à cópia surgiram a partir da Pedagogia Nova, que abominava todo e qualquer método de ensino tradicional e fomentava uma educação pautada na livre-expressão. No entanto, nossa proposta não se fundamentou nem na visão conservadora e nem na escolanovista. O que tentamos fazer foi justamente uma ponte entre ambas.

No entanto, a nosso ver, verificamos que, nos dias de hoje, alguns professores de Arte conservam certos conceitos e pré-conceitos em relação a algumas propostas sobre o Ensino de Arte que acreditamos serem atitudes improdutivas, já que as realidades no contexto educacional são diversas; cada situação deve ser avaliada levando em consideração as especificidades de cada escola, seu corpo docente e discente.

O *decalque* foi algo que combatemos diariamente na sala de aula, por entendermos que não há nenhuma aprendizagem no ato de riscar um desenho sobre uma folha transparente. Vemos esta técnica como algo negativo e extremamente prejudicial ao processo de criação das crianças, devido ao fato de que se trata de pura cópia.

Entretanto, constatamos que, num dado momento do desenvolvimento, a criança pode entrar numa fase de repressão ou bloqueio, sentindo-se incapaz de desenhar. Normalmente, nesses casos, elas param de desenhar e, quando precisam de um desenho, recorrem aos decalques, já que esta é uma maneira mais fácil de obter um desenho com maior realismo. Em relação a esta questão, La Pastina (2007) explica que

A criança pequena geralmente aprecia desenhar e sua produção gráfica é marcada por gestos largos e confiantes. Mas existe um momento em que os desenhos parecem nunca estar bons e a criança começa a afirmar que não sabe desenhar e realmente deixa de fazê-lo. A faixa etária em que isso ocorre varia de autor para autor abrangendo desde os 8 até os 15 anos. Desta forma, os desenhos de adultos quase não se diferenciam dos desenhos das crianças dessa faixa etária, pois pararam de desenhar nesse período. Poucos são os que continuam a desenhar, geralmente aqueles que têm certa aptidão para o desenho (p. 337-338).

Acreditamos que esta não seja uma etapa muito fácil para as crianças, por entendermos que elas estão movidas por uma autocrítica, o que as fazem acreditar que o desenho bom tem que ser uma cópia fiel, o mais realista possível. Nesta fase, crianças podem desenvolver uma autocrítica muito forte, pois julgam que tudo que elas fazem não está bom.

Por isso, destacamos a importância de o professor saber lidar com estes conflitos. No entanto, infelizmente, como ainda há no Brasil inúmeros professores que ministram aulas de Arte sem terem a formação necessária para o exercício docente, acabam, por vezes, reforçando ainda mais esta dificuldade apresentada em determinada idade por um grande número de crianças.

A *apropriação* foi muito utilizada nas nossas atividades no ano de 2011, por várias vezes projetamos sobre uma folha de papel grande afixada na parede a imagem de uma obra de arte. Desse modo, as crianças, aleatoriamente, se dirigiam até o papel e iam riscando conforme as linhas projetadas. Quando acabavam de riscar todas as linhas da obra, desligávamos o projetor e solicitava-mos às crianças imaginarem estar no lugar daquele (a) artista e, então, propúnhamos que elas continuassem o trabalho como se a tela estivesse inacabada, assim, naquele momento, as crianças finalizariam aquela obra de acordo com as suas criatividades.

Acreditamos que estas atividades de *apropriação* trabalhadas em 2011 sejam propostas que, de certo modo, estimularam o potencial criativo das crianças; entretanto, neste ano, recebemos, durante a Mostra de Arte “Uma viagem pela história da arte mundial: da pré-

história ao pós-moderno”, críticas de outros professores de Arte que alegaram que o nosso trabalho não oportunizou aos alunos criarem as suas próprias produções.

Concordamos com esta observação que nos foi apresentada, tomando-a como uma crítica construtiva. No entanto, entendemos que, a partir do momento em que os referenciais artísticos são ampliados, potencializa-se o repertório gráfico dos alunos e, indiretamente, contribui-se para o processo de criação das crianças.

Devido aos questionamentos ao nosso trabalho com os alunos e conscientes da existência de concepções diferentes acerca do Ensino de Arte, é que temos como objetivo no presente estudo tentar entender melhor os limites e as possibilidades do Ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo aí as nossas ações no ano de 2011, analisando, assim, até que ponto nossos referenciais e metodologias foram aplicados de forma correta. Com a intenção de buscar estas respostas é que iniciamos esta pesquisa, que pretende avaliar uma proposta de trabalho para o Ensino de Arte para a Escola Municipal Jardins de Monet.

Salientamos que, em momento algum, desconsideramos as possibilidades de erros. No entanto, assumimos os riscos deste trabalho com responsabilidade, já que as crianças não são cobaias. Estávamos confiantes de que todos nós, alunos e professores, aprenderíamos muito com este desafio. Não nos restava alternativa, era preciso fazer algo!

Por isso, optamos por estudar com nossos alunos a trajetória da história da arte mundial – da pré-história ao pós-moderno. Como resultado desse trabalho, organizamos, entre os dias 17 a 21 de outubro de 2011, uma Mostra com o trabalho das crianças para oportunizar a todos da comunidade escolar que tivessem contato com tais trabalhos, ao mesmo tempo valorizando a produção das crianças, com a visita de pessoas na Mostra. Almejava-se também que houvesse uma melhor compreensão de aprendizado das crianças sobre arte.

Com o trabalho realizado em 2011 desejávamos também que os alunos percebessem o quanto as obras de arte nos dizem sobre nossos antepassados, já que, na história da humanidade, a comunicação se deu primeiramente através da arte, além do que, estas informações nos permitem refletir sobre os dias atuais. Sobre isso, Silva (2012) considera que:

A arte foi a primeira linguagem visual utilizada pelo ser humano enquanto forma de comunicar-se. Ao ensiná-la, abrimos oportunidades para que os alunos conheçam e contextualizem fatos históricos, políticos, sociais e culturais de um ou mais períodos e lugares, possibilitando-lhes refletir sobre a história e a cultura de seu tempo (p. 185).

Para o ano de 2012, propusemos aos alunos o estudo de alguns dos principais artistas brasileiros, tais como:

- 1º ano: Siron Franco; Antônio Bandeira e Bracher;
- 2º ano: Iberê Camargo;
- 3º ano: Cândido Portinari e Tarsila do Amaral;
- 4º ano: Vicente do Rego Monteiro; Claudio Tozzi; Burle Marx; Wesley D. Lee;
- 5º ano: Romero Britto; Alcy Xavier; Di Cavalcanti e Beatriz Milhazes.

Num segundo momento, após cada turma ter escolhido o artista que iria ser estudado, cada aluno teria que apresentar dois trabalhos seus para uma Mostra de Arte. O primeiro trabalho deveria partir da livre escolha do aluno por alguma das obras do artista escolhido pela turma. A partir daí, a criança teria que fazer um desenho de observação desta obra artística. No entanto, era imprescindível que a criança estivesse atenta a todos os detalhes da obra, tais como: cores, formas, tema, linhas, perspectiva, volume, proporção, textura visual.

O segundo trabalho daria início ao seu processo de criação, já que o aluno teria que produzir um desenho próprio, entretanto, com a finalidade de perceber se houve uma percepção e apreensão por parte da criança sobre a obra de referência, foi sugerido a ele produzir seu trabalho a partir do estilo do artista escolhido.

O trabalho com o Ensino de Arte no ano de 2013, considerando-o como uma resposta e continuidade do que foi iniciado em 2011, ainda que não esteja encerrado, representa um fechamento de proposta de trabalho. Dessa forma, esclarecemos que, no primeiro bimestre deste ano, fevereiro, março e abril, por meio de vídeos e pesquisas, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o desenho, a pintura, a escultura e a performance.

Nos vídeos sobre desenhos, procuramos mostrar para as crianças alguns exemplos de materiais e técnicas disponíveis para a prática desta atividade. Foram abordados também alguns artistas em processo de criação, o que, de certo modo, deixou as crianças impressionadas com a qualidade dos trabalhos demonstrados na apresentação. Sobre a pintura, os alunos também puderam verificar a produção de alguns artistas, suas técnicas, materiais utilizados e estilos diferentes, tais como a pintura abstrata, figurativa e abstracionismo geométrico. Quanto aos vídeos sobre a escultura, exploramos os vários materiais possíveis para se criar uma obra tridimensional, dando ênfase às ferramentas e técnicas. Nesse vídeo, os

alunos também puderam assistir à história de vida do escultor capixaba Pedro Giubbini e a relação da sua produção artística com a natureza. Sobre a performance, as crianças assistiram algumas apresentações performáticas em que onde os artistas exploravam vários recursos visuais, sonoros e corporais.

A partir do segundo bimestre, maio, junho e julho, cada aluno deverá escolher um estilo ou linguagem artístico/a dentre os trabalhados que mais lhe agradou ou que lhe despertou maior interesse. Feita essa escolha, cada criança iniciará um projeto, de forma individual, exceto os alunos que optarem pela performance; tais alunos serão orientados por bolsistas do PIBID, graduandos do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, que elaborarão com as crianças uma performance artística a ser apresentada durante uma Mostra de Arte, a ser realizada no dia 16 de outubro de 2013.

Pretende-se também levar estas apresentações até a UFU. Desse modo, os alunos teriam a oportunidade de transpor os muros da escola, não apenas como espectadores, mas também como atores e produtores.

Entendemos que o trabalho com o Ensino de Arte no ano de 2013 é um ponto de partida para o desenvolvimento do processo de criação dos nossos alunos. Diferentemente do momento quando assumimos as aulas de Arte na escola em 2011, esperamos que, ao término de 2013, tenhamos alcançado uma maior valorização do Ensino de Arte e, principalmente, tenhamos construído uma identidade para a nossa área.

Neste trabalho realizado ao longo dos anos de 2011, 2012 e parte de 2013, as ações desenvolvidas no ano anterior foram avaliadas para que pudéssemos prosseguir no momento seguinte e a avaliação aconteceu durante todo o processo de aprendizagem. Preocupamo-nos com o nível de conhecimento construído pelo aluno e com as metodologias de ensino por nós aplicados. Por isso, buscamos perceber se houve, ou não, aprendizagem, por menor que fosse; e se não houve, procuramos analisar os caminhos metodológicos que utilizamos para ensinar; uma vez que procuramos analisar de maneira profunda e criteriosa o processo de ensino-aprendizagem utilizado na prática educativa de Arte. Nossa olhar avaliativo procurou enxergar limites e possibilidades do trabalho educativo realizado, na perspectiva do professor e de seus alunos, pois avaliar:

implica conhecer como os conteúdos de Arte são assimilados pelos estudantes a cada momento da escolaridade e reconhecer os limites e a flexibilidade necessários para dar oportunidade à coexistência de distintos níveis de aprendizagem, num mesmo grupo de alunos. Para isso, o professor deve saber o que é adequado dentro de um campo largo de aprendizagem para cada nível

escolar, ou seja, o que é relevante o aluno praticar e saber nessa área (BRASIL. 1987, p. 95).

Nesse aspecto, ao avaliar o trabalho realizado, temos tido o cuidado de considerar a história do processo pessoal de cada aluno e sua relação com as atividades desenvolvidas na escola, observando os trabalhos produzidos e seus registros, a fim de que possamos, ao mesmo tempo, respeitar a liberdade de expressão dos alunos, fomentar suas potencialidades e ajudá-los nas suas limitações.

4.1 A proposta para o Ensino de Arte no ano de 2011 e o trabalho realizado: “Contextualização da História da Arte Mundial - da pré-história ao pós-moderno.”

Ao assumirmos as aulas de Arte no ensino regular da Escola Municipal Jardins de Monet, em fevereiro de 2011, já tínhamos uma proposta de ensino elaborada por nós de acordo com nossas experiências profissionais anteriores e também em consonância com o próprio trabalho que realizamos na escola com a Oficina de Animação nos anos de 2008 a 2010. No entanto, após submeter tal proposta à apreciação da direção escolar e da equipe pedagógica, tivemos como primeira ação verificar com as crianças quais eram suas opiniões em relação ao Ensino de Arte. Para isso, propusemos um diálogo sobre esta questão.

De acordo com as falas dos alunos, naquele momento, constatamos que a opinião que a maioria das crianças tinha sobre o Ensino de Arte era que as aulas eram para aprender a desenhar e a pintar. Quando perguntamos sobre quais tipos de artes elas conheciam, grande parte respondeu a mesma coisa: desenhar e pintar.

Depois de discutir nossa proposta de ensino com outros profissionais da escola e com os alunos, reformulamos o plano de trabalho em que trabalharíamos com a história da arte mundial, da pré-história ao pós-moderno. Desse modo, para a semana seguinte, preparamos uma aula em que pudéssemos trazer para as crianças outra visão sobre alguns conceitos e reflexões sobre arte, como também citar a importância da arte em nossas vidas, falar sobre as várias linguagens artísticas e como nós nos relacionamos com elas. Enfim, a partir deste momento, procuramos ampliar os conhecimentos das crianças em relação à arte e, ao mesmo tempo, conhecê-las um pouco mais, a fim de que tivéssemos o máximo de informação para planejarmos as próximas aulas de acordo com as necessidades de cada aluno ou turma.

No ano de 2011, o planejamento foi desenvolvido no turno da manhã e da tarde. No entanto, nosso estudo está pautado apenas com as turmas da manhã, que, juntas, dão um total de quinze turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Participaram desta proposta pedagógica 517 alunos, com uma média de 34 crianças por turma.

Acreditamos que o Ensino de Arte se torna mais produtivo e agradável para nós e os alunos, quando trazemos para a nossa prática docente a possibilidade de se trabalhar com uma proposta pedagógica que se pauta na elaboração, desenvolvimento e conclusão de um projeto anual, pensado e executado com as crianças.

Entendemos que, assim, conseguimos estruturar nossas ações pedagógicas de forma mais organizada e sistemática, sem que, para isto, deixemos de contemplar as orientações da proposta municipal para o Ensino de Arte no município de Uberlândia.

Conforme já mencionamos nesta pesquisa, o ano de 2011, a nosso ver, foi o mais delicado de nosso trabalho, em relação a 2012 e 2013 até o momento. Em 2011, tomamos como desafio fazer uma apresentação da história da arte mundial, dividindo-a em cinco períodos, e tomando como referência a obra de Strickland (2002).

Dentre os objetivos já mencionados para o ano de 2011, pretendíamos também que essa proposta pudesse aproximar as crianças das obras de arte e, assim, desenvolver com elas um maior amadurecimento estético. Acreditamos que isso só seria possível a partir do momento em que exercitássemos bastante nossa capacidade de ver e enxergar, o que é, tal como já salientamos anteriormente, bem diferente de simplesmente olhar.

Em contrapartida, entendemos também que, para o professor, independentemente da sua área de atuação, potencializar a visão é uma necessidade essencial para que se consiga perceber e realizar com maior clareza o processo de ensino-aprendizagem. Neste caso, entendemos que o foco deve ser ampliado, que as percepções devem ser aguçadas em todos os sentidos; assim, a observação, os questionamentos, as reflexões e, principalmente, a curiosidade de entender a dinâmica educacional passam a ser elementos imprescindíveis na prática de qualquer educador.

Para nós, a curiosidade alimenta o desejo de aprender e desafia a se querer desvendar o novo. Por vezes, percebemos que muitos professores refutam certas atividades e metodologias simplesmente porque são depreciadas por teóricos ou pesquisadores. Nestes casos, verificamos uma ausência de questionamento por parte de docentes que negam certas propostas sem ao menos refletirem sobre as mesmas; com isso, delegam a terceiros o direito da escolha sobre como ensinar e avaliar.

A utilização do desenho de observação parece ser um desses pontos polêmicos e questionados no Ensino de Arte. Em 2011, trabalhamos bastante com tal recurso, entre outros, junto aos nossos alunos. Para maior compreensão do trabalho que realizamos durante 2011, com quinze turmas de alunos, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, apresentamos a seguir algumas tabelas que dimensionam todo o trabalho realizado, a divisão do tempo de aulas entre os conteúdos abordados e o número de aulas utilizadas em cada bimestre.

Tabela 5 - Turmas de alunos da Escola Municipal Jardins de Monet em 2011, que foram nossos alunos e que participaram da Mostra de Artes: “Uma viagem pela história da arte mundial”.

Anos escolares	Número de turmas	Média de alunos por turma	Total de alunos por ano escolar
1º ano	03	34,3	103
2º ano	02	34	68
3º ano	03	34,3	103
4º ano	03	33,7	101
5º ano	04	35,5	142
Total geral	15	34,3	517

Durante a nossa graduação em Artes Visuais na UFU, tivemos acesso ao livro de Betty Edwards (1984), que, apoiada pelas pesquisas do Dr. Roger W. Sperry (Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1981), trouxe algumas considerações sobre o desenho.

Esclarecemos que o método de ensino do desenho proposto por Betty Edwards, em seu livro intitulado “*Desenhando com o lado direito do cérebro*”, foi muito utilizado por nós durante a nossa formação inicial. Acreditamos que esta proposta tenha contribuído de maneira significativa na nossa aprendizagem. Ressaltamos que só nos foi possível aprimorar o nosso desenho de observação a partir do momento em que começamos a desenvolver a nossa capacidade de ver.

Gonçalves (2009), mesmo reconhecendo a importância dos estudos de Edwards, apresenta alguns questionamentos importantes à sua obra:

Se o método desenvolvido pela pesquisadora Betty Edwards propicia a apreensão dos códigos artísticos e o ensino-aprendizagem em arte, por que esse método continua sendo ignorado? Por que o livro *Desenhando com o lado direito do cérebro* é pouco utilizado em sala de aula, e nos cursos de

formação de professores de arte? Qual o motivo de não se incluir as pesquisas de Betty Edwards nas investigações sobre ensino e aprendizagem em arte? (p. 06).

Tendo em vista tais questionamentos, esclarecemos que a nossa proposta de trabalho para a Escola Municipal Jardins de Monet não se fundamentou exclusivamente no livro “*Desenhando com o lado direito do cérebro*”. Essa obra nos trouxe algumas informações relevantes, como a importância do ato de *ver* para a elaboração de um desenho, a importância das emoções e as funções dos hemisférios cerebrais.

Com a intenção de estimular as crianças a se expressarem, a se conectar com afetivamente com o trabalho educativo, propusemos, em algumas ocasiões, atividades de relaxamento com o uso de músicas instrumentais para criar uma sintonia de tranquilidade na sala, o que nos propiciava, além de momentos agradáveis com as crianças, desenvolver uma relação mais próxima de afetividade e de empatia com elas. Para isso, procuramos deixar ligado, sempre que possível, um aparelho de som tocando músicas instrumentais durante a execução dos trabalhos em sala de aula, com a intenção de criar uma harmonia favorável ao processo de criação dos alunos.

Promovendo aulas mais agradáveis e tranquilas, conseguimos estabelecer uma relação de proximidade com as crianças, o que foi também importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, tendo em vista que nos foi possível contar com a ajuda e parceria da grande maioria dos alunos na construção das atividades de Arte durante o ano de 2011 e na montagem da Mostra.

Outros aspectos da nossa prática docente, durante o desenvolvimento do projeto, foram descritos em uma de nossas anotações:

O dia na escola hoje foi muito difícil, muito cansativo, sinto-me bastante exausto, estou preocupado com a nossa Mostra de Arte, estamos próximo do recesso de julho e praticamente não fizemos nem 1/3 das produções que necessitamos fazer para a nossa exposição. Já não estou tendo forças para ficar correndo de uma sala para outra carregando caixas de tintas e painéis, por conta desta correria estou com as minhas roupas todas manchadas de tinta. Quarta-feira passada, quando fui guardar os trabalhos na sala 16, carregando os painéis ainda com a tinta fresca, fui surpreendido por uma forte corrente de vento no corredor da escola, que lançou os trabalhos sobre mim, sujando a minha roupa e estragando os trabalhos dos alunos. A indisciplina também está me tirando as forças e a paciência. Como não está tendo condições de todos os alunos pintarem, por falta de espaço, mesas adequadas e materiais, os alunos que não querem fazer as atividades paralelas que eu levo, estão provocando muita bagunça na sala. Confesso que me faltam forças até para relatar estes episódios²¹.

²¹ Excerto de uma Nota de Campo – Junho de 2011.

Conforme este relato de junho de 2011, tivemos muita dificuldade em conduzir as aulas práticas de pinturas dos painéis, pelo fato de não haver possibilidade de todos os alunos pintarem ao mesmo tempo. Faltavam materiais e recursos, tais como: pincéis, tintas, armários, prateleiras, pia e mesas adequadas. Como não dispomos de uma sala ambiente para o Ensino de Arte, temos que adequar as nossas atividades para a sala de aula do ensino regular, o que compromete significativamente a qualidade do nosso trabalho e das crianças, gerando um enorme desgaste para todos nós, alunos e professor.

Devido à falta de mesas adequadas para se trabalhar com pintura em painéis, tivemos que juntar algumas mesas e colocá-los sobre elas. Enquanto isso, algumas crianças também pintavam com os painéis no chão da sala.



Foto 27 - Confecção de cartazes – 2º ano A
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 28 - Confecção de cartazes – 2º ano A.
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 29 - Confecção de cartazes - 3º ano
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 30 - Confecção de cartazes – 4º ano
Fonte: Arquivo Pessoal

Para os alunos que não estavam pintando, levamos algumas propostas, tais como: apresentação de filmes de cunho educativo, atividades de desenhos, recorte e colagem. Ainda que todos tivessem recebido alguma atividade para fazer, a maioria dos que estavam sem pintar optava por ficar olhando os colegas pintarem até chegar a sua vez, mas, infelizmente, devido ao pouco tempo de aula, na maioria das vezes, muitos alunos acabavam não pintando.



Foto 31 - Grupo de alunos (as) de 1º ano pintando painel sobre a Arte Rupestre.
Fonte: Arquivo Pessoal

Não conseguíamos dividir o tempo para todos os alunos, pois só dispúnhamos de 50 minutos, conforme já citamos, que se transformavam em 30 minutos devido a outras providências que tínhamos que tomar durante a aula. Sobre a escassez de tempo em nossas aulas, a aluna Anita Malfatti, do 5º ano B, ao fazer sua análise sobre a Mostra de Arte (2011), comenta que

que a gente pintou muito pouco fez
pouco trabalho e ruim por que
tem só um horário e pouco tempo
pra a gente fazer tudo e que o professor
planeja pra gente.

Fonte: Anita Malfatti – 5º B²²

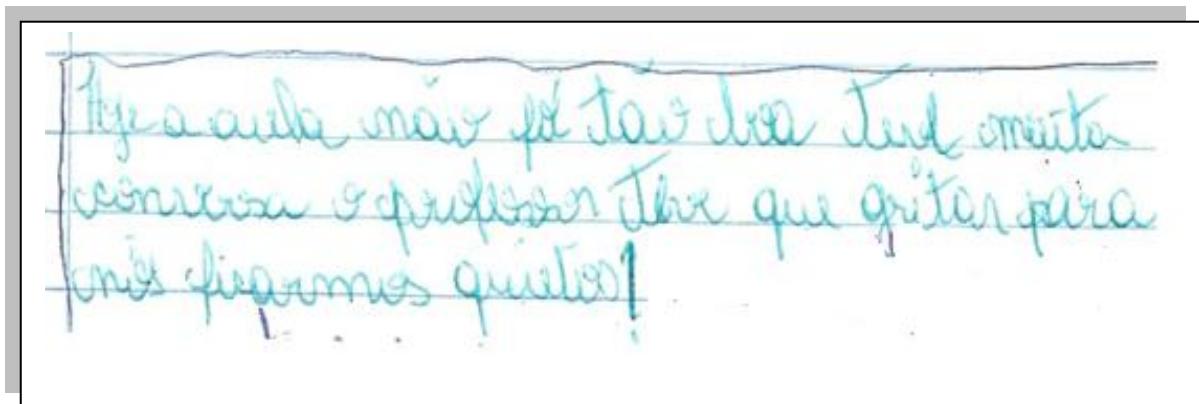
Possivelmente, devido ao pouco tempo em cada sala de aula para desenvolver o nosso trabalho, ficávamos bastante estressados, principalmente por conta da indisciplina de alguns alunos que ficavam ociosos e não participam das atividades paralelas, além do desenho e da pintura dos painéis. Tais crianças só demonstravam interesse quando chegava a sua vez de pintar.

Por causa da indisciplina e das intensas conversas que tanto nos cansavam e atrapalhavam a aula, frequentemente, acabávamos nos exaltando com algumas turmas, o que nos deixava tristes, já que não era este o nosso desejo. Percebíamos que alguns alunos sentiam-se também incomodados com a indisciplina, como demonstra o registro das alunas do 5º ano A, Tarsila do Amaral e Elis Regina:

Haja eu odorei aula menor a parte
em que os alunos ficavam conversando alto!

Fonte: Tarsila do Amaral – 5º A²³

²² [...] que a gente pintou muito pouco, fez pouco trabalho. Isso é ruim porque temos só um horário e pouco tempo para fazer tudo o que o professor planeja para nós”.



Fonte: Elis Regina - 5º A²⁴

Além do desgaste físico e emocional, nos sentíamos também pressionados pelo compromisso que havíamos assumido com a direção da escola ao propor que, a partir deste trabalho, esboçaríamos, com os demais professores de Arte da escola, uma proposta para o Ensino de Arte, incorporando-a ao Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal Jardins de Monet.

A escola, mesmo sem dispor de muitos recursos financeiros, patrocinou todo o nosso projeto e acreditou na nossa proposta. Outro aspecto que também nos preocupava era o fato de ter gerado uma grande expectativa nas crianças desde a apresentação do planejamento para o ano de 2011, e, certamente, sentimos, desde então, o peso da responsabilidade em concluir o que havíamos apresentado para os alunos.

Os momentos de indisciplina das crianças, que, por vezes, ao contrário da nossa vontade, nos exigiram uma postura mais enérgica, também nos deixaram, por várias vezes, sem forças e desanimados. Contudo, por confiarmos na educação e em nosso trabalho, procuramos permanecer firmes diante das adversidades no cotidiano escolar.

Acreditamos que, quando a proposta pedagógica é interessante e motivadora, estes momentos de turbulência na sala de aula tendem a diminuir bastante. Por isto, idealizamos o projeto de trabalho para 2011 com um formato que possibilitasse ao aluno, gradualmente, ir desenvolvendo seu potencial criativo e seu livre-arbítrio; para isso, procuramos desenvolver aulas mais dinâmicas, estimulantes, com pesquisas no laboratório de informática e com a utilização de recursos audiovisuais, tais como: projetor, computador, televisão, aparelho de DVD, aparelho de som e câmera fotográfica.

²³ "[...] Hoje eu adorei a aula, menos a parte em que os alunos ficavam conversando alto!".

²⁴ "[...] Hoje a aula não foi tão boa, teve muita conversa. O professor teve que gritar para que ficássemos quietos!".

No laboratório de Informática, as crianças puderam navegar na internet e descobrir mais curiosidades sobre a história da arte mundial, visualizar imagens de obras de arte e conhecer um pouco mais sobre a vida de alguns artistas. Na sala de aula, utilizando o projetor e conectados à internet, tivemos também a oportunidade de fazer um passeio virtual no Museu do Louvre, em Paris, França.



Foto 32 - Alunos do 3º ano fazendo pesquisa no laboratório de Informática.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Em outros momentos, promovemos atividades de relaxamento com música instrumental e também assistimos alguns vídeos sobre os movimentos artísticos, tais como: Renascimento, Impressionismo, Expressionismo, Surrealismo, dentre outros. Os alunos também puderam assistir aos vídeos produzidos por nós na Oficina de Animação no ano de 2010 e à Mostra de Arte sobre a Consciência Negra, também realizada na Escola Municipal Jardins de Monet neste ano.



Foto 33 - Alunos do 4º ano fazendo desenho de observação com data-show.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 34 - Alunos do 2º ano fazendo desenho de observação com data-show.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Outra atividade com que as crianças ficaram bastante empolgadas foi em relação aos registros fotográficos que algumas delas fizeram das nossas aulas. Uma aula que destacamos, neste estudo, foi o dia em que levamos as crianças para fazerem um desenho de observação do

painel das obras da Tarsila do Amaral, trabalho este que desenvolvemos com as crianças na época em que éramos professor de uma Oficina Pedagógica.



Foto 35 - Alunos do 3º fazendo desenho de observação do painel da Tarsila do Amaral
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 36 - Alunos do 3º fazendo desenho de observação do painel da Tarsila do Amaral
Fonte: Arquivo Pessoal.

Ressaltamos também outra atividade que realizamos em sala de aula e que nos possibilitou desenvolver o potencial criativo dos alunos. Nesta aula, afixamos uma cartolina na parede da sala e projetamos uma imagem de alguma obra de arte em cima da mesma, posteriormente, as crianças, em duplas, foram até a frente e riscaram sobre o papel as linhas da imagem projetada. Quando esta imagem já tinha sido transferida totalmente para a cartolina, desligava-se o projetor e sugeríamos às crianças que se imaginassem sendo o autor daquela obra e, a partir daquele momento, as crianças deveriam dar continuidade ao trabalho do artista, que, no caso da imagem abaixo, se tratava de Salvador Dalí.



Foto 37 - Alunos do 5º ano desenhando a partir de imagem projetada.
Fonte: Arquivo Pessoal.

No início de 2011, essas atividades aconteciam praticamente em todas as nossas aulas, no entanto, novamente, devido à escassez de tempo de que dispúnhamos com os alunos, na medida em que fomos voltando os nossos trabalhos para a pintura dos painéis, não tivemos tantos momentos como aqueles acima mencionados, tendo retornado a essas atividades somente nos últimos dias letivos do ano de 2011, logo após termos concluído a Mostra: “Uma viagem pela História da Arte Mundial”. A partir das atividades propostas, desejávamos ampliar o repertório visual e teórico dos alunos no que se refere a arte de uma maneira geral e, desta forma, possibilitar a eles que, aos poucos, (re)descobrissem seu próprio potencial artístico. Entretanto, após a conclusão da proposta para 2011, questionamos até que ponto nossas ações puderam, ou não, ser significativas na formação das crianças.

As atitudes de solidariedade dos alunos para conosco, trouxeram muitas alegrias durante o processo dos trabalhos em 2011. Tivemos muita ajuda das crianças e percebíamos o quanto elas se preocupavam com o nosso cansaço e por vezes estresse.

Desde a apresentação do nosso planejamento do Ensino de Arte para o ano de 2011 para as crianças, os alunos se sentiram corresponsáveis pelo mesmo. Em momento algum tivemos alguma situação em que os estudantes tivessem se negado a fazer alguma atividade

proposta, pelo contrário, a vontade de ajudar era tanta que, frequentemente, tínhamos que pedir aos alunos que tivessem um pouco de paciência. Eles queriam carregar os materiais, limpar a sala, levar a nossa pasta de trabalho, ligar e desligar os equipamentos, enfim, foram extremamente solidários, principalmente no momento da montagem da mostra (2011), quando nos ajudaram a erguer toda a estrutura e mantê-la conservada durante os dias em que esteve montada.

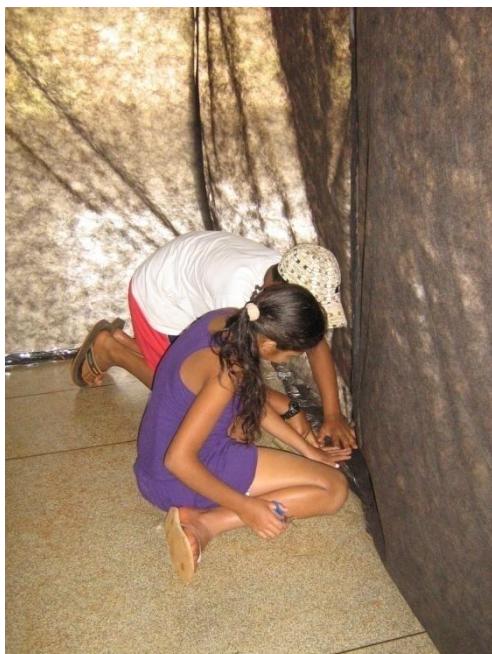


Foto 38 - Alunos montando a estrutura para a Mostra de 2011.

Fonte: Arquivo Pessoal

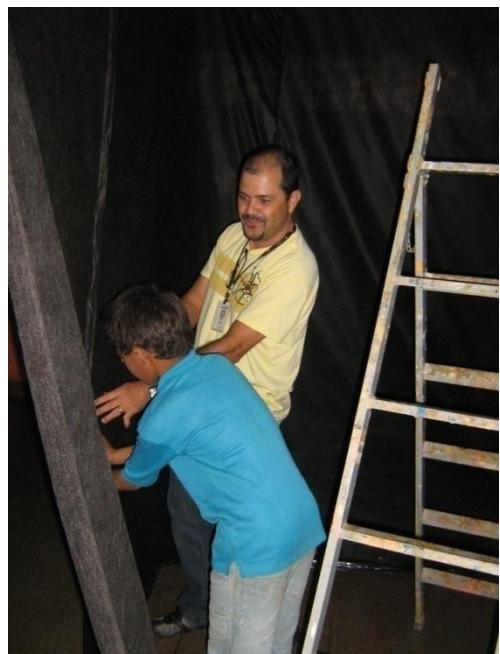


Foto 39 - Alunos montando a estrutura para a Mostra de 2011.

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 40 - Montagem do painel da Mostra / 2011

Fonte: Arquivo Pessoal

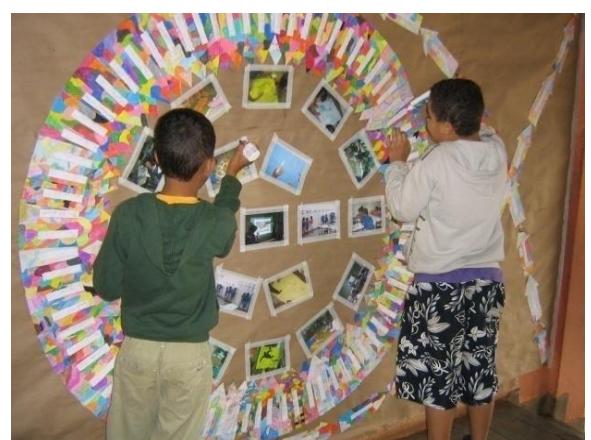


Foto 41 - Montagem do painel da Mostra / 2011

Fonte: Arquivo Pessoal

Além de buscarmos estabelecer, com a Mostra de 2011, um panorama geral sobre a história da arte mundial até os dias atuais, ressaltamos que uma de nossas intenções com esta pesquisa é desenvolver análises sobre a nossa prática docente, o que, a nosso ver, nos permitirá estruturar o planejamento para o ano seguinte.

Portanto, este trabalho tem um caráter de experimentação para a construção de uma Proposta de Ensino de Arte para a Escola Municipal Jardins de Monet. Desse modo, o planejamento e atividades realizadas durante o ano de 2011 foram criteriosamente analisados. A intenção foi de observar os aprendizados que obtivemos com esta proposta e, assim, possibilitar apontamentos sobre os aspectos que deveremos repensar/aprimorar para o ano seguinte. Como exemplo, citamos o nosso equívoco ao subestimar, no início de 2011, a capacidade dos alunos do primeiro ano, já que tínhamos o receio de que eles não conseguissem assimilar a nossa proposta e desenvolver as atividades elaboradas para eles.

Para a nossa surpresa e aprendizado, logo que iniciamos as nossas aulas práticas nas turmas de primeiro ano, ficamos impressionados com a facilidade que eles tiveram ao desenvolver as atividades propostas. A princípio, receávamos que fosse muito difícil trabalhar com eles sobre a pintura rupestre e a arte greco-romana, entretanto, as crianças aderiram à proposta apresentada com entusiasmo e competência.

A aula que tivemos com os primeiros anos sobre a confecção de tintas com pigmentos naturais foi um sucesso entre as crianças. Sair pela escola coletando porções de terra, peneirar a terra e misturá-la com água e cola foram ações que provocaram uma enorme surpresa. Como não tínhamos variedade de terra com cores e tonalidades diferentes, tivemos que utilizar um pouco de pigmento artificial, mas o efeito da textura que a pintura deixou no papel foi muito interessante, proporcionando, a nosso ver, um trabalho de qualidade.



Foto 42 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 43 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 44 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 45 - Alunos do primeiro ano pintando com tinta natural
Fonte: Arquivo Pessoal.

Enfatizamos também uma aula que, após termos mostrado algumas imagens, vídeos e falado sobre teorias em relação às pinturas rupestres, foi pedido aos alunos do primeiro ano que fechassem os olhos e se imaginassem dentro de uma caverna escura e úmida e, posteriormente, que se imaginassem pintando algo dentro de uma caverna. No momento seguinte, afixamos nas paredes da sala de aula várias cartolinhas e solicitamos aos alunos que reproduzissem naquelas folhas as imagens das pinturas rupestres que mais os impressionaram até aquele momento. As crianças adoraram a proposta, e o resultado final, assim como ocorreu na pintura com pigmentos naturais, surpreendeu a todos nós pela criatividade que os alunos demonstraram no desenvolvimento desta atividade.



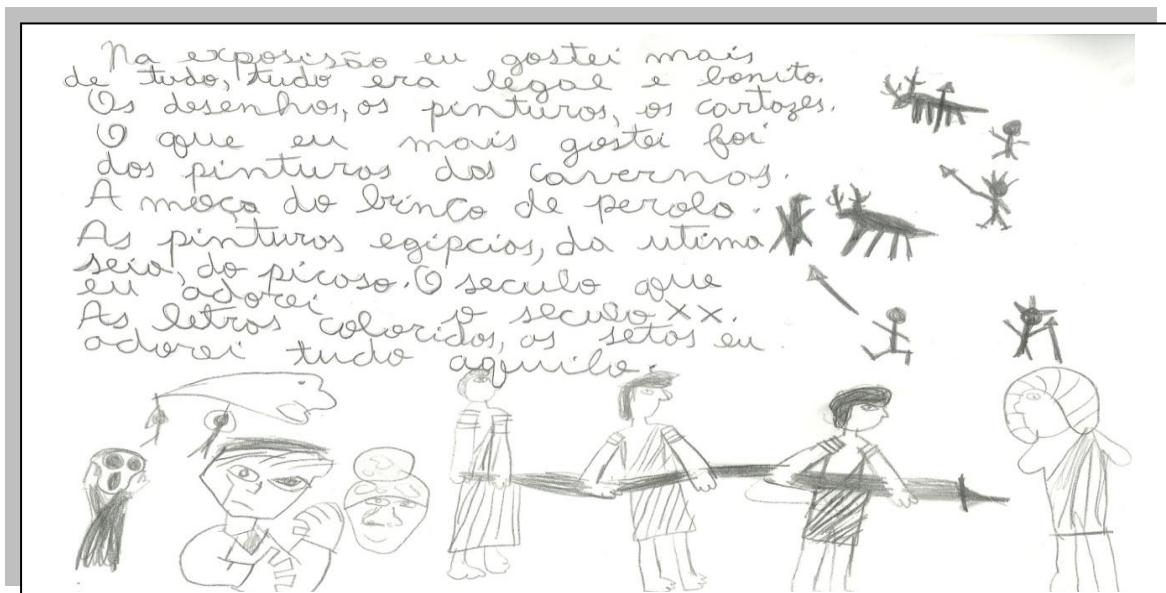
Foto 46 - Alunos do 1º ano fazendo desenhos rupestres em painel
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 47 - Alunos do 1º ano fazendo desenhos rupestres em painel
Fonte: Arquivo Pessoal.

De acordo com alguns depoimentos que coletamos de alunos da escola na Mostra, o corredor com as pinturas rupestres reconstruídas por turmas do primeiro ano foi o mais

bonito, talvez pelas pinturas que eles fizeram com pigmentos naturais extraídos da terra. Na ocasião da Mostra “Uma viagem pela história da Arte Mundial”, várias pessoas chegaram até nós elogiando o trabalho realizado com as crianças, e foi muito comum nestes depoimentos o destaque para o corredor onde estavam os trabalhos das turmas de primeiro ano. O aluno Pixinguinha do 4º ano C, ao analisar a Mostra de 2011, fez o seguinte destaque ao trabalho dos primeiros anos:



RELATO: Pixinguinha – 4º ano C²⁵

Em maio de 2011, apresentamos para as turmas de 4º ano o filme que retrata a vida do artista expressionista Jackson Pollock. Na ocasião, os alunos se surpreenderam com a história de vida deste artista, principalmente, com a maneira como ele descobriu seu estilo artístico, ao perceber os respingos de tinta que caiam de seu pincel, no momento em que pintava dentro de um celeiro. Em relação ao filme, também refletimos sobre vício e as suas consequências para o dependente e familiares, tendo em vista os prejuízos que o alcoolismo trouxe para a vida deste artista.

Com a intenção de que as crianças reproduzissem seus trabalhos, tendo como referência as obras de Jackson Pollock, providenciamos para as turmas várias colas coloridas que os alunos iam despejando, aleatoriamente, sobre a folha, e esta liberdade de criar foi o aspecto que as crianças mais destacaram nesta atividade. Após todos terem terminado seus

²⁵ “Na exposição, eu gostei de tudo! Tudo era legal e bonito! Os desenhos, as pinturas, os cartazes, gostei muito das pinturas das cavernas. Também gostei da Moça do brinco de pérola, das pinturas egípcias, da Última Ceia e de Picasso. O século que eu adorei foi o século XX. Gostei das letras coloridas, das setas; eu adorei tudo aquilo!”.

trabalhos individuais, com a ajuda dos alunos, fomos juntando uns trabalhos aos outros até criarmos dois painéis que foram expostos na Mostra (2011).



Foto 48 - Aula prática de pintura – 4º ano.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 49 - Aula prática de pintura – 4º ano.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 50 - Painel do 4º ano – Releituras das obras de Jackson Pollock.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Em 2011, utilizamos o pátio central da escola como espaço para montar nossa Mostra de Arte, cujo objetivo foi criar uma linha do tempo. Ao transitar pelos corredores da Mostra, as pessoas poderiam reportarem-se à época em que as obras ali inseridas representam, e, desta forma, criarem uma relação de proximidade com as produções artísticas de cada período da história da arte.



Foto 51 - Painel da Mostra de 2011.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 52 - Imagem externa da Mostra de 2011.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 53 - Imagem do corredor 1
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 54 - Imagem do corredor 3.
Fonte: Arquivo Pessoal.

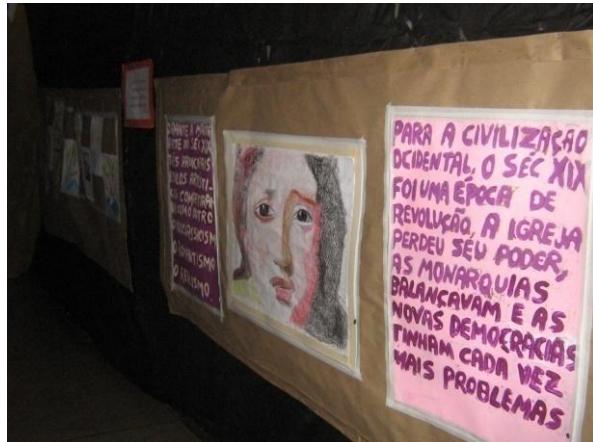


Foto 55 - Imagem do corredor 3.
Fonte: Arquivo Pessoal .



Foto 56 - Imagem do corredor 3.
Fonte: Arquivo Pessoal .

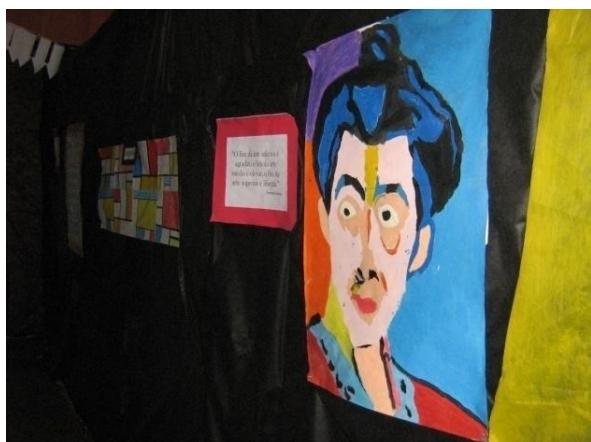


Foto 57 - Imagem do corredor 4.
Fonte: Arquivo Pessoal.



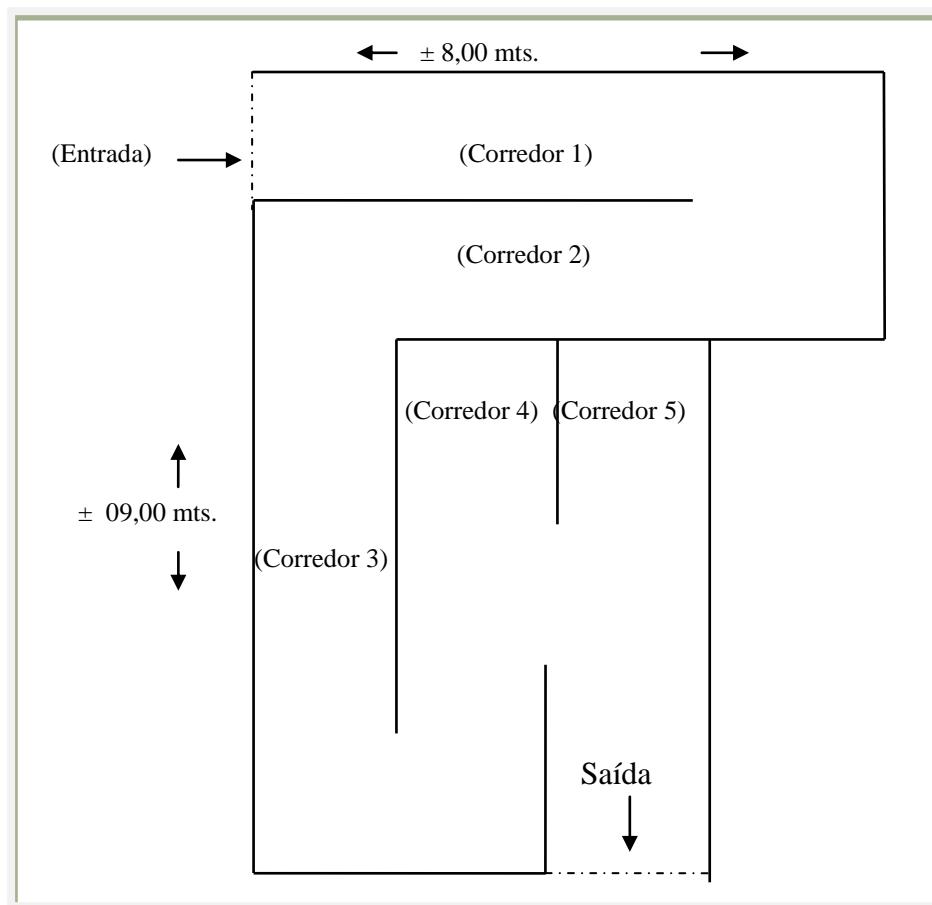
Foto 58 - Imagem do corredor 5.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Para facilitar o processo de aprendizagem, cada corredor da Mostra, continha releituras de obras de arte e cartazes produzidos pelos alunos durante as nossas aulas. Estes cartazes traziam informações sobre cada período ali representado.

Ao caminharem pelos corredores, pretendíamos que os expectadores saíssem do contexto escolar e “mergulhassem” mentalmente e visualmente na história da arte mundial, de forma que pudessem fazer, minimamente, uma trajetória histórica, cuja proposta de percurso se deu da seguinte maneira:

- (*Corredor 1*) - 1º Ano: Da Arte Rupestre à Arte Greco-Romana;
- (*Corredor 2*) - 2º Ano: Renascimento – Barroco – Rococó;
- (*Corredor 3*) - 3º Ano: Neoclassicismo – Romantismo – Impressionismo;
- (*Corredor 4*) - 4º Ano: Fovismo – Cubismo – Surrealismo – Expressionismo Abstrato e Figurativo;
- (*Corredor 5*) - 5º Ano: Hard Edge – Arte Pop – Arte Conceitual.

Imagen 1 - Planta Baixa da Mostra de Artes (2011): “Uma viagem pela história da Arte Mundial: da pré-história ao pós-moderno.



A Mostra intitulada “Uma viagem pela história da arte mundial” aconteceu entre os dias 17 e 21 de outubro de 2011. Havíamos planejado desmontar a Mostra no último dia, ou seja, no dia 21, assim que terminasse o último recreio na escola, tendo em vista que, neste momento, os alunos já teriam retornado para as suas salas e, deste modo, teríamos maior tranquilidade para retirar os trabalhos com cuidado para não estragarem e também para preservar o tecido para outras ocasiões. Ocorreu que, quando levamos as crianças para o último recreio do turno da tarde, ou seja, antes de iniciarmos a retirada dos trabalhos, um dos alunos se jogou sobre o tecido que funcionava como se fosse uma parede no espaço, separando os corredores, e os demais alunos, que estavam próximos da Mostra, ao verem o que o colega fez, se jogaram também.

Na ocasião, estava no pátio uma professora que cuidava da segurança das crianças no recreio e, ao perceber a bagunça/confusão e destruição dos trabalhos da Mostra, tentou impedir os estudantes de fazerem tal coisa. Como estávamos, naquele instante, com uma máquina fotográfica no bolso, pedimos a ela que não interferisse nas atitudes dos alunos e começamos a fotografar todo aquele movimento.



Foto 59 - Imagem da destruição da Mostra (2011) momento de desmontagem.

Fonte: Arquivo Pessoal .



Foto 60 - Imagem da destruição da Mostra (2011) momento de desmontagem.

Fonte: Arquivo Pessoal .



Foto 61 - Imagem do que restou da Mostra (2011)

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 62 - Imagem do que restou da Mostra (2011)

Fonte: Arquivo Pessoal .

Naquele momento, a Diretora da escola também chegou ao pátio e verificou o que estava acontecendo e, ao nos ver fotografando o episódio, sua reação foi de indignação com a nossa atitude. Posteriormente, após as coisas terem se acalmado, esclarecemos para a diretora que os impedir não significaria que estaríamos educando-os, mas registrando as cenas e, num outro momento, colocando-os de frente com as imagens de destruição, poderia provocar uma reflexão sobre tais comportamentos. Principalmente depois de eles perceberem pelo vídeo que o que foi destruído em poucos minutos tinha levado praticamente nove meses para ser construído por todo o grupo de alunos. Assim, resolvemos refazer o vídeo para colocar no final as fotos da destruição da Mostra, desfocando os rostos dos alunos para preservar as suas identidades.

A proposta para o Ensino de Arte que planejamos para o ano de 2011 ultrapassou as nossas intenções iniciais. A princípio, tínhamos o intuito de finalizar o nosso trabalho propondo um debate/reflexão com os alunos sobre o que representou, para cada um, vivenciar a experiência de conhecer sobre a história da Arte, elaborar e produzir desenhos e pinturas e expor seus trabalhos.

Para isso, fotografamos, ao longo de 2011, as atividades desenvolvidas com as crianças, de forma que, ao final do trabalho, pudéssemos utilizar estas imagens para montar um vídeo que retratasse todo o percurso construído, desde as primeiras aulas até o instante em que os alunos estavam visitando a Mostra.

Contudo, após os acontecimentos que ocorreram pouco antes da desmontagem da Mostra (2011) optamos por acrescentar ao vídeo, as imagens da destruição. Dessa maneira, nossa proposta também foi alterada, pois, no momento, tivemos como intenção socializar este

vídeo com as crianças como uma forma de celebração pelo trabalho realizado. Com esta nova edição, além da intenção de comemorar a conclusão da nossa proposta, passamos a ter também o desejo de que o vídeo, na parte contendo as imagens da destruição da Mostra, pudesse servir de reflexão para todos nós, alunos e professores.

Em relação ao vídeo que produzimos sobre a Mostra de 2011, optamos por passá-lo para todas as turmas da escola, nos dois turnos. Antes de apresentá-lo, fizemos alguns esclarecimentos sobre a nossa intenção com aquele vídeo, ponderando que tínhamos muitos motivos para comemorar os nossos aprendizados adquiridos com o nosso esforço e boa vontade e que também deveríamos refletir e repensar o desfecho da Mostra. Deixamos claro que não estávamos crucificando ninguém. Como seres humanos, temos o direito ao erro, mas entendemos que também devemos ter o dever de aprender com eles, principalmente dentro de um espaço educacional.



Foto 63 - Alunos do 4º ano assistindo ao vídeo sobre a Mostra de 2011

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 64 - Alunos do 4º ano assistindo ao vídeo sobre a Mostra de 2011

Fonte: Arquivo Pessoal.

Desse modo, ao passarmos o vídeo na íntegra para todas as turmas, a reação de inconformidade e reprovação dos comportamentos de destruição foi geral; várias crianças choraram com as cenas, inclusive nós. De certa forma, o vídeo também teve um apelo emocional, já que tínhamos a intenção de sensibilizá-los. Depois da apresentação do vídeo, pedimos às crianças que fizessem uma análise sobre tudo que elas haviam assistido, que refletissem não só com o desfecho da Mostra, mas, principalmente, sobre o que significou o Ensino de Arte na sua vida, quais foram os aspectos negativos e positivos que eles poderiam

elencar. E assim, finalizamos as nossas apresentações e encerramos a nossa proposta para o ano de 2011.

Espontaneamente, recebemos dezenas de cartas de apoio por parte dos alunos que ficaram sensibilizados com a nossa situação, pois eles perceberam, depois de tanta dedicação, o quanto ficamos abatidos pela maneira como tudo acabou.

Recebemos várias cartas das crianças que, quase unanimemente, desaprovaram as atitudes dos alunos que se envolveram na destruição da Mostra no momento da desmontagem. Como exemplo de tais depoimentos, apresentamos três relatos²⁶, os quais foram selecionados por nós em função de terem conseguido expressar melhor suas ideias e opiniões em relação ao fato ocorrido.

nesta exposição do ano 2011 o professor Wesley e os alunos fizeram um túnel e lá dentro ele colocou as exposições. Ele vez muitas artes mas alguns alunos desmancharam as exposições. Mais tinha muitos desenhos bonitos. Quando nós entramos lá dentro do túnel vimos cada desenho bonito mas quando o professor Wesley mostrou os meninos (as) rasgando tudo foi muito triste.

RELATO: Chiquinha Gonzaga – 4º ano B.²⁷

²⁶ Com a intenção de melhorar a legibilidade dos depoimentos das crianças, tivemos que reforçar a escrita delas, haja vista que a maioria dos alunos utilizou o lápis para escrever, tendo ficado uma escrita clara, desse modo, impossibilitando obter uma boa digitalização.

²⁷ “Nesta exposição do ano de 2011, o professor Wesley e os alunos fizeram um túnel e lá dentro aconteceu a Mostra. Foi feito muitos trabalhos de artes, mas os alunos desmancharam a exposição que tinha muitos desenhos bonitos. Quando entramos no túnel, vimos cada desenho bonito, mas quando o professor Wesley mostrou os meninos (as) rasgando tudo foi muito triste”.

18/31/33

A exposição de artes foi muito bom, porque o professor Wesley usou muita criatividade nos quadros a parte que eu mais gostei foi na hora de passar dentro do túnel pra mim foi muito boa aquela sensação tão bom aqueles desenhos me transmitiam vida e alegria mas uma coisa que não gostei foi porque alguns alunos destruíram a exposição e isso não foi legal.

RELATO: Carmem Miranda – 5º ano A.²⁸

A exposição de arte, foi bom, foi incrível, quando entrei lá dentro parecia que eu estava entrando num museu, os desenhos foram tão lindos, foi tão importante pra mim ter feitos alguns desenhos, as aulas de artes foram muito bom pra mim, só tem uma coisa que eu não gostei foi como acabou de maneira tão feia, teve alguns desenhos que não ficou bonito, do lado de fora ficou bom e do lado de dentro ficou lindo, teve gente que não soube aproveitar o desenho, quando acabou ninguém aproveitou o desenho, fez né que desenharamos os desenhos ficar triste, pois não fizemos atra.

RELATO: Clara Nunes – 4º ano E²⁹

²⁸ “A exposição de Artes foi muito boa, porque o professor Wesley usou muita criatividade nos quadros. A parte que eu mais gostei foi na hora de passar dentro do túnel, para mim foi muito boa aquela sensação. Aqueles desenhos me transmitiam vida e alegria. Mas uma coisa que eu não gostei, foi porque os alunos destruíram a exposição, e isso não foi legal!”.

²⁹ “A exposição de Artes foi boa, foi incrível, quando entrei lá dentro parecia que eu estava entrando num museu, os desenhos ficaram lindos, foi muito importante para eu ter feito alguns desenhos. As aulas de Artes foram

Sobre estes depoimentos, destacamos o carinho e atenção que foi se estabelecendo cada vez mais nas nossas relações diárias. O relato da aluna Chiquinha Gonzaga deixa claro que algo que foi tão bonito tornou-se triste, o que demonstra certa sensibilidade e apreço pelo trabalho realizado. Já a aluna Carmem Miranda ressalta a sensação agradável que sentiu ao passar pelos corredores da Mostra, mas também reprova a destruição. Sobre a experiência de transitar pelos corredores da Mostra a aluna Clara Nunes associa essa sensação a de estar em um Museu, ressalta a importância de ter participado da produção daqueles trabalhos e termina, também, reprovando as atitudes dos alunos que destruíram a Mostra na desmontagem. Vale destacar que, ao se referir aos corredores da Mostra, algumas crianças utilizaram o termo túnel.

Ao analisarmos estes depoimentos, podemos constatar que, ainda que tenhamos cometido equívocos durante as nossas aulas e planejamentos, por mais que não tenhamos agradado a todos, o que é normal, a leitura que fazemos foi de um trabalho que superou as nossas expectativas iniciais, de uma proposta que nos possibilitou estreitar os laços com as crianças e, com isto, conquistá-las não pela imposição, mas pelo respeito. Enfim, acreditamos que nenhuma lágrima e gota de suor foram derramadas em vão. Tomamos esta experiência de 2011 como um grande aprendizado para todos que, de forma direta ou indireta, viajaram conosco na Mostra “Uma viagem pela história da arte mundial”.

No final da Mostra de Arte em 2011, após o momento de reflexão com os alunos, demos uma folha sulfite para cada aluno e pedimos a eles para que escrevessem o que acharam do trabalho com Arte em 2011 e da Mostra “Uma viagem pela história da arte mundial”. Dentre os vários relatos que recebemos, destacamos os depoimentos dos alunos Di Cavalcanti, do 5º ano C, Cândido Portinari, do 5º ano A, e da aluna Djanira do 4º ano B.

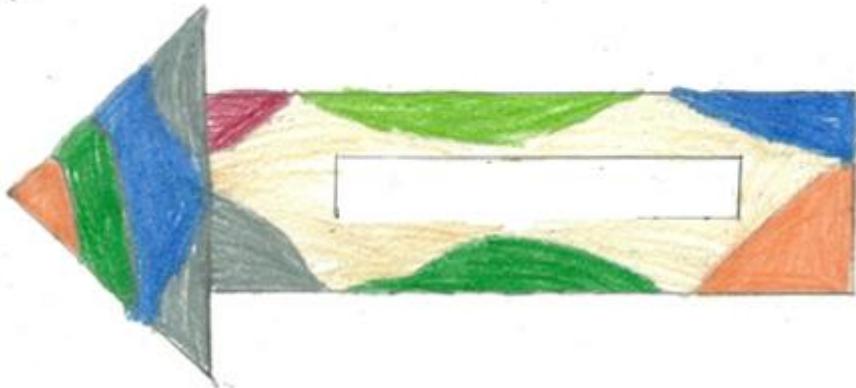
muito boas para mim, só tem uma coisa que eu não gostei, foi como a Mostra acabou de maneira tão feia. Tiveram alguns desenhos que não ficaram bonitos fora da Mostra, mas quando colocou na exposição, ficou lindo! Teve gente que não soube aproveitar o desenho que fez, ninguém aproveitou os desenhos! Fomos nós que desenhamos, ficamos tristes! Pois não fizemos a toa”.

Uma viagem pela Arte
1-o que vocês acharam do projeto?

Bem primeiramente quero agradecer a ^{rof} prof Wesley por ter nos ensinado sobre a Arte porque antes eu não gostava, depois que eu aprendi eu gostei muito e descobri que sem a arte a vida não é boa.

E também quero agradecer a direção e a diretora Kárita, A Analbégia, A Deise, a Marilda que ajudaram o professor Wesley e deram apoio. E também quero parabenizar os alunos que ajudaram. Parabéns Prof Wesley

2-desenhar a parte do projeto que você mais gostou.



RELATO: Di Cavalcanti - 5º C³⁰

³⁰ “Bem, primeiramente quero agradecer a você professor Wesley por ter nos ensinado sobre a arte, porque antes eu não gostava de arte, depois que eu aprendi, eu gostei muito e descobri que sem a arte a vida não é boa. Também quero agradecer a diretora Kárita, a Analbégia, a Deise e a Marilda que ajudaram o professor Wesley dando apoio. Também quero parabenizar os alunos que ajudaram. Parabéns Professor Wesley”.

Professor a exposição foi um capricho professor sinceramente eu gostei muito da exposição mas eu fiquei muito triste de ver os trabalhos sendo destruídos professor sendo se sera você este de Parabéns nunca imaginei que você pudesse terminar em uma semana na hora que eu entrei não dava para ler me porque os meninos no recreio não deixavam ninguém ver nada aqueles meninos para mim eles estavam destruídos o que era deles professor eu não gostava da arte mas você mim ensinou o que é a arte professor o seu trabalho é perfeito professor - Parabéns mesmo estou muito triste você lutou muito para construir o seu trabalho Que Deus te abençoe muito Beijo professor.
 eles não tiveram noção do tanto que você entrou para construir.

Parabéns

Professor

Wesley.



RELATO: Djanira – 4º ano B.³¹

³¹ "Professor, a exposição foi um capricho, sinceramente, eu gostei muito da exposição, mas eu fiquei muito triste de ver os trabalhos sendo destruídos. Professor, sendo sincera, você está de parabéns, nunca imaginei que você pudesse terminar a Mostra em uma semana. Na hora em que eu entrei na Mostra não dava para ler, nem ver, porque os meninos no recreio não deixavam ninguém ver nada. Para mim, aqueles meninos estavam destruindo o que era deles. Professor, eu não gostava de arte, mas você me ensinou o que é a arte, professor, parabéns mesmo. Estou muito triste por você que lutou muito para construir o seu trabalho. Que Deus te abençoa. Muitos beijos professor! Eles não tiveram a noção do tanto que você lutou para construir. Parabéns professor Wesley".

O projeto de Artes

O projeto de artes na escola foi muito interessante, todos os trabalhos, pinturas, cartazes tudo foi lindo mas o último trabalho feito foi destruído por vandalismo.

Nós aprendemos a desenhar cara com a visão de lado, aprendemos a desenhar para dar impressão de distância, aprendemos a pintar como homens das cavernas, aprendemos a desenhar árvore, eu acho que as aulas de artes são muito interessantes por que a arte pode ensinar até matemática, eu adoro matemática e o professor me ensinou, é muito legal poder aprender a pintar e a fazer conta tudo ao mesmo tempo.

Eu quero que todos também tenham essa oportunidade que eu tive mas que também estejam interessados igual eu estive no projeto de artes porque na Irine isso só vai durar 3 anos então é isso que eu acho que todos devem fazer é aproveitar todos projetos que tem durante estes 5 anos porque do 6º ano para frente não tem moleza, eu vou para outra escola e a arte foi a mais interessante.

RELATO: Cândido Portinari – 5º ano A³²

Verificamos que, dos três relatos apresentados, dois deles, o do aluno Di Cavalcanti e da aluna Djanira, citaram que antes de 2011 não gostavam das aulas de Arte e que passaram a gostar a partir das nossas aulas. Por um lado, isso nos deixou felizes pela possibilidade de

³² “O projeto de Artes na escola foi muito interessante, todos os trabalhos, pinturas, cartazes, tudo foi lindo, mas o último trabalho feito foi destruído por vandalismo. Nós aprendemos a desenhar o rosto com a visão de lado, aprendemos a desenhar para dar a impressão de distância, aprendemos a pintar como homens das cavernas, aprendemos a desenhar árvore. Eu acho que as aulas de Artes são muito interessantes por que a arte pode ensinar até a matemática, eu adoro matemática, e o professor me ensinou. É muito legal poder aprender a pintar e a fazer conta, tudo ao mesmo tempo. Eu quero que todos também tenham essa oportunidade que eu tive, mas que também estejam interessados como eu estive no projeto de Artes. Porque na escola, esse projeto só vai durar três anos, então é isso que eu acho, que todos devem fazer é aproveitar todos os projetos que tem durante estes 5 anos - (1º ao 5º ano) – porque do 6º ano para frente não tem moleza. Eu vou para outra escola e a Arte foi a mais interessante”.

termos o nosso trabalho avaliado de forma positiva. Por outro, questionamos, por qual motivo eles não gostavam de Arte antes de 2011. Essa dúvida, infelizmente, não poderá ser respondida com esta pesquisa, já que a nossa análise se resume aos anos de 2011 e 2012 e parte de 2013.

Destacamos o relato de Di Cavalcanti do 5º ano D, pela forma como ele expôs suas opiniões sobre a proposta de Arte em 2011. O aluno assumiu que não gostava de Arte e demonstrou ser grato a todos pela colaboração que tiveram para que este trabalho pudesse ser concretizado. Curiosamente, percebemos que, quando foi solicitado que ele fizesse um desenho da parte que ele mais gostou, ele acabou desenhando a seta, que foi uma de nossas atividades em sala de aula.

Sobre esta atividade, esclarecemos que demos uma seta riscada para cada criança desenhá-la e colori-la como quisesse, entretanto, era preciso, na parte central da seta, identificar-se com seu nome, ano e turma. Com esta proposta, desejávamos que cada seta representasse uma criança e que cada criança fosse o apontamento que direcionasse as pessoas para uma viagem na arte mundial.

Optamos pelo depoimento da aluna Djanira, do 4º ano B, pelo teor da sua carta. É comum recebermos recadinhos dos alunos e percebemos o quanto eles ficam alegres por nos agradar. Porém, nesta carta da Djanira, sentimos certa necessidade de tentar ratificar a sua sinceridade naquilo que estava nos dizendo. Comoveu-nos também o seu carinho e afeto que teve ao redigir o texto, por ter tido a sensibilidade de perceber o nosso esforço durante o ano de 2011 e, principalmente, quando pediu a Deus para que nos abençoasse.

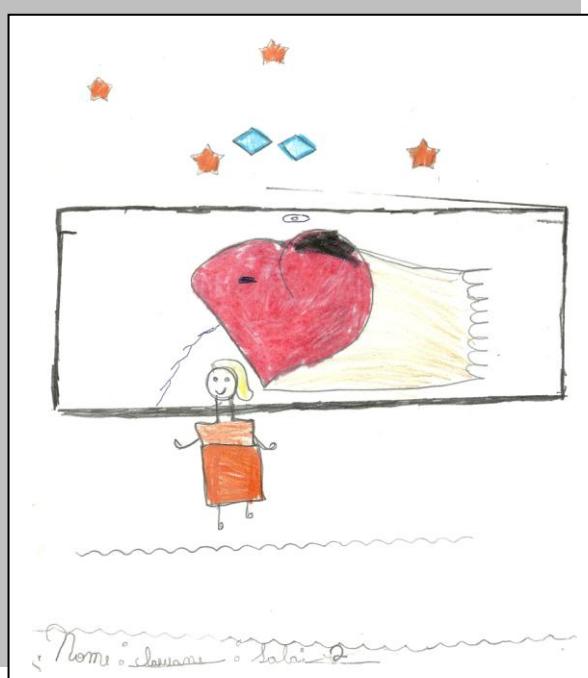
Em relação ao depoimento do aluno Cândido Portinari, do 5º ano A, ficamos surpreendidos pelo seu relato, em especial, quando citou a relação da arte com a matemática, que foi uma aula que demos logo nas primeiras semanas de fevereiro. Descreveu ainda a nossa aula de perspectiva, a aula em que os alunos desenharam os rostos uns dos outros. Enfim, acreditamos que, por meio deste depoimento, podemos avaliar, em parte, o nosso planejamento de forma positiva.

Com relação às turmas de 1º ano, por inúmeras vezes tivemos que fazer uma transposição didática nas nossas aulas, principalmente, pela dificuldade de encontrar vídeos que tratavam da arte do período rupestre à arte Greco-romana.

Como os alunos do 1º ano não sabiam ler e nem escrever, pedimos para estas crianças registrarem em forma de desenho o que significava e como elas viam a arte na sua vida. Dos

75 desenhos que nos foram entregues, destacamos dois pelo fato de representarem algumas falas que tivemos com eles durante o ano letivo de 2011.

Imagen 2 - Desenho de Tomie Ohtake – 1º B



Fonte: Tomie Ohtake – 1º B

Imagen 3 - Desenho de Grande Otelo – 1º B



Fonte: Grande Otelo – 1º B

Percebemos que a aluna Tomie Ohtake, do 1º ano B, desenhou um coração dentro de um quadro. Essa imagem nos remete aos vários momentos quando tentamos explicar aos alunos que, para fazermos qualquer coisa na vida bem feita, é preciso desejar intensamente, que sem o desejo não conseguiremos vencer as nossas dificuldades e que o desejo está dentro de cada um de nós, dentro do nosso coração. Dissemos ainda que o verdadeiro artista é aquele que ama e respeita o seu trabalho. Por isso, deduzimos que a palavra amor, que se associa à imagem do coração, tenha sido algo que a tenha marcado.

Em relação ao trabalho do aluno Grande Otelo, do 1º ano B, constatamos que o seu desenho, possivelmente, fez referência às nossas atividades sobre a arte rupestre, quando tentamos, durante as nossas aulas, mostrar-lhes a vida através da arte, a vida que nos rodeia, a natureza que nos cerca. No entanto, o que nos chamou a atenção foi a maneira como ele conseguiu ocupar o espaço da folha e a tentativa de não utilizar imagens estereotipadas, a não ser pela forma como representou os pássaros. Entretanto, estas questões foram bastante trabalhadas em sala de aula, tendo em vista que muitos alunos chegaram até nós desenhando

parte do sol no canto superior esquerdo da folha, com olhos e bocas e nariz, como também tivemos crianças que desenhavam de uma forma bem tímida, com desenhos muito pequenos. Desse modo, percebemos que ambos foram felizes nos seus desenhos.

Acreditamos ter sido também muito positivas neste trabalho as visitas espontâneas da comunidade escolar à Mostra durante o tempo em que permaneceu no pátio. Verificamos o interesse dos demais funcionários da escola que, além de prestigiarem nosso trabalho, ajudaram na conservação e manutenção da estrutura montada e o empenho dos demais professores que, durante seus horários de aula, levaram suas turmas para visitar a Mostra de Arte.



Foto 65 - Imagem da turma de 3º ano visitando a Mostra (2011).

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 66 - Imagem da turma de 3º ano visitando a Mostra (2011).

Fonte: Arquivo Pessoal.

Ficamos muito assustados com o episódio da destruição da Mostra no instante da desmontagem. Naquele momento, focamos a nossa atenção em registrar os fatos, com a intenção de reverter aquela situação negativa em algo que fosse construtivo. Entretanto, o impacto do ocorrido nos deixou por um bom tempo entristecidos, inclusive, não conseguimos controlar a emoção durante muitas apresentações do vídeo. Durante o debate com os alunos, chegamos a dizer para várias turmas que não descartávamos a possibilidade de sair da escola.

Porém, entendemos que esta fala foi dita num momento de fragilidade da nossa parte e tão logo as coisas se acalmaram, reconsideramos o que havíamos falado para os alunos em relação à possibilidade da nossa saída da escola. No entanto, muitos alunos, com receio de que deixássemos a escola, durante mais ou menos uma semana, devemos ter recebido dezenas de cartas de apoio de alunos, pedindo para que não os deixasse. Tal como esta carta que recebemos da aluna Raquel de Queiroz - 4º ano C.

Professor Wesley peço que não saia da escola
 Você ainda pode ajudar outras pessoas
 igual me ajudou outras pessoas ainda
 precisa de você não é só porque
 eles destruíram seu trabalho que
 você vai desistir do seu querer
 você me fez abrir os olhos
 eu não gostava de arte
 mas agora eu gosto obrigada
 mas por favor não deixe a
 escola ela ainda precisa de
 você !!!!
 Mais

Para o melhor professor de
 arte: Wesley
 foi legal te ajudar

RELATO: Raquel de Queiroz- 4º ano C.³³

Durante o ano de 2011, recebemos vários relatos das crianças sobre a nossa proposta para o Ensino de Arte, alguns destes depoimentos foram feitos a nosso pedido, por exemplo, quando aplicamos o questionário (ANEXO C) com os alunos. Por outro lado, também recebemos inúmeras cartas que foram escritas pelas crianças de forma espontânea, mas que foram importantes pela demonstração de carinho e, principalmente, por nos trazer informações relevantes sobre a nossa prática docente.

Ainda que tenhamos consciência de que não agradaríamos todos os alunos com a nossa proposta, foi difícil encontrar algum depoimento que tivesse alguma crítica sobre as nossas aulas. Como já citamos, a maioria das crianças tem o hábito de serem agradáveis e costumam expressar que tudo está bom e maravilhoso, por outro lado, algumas crianças, por medo, não expõem suas críticas ou opiniões, pois temem serem castigadas caso digam algo

³³ "Professor Wesley, por favor, não saia da escola, você ainda pode ajudar outras pessoas como me ajudou! Outras pessoas ainda precisam de você! Não é porque eles destruíram seu trabalho que você vai desistir do seu querer. Você me fez abrir os olhos, eu não gostava de arte, mas agora eu gosto, obrigada! Mas, por favor, não deixe a escola, ela ainda precisa de você! Para o melhor professor de arte – Wesley – foi legal te ajudar!".

negativo. Sobre essa última situação, inúmeras foram as vezes que mencionamos em nossas aulas a liberdade que todas elas teriam de se expressarem; por isto, uma de nossas maiores preocupações foi de estabelecer com nossos alunos uma relação de amizade, confiança e respeito.

Desse modo, procuramos fazer uma análise criteriosa e imparcial de todo material que coletamos ao longo do ano. Dentre todos os relatos recebidos, conseguimos perceber apenas três que tinham, de certo modo, alguma crítica ou desaprovação pelo nosso trabalho, tais como:

4)- O que você menos gostou na disciplina de Artes neste ano?

Eu não gostei do túnel de passado era chato.

Fonte: Castro Alves – 4º ano C³⁴

4)- O que você menos gostou na disciplina de Artes neste ano?

Eu não gostei da projeto “Uma viagem pela história da arte”

Fonte: Tom Jobim - 5º ano D³⁵

³⁴ “Eu não gostei de ter passado no túnel, era chato! Castro Alves” .

³⁵ “Eu não gostei do projeto “Uma viagem pela história da arte”.

18/11/2011

A exposição de artes foi incrível.

Quando a gente via aquele túnel ficavamos com muito curiosidade, um dia tivemos a oportunidade de entrar dentro do túnel.

A sensação de entrar lá dentro é de medo, andamos vimos aquelas obras de artes lindas, eu fiquei impressionado.

Só não gostei do túnel no meio do pátio atrapalhava-nos a brincar também não daqueles quadros coloridos sem rostos da Caloride. Mas foi muito bom a escola gostou principalmente eu.

RELATO: Nélson Gonçalves – 4º ano B³⁶

Como recebemos centenas de relatos escritos e questionários respondidos pelos alunos, não foi possível ler todos antes do encerramento do ano letivo, o que consideramos uma falha nossa, pois perdemos a possibilidade de dialogarmos com estas crianças, com a finalidade de entendermos o porquê Castro Alves, do 4º ano C, citou que achou chato ter que passar pelo túnel da Mostra (2011).

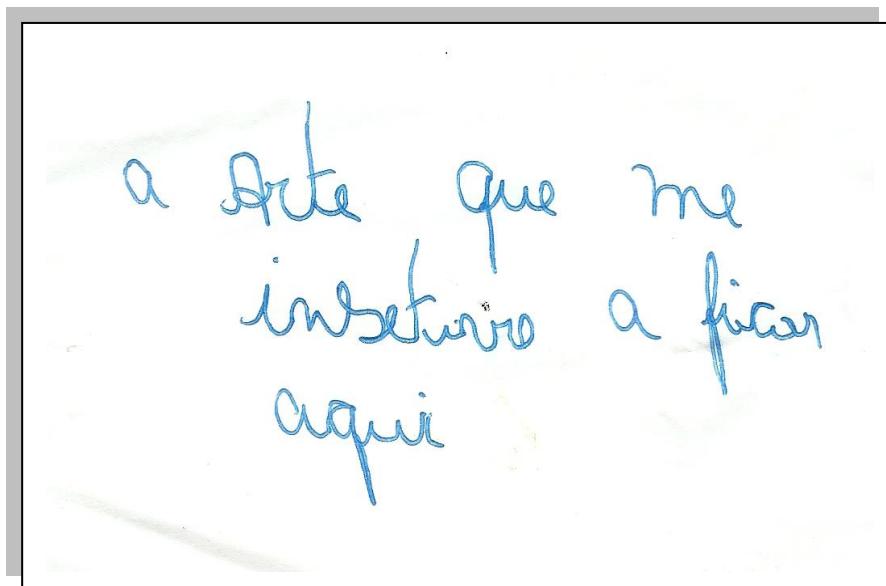
Tom Jobim, do 5º ano D, considerou ruim a nossa proposta para o Ensino de Arte em 2011, quando mencionou que não gostou do Projeto “Uma viagem pela história da arte mundial”. No entanto, Nélson Gonçalves admitiu ter gostado da Mostra, comentou que ficou curioso com o túnel, entretanto sentiu medo ao passar por ele. Destacou como algo negativo o fato de a Mostra de 2011 ter atrapalhado os alunos brincarem no pátio.

³⁶ “A exposição de Artes foi incrível! Quando a gente via aquele túnel, ficamos com muita curiosidade, um dia tivemos a oportunidade de entrar no túnel. A sensação de entrar lá dentro é de medo, andamos, vimos aquelas lindas obras de artes, eu fiquei impressionado! Só não gostei do túnel no meio do pátio, atrapalhava-nos brincar, também não gostamos daqueles quadros coloridos sem rostos. Mas foi muito bom, a escola gostou, principalmente eu!”.

Sobre esses depoimentos, infelizmente, quando lemos os relatos dos alunos Castro Alves e Tom Jobim, o ano letivo de 2011 já tinha se encerrado. Como estes alunos saíram da escola no final deste ano, não tivemos mais a oportunidade de perguntar para Castro Alves porque era chato passar no túnel e saber do Tom Jobim o que ele não havia gostado na Mostra de 2011.

Consideramos oportuna e relevante a observação feita pelo aluno Nélson Gonçalves, do 4º ano B, quando mencionou que a exposição dos trabalhos de 2011 dificultava as brincadeiras das crianças durante o recreio. No entanto, vale ressaltar que a Mostra acabou ficando montada no pátio da escola por um tempo bem maior do que o planejado, já que houve um equívoco em relação à data da Mostra Visualidades, que é promovida pela Coordenação do CEMEPE e Arte Br. Pela necessidade de conciliar a abertura do nosso trabalho com a Mostra Visualidades, tivemos que retardar a nossa inauguração, o que gerou certo tumulto e incômodo quanto à utilização do pátio.

Finalizamos esta parte da nossa pesquisa com a imagem digitalizada do verso do envelope que a aluna Clarice Lispector, do 5º ano B, nos entregou juntamente com uma carta, o que consideramos, de certa maneira, ser uma resposta para o nosso trabalho.



Fonte: Clarice Lispector – 5º ano B³⁷

³⁷ “A Arte que me incentiva a ficar aqui!”.

4.2 A proposta para o Ensino de Arte em 2012 e o trabalho realizado: artistas brasileiros

Para o ano de 2012, tivemos a oportunidade de contar com a participação de outro professor de Arte em nossa pesquisa. Para preservar a identidade de nosso colega de trabalho, utilizaremos o pseudônimo de Raphael para nos referirmos a ele.

No início de 2012, com a conquista de mais 01 hora/aula por semana, a escola recebeu três novos professores de Arte e em virtude da análise feita sobre o trabalho educativo que realizamos em 2011, nossa proposta para 2012 já estava organizada. Apresentamos nosso planejamento aos três profissionais novatos e os convidamos a participarem conosco de tal trabalho. Como resposta ao convite, uma alegou não ter interesse em participar do projeto por receio de não corresponder às expectativas, tendo em vista que trabalha numa outra perspectiva de ensino; outro elogiou o planejamento e a princípio se mostrou interessado, mas, no decorrer do primeiro bimestre, nunca nos procurou e começou a trabalhar com outra proposta. Apenas o terceiro, Professor Raphael, desenvolveu a proposta com as seguintes turmas no turno da manhã: 1^a A, 1^º B, 1^º C, 4^º A, 4^º C, 4^º D e 5^º B.

Como já apresentamos anteriormente, em 2011, para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet, trabalhamos com um recorte sobre a arte mundial, o que compreendeu o período da arte rupestre até a arte pós-moderna e, desse modo, pautamos nossos estudos sobre a arte européia. Optamos por contemplar, em 2012, a arte brasileira. Nossa intenção com o trabalho em 2011 era apresentar aos alunos um pouco da arte de outros tempos e lugares e, depois, gradativamente, perpassar pela arte de nosso país, fortalecendo o potencial artístico de cada criança. Pretendíamos criar um “zoom” que tornasse, na medida em que o trabalho fosse avançando ano a ano, a arte o mais próxima da realidade das crianças. Para isso, elaboramos o seguinte planejamento para o Ensino de Arte no ano de 2012:

Tabela 6 - Turmas de alunos da Escola Municipal Jardins de Monet que participaram da presente pesquisa – 2012.

Anos escolares	Número de turmas	Média de alunos por ano escolar	Total de alunos por ano escolar
2º ano	01	33	33
3º ano	02	36	72
4º ano	01	32	32
5º ano	03	37	110
Total geral	07	34,5	247

Em relação a tabela 06, salientamos que estas turmas correspondem apenas àquelas com as quais trabalhamos no ano de 2012. As demais turmas, do professor Raphael e da professora que nos substituiu neste ano por conta da nossa licença de Mestrado, não aparecem nesta tabela pelo fato de não terem sido analisado o desenvolvimento da proposta do Ensino de Arte com os alunos destas turmas. Ainda que o professor Raphael tenha sido um parceiro neste trabalho, não houve tempo suficiente para que pudéssemos participar das atividades desenvolvidas com as respectivas turmas. Por isso, os alunos de primeiro ano não aparecem nessa tabela, tendo em vista que, no ano de 2012, não trabalhamos com nenhuma turma de 1º ano na Escola Municipal Jardins de Monet.

Quadro 3 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012

	Conteúdos trabalhados	Metodologia e avaliação utilizadas	Número de aulas utilizadas	Observações gerais
1º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta para 2012; • Reflexões sobre a arte; • Elaboração de desenhos de observação e criação; • Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras) • Desenhos de Rosto 	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva; • Debate e apresentação de vídeos sobre a importância da arte na sociedade; • Produção de desenhos de observação a partir imagens de livros infantis; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Reflexão e discussão sobre os vídeos dos artistas brasileiros; 	22	Nossa avaliação aconteceu durante todo o processo de ensino-aprendizagem; por meio de debates com os alunos e reflexões. Não utilizamos notas e

		<ul style="list-style-type: none"> Produção de desenhos de rostos, a partir da imagem do rosto do colega. 		conceitos, apenas diálogamos com as crianças e/ou pais ou responsáveis sobre o ensinar-aprender.
2º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras) Obras do artista conforme a turma: <ul style="list-style-type: none"> 2º A: Iberê Camargo Desenhos de Observação: Obras de Iberê Camargo Desenhos de Criação; Desenhando e criando com o alfabeto 	<ul style="list-style-type: none"> Reflexão e discussão sobre os videos dos artistas brasileiros; Estudo e reflexão das obras do artista selecionado para a turma de 2º ano; Produção de desenhos de observação das obras do artista selecionado para a turma de 2º ano; Produção de desenhos de criação a partir do tema: bicicleta; Elaboração e criação artística a partir das letras do alfabeto. 	24	As turmas do 2º ano B e 2º ano C não participaram da Mostra (2012), pois a professora que assumiu as aulas nestas turmas durante a nossa licença para o Mestrado, optou por trabalhar com outra proposta de ensino.
3º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos de Observação: Obras de Iberê Camargo Desenhos de Criação; Apresentação do vídeo: Pingu e Fábulas Malucas Apresentação do vídeo - Mostra de 2011: “Uma Viagem pela História da Arte” 	<ul style="list-style-type: none"> Produção de desenhos de observação das obras do artista selecionado para a turma de 2º ano; Produção de desenhos de criação a partir do tema: bicicleta; Reflexão sobre os videos: Pingu e Fábulas Malucas; Reflexão e discussão do video da Mostra de Arte (2011): “Uma Viagem pela História da Arte”. 	16	
	<ul style="list-style-type: none"> Conclusão dos trabalhos para as Mostras de Arte (2012); Montagem dos trabalhos para as Mostras de Arte (2012); Desmontagem 	<ul style="list-style-type: none"> Finalização dos trabalhos para as Mostras de Arte (2012): “Artistas Brasileiros” e “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”. Montagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor 		

4º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • dos trabalhos das Mostras de Arte (2012); • Debate/Reflexão sobre a proposta do Ensino de Arte para 2012. 	<ul style="list-style-type: none"> Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Desmontagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Reflexão e discussão sobre o Ensino de Arte no ano de 2012 . 	24	
--------------------	--	---	----	--

Fonte: Planejamento para o Ensino de Arte 2012.

No quadro 03, apresentamos o nosso planejamento para a turma do 2º ano A da Escola Municipal Jardins de Monet. Nesta turma, o artista escolhido pelos alunos foi Iberê Camargo, que surpreendeu a maioria das crianças pelas suas obras que tinham como tema a bicicleta. As crianças também ficaram fascinadas pelo desenho intitulado: “Fábulas Malucas”. Sobre a exibição, explicamos que este filme nos inspirou, no final de 2009, a criar uma Oficina Pedagógica de Animação na escola, e que foi possível, no ano de 2010, produzir dois desenhos animados: “A Aranha Perneta”, com 16 minutos de duração, e “Zumbi dos Palmares”, com 26 minutos.

Quadro 4 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012.

	Conteúdo trabalhados	Metodologia e avaliação utilizadas	Número de aulas utilizadas	Observações gerais
1º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta para 2012; • Reflexões sobre a arte; • Elaboração de desenhos de observação e criação; • Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras) • Desenhos de Rosto 	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva; • Debate e apresentação de vídeos sobre a importância da arte na sociedade; • Produção de desenhos de observação a partir imagens de livros infantis; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Reflexão e discussão sobre os videos dos artistas brasileiros; • Produção de desenhos de rostos, a partir da imagem do rosto do colega. 	24	Nossa avaliação aconteceu durante todo o processo de ensino-aprendizagem, por meio de debates com os alunos e reflexões. Não utilizamos notas e conceitos, apenas diálogamos com as

				crianças e/ou pais ou responsáveis sobre o ensinar-aprender.
2º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras) ● Obras dos artistas conforme as turmas: <ul style="list-style-type: none"> ■ 3º A: Cândido Portinari ■ 3º B: Tarsila do Amaral ● Desenhos de observação das obras de Cândido Portinari e Tarsila do Amaral ● Desenhos de criação; ● Apresentação do filme: “O Som do Coração”. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Reflexão e discussão sobre os vídeos dos artistas brasileiros; ● Estudo e reflexão das obras dos artistas selecionados para as turmas de 3º ano; ● Produção de desenhos de observação das obras dos artistas selecionados para as turmas de 3º ano; ● Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; ● Elaboração e criação artística a partir das letras do alfabeto. ● Reflexão sobre o filme: “O Som do Coração”. 	20	
3º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenhos de observação das obras de Cândido Portinari e Tarsila do Amaral ● Desenhos de Criação; ● Apresentação do vídeo - Mostra de 2011: “Uma Viagem pela História da Arte” ● Desenho de observação com imagens de livros infantis. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Produção de desenhos de observação das obras dos artistas selecionados para as turmas de 3º ano; ● Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; ● Reflexão e discussão do vídeo da Mostra de Arte (2011): “Uma Viagem pela História da Arte”. 	18	
	<ul style="list-style-type: none"> ● Conclusão dos trabalhos para a Mostra: “Artistas Brasileiros” ● Montagem dos 	<ul style="list-style-type: none"> ● Finalização dos trabalhos para as Mostras de Arte (2012): “Artistas Brasileiros” e “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”. ● Montagem das Mostras de 		

4º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> trabalhos para a Mostra: “Artistas Brasileiros” • Desmontagem dos trabalhos da Mostra: “Artistas Brasileiros” • Debate/Reflexão sobre o Ensino de Arte no ano de 2012. 	<ul style="list-style-type: none"> Arte (2012) com ajuda dos alunos dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Desmontagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Reflexão e discussão sobre o Ensino de Arte no ano de 2012 . 	18	
--------------------	--	---	----	--

Fonte: Planejamento para o Ensino de Arte 2012.

Em relação ao quadro 04, apresentamos o nosso planejamento para as turmas do 3º ano A e 3º ano B da Escola Municipal Jardins de Monet. Nestas turmas, os artistas escolhidos pelos alunos foram Cândido Portinari e Tarsila do Amaral, respectivamente. Neste planejamento, destacamos a nossa primeira aula de vídeos sobre os artistas que as turmas haviam escolhido. Com a turma do 3º ano A, a grande surpresa dos alunos foi de perceberem, nas telas de Cândido Portinari, as brincadeiras de infância; já na turma do 3º ano B, o deslumbramento das crianças ocorreu, principalmente, no momento em que elas viram algumas telas da Tarsila do Amaral e perceberam que na escola há algumas reproduções destas obras pintadas em um mural, que foram feitas pelos nossos alunos na época em que trabalhávamos como professor nas Oficinas Pedagógicas, entre os anos de 2008 a 2010.

Quadro 5 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012.

	Conteúdo trabalhados	Metodologias utilizadas	Número de aulas utilizadas	Observações gerais
1º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta para 2012; • Reflexões sobre a arte; • Elaboração de desenhos de observação e criação; • Apresentação dos vídeos de artistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva; • Debate e apresentação de vídeos sobre a importância da arte na sociedade; • Produção de desenhos de observação a partir imagens de livros infantis; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; 	24	Nossa avaliação aconteceu durante todo o processo de ensino-aprendizagem, por meio de debates com os alunos e

	<ul style="list-style-type: none"> brasileiros (biografia e obras); • Desenhos de Rosto 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão e discussão sobre os vídeos dos artistas brasileiros; • Produção de desenhos de rostos, a partir da imagem do rosto do colega. 		reflexões. Não utilizamos notas e conceitos, apenas diálogamos com as crianças e/ou pais ou responsáveis sobre o ensinar-aprender.
2º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras); • Estudo e reflexão das obras do artista Wesley Duke Lee; • Desenhos de observação das obras de Wesley Duke Lee; • Desenhos de Criação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão e discussão sobre os vídeos dos artistas brasileiros; • Estudo e reflexão das obras do artista selecionado para a turma do 4º ano B; • Produção de desenhos de observação das obras do artista selecionado para a turmas do 4º ano B; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Elaboração e criação artística a partir das letras do alfabeto. 	20	
3º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos de observação das obras de Wesley Duke Lee • Apresentação do vídeo - Mostra de 2011: “Uma Viagem pela História da Arte”. • Apresentação do filme: O som do coração; • Desenho de observação com imagens de livros infantis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de desenhos de observação das obras do artista selecionado para a turma do 4º ano B; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Reflexão e discussão sobre o filme: “O som do coração” • Reflexão e discussão do video da Mostra de Artes (2011): “Uma Viagem pela História da Arte”. 	14	
	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão dos trabalhos para a Mostra: “Artistas Brasileiros” • Montagem dos 	<ul style="list-style-type: none"> • Finalização dos trabalhos para as Mostras de Arte (2012): “Artistas Brasileiros” e “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”. 		

4º Bimestre	<p>trabalhos para a Mostra: “Artistas Brasileiros”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desmontagem dos trabalhos da Mostra: “Artistas Brasileiros” • Debate/Reflexão sobre o Ensino de Arte no ano de 2012; • Debate/Reflexão sobre a proposta do Ensino de Arte para 2012. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do filme: Escritores da Liberdade; • Montagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Desmontagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Reflexão e discussão sobre o Ensino de Arte no ano de 2012 . 	16	
--------------------	---	--	----	--

Fonte: Planejamento para o Ensino de Arte 2012.

Quanto ao quadro 05, apresentamos o nosso planejamento para a turma do 4º ano B da Escola Municipal Jardins de Monet. Nessas turmas, o artista escolhido pelos alunos foi Wesley Duke Lee. Sobre este planejamento destacamos os comentários feitos pelos alunos sobre as obras do referido artista. No momento da apresentação das reproduções das imagens, as crianças alegavam que as obras não tinham sido concluídas e destacaram também a ausência de cores em algumas obras.

Quadro 6 - Caracterização e sequenciamento do trabalho realizado nas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardins de Monet – 2012

	Conteúdos trabalhados	Metodologias utilizadas	Número de aulas utilizadas	Observações gerais
1º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta para 2012; • Reflexões sobre a arte; • Elaboração de desenhos de observação e criação; • Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras); • Desenhos de Rosto 	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva; • Debate e apresentação de vídeos sobre a importância da arte na sociedade; • Produção de desenhos de observação a partir imagens de livros infantis; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Reflexão e discussão sobre os videos dos artistas brasileiros; • Produção de desenhos de rostos, a partir da imagem do 	22	Nossa avaliação acontece durante todo o processo de aprendizagem. Por meio de debates e reflexões. Não utilizamos notas e conceitos em nossa disciplina, apenas

		rosto do colega.		interferências através de diálogos com as crianças e/ou pais ou responsáveis.
2º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos vídeos de artistas brasileiros (biografia e obras) • Estudo e reflexão das obras de arte conforme as turmas: <ul style="list-style-type: none"> ▪ 5º A: Alcy Xavier ▪ 5º C: Di Cavalcanti • 5º D: Romero Britto e Beatriz Milhazes; • Elaboração de desenhos de criação e de observação das obras dos respectivos artistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão e discussão sobre os vídeos dos artistas brasileiros; • Estudo e reflexão das obras dos artistas selecionados para as turmas de 5º ano; • Produção de desenhos de observação das obras dos artistas selecionados para as turmas de 5º ano; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Elaboração e criação artística a partir das letras do alfabeto. 	19	
3º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos de observação das obras de Romero Britto; Alcy Xavier; Di Cavalcanti; Beatriz Milhazes e Romero Britto • Desenhos de Criação; • Apresentação do vídeo - Mostra de 2011: “Uma Viagem pela História da Arte”; • Apresentação do filme: O som do coração; • Desenho de observação com imagens de livros infantis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de desenhos de observação das obras dos artistas selecionados para as turmas de 5º ano; • Produção de desenhos de criação a partir de temas propostos durante as aulas; • Reflexão e discussão sobre o filme: “O som do coração”; • Reflexão e discussão do vídeo da Mostra de Artes (2011): “Uma Viagem pela História da Arte”. 	15	
	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão dos trabalhos para a Mostra: “Artistas Brasileiros”; • Apresentação do filme: “Escritores da 	<ul style="list-style-type: none"> • Debate e reflexão sobre o filme: “Escritores da Liberdade”; • Finalização dos trabalhos para as Mostras de Arte (2012): “Artistas Brasileiros” 		

4º Bimestre	<p>Liberdade”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Montagem dos trabalhos para a Mostra: “Artistas Brasileiros” • Desmontagem dos trabalhos da Mostra: “Artistas Brasileiros” • Debate/Reflexão sobre o Ensino de Arte no ano de 2012. 	<p>e “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Montagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Desmontagem das Mostras de Arte (2012) com ajuda dos alunos da escola dos turnos manhã e tarde, do professor Raphael e dos alunos do PIBID teatro/UFU; • Reflexão e discussão sobre o Ensino de Artes no ano de 2012 . 	18	
------------------------	--	--	----	--

Fonte: Planejamento para o Ensino de Arte 2012.

Sobre o quadro 06, apresentamos o nosso planejamento para as turmas do 5º ano A, 5º ano C e 5º ano D. Nessas turmas, os artistas escolhidos pelos alunos foram Alcy Xavier, Di Cavalcanti, Romero Britto e Beatriz Milhazes. Em relação a este planejamento, ainda que as crianças tenham demonstrado muito interesse e simpatia pelos artistas escolhidos, destacamos como aspecto principal do nosso trabalho, o momento em que tivemos a oportunidade de exibir para as crianças o filme intitulado “Escritores da Liberdade”. Durante a apresentação do filme, percebemos pelos olhares e comentários das crianças que as cenas de violência foi o momento que mais prendeu a atenção delas, inclusive alguns alunos demonstraram muita vontade de comentar, durante o filme, algumas experiências por elas vivenciadas que tinham relação com o filme. No entanto, procuramos contê-las, convencendo-as a deixarem os comentários para o momento de debate e reflexão em sala de aula.

Em relação ao nosso planejamento para o ano de 2012, foram estas as nossas propostas para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet. Através desse trabalho, desejávamos que os alunos, a partir de 2013, pudessem ter mais elementos para alimentar seu processo de criação, já que, a nosso ver, obteriam um maior referencial visual e teórico sobre a arte e, assim, poderiam (re)descobrir seus estilos e linguagens, criar e recriar sua história, ideias e, principalmente, aprenderiam a dialogar melhor com a arte e com o mundo que os cerca. Dessa maneira, desejávamos que cada criança humanizasse o seu olhar e as suas relações e que a arte pudesse significar para ela não mais só como uma atividade de desenhar e pintar, mas sim uma ponte entre o que vê, pensa e faz.

Desejávamos que os alunos, ao estudarem sobre a vida e as obras dos artistas brasileiros selecionados para 2012, conseguissem potencializar sua visão e suas percepções; esperávamos que cada criança se identificasse com algum artista trabalhado e que esse conhecimento pudesse ser o ponto de partida para a sua própria produção. Dessa forma, nosso planejamento para este ano se fundamentou nos seguintes objetivos:

- Direcionar o olhar das crianças para a arte produzida em nosso país;
- Valorizar e oportunizar a todos da comunidade escolar conhecerem um pouco mais sobre a vida e as obras de alguns artistas expoentes da arte brasileira;
- Dar sequência a nossa proposta para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet no ano de 2012, cuja intenção é também aproximar cada vez mais as crianças da arte.

A princípio, reconhecemos que é preciso resgatar a memória histórica de nosso país. Por isso, como professor de Arte, entendemos a importância de promovermos um ensino que possibilite aos alunos ter acesso a esse conhecimento, para que, a partir dele possam ter melhores condições para desenvolver uma expressão artística própria e em consonância com suas ideias e desejos. Dessa maneira, a criança passa a ter um maior repertório visual e uma autonomia na sua criação artística, oportunizando que ela realize novas descobertas de estilos e diferentes linguagens artísticas. Assim, com a proposta para o ano de 2012, pretendíamos que os alunos agregassem, na sua produção artística, conhecimentos e afinidades com as obras estudadas.

No ano de 2012, trabalhamos com sete turmas no turno da manhã, sendo: uma turma de 2º ano; duas turmas de 3º ano; uma turma de 4º ano e três turmas de 5º. Sobre os artistas que trabalhamos na Mostra de 2012, tivemos a seguinte distribuição entre as turmas:

Quadro 7 - Turmas e artistas que foram trabalhados no ano de 2012.

PROFESSOR WESLEY		PROFESSOR RAPHAEL	
TURMAS	ARTISTAS	TURMAS	ARTISTAS
2º ano A	Iberê Camargo	1º ano A	Siron Franco
3º ano A	Cândido Portinari	1º ano B	Antônio Bandeira
3º ano B	Tarsila do Amaral	1º ano C	Bracher
4º ano B	Wesley Duke Lee	4º ano A	Vicente do Rego Monteiro
5º ano A	Alcy Xavier	4º ano C	Burle Marx
5º ano C	Di Cavalcanti	4º ano D	Claudio Tozzi
5º ano D ³⁸	Romero Britto e Beatriz Milhazes	5º ano B	Romero Britto

Fonte: Planejamento do Ensino de Arte 2012.

Acreditamos que há dezenas de outros artistas importantes no cenário artístico brasileiro que não foram trabalhados por nós neste ano, porém era preciso escolher quatorze artistas brasileiros para compor a proposta de 2012. Como critério de escolha, optamos, inicialmente, pelos artistas que teriam seus acervos disponibilizados na internet com uma quantidade mínima de obras, além das suas respectivas biografias.

A proposta foi trabalhar um (a) artista brasileiro (a) em cada sala; dessa forma, os alunos do 1º ao 5º ano tiveram a oportunidade de conhecer e desenvolver suas produções, tendo como referências as obras de vários artistas nacionais. É importante ressaltar que todas as turmas tiveram várias aulas para conhecer a vida e as obras de todos os artistas brasileiros selecionados; somente depois deste trabalho é que as crianças puderam escolher um artista para trabalharem com maior profundidade.

Os objetivos com este trabalho, inicialmente, foram estudar e refletir sobre as obras dos referidos artistas brasileiros a fim de que as crianças pudessem conhecer suas biografias e produções artísticas e, ao mesmo tempo, possibilitar que obras destes artistas servissem de referência para a produção individual das crianças.

A partir do final do 2º bimestre maio, junho e julho, as crianças já iniciaram os seus primeiros esboços com o intuito de se chegar a uma produção individual. Nesse caminho, percebemos que houve um progresso dos alunos em relação ao ano anterior, tendo em vista a

³⁸ A Turma do 5º ano D não participou da Mostra de Artes (2012): “Artistas Brasileiros”, tendo participado apenas da Mostra de Artes (2012): “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”.

maior calma das crianças no momento de produzir seus trabalhos ou mesmo desenvolver alguma atividade, algo que não havia em 2011 devido à pressa. Entretanto, acreditamos também que essa maior tranquilidade se deve ao fato de dispormos, no ano de 2012, de um tempo maior de hora/aula por semana, o que, de certo modo, também nos deixou mais calmos durante as aulas.

Com o intuito de preservar a identidade das crianças, utilizamos nesta parte da pesquisa, em substituição aos nomes dos alunos, pseudônimos de artistas que se destacaram no cenário artístico brasileiro nas várias áreas, tais como: artes plásticas, teatro, música e literatura.

Iniciamos o ano de 2012 desejosos de que os alunos possam ter se sensibilizado com os fatos passados e que neste ano tivéssemos condições de iniciar e concluir o trabalho de maneira mais tranquila, sobre isso, destacamos uma de nossas anotações de campo em 21/02/2012:

Estamos no mês de fevereiro de 2012, ainda marcados psicologicamente pelo desfecho da última Mostra de Arte (2011), mantemo-nos otimista devido à importante reflexão que tivemos com os alunos nos últimos dias de 2011. Trabalhar com os artistas brasileiros é algo que me deixa ansioso, penso que teremos uma linda Mostra de Arte (2012), ainda que não tenhamos a noção de como e onde será feita esta exposição dentro do espaço escolar. Certamente o futuro nos dirá! Vamos em frente.³⁹

Neste ano, tomamos como desafio pensar em um espaço para a Mostra que não compromettesse a rotina da escola, pois percebemos que os profissionais da limpeza, em alguns momentos, ficaram insatisfeitos com o nosso trabalho em 2011. Acreditamos que tal insatisfação se deveu ao grande espaço que a mostra ocupou no pátio da escola, o que gerou certa dificuldade na manutenção do mesmo; também houve uma criança que manifestou sua insatisfação com a Mostra armada no pátio, pelo fato de atrapalhar as brincadeiras, tal como relatou o aluno Nélson Gonçalves do 4º ano B (ver pág. 146). No ano de 2011, os depoimentos que recebemos dos alunos em relação à proposta de Arte e, especificamente, sobre as nossas aulas, aconteceram ora por solicitação nossa, ora por vontade das próprias crianças. Para 2012, optamos por preparar um caderno de avaliação e anotações para cada turma e deixá-los disponíveis para que os alunos pudessem, espontaneamente, registrar suas impressões sobre as nossas aulas. Ocorreu que uma minoria fez este registro, mas alguns deles fizeram mais de uma anotação. Abaixo, destacamos três destes depoimentos:

³⁹ Excerto de uma Nota de Campo – Fevereiro de 2012.

23/03/2012

Aula de arte

Nós estamos aprendendo a arte a arte de Alcy Xavier. Nós vamos desenhar uma tela dele. Eu vou falar a minha tela. O nome dela é o robô. Nós vamos também fazer uma exposição no final do ano. E vamos aprender o que é arte com o professor Wesley. A arte é o sonho que vamos aprender. A arte é o desenho a coisa que o artista vê. Ele inspira nos, seus sonhos, eles podem ser triste ou feliz. O artista é aquele que gosta de desenhar e ser artista. As telas desenhadas com amor do artista.

RELATO: Monteiro Lobato – 5º ano A⁴⁰.

Em relação ao relato de Monteiro Lobato do 5º ano A, destacamos o momento em que ele cita a importância do olhar do artista, da inspiração e dos sonhos e, principalmente, do gostar da arte e do que faz, independentemente de ser triste ou feliz. Com este depoimento, verificamos que muito do que falamos em sala de aula durante o ano, foi assimilado por esta criança; desse modo, percebemos que os alunos têm conseguido absorver nossos comentários e explicações.

20/04/12

Hoje na aula de artes eu gostei quando o professor Wesley falou sobre tudo que a gente vai fazer no laboratório, e o que a gente tem que levar. E também quando ele me deu a letra A. E eu vou adorar desenhar as pinturas de Mí Cavalcanti.

RELATO: Clara Nunes – 5º ano A⁴¹

⁴⁰ “Nós estamos aprendendo a arte de Alcy Xavier. Nós vamos desenhar uma tela dele. Eu vou falar a minha tela. O nome dela é o robô. Nós vamos também fazer uma exposição no final do ano. E vamos aprender o que é arte com o professor Wesley. A arte é o sonho que vamos aprender. A arte é o desenho, a coisa que o artista vê. Ele inspira nos seus sonhos e eles podem ser triste ou feliz. O artista é aquele que gosta de desenhar e ser artista. As telas desenhadas com amor do artista”.

Quanto ao depoimento da Clara Nunes, constatamos em suas palavras certa alegria e ansiedade pelas aulas de Arte, especialmente, com as aulas no laboratório de informática da escola. Esta motivação foi algo que presenciamos com muita frequência no momento em que entrávamos em sala de aula e éramos recebidos pelas crianças com muito carinho e atenção.

Eu tenho vontade de ser uma artista porque que eu tento por que sei que se eu tentar eu vou conseguir realizar meus sonhos.

RELATO: Cássia Eller – 4º ano D⁴²

Sobre o relato da Cássia Eller, 4º ano D, salientamos que não temos como objetivo nesta proposta para o Ensino de Arte formar artistas, entretanto, não omitimos a nossa satisfação quando alguma criança manifesta o desejo de trabalhar com arte. Nossa intenção, inicialmente, foi oportunizar aos estudantes, assim como à comunidade escolar, ter um contato mais próximo com a arte e se relacionar com ela.

Todos estão se esforçando para fazer o quadro igual algumas pessoas estão doentes mas não deixam de faltar na aula de artes.

RELATO: Lygia Clark - 5º ano A⁴³

Dentre os depoimentos escritos pelos alunos, o relato da aluna Lygia Clark, do 5º ano A, nos chamou a atenção pelo teor da sua declaração, o que, de certo modo, nos deixou felizes

⁴¹ Hoje na aula de Arte eu gostei quando o professor Wesley falou sobre tudo que a gente vai fazer no laboratório, e o que a gente tem que levar. E também quando ele me deu a letra A. Eu vou adorar pintar as pinturas de Di Cavalcanti.

⁴² “Eu tenho vontade de ser uma artista, por isso, eu sei que se eu tentar eu vou conseguir realizar meus sonhos”.

⁴³ ”Todos estão se esforçando para fazer o quadro. Igual, algumas pessoas estão doentes, mas não faltam nas aulas de artes.

pelo fato de este relato demonstrar o esforço e a dedicação que muitas crianças tiveram com o trabalho em 2012.

Antes de iniciarmos as atividades de Ensino de Arte em 2012, apresentamos por meio de vídeos e consultas no laboratório de informática a biografia e as obras de todos os artistas brasileiros que seriam trabalhados neste ano. Desse modo, as nossas turmas puderam ter acesso à vida e às produções dos artistas selecionados para esta proposta de 2012.



Foto 67 - Turma do 3º ano, em sala de aula, assistindo o vídeo sobre a biografia da Tarsila do Amaral.

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 68 - Turma do 3º ano fazendo desenho de observação das obras da Tarsila do Amaral no laboratório de informática da escola.

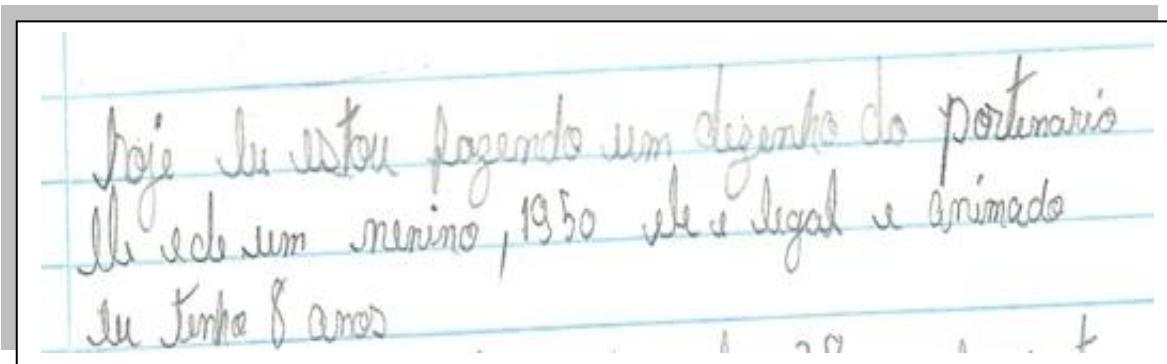
Fonte: Arquivo Pessoal

Durante o trabalho com as biografias e obras de artistas brasileiros, um fato que era motivo de curiosidade entre as crianças foi a questão de os artistas estarem vivos ou mortos. Percebemos também que eles buscavam fazer alguma relação de suas vidas com a do artista estudado ou com as obras apresentadas, tal como neste caso relatado pela aluna Auta de Souza, do 3º ano A, ao nos apresentar dois depoimentos:

O meu quadro é de um menino. Hoje falamos sobre o Cândido Portinari. Ele é um artista. Ele morreu, mas todo mundo lembra dele.

RELATO: Auta de Souza 3º ano A⁴⁴

⁴⁴ “O meu quadro é de um menino. Hoje falamos sobre o Cândido Portinari, ele é um artista. Ele morreu, mas todo mundo lembra-se dele”.



RELATO: Auta de Souza 3º ano A⁴⁵

As dificuldades em relação à falta de um espaço adequado para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet é algo que permanece ainda no ano de 2012, contudo, nossas aulas passaram a ter um tempo maior com o aumento de mais 01 hora/aula na semana, o que nos possibilitou desenvolver nossas atividades docentes de forma mais tranquila e produtiva, não sendo mais preciso, na maioria das vezes, interrompermos as atividades pela metade, sem concluir-las na mesma aula, bem como poder acompanhar a produção das crianças mais de perto.

No ano de 2012, cada aluno produziu dois trabalhos de forma individual. Num deles, a criança deveria fazer um desenho de observação de uma das obras do artista escolhido pela turma; no outro, deveria ser feito o desenho de criação, em que o aluno iria criar seu próprio trabalho. No entanto, durante o processo de criação, o estudante deveria buscar referência no estilo do (a) artista escolhido (a) pela sua turma e, para isso, seria preciso relembrar as imagens apresentadas nas aulas do (a) respectivo (a) artista.

Após o término dos dois trabalhos, foi entregue aos alunos duas fichas de identificação, sendo uma para o desenho de observação e outra para o desenho de criação. Estas fichas de identificação deveriam ser preenchidas pelos próprios alunos, e eles colocariam seus nomes, os nomes dos (as) artistas, o título da obra do desenho de observação e o título que foi dado por elas para o desenho de criação, além da identificação do ano, da turma e da sala. Posteriormente, colamos o paspatur⁴⁶ nos desenhos e a ficha de identificação. Como exemplo, destacamos as produções de três crianças, Raul Seixas, do 3º ano B, Dalva de Oliveira, do 4º ano B e do Renato Russo do 5º ano A.

⁴⁵ "Hoje eu estou fazendo um desenho do Portinari, ele é de um menino, 1950, ele é legal e animado. Eu tenho 8 anos".

⁴⁶ Paspatur: é uma espécie de moldura que se coloca num desenho ou pintura com a finalidade de dar um melhor acabamento e valorizar o trabalho.

Imagen 4 - “Vendedor de Frutas” (1925).
Tarsila do Amaral
Fonte: Site Itaú Cultural

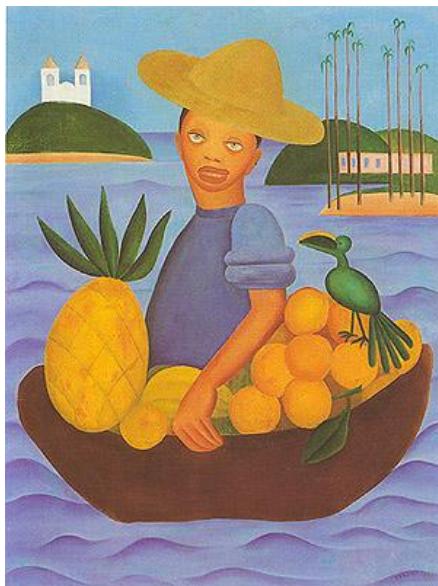


Imagen 5 - Desenho de Observação da obra:
“Vendedor de Frutas”
Fonte: Arquivo Pessoal



Imagen 6 - Desenho de Criação: “A natureza no planeta terra” – (2012).
Aluno: Raul Seixas - 3º ano B
Fonte: Arquivo Pessoal.



Sobre as produções do aluno Raul Seixas, do 3º ano B, verificamos que o mesmo compreendeu e executou bem a proposta, principalmente, seu desenho de criação, ao desenhar a árvore tendo como referência as árvores da Tarsila do Amaral.

Imagen 7 - “A Zona” – (1965) – Wesley Duke Lee.
Fonte: Site do Itaú Cultural.



Imagen 8 - Desenho de Observação da obra: “A Zona”. Aluna: Dalva de Oliveira 4º ano B.
Fonte: Arquivo Pessoal.

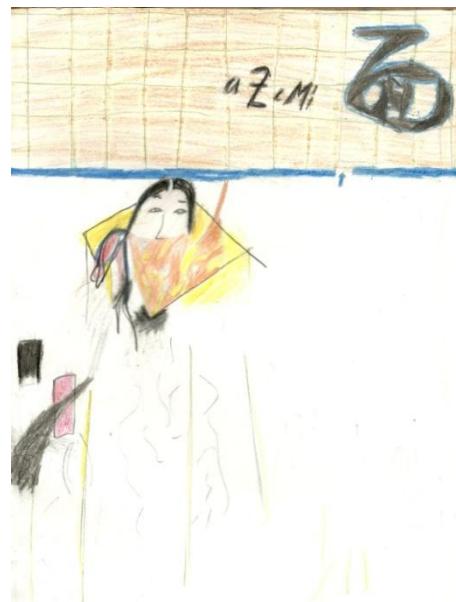


Imagen 9 - Desenho de Criação: “O Monstro Mulher” – (2012).
Aluna: Dalva de Oliveira – 4º ano B.
Fonte: Arquivo Pessoal.



A aluna Dalva de Oliveira foi uma das alunas que nos questionou, conforme já citamos, o fato de a pintura denominada “A Zona”, de Wesley Duke Lee, não ter sido concluída. No entanto, mesmo com este questionamento, ela escolheu este trabalho para fazer seu desenho de observação. Quanto ao seu desenho de criação, ressaltamos a sua intenção de

produzir um efeito de reflexo da imagem pintada, algo utilizado pelo artista em duas de suas telas produzidas no ano de 1976, tais como: “Nike Atando Sua Sandália” e “Salut à L’amitié”.

Imagen 10 - “Gato” – (1959) Alcy Xavier.
Fonte: Site do Itaú Cultural.

Imagen 11 - Desenho de Observação da Obra:
“Gato”. Aluno: Renato Russo 5º ano A.
Fonte: Arquivo Pessoal.

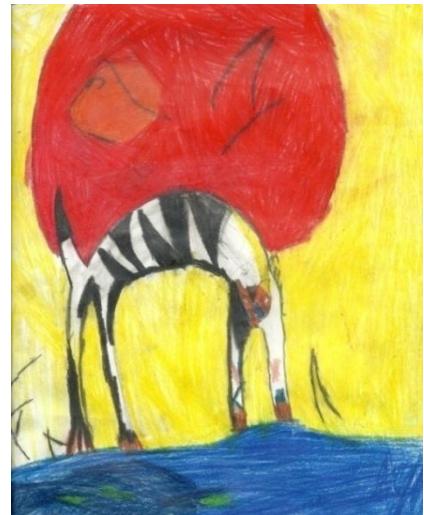
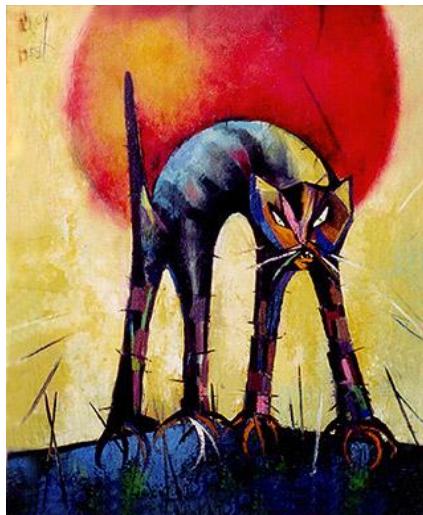
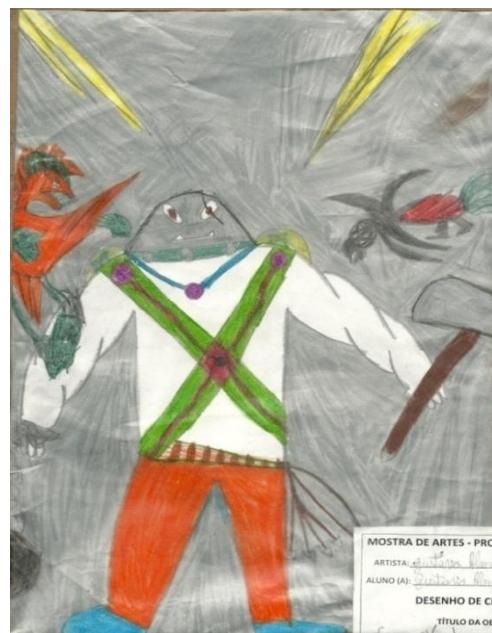


Imagen 12 - Desenho de Criação: “Super Vandizio” (2012).
Aluno: Renato Russo – 5º ano A
Fonte: Arquivo Pessoal.



Em relação aos trabalhos produzidos pelo aluno Renato Russo, do 5º ano A, podemos destacar o seu desenvolvimento quanto ao desenho de observação, haja vista o nosso

acompanhamento em relação à sua produção. Sobre o desenho de criação, ressaltamos a sua criatividade ao idealizar um super-herói, tendo em vista a percepção que este aluno teve em relação às obras de Alcy Xavier, conforme podemos notar em seu trabalho: “Super Vandizio”.

Selecionamos estes trabalhos como poderíamos ter escolhido qualquer outro, tendo em vista que todas as crianças conseguiram desenvolver sua produção conforme havíamos planejado; dessa forma, optamos por apresentar os desenhos de apenas três alunos, sendo um do 3º ano, um do 4º e um 5º ano.

Esclarecemos que a dinâmica da proposta apresentada para o Ensino de Arte com a turma do 2º ano A sofreu algumas alterações em relação às propostas das demais turmas. Inicialmente, os alunos tiveram as mesmas oportunidades de assistir a todos os vídeos de obras e biografias dos artistas brasileiros, entretanto, no momento da escolha das obras de arte pelos alunos, houve certo tumulto na turma do 2º A, pelo fato de que a maioria das crianças queria escolher as pinturas do Iberê Camargo que tinham como tema a bicicleta.

Desse modo, com a intenção de satisfazer a maioria e valorizar o desejo dos alunos, propomos a elas que todas iriam produzir seus desenhos de criação com o tema bicicleta. No entanto, antes de criar seus próprios trabalhos, iríamos trabalhar com o desenho de observação. Para isso, solicitamos à escola que fotocopiasse para todos os alunos do 2º ano A várias reproduções bem diversificadas das obras do referido artista. Assim, cada criança pode fazer seu desenho de observação conforme nossas orientações sobre a importância de saber ver a imagem.



Foto 69 – Crianças do 2º ano A fazendo seu desenho de observação a partir da obra de Iberê Camargo. Junho de 2012. Junho de 2012.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 70 - Criança do 2º ano A fazendo seu desenho de observação a partir da obra de Iberê Camargo. Junho de 2012.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Após as crianças terem feito estes desenhos de observação, visto as obras e assistido ao vídeo “Iberê em processo”, a alteração da proposta consistiu em solicitar, inicialmente, que os alunos fizessem apenas um desenho de criação, porém atendendo ao desejo da maioria dos alunos de ter o mesmo tema “bicicleta”. Sobre esta mudança em nossa proposta, salientamos que o que realmente foi alterado foi o fato de que, segundo o que havíamos planejado, a princípio, seria para que todos os alunos produzissem seus desenhos de criação conforme o estilo do artista e não apenas sobre um dos temas trabalho pelo artista, que foi o que aconteceu nesta turma de 2º ano. Com relação a esta atividade, destacamos quatro desenhos das crianças do 2º ano A.

Imagen 13 - A bicicleta do ano - (2012) –

Leila Diniz – 2º ano A

Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagen 14 - A bicicleta do mundo - (2012) -

Mario Lago - 2º ano A

Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagen 15 - A bicicleta da Daniele – (2012). Carmem Silva - 2º ano A.
Fonte: Arquivo Pessoal



Imagen 16 - A minha bicicleta – (2012). Elisete Cardoso - 2º ano A.
Fonte: Arquivo Pessoal



Em relação às produções de Leila Diniz (A bicicleta do ano), Mário Lago (A bicicleta do mundo), Carmem Silva (A bicicleta da Daniele) e Elisete Cardoso (A minha bicicleta), podemos perceber que a bicicleta é algo de valor para estas crianças, principalmente, pelo nome que elas deram aos seus trabalhos.

Acreditamos que a flexibilidade do docente no planejamento e execução do trabalho com as crianças é muito importante, tendo em vista que a alteração que fizemos não impediu as crianças de desenvolverem a habilidade de ver e de criar. Desse modo, ratificamos a necessidade de o professor saber lidar com a sua proposta em consonância com as necessidades e desejos das crianças. Por isso, temos buscado, sempre que possível, ouvir nossos alunos, até para que haja um maior interesse das crianças em relação às propostas que trazemos para a sala de aula.

Em relação à Mostra “Artistas Brasileiros”, houve outra situação que nos deixou felizes pelo desfecho que obtivemos. O fato ocorreu com uma aluna do 4º B, logo nas primeiras aulas do 2º bimestre. Na ocasião, um dos alunos desta sala chegou até nossa mesa e disse que não iria fazer a atividade e que não desejava mais desenhar. Ficamos surpresos pela maneira convicta com que ele fez esta afirmação e depois pela atitude que teve de nos apresentar seu posicionamento e voltar para o seu lugar. Literalmente, nos surpreendemos pela personalidade daquela criança, que sem nos faltar com o respeito se posicionou de forma contundente e definitiva.

Naquele momento, percebemos que se tratava de uma situação muito delicada, pois, dependendo da nossa interferência, aquela criança poderia definitivamente consolidar a sua

rejeição pelo desenho. No entanto, se soubéssemos conduzir aquela situação de forma educativa, poderíamos compreender o que estava acontecendo, qual era a discordância do aluno e, quem sabe assim, reverter sua posição e poder contar com a sua participação na atividade. Temos consciência de que é comum ocorrer, conforme temos constatado em nossa prática docente, que crianças entre 8 e 10 anos, normalmente desenvolvem uma fase autocritica em relação ao seu desenho. Sobre isso, La Pastina (2007) comenta que:

O chamado período da repressão ou do bloqueio para desenhar é bastante discutido, sempre mencionado pelos autores, gerando muitas divergências e dúvidas. Por que as crianças param de desenhar? Será este fato natural ou criado pela sociedade? A hipótese mais comentada é que nesta fase a criança desenvolve um espírito crítico em relação aos seus desenhos por querer uma representação realista e não conseguir. Mas outras hipóteses também são aventadas (p. 338).

Por entendermos que a rejeição daquele aluno justificava-se, a nosso ver, pela dificuldade que ele estava enfrentando ao tentar fazer o desenho de observação de uma das obras do artista Wesley Duke Lee, aproximamo-nos da mesa da criança e perguntamos a ela sobre qual era, em sua opinião, a diferença entre ver e olhar. Naquele momento, ela demonstrou não entender a pergunta e apenas acenou a cabeça em sinal de negativa.

Calmamente, esclarecemos ao aluno que a sua rejeição, possivelmente, pudesse ser em decorrência da dificuldade para ver a imagem a ser desenhada e que, a partir do momento que ele passasse a ver o desenho de forma mais cuidadosa, prestando atenção aos detalhes, certamente, teria maior facilidade para desenhar. Explicamos também que, quando apenas olhamos para os objetos, dificilmente conseguimos reproduzir o objeto com realismo, já que nestes momentos é comum olhar e acabar desenhando não o que vemos, mas sim a representação daquela imagem ou objeto que já estava na nossa mente antes daquele momento, ou seja, aquela representação já era algo conhecido por nós; por isso, desenhamos o que sabemos e não o que vemos.

Para finalizar essa preparação com os alunos para a produção dos desenhos, dissemos para toda a turma que nós não desenhamos apenas com as mãos, pois elas servem para segurar o lápis, mas os verdadeiros responsáveis por conduzir o nosso desenho são os olhos, o cérebro e o coração. Ao fazermos tal afirmação, houve uma risada generalizada entre os alunos. Para esclarecer os sobre o nosso posicionamento, dissemos: “São nossos olhos que captam as formas, as cores, as linhas, os pontos, os volumes, as perspectivas, dentre outros. Posteriormente, nossos olhos mandam essas informações para o nosso cérebro que codifica as

mensagens e transmitem-nas em forma de impulsos para as nossas mãos, que, obedecendo ao comando, executam as tarefas, que, no caso é o desenho”. Propositadamente, deixamos de citar o coração. As crianças estavam muito atentas às nossas explicações e, coletivamente, questionaram sobre o porquê de não termos citado o coração.

Por entendermos que seria este um momento importante naquela aula, literalmente dissemos aos alunos que o coração era o principal comandante na execução do desenho. No entanto, ele só funcionaria bem se houvesse o desejo, a disponibilidade e o envolvimento com a imagem ou objeto a ser desenhado.

Nesse momento, olhamos para o aluno que se negou a desenhar e dissemos a ele que ninguém iria obrigar-lo a fazer algo que não desejasse, no entanto, perguntamos se ele desejaria fazer o desenho. Ele respondeu que sim, mas que não estava conseguindo desenhar. Para explicar melhor, fomos até o quadro e fizemos, como exemplo, um desenho de observação de uma imagem que estava afixada na parede da sala de aula; neste momento, tivemos a intenção de mostrar aos alunos que, além da necessidade de ver para se fazer um bom desenho de observação, era também preciso ir construindo o desenho parte a parte, ou seja, que desenhar era algo parecido com brincar de quebra-cabeça, mas que era preciso fazer uma coisa de cada vez, peça por peça e de acordo com o olhar desenvolvido por cada um. E foi desse modo que, não só aquele aluno, mas toda a turma avançou significativamente nos seus desenhos.

Como já mencionamos anteriormente, havia um caderno disponível para que as crianças registrassem suas impressões sobre nossas atividades em sala de aula. Para nossa surpresa, aquele aluno que a princípio se negou a desenhar, espontaneamente, no final da Mostra “Artistas Brasileiros”, foi até o caderno e fez o seguinte registro:

Na exposição de Arte, lá eu aprendi as pinturas de vários artistas como Wesley Duke Lee e outros artistas que vemos no computador.

Lá nós achamos várias pinturas, também na exposição tinha vários painéis e várias imagens.

Foi muito importante nos virmos ver as coisas legais eu gostei de todas as imagens de vários artistas.

RELATO: Guimarães Rosa - 4º ano B⁴⁷

Ocorre que nem sempre podemos ter um resultado positivo da turma como foi nesse caso; por vezes, nos deparamos com situações e conflitos que nem sempre temos a sabedoria e a serenidade para enfrentar. A indisciplina dos alunos durante as aulas é algo que nos preocupa muito, mesmo sabendo que ela é, na maioria das vezes, o reflexo de algo que está em desarmonia na vida da criança. Contudo, temos procurado, na medida do possível, discutir com nossos alunos sobre certos comportamentos inapropriados. Porém, destacamos um comentário da aluna Cecília Meireles, do 4º ano B, em que nos agradece por tê-la corrigido:

⁴⁷ “Na exposição de Arte, eu aprendi sobre as pinturas de vários artistas, como Wesley Duke Lee e outros artistas que vemos no computador. Lá, nos achamos várias pinturas, na exposição tinha vários painéis e várias imagens. Foi muito importante, nos vimos várias coisas legais, eu gostei de todas as imagens de vários artistas”.

Eu gostei que o professor me corrigisse e falou que não pode falar quando o professor está falando. Não pode xingar, não pode ficar emburrada, não pode rabiscar a mesa, não pode ficar conversando com o colega, não pode ficar escrevendo carta. Eu gostei do professor Wesley, eu estava fazendo o trabalho dele! Professor Wesley Duke Lee é meu professor muito mesmo do Professor Wesley. Eu gostei muito da minha história, eu estava fazendo a borboleta que o Professor Wesley Duke Lee fez para mim minha história filha...

RELATO: Cecília Meireles - 4º ano B⁴⁸

Percebemos que algumas crianças nos tomam como uma figura que vai além do professor. Verificamos com muita frequência a necessidade que muito delas têm de receber uma atenção maior e de serem ouvidas, inclusive, chamando-lhes a atenção sobre algo inadequado. Como temos tido sempre a preocupação de dar uma maior atenção aos alunos da escola, seja para elogiar, consolar e também chamar a atenção quando necessário, os alunos têm demonstrado, por meio de falas, atitudes e bilhetes, o quanto se sentem acolhidos por nós.

Ressaltamos também, em nossa pesquisa, a disciplina e o interesse dos alunos pelas atividades. Mesmo que tenham sido, de certo modo, desgastantes, as inúmeras aulas de desenho de observação, dado o exaustivo trabalho que tivemos com o propósito de exercitar e desenvolver nas crianças a capacidade de ver a imagem. Ainda assim, as crianças sempre se mostraram interessadas e bem dispostas a desenvolverem as propostas que trazíamos para sala de aula.

⁴⁸ “Eu gostei que o professor me corrigisse e falou que não pode falar quando o professor está falando. Não pode xingar, não pode ficar emburrada, não pode rabiscar a mesa, não pode ficar conversando com o colega, não pode ficar escrevendo carta. Eu gostei do professor Wesley, eu estava fazendo o trabalho dele! Eu gosto muito mesmo do professor! E foi assim a minha história, eu estava fazendo a borboleta do artista Wesley Duke Lee, foi assim a minha história, viu?”.



Foto 71 - Alunos do 3º fazendo de observação a partir de revistas infantis
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 72 - Alunos do 3º fazendo de observação a partir de revistas infantis
Fonte: Arquivo Pessoal.

Sobre as fotos 71 e 72, ressaltamos a participação efetiva das crianças e a concentração durante a atividade de desenho de observação a partir dos livros infantis que tomávamos por empréstimo na biblioteca da escola.

Para o nosso trabalho, também foram muito importantes as visitas ao laboratório de informática da escola, onde as crianças puderam visualizar e produzir seu desenho de observação de maneira individual. Um aspecto que observamos e que, certamente, favoreceu bastante o andamento das atividades desenvolvidas neste laboratório, foi o fato de as crianças já terem o conhecimento básico sobre o equipamento. Outro fato foi a parceria que estabelecemos com a professora responsável pelo laboratório de informática, que, prontamente, organizou nos computadores as pastas com as imagens de todos os artistas que estávamos trabalhando com as turmas. Desse modo, os alunos chegavam a qualquer computador e facilmente acessava a pasta do artista da sua turma e, posteriormente, a imagem da obra de arte por ele escolhida.



Foto 73 - Aula no laboratório de informática da escola.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 74 - Aula no laboratório de informática da escola

Fonte: Arquivo Pessoal.

Sobre a Mostra intitulada “Artistas Brasileiros”, que ocorreu no 4º bimestre, no corredor da Escola Municipal Jardins de Monet, destacamos algumas imagens dos trabalhos desenvolvidos no ano de 2012. Salientamos que não houve da nossa parte qualquer tipo de escolha ou seleção dos trabalhos produzidos pelos alunos. Dessa maneira, todas as crianças tiveram suas produções expostas.



Foto 75 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 2º A - Iberê Camargo

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 76 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 3º A - Cândido Portinari

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 77 – Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 3º B - Tarsila do Amaral

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 78 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 4º B - Wesley Duke Lee

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 79 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 5º A - Alcy Xavier

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 80 - Mostra Artistas brasileiros, produção dos alunos do 5º C - Di Cavalcanti

Fonte: Arquivo Pessoal

Nestas imagens, destacamos os trabalhos produzidos por todas as nossas turmas para a Mostra “Artistas Brasileiros” e, sobre a exposição destas produções, ressaltamos a participação efetiva das crianças no momento de afixar os trabalhos nas paredes do corredor da escola, bem como a manutenção e o cuidado com os mesmos.

Uma grande preocupação que tivemos durante o ano de 2012 foi em relação ao espaço onde a Mostra seria montada, principalmente, porque neste ano teríamos duas Mostras acontecendo na mesma data: “Artistas Brasileiros” e “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”. A opção de termos duas mostras neste ano surgiu a partir da inscrição da Escola Jardins de Monet na Mostra Visualidades,⁴⁹ que tinha como tema para 2012 a Arte

⁴⁹ Mostra Visualidades – projeto da coordenação da área de Artes no CEMEPE – tem como objetivo dar visibilidade ao trabalho dos professores de Artes da Rede Municipal de Ensino.

Contemporânea. Desse modo, optamos por contemplar as obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes, com produção de 30 painéis (frente e verso), somando-se 60 pinturas, pelos alunos do 5º ano D.

Vale destacar que, no início do ano, logo após definirmos o planejamento para o Ensino de Arte 2012, ficou acordado que a nossa turma do 5º ano D trabalharia com as obras de Beatriz Milhazes, e a turma do Profº Raphael, as obras de Romero Britto. No entanto, devido às nomeações dadas aos professores concursados neste ano pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, o Profº Raphael perdeu seu contrato. Por este motivo, a turma do 5º ano D, que era de nossa responsabilidade, além dos seus trabalhos, tiveram que assumir os da turma do Profº Raphael.

Assim como no ano anterior, 2012 foi um ano de muito trabalho e aprendizado para todos que se envolveram diretamente com a proposta para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet. Ratificamos nesta pesquisa a parceria de confiança e solidariedade entre as crianças e, principalmente, para conosco. Certamente, nada do que está registrado nesta pesquisa teria sido realizado se não fosse pela ajuda que recebemos dos alunos.

Percebíamos que as crianças estavam totalmente imersas no trabalho que estávamos desenvolvendo, havíamos conquistado uma relação que não podíamos prever que chegaria a tanto. Estamos a quase duas décadas trabalhando como docente, tendo passado por várias escolas municipais, estaduais e particulares, da educação infantil até o ensino médio e, com certeza, ainda que sempre tenhamos tido uma ótima relação com alunos e também recebido muita ajuda por parte destes, ainda assim, nos impressionam o carinho, a atenção e amizade que temos com as crianças da Escola Municipal Jardins de Monet.

Como demonstração deste apoio recebido por parte dos alunos no ano de 2012, destacamos as seguintes imagens que foram capturadas no momento da montagem das Mostras “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes” e “Artistas Brasileiros”.



Foto 81 - Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 82 - Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 83 - Alunas do 5º ano nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 84 – Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 85 - Alunos da escola nos auxiliando na montagem da Mostra (2012).
Fonte: Arquivo Pessoal.

Em relação à Mostra “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”, também desejávamos explorar duas situações: mudar o foco de observação e fazer com que o expectador explorasse novos campos de visão; outro aspecto que julgávamos ser relevante para a Mostra de Arte de 2012 seria a possibilidade de reflexão em relação à destruição da Mostra de 2011 por alguns alunos, ocorrida durante a desmontagem.

Desse modo, passamos praticamente todo o ano de 2012 pensando e projetando algo que viabilizasse alcançar esses três objetivos. Também não queríamos ocasionar novamente os mesmos transtornos de ocupação e utilização do pátio da escola. Sobre tal reflexão, apresentamos uma de nossas anotações de campo:

Eureka! Eureka!... Como eu não havia pensado nisso antes? Se eu desejo que as pessoas mudem a direção do olhar para contemplar os trabalhos e, principalmente, se a minha intenção é que as crianças acessem as obras apenas de forma visual, não podendo tocá-las. É simples! Irei erguê-las no pátio, de uma maneira que elas possam ficar suspensas no ar. Dessa maneira, resolvo meus dois problemas. Agora é preciso voltar a pensar no segundo passo. Como farei para deixá-las suspensas sem risco de cair e com uma boa estética?⁵⁰

Depois que tivemos a ideia de apresentar os trabalhos dos alunos no alto, era preciso pedir autorização da direção da escola para colocá-la em prática e, felizmente, nos foi permitido dar sequência ao projeto de montagem.

⁵⁰ Excerto de uma Nota de Campo – Agosto de 2012.



Foto 86 – Imagem do painel da Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 87 - Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 88 – Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 89 - Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 90 – Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 91 - Imagem do pátio da Escola Municipal Jardins de Monet durante a Mostra de Arte (2012). Trabalho dos alunos do 5º ano D.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 92 – Crianças do 5º ano D produzindo, na sala de aula, painéis inspirados em obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 93 - Crianças do 5º ano D produzindo, na sala de aula, painéis inspirados em obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes
Fonte: Arquivo Pessoal.

Para o trabalho com as obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes, foi escolhida apenas a turma do 5º ano D. Os motivos que nos levaram a optar por esta turma para desenvolver tal trabalho foram três. Primeiro, porque o 5º ano D tinha dois horários geminados e esse fato nos ajudaria bastante, tendo em vista que, quando as duas aulas de Arte são juntas, o rendimento do trabalho educativo é bem maior; depois, pelo fato de o 5º ano D, sala 19, estar próximo da sala 16, que é uma sala multiuso e é onde guardamos nossos materiais e os trabalhos produzidos pelos alunos, o que facilitou o armazenamento dos trabalhos enquanto estavam sendo produzidos; e, finalmente, por possuirmos um melhor relacionamento com tal turma de alunos, o que nos permitia produzir melhor.

Sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento da Mostra “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”, tivemos como primeira ação apresentar para as crianças estes dois artistas. Para isso, utilizamos vídeos para apresentar aos alunos aspectos da vida e obra de ambos e também realizamos uma pesquisa no laboratório de informática da escola; verificamos que a biblioteca da escola não dispõe de livros que contemplem estes dois artistas.

Passado este primeiro momento de estudo, começamos a fazer alguns desenhos de observação sobre as obras de Romero Britto e Beatriz Milhazes. Os alunos ficaram fascinados com as cores e as formas que Romero Britto utiliza nos seus trabalhos. Em relação à Beatriz Milhazes, o fascínio também ocorreu, entretanto, as crianças tiveram muitas dificuldades para desenhar conforme seu estilo, tendo em vista o detalhamento de suas obras.

A turma do 5º ano D não participou da Mostra “Artistas Brasileiros” por falta de tempo para desenvolver as duas propostas. Por essa razão, propusemos a estes alunos desenvolver seus trabalhos com desenho de observação e de criação. Desse modo, os alunos trabalharam em duplas e iniciaram a construção dos painéis fazendo um desenho de observação da obra do artista e concluíram tal trabalho com alguns acréscimos pessoais nas produções: alterando as cores, modificando um pouco as formas, linhas, dentre outras possibilidades, desde que fosse respeitado o estilo do artista.

Inicialmente, incentivamos todos os alunos a pintarem seus painéis ao mesmo tempo e na própria sala de aula. Entretanto, essa dinâmica não funcionou bem, tendo em vista que o espaço de sala de aula, por ser pequeno, foi insuficiente para o desenvolvimento desta atividade, principalmente, porque as crianças estavam sujando as roupas dos colegas de tinta quando tinham que se deslocar na sala em torno do painel.

Por isso, optamos em dividir a turma em dois grupos e revezar com as crianças a pintura dos painéis, aonde uns iam para a sala 16 pintar os painéis e os demais ficavam na sala de aula fazendo outra atividade referente à Mostra de 2012, tais como: confecção de cartazes, elaboração de um painel para a Mostra, organização das fichas de identificação das produções dos estudantes.



Foto 94 – Alunos do 5º ano pintando na sala 16
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 95 - Alunos do 5º ano pintando na sala 16
Fonte: Arquivo Pessoal

Essa mudança foi positiva, pois gerou menos tumulto e nos possibilitou dar um melhor atendimento aos alunos durante a produção dos painéis. Por outro lado, atrasou bastante o nosso planejamento, o que nos deixou imensamente preocupados de não conseguir cumprir os prazos previstos para a Mostra de Arte (2012).

Sem saber o que fazer para adiantar as pinturas, já que não achávamos correto solicitar às crianças que fizessem esta atividade durante as aulas de outros professores,

compartilhamos com a turma essa nossa preocupação e os próprios alunos sugeriram que eles viessem para a escola no período da tarde para pintar os painéis e, como eu estaria na escola, qualquer dúvida eles me procurariam.

Para nós, aquele momento foi muito especial, ficamos orgulhosos dos nossos alunos que optaram por vir para a escola e adiantar a pintura dos painéis. Tal comportamento evidencia um grande interesse pelo trabalho que estava sendo realizado e também um comprometimento com um bom andamento da proposta.

Como a maioria das crianças queria vir à tarde para pintar os painéis, entendíamos que isso poderia gerar alguns problemas tanto para a escola quanto para o desenvolvimento das atividades, por isso definimos um número máximo de 08 alunos e, conforme o andamento das produções, fazíamos um revezamento entre eles, o que durou cerca de duas semanas.

Agradecemos as crianças por esta sugestão e disponibilidade e acreditamos que se elas não tivessem vindo à escola no contraturno, possivelmente, teríamos dificuldade para finalizar tal trabalho. No período da tarde, não tínhamos a sala 16 disponível, já que ela estava sendo utilizada como sala de reforço pedagógico. Desse modo, orientamos as crianças a pintarem os painéis no quiosque da escola, o que foi interessante, já que é um espaço amplo e arejado.

Numa certa tarde, quando estávamos dando aula numa turma de 2º ano, decidimos levá-los até o quiosque para verem, por alguns minutos, os alunos da manhã pintando. Houve, entre as crianças da tarde e da manhã, uma ótima interação, inclusive, os alunos da manhã pediram que alguns alunos do 2º ano os ajudassem a pintar, haja vista que eles estavam ansiosos para ajudar na pintura dos painéis.



Foto 96 – trabalho conjunto de alunos do 2º ano (tarde) e 5º ano (manhã) na confecção de painéis inspirados em obras de Beatriz Milhazes Romero Britto. Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 97 - trabalho conjunto de alunos do 2º ano (tarde) e 5º ano (manhã) na confecção de painéis inspirados em obras de Beatriz Milhazes e Romero Britto. Fonte: Arquivo Pessoal.

Sobre a Mostra “Compondo com Romero Britto e Beatriz Milhazes”, as alunas Janete Clair do 5º ano C e a aluna Cora Coralina, do 4º ano B, fizeram os seguintes depoimentos:

Nesse ano que o professor Wesley colocou os exposições pendurados todo mundo adorou cada desenho bonito cada cor o nosso artista foi o Di Cavalcante. Os desenhos que a gente fez o professor colou de todos os alunos. As exposições teve muitos artistas Romero Britto etc.

RELATO: Janete Clair - 5º ano C⁵¹

⁵¹ “Nesse ano que o professor Wesley colocou os trabalhos pendurados, tudo mundo adorou! Cada desenho bonito, cada cor... o nosso artista foi o Di Cavalcanti. O professor colocou o desenho de todo mundo na Mostra! A exposição teve muitos artistas, Romero Britto, etc”.

*Na exposição deste ano foi legal porque
nas aulas de artes a gente ajudava e
eu fiquei feliz porque o professor Wesley
estendeu os quadros no ar e nos corredores
ele colocou vários desenhos em mãos
gostei somente de uma coisa e que
o professor Wesley tirou os desenhos do
ar muito rápido eu queria que ficasse
mais tempo.*

RELATO: Cora Coralina – 4º ano B⁵²

Em relação aos relatos das alunas Janete Clair, do 5º ano C, e da Cora Coralina, do 4º ano B, destacamos o fato de elas terem gostado da maneira pela qual expomos as obras dos alunos do 5º ano D. Ressaltamos também a importância de não termos feito qualquer tipo de seleção dos trabalhos, o que foi comentado no relato da aluna Janete Clair. Por outro lado, a aluna Carmem Miranda considera que o tempo de exposição dos trabalhos foi pouco. Possivelmente, esta aluna tenha feito esta observação pelo fato de as obras terem trazido mais cores e alegria ao pátio da escola.

O ano de 2012 nos rendeu muito aprendizado e amadurecimento em relação à nossa prática docente. Neste ano, tivemos a oportunidade de colocar em prática algumas propostas de forma mais clara e objetiva, como foi o caso dos desenhos de observação. Quanto à finalização das Mostras, diferentemente de 2011, no ano de 2012, o processo de desmontagem se deu de forma tranquila e organizada.

Portanto, o Ensino de Arte em 2012, a nosso ver, conquistou algo que foi significativo para o bom andamento das nossas aulas, que foi a boa relação estabelecida com as crianças, o que certo modo gerou maior confiança, compromisso e interesse. Ratificamos novamente, nesta pesquisa, a importância da participação ativa dos alunos em todas as etapas do trabalho realizado em 2012 e o valor da amizade na construção das ações pedagógicas que temos proposto como professor de Arte, na Escola Municipal Jardins de Monet. Finalizando esta parte da pesquisa, destacamos a nossa última nota de campo no ano de 2012:

⁵² “Na exposição deste ano foi legal porque nas aulas de artes a gente ajudava. Eu fiquei feliz porque o profº Wesley pendurou os quadros no pátio. No corredor ele colocou vários desenhos, eu não gostei somente de uma coisa, é que o profº Wesley tirou os desenhos muito rápido, eu queria que ficasse mais tempo!”

Finalmente e felizmente concluímos a nossa Mostra de Arte (2012) com chave de ouro. A nosso ver, ficou muito boa a maneira que os trabalhos foram afixados. As produções dos alunos também melhoraram bastante do ano passado pra cá. Em relação aos trabalhos da Mostra Visualidades (2012), tivemos um diferencial que foi o fato das pinturas terem ficado suspensas, penso que esta disposição em que os trabalhos foram expostos despertou a atenção e a curiosidade da comunidade escolar. Não poderia esquecer-me de citar sobre o comportamento dos alunos durante todo o processo de desenvolvimento da proposta. As crianças souberam me ajudar tanto no momento da montagem quanto na desmontagem, não tivemos nenhum trabalho estragado por falta de cuidado ou por vandalismo. Parabéns aos alunos que tiveram a oportunidade de aprenderem mais uma lição e conseguiram aprender! Valeu! Isso sim nos motiva a acreditar na educação.⁵³

4.3 Considerações parciais sobre o Ensino de Arte no ano de 2013

Em relação ao Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet no ano de 2013, destacamos que esta proposta ainda está em andamento e, por isso, não é nosso objeto de análise nesta pesquisa. No entanto, com a intenção de informar sobre o nosso trabalho neste ano, faremos algumas considerações em relação ao Ensino de Arte que vem sendo realizado neste período e uma análise de como tem sido o nosso trabalho. Posteriormente, apresentaremos dados obtidos através do questionário formulados por nós e respondido pela direção da escola. Para finalizar esta parte da pesquisa, destacaremos a análise feita pelas supervisoras pedagógicas do turno da manhã sobre o Ensino de Arte nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013.

A proposta para o ano de 2013 não tem sido compartilhada com outro professor de Arte, diferentemente de 2012 quando contamos com a parceria do professor Raphael. Neste ano, nossas turmas foram distribuídas da seguinte maneira:

Quadro 8 - Turmas do professor Wesley em 2013

ANO ESCOLAR	TURMAS
1º ano	1º D
3º ano	3º C
4º ano	4º A - 4º B - 4º C
5º ano	5º A - 5º B - 5º D

⁵³ Excerto de uma Anotações de campo – 16/11/2012

Esclarecemos que, entre os meses de março a julho, nas terças-feiras, devido à nossa licença para cursar o Mestrado, não tivemos aulas com as turmas do 5º ano B e 5º ano D. Já as aulas do 5º ano C, por não serem geminadas, foram divididas com uma professora que está nos substituindo; nesse caso, estivemos trabalhando com esta turma, no 1º semestre de 2013, apenas com uma hora/aula de 50 minutos por semana, na sexta-feira, e a outra professora assume esta turma com uma aula por semana, na terça-feira.

Nossa principal intenção no ano de 2013 tem sido trabalhar e estimular o potencial criativo das crianças, pois entendemos que, neste momento, devido ao trabalho realizado em 2011 e 2012, as crianças possuam mais informações e um maior repertório teórico e visual sobre Arte. Desse modo, temos procurado oportunizar aos alunos (re)descobrirem-se como artistas, ou seja, possibilitando a elas perceberem seu potencial artístico, além disso, contribuir para que estas crianças percebam qual estilo e/ou linguagem artística mais agrada-lhes.

Assim, estamos apresentando para todas as nossas turmas vídeos sobre as artes visuais, teatro, música e dança e, a partir de suas escolhas, cada criança produzirá um trabalho artístico conforme sua vontade e possibilidade de expressão. Vale ressaltar que neste ano temos a colaboração de graduandos do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID⁵⁴.

Após nos reunirmos com os graduandos do curso de Teatro/UFU e com a coordenadora do PIBID/UFU/Teatro, definimos que as crianças, após terem tido as aulas teóricas sobre as linguagens artísticas, poderiam, de forma espontânea, escolher, dentre quatro opções, uma linguagem para desenvolver seu trabalho.

As crianças que optaram pelas Artes Visuais tiveram que fazer mais uma opção, escolhendo entre o desenho, pintura ou escultura. Contudo, por não dispormos de profissionais da área de música e dança, foi acordado nesta reunião que os alunos do curso de Teatro/UFU trabalhariam com os alunos a performance⁵⁵, trazendo para elas, quando possível, a linguagem musical e a dança.

⁵⁴ PIBID – Programa Institucional de bolsa de Iniciação a Docência. É uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES), em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

⁵⁵ Performance é um gênero artístico, desenvolvido desde os anos sessenta, que resulta da fusão de expressões como o teatro, o cinema, a dança, a poesia, a música e as artes plásticas.

Conforme já citamos neste trabalho, enfrentamos grande dificuldade em nossas aulas pela falta de um espaço específico e adequado para o Ensino de Arte. Esta limitação fez com que optássemos pela divisão da turma, sendo que as crianças que haviam escolhido as Artes Visuais - desenho, pintura ou escultura -, têm ficado conosco em sala de aula, já os alunos que fizeram a opção pelo teatro, música e dança, acompanhados pelos bolsistas do PIBID, necessitam de outros lugares na escola para elaborar e desenvolver suas atividades; por exemplo, quiosque, pátio, quadra, gramado ou na sala 16, onde funcionava uma das oficinas extra-turno e que tinha sido usada como depósito de móveis na escola.

De acordo com o planejamento de ensino para 2013, nossa intenção foi de apresentar, por meio de vídeos e pesquisas no laboratório de informática, a parte teórica sobre as linguagens artísticas no primeiro bimestre (fevereiro, março e abril), além de outras atividades práticas como desenho, pintura, escultura, máscaras e jogos teatrais⁵⁶. Já no 2º bimestre (maio, junho e julho), iniciaremos com os alunos a elaboração do seu trabalho sobre desenho, pintura, escultura ou teatro. Também daremos sequência às atividades práticas já mencionadas. Para o 3º bimestre (agosto e setembro), desejamos concluir os trabalhos dos alunos sobre o desenho, pintura, escultura ou teatro, tendo em vista que a Mostra de Arte deste ano acontecerá em 16 de outubro e terá como tema “(Re)Rescobrindo Minha Arte”. Após a conclusão desta Mostra, desejamos refletir e analisar com as crianças o trabalho realizado no ano de 2013 e, em seguida, discutir sobre o que representou para cada aluno ter vivenciado de forma total ou parcial, o trabalho com Arte em 2011, 2012 e 2013.

Sobre nosso trabalho em 2013, até o momento, ressaltamos o grande interesse das crianças pelas atividades propostas e a alegria que elas têm apresentado no decorrer das aulas de Arte, principalmente, em relação aos alunos que optaram pelo teatro, tendo em vista as novidades que eles vêm aprendendo a cada dia com os estudantes de teatro que compõem o grupo do PIBID.

Sobre o trabalho até agora realizado, destacamos as seguintes imagens:

⁵⁶ Jogos teatrais é o termo utilizado em português para designar qualquer estrutura de jogo que possa ser utilizado no teatro, seja dramático (a partir de textos de teatro), cenas, esboços ou improvisações, ou também na forma de jogos lúdicos ou brincadeiras.

DESENHO

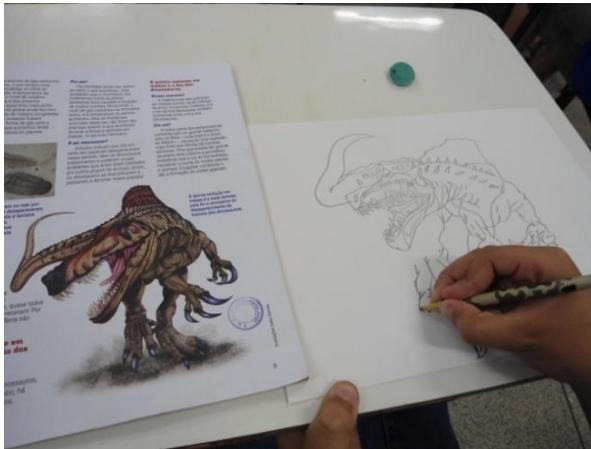


Foto 98 – Aluno do 3º ano fazendo seu desenho de observação.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 99 - Aluno do 3º ano fazendo seu desenho de observação.

Fonte: Arquivo Pessoal.

PINTURA



Foto 100 – Aluna do 3º ano pintando seu trabalho para a Mostra (2012)

Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 101 - Aluna do 3º ano pintando seu trabalho para a Mostra (2012)

Fonte: Arquivo Pessoal.

ESCULTURA



Foto 102 – Alunos do 4º ano rasgando jornal para aprender a fazer papel machê⁵⁷
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 103 - Alunos do 3º ano aprendendo triturar os papéis rasgados para fazer papel machê.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 104 – Aluno do 4º ano moldando sua escultura com jornal, fita crepe e arame.
Fonte: Arquivo Pessoal.

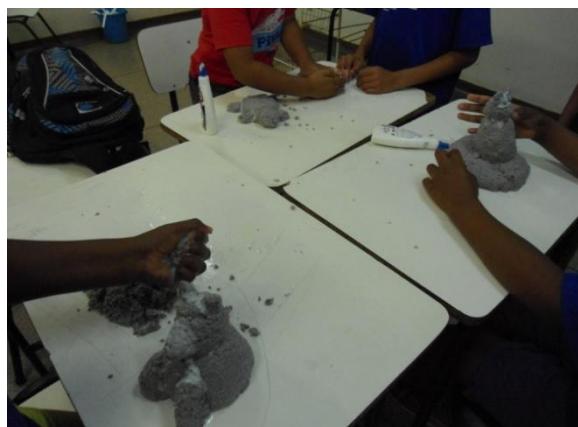


Foto 105 – Alunos do 3º ano moldando suas esculturas com massa de papel Machê.
Fonte: Arquivo Pessoal.

⁵⁷ Massa feita com papel picado umidecido na água, misturado com cola branca e água sanitária. Com esta massa é possível moldar objetos em diferentes formatos, utilitários ou decorativos.

TEATRO



Foto 106 – Alunos do 4º ano participando de uma atividade de teatro no quiosque da escola.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 107 - Alunos do 4º ano participando de uma atividade de teatro em sala de aula.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 108 – Alunos do 4º ano tendo atividade de Teatro com os pibidianos teatro/UFU.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 109 – Leitura da história o Pequeno Príncipe.
Fonte: Arquivo Pessoal.

ATIVIDADES DIVERSAS:



Foto 110 - Aluno do 1º ano fazendo uma Máscara para atividade com jogos teatrais.
Fonte: Arquivo pessoal.



Foto 111 - Turma do 1º ano do Ensino Fundamental e suas máscaras por eles confeccionadas.
Fonte: Arquivo pessoal.

Em relação às atividades de desenhos, destacamos nesta pesquisa a surpresa que foi para os alunos utilizarem, na produção de seus trabalhos, o lápis 6B⁵⁸ e o papel Canson⁵⁹. No entanto, o desenho foi a opção menos escolhida entre as crianças. Quanto à pintura, estamos ainda reutilizando sobras das tintas de tecido que haviam restado das Oficinas Pedagógicas. Por este motivo, continuamos tendo o mesmo problema dos anos anteriores em relação às crianças sujarem suas roupas. A utilização das tintas de tecido justifica-se não só

⁵⁸ Lápis 6B é um tipo de lápis mais macio, normalmente usado para sombrear, por ter um traço mais escuro e macio, quanto maior o numero do lápis mais escuro ele é.

⁵⁹ Papel Canson é um papel específico para desenhos de moda ou qualquer outro desenho e CANSON é a marca como o papel ficou conhecido.

pelo fato de podermos reaproveitá-las, mas, sim, por que não temos tinta guache o suficiente para atender à demanda das pinturas.

Quanto às esculturas, ressaltamos o trabalho realizado com papel machê no momento da modelagem e o resultado final após ter secado. As crianças comentaram a possibilidade de confeccionarem, com esta técnica, seus próprios brinquedos e algumas peças decorativas para presentear suas mães, como exemplo. Sob o trabalho com jornal, fita crepe e arame, os alunos têm descoberto inúmeras possibilidades com esta técnica. O que de certo modo tem dado novas perspectivas para nossas aulas, tendo em vista ser esta a primeira oportunidade da maioria das crianças de explorarem o trabalho tridimensional.

Sobre o teatro, penso ser este o grande desafio para este ano, haja vista que as crianças nunca tiveram tal experiência na escola. Até o presente momento, conforme relatos dos bolsistas PIBID/TEATRO/UFU, os alunos têm correspondido de forma positiva e produtiva diante das propostas apresentadas; com raras exceções, a maioria das crianças que fizeram a escolha pelo teatro têm demonstrado interesse e boa participação.

Pelo fato de estarmos ainda no segundo bimestre, não nos foi possível explorar outras atividades diversas, até o momento desenvolvemos apenas jogos teatrais com todas as turmas e elaboração de máscaras com a turma de primeiro ano.

De maneira geral, estamos otimistas pelo avanço da proposta do Ensino de Arte em 2013, porém, com a intenção de entendermos melhor o nosso trabalho à luz de outro olhar, solicitamos, no início deste ano, à diretora da Escola Municipal Jardins de Monet que respondesse a um questionário sobre a prática educativa de Arte nesta instituição escolar no turno da manhã.

Inicialmente, através do questionário, indagamos a diretora sobre como ela avalia o Ensino de Arte na referida escola entre os anos de 2011, 2012 e parte de 2013, e obtivemos a seguinte resposta,

Percebemos que o olhar dos alunos para com o trabalho nas aulas de Arte se tornou um olhar de aprendizado, de curiosidade e encantamento. As aulas de Arte contribuíram para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos.

Tal consideração feita neste depoimento por parte da direção escolar ratifica o nosso objetivo de valorização do Ensino de Arte nesta escola e possibilita-nos perceber também que nossas aulas, de certo modo, têm refletido positivamente na formação das crianças.

Na segunda questão do questionário, perguntamos se a direção da escola considera que o Ensino de Arte nos anos 2011, 2012 e parte de 2013, em relação ao Ensino de Arte dos anos anteriores, piorou, melhorou ou não mudou em nada. Sobre esse questionamento, a diretora afirmou que o Ensino de Arte melhorou e também fez o seguinte depoimento:

Ter aula de Arte não é só ter aula de desenho! Ter aula de Arte é explorar a capacidade de criação do ser humano e, neste sentido, percebemos o avanço nas aulas.

Quanto a este depoimento, verificamos que a direção da escola tem acompanhado a nossa proposta para o Ensino de Arte, bem como as atividades desenvolvidas com as crianças, haja vista a percepção relatada de que temos procurado trabalhar o potencial criativo das crianças e, principalmente, não resumir nossas aulas com desenhos livres ou imagens fotocopiadas para as crianças colorirem.

O próximo questionamento teve como intenção perceber se para a direção da escola a ausência de uma sala adequada para o Ensino de Arte, com recursos e materiais adequados para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem em arte, faz falta, tanto faz ou se não faz falta. Sobre isso, nos foi respondido que esta sala faz falta. No entanto, foi acrescentado ainda pela diretora o seguinte,

As aulas de Arte são criativas, instrutivas e realmente contribuem para o desenvolvimento do educando.

Assim como na resposta da primeira pergunta, verificamos uma avaliação positiva da nossa proposta para o Ensino de Arte e o quanto, segundo a direção, as aulas de Arte têm contribuído na formação das crianças.

Em relação ao quarto questionamento, indagamos a diretora da escola se ela acredita que o Ensino de Arte poderá trazer algumas contribuições no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos alunos, e ela nos respondeu que sim e acrescentou o seguinte:

O ser humano é um todo e temos certeza que o Ensino de Arte vem contribuir para o desenvolvimento do aluno ao trabalhar com a criação e com a sensibilidade dos alunos.

Sobre este relato, podemos constatar que temos tido o aval da direção da escola em relação ao nosso trabalho, algo que nos deixa motivado e, ao mesmo tempo, aumenta nossa responsabilidade como professor de Arte nesta instituição de ensino.

Com a intenção de verificar se houve na escola uma melhora quanto à valorização do Ensino de Arte, nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013, pedimos à direção da escola que desse o seu parecer sobre esta questão. A diretora fez o seguinte relato:

A maior prova disso foi a mudança na proposta curricular da escola, passando de 01 hora/aula de Arte por semana para 02 horas/aula.

Certamente esta mudança significou para nós uma significativa valorização do Ensino de Arte, tendo em vista que esta solicitação do aumento da carga horária era um desejo que se mantinha por parte dos professores de Arte desde a inauguração da escola em 2007. No entanto, somente em 2012, após termos apresentado e começado a desenvolver a nossa proposta no ano de 2011, que foi possível retomar essas discussões sobre a possibilidade de rever a proposta curricular.

Entretanto, praticamente um ano após esta alteração na carga horária do Ensino de Arte, optamos por perguntar se, para a Direção da escola, esta mudança foi algo negativo, positivo ou se não houve nenhuma mudança. Segundo o parecer da direção escolar esta mudança foi positiva, inclusive a diretora reiterou que:

Propiciou mais tempo para trabalhar com os alunos, dando maior oportunidade de criação.

Quanto ao pouco tempo de que dispúnhamos em sala de aula com as crianças em 2011 e o desgaste que tivemos neste ano para dar conta de cumprir o nosso planejamento, certamente foi algo percebido por todos que conviviam conosco naquele momento, pois não dava para deixar de perceber a nossa dificuldade de transportar todos aqueles materiais de uma sala para outra a cada 50 minutos, fora o nosso compromisso de cumprir bem o papel docente e a nossa obrigação de deixar a sala organizada para o próximo professor. Desse modo, incontestavelmente, o aumento na carga horária tem nos possibilitado oportunizar uma aula mais significativa e estimulante.

Temos percebido, desde a nossa chegada na escola em fevereiro de 2008, que a violência tem sido um aspecto próximo da nossa comunidade escolar, entretanto, a nosso ver,

esse fato também tem gerado algumas ideias preconcebidas sobre esta população. Com o intuito de verificar a opinião da diretora sobre esta questão, perguntamos, neste questionário, se a direção escolar considera que os alunos estejam inseridos num contexto de risco. Ela nos disse que sim e afirmou que:

A comunidade é composta por familiares que vieram de outros estados e cidades da região em busca de melhores condições de vida, e vivem com várias dificuldades financeiras. Muitos alunos vivenciam situações de risco, tais como, violência doméstica, drogas e assassinatos.

Realmente, diante de inúmeros fatos que temos constatado no convívio diário com esta comunidade, torna-se difícil negar a possibilidade de as crianças estarem inseridas num contexto de risco, entretanto, conforme já salientamos neste estudo, a região onde a escola está inserida tem apresentado dados que definem a violência, pelo menos quanto a homicídios, com estatísticas, segundo a OMS, dentro do aceitável.

Outro aspecto que consideramos relevante para a avaliação do nosso trabalho foi saber qual a opinião da direção escolar em relação às propostas pedagógicas do Ensino de Arte nos anos 2011, 2012 e parte de 2013. Sobre esta indagação, a diretora respondeu que:

Acredito que a proposta feita pelo professor Wesley para o contexto da escola vem de encontro às necessidades da nossa comunidade, mas considero a proposta do município bem elaborada.

Ao responder a esta indagação, a diretora deixa claro que a proposta do Ensino de Arte que apresentamos e desenvolvemos na referida escola esteve em consonância com as necessidades das crianças. A respondente cita ainda as Diretrizes Básicas do Ensino de Arte no município de Uberlândia, considerando-a bem elaborada. Sobre esta questão, vale ressaltar que este documento também serviu de aporte para o nosso trabalho nesta escola, de modo que nós também reconhecemos e nos apropriamos, na medida do possível, destas Diretrizes como material de apoio. Entretanto, o depoimento da diretora, de certo modo, nos deixa mais tranquilos em relação ao trabalho já realizado e nos motiva quanto ao futuro.

Para finalizar o questionário, solicitamos à direção da escola que fizesse um breve comentário sobre como tem se organizado o Ensino de Arte, sua importância e as expectativas desta disciplina para a escola. Sobre este último questionamento, nos foi respondido pela diretora que:

O Ensino de Arte tem se organizado na escola de forma a respeitar, dentro das possibilidades, a proposta de trabalho do professor e tem propiciado um diálogo entre os professores no início do ano para possibilitar o alinhamento das propostas em consonância com a proposta do município.

Sobre a avaliação feita pela Diretora da Escola Municipal Jardins de Monet em relação ao nosso trabalho, consideramos que os nossos objetivos iniciais estão sendo alcançados. Não poderíamos deixar de ratificar nesta pesquisa a relevante contribuição que temos tido ao longo destes anos por parte da gestão escolar. Por isso, entendemos que não teríamos nenhuma condição de avançar com a proposta que idealizamos para o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet se não pudéssemos contar com esta parceria.

Com a intenção de verificarmos outras avaliações em relação ao nosso trabalho, solicitamos às supervisoras pedagógicas que também avaliassem o nosso trabalho nos anos de 2011 e 2012 e parte de 2013. Sobre a análise feita pela equipe pedagógica do turno da manhã, obtivemos o seguinte depoimento:

Na concepção da equipe pedagógica desta escola, no turno da manhã, a “Proposta Trienal” do Ensino de Arte, elaborada e executada até o momento, pelo professor Wesley Diniz, desmistificou o conceito errôneo das aulas de Arte no Ensino Fundamental como simples propostas de desenho ou pintura, sem contextualização e sem nenhuma base teórica.

Trouxe um novo significado, tanto para os alunos como para a escola (gestor, equipe pedagógica, administrativa e comunidade) como um todo. Consideramos que atualmente nossa escola possui uma identidade própria em relação à disciplina de Arte, graças ao trabalho (incansável) desenvolvido por Wesley.

São nítidas as mudanças positivas no comportamento dos alunos: percebemos mais interesse, desejo e prazer em participarem ativamente das aulas. Hoje eles conseguem compreender a Arte como parte de suas vidas, através da culinária, dança, teatro, graffiti, desenho, pintura, música...

Destacamos a importância dos recursos tecnológicos na preparação e execução das aulas, visto que os mesmos viabilizam o acesso entre passado (história da arte, artistas importantes, museus, etc.) e o presente (arte contemporânea) e despertam maior interesse no aprendiz.

Enfim, a proposta trouxe inúmeros benefícios à escola e aos nossos alunos, difundindo a Arte de forma transdisciplinar e agregando o real valor a esta disciplina que consideramos de suma importância na formação do ser humano.

Parabéns, professor Wesley, e nosso agradecimento pelo seu profissionalismo, por sua dedicação, respeito aos alunos e por seu amor à sua profissão.

Conforme o que verificamos no relato das supervisoras pedagógicas e questionário respondido pela diretora, nossos objetivos iniciais têm sido conquistados, tais como, o desejo de criar uma identidade para o Ensino de Arte.

Esclarecemos que o termo “Proposta Trienal”, utilizado pelas supervisoras pedagógicas neste depoimento, refere-se ao nome que criamos, inicialmente, para a nossa proposta para o Ensino de Arte que tem uma duração de três anos (2011, 2012 e 2013). Entretanto, durante o desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que deveríamos repensar a utilização e significado deste termo. Inicialmente, em 2011, pensamos estruturar uma proposta de ensino para três anos de trabalho, porém vivenciamos significativas alterações no trabalho educativo de um ano para outro, em decorrência das análises e reflexões feitas a partir do trabalho desenvolvido no ano anterior. Dessa maneira, passamos a estruturar a nossa proposta muito mais atentos com os resultados do ano anterior do que propriamente com o planejamento idealizado em 2011.

Acreditamos que a disciplina de Arte na Escola Jardins de Monet não enfrenta as mesmas dificuldades em relação ao período quando fomos reconduzido para o ensino regular. Percebemos que hoje há uma maior valorização do Ensino de Arte pela comunidade escolar, em especial, pelos alunos.

Constatamos que os demais profissionais têm demonstrado maior interesse na nossa área, principalmente, quando nos abordam a fim de saber como andam as produções das crianças e qual será a novidade que traremos este ano para a Mostra de Arte. Quanto às crianças, verificamos que as mesmas têm tido um maior interesse e compromisso pelas nossas aulas. Desse modo, entendemos que a proposta para o Ensino de Arte entre os anos 2011, 2012 e parte de 2013, tem oportunizado essa valorização.

Quanto ao nosso aprendizado em relação a esta (re)tomada de consciência do Ensino de Arte em nossa escola, entendemos que nos possibilitou um maior amadurecimento como professor de Arte, tendo em vista que as nossas aulas transpuseram a sala de aula e acabamos ganhando novos alunos nesse processo ensino-aprendizagem em Arte. No entanto, temos consciência de que esta valorização deve também ser compreendida e percebida pelos órgãos públicos, a fim de que possamos contar com uma melhor estrutura em nossas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, propusemo-nos a investigar e refletir sobre a nossa prática docente entre os anos de 2011, 2012 e parte de 2013, na Escola Municipal Jardins de Monet, intentando compreender o trabalho realizado, seus limites, desafios e possibilidades.

No entanto, ao escrever sobre a proposta que apresentamos para o Ensino de Arte, descobrimos novas questões e nos redescobrimos a todo instante. Por este aspecto, entendemos que o presente trabalho nos possibilitou, dentre outras questões, que amadurecemos como educadores, ainda que conscientes de que as nossas reflexões e os nossos questionamentos não se esgotaram. Contudo, ressaltamos ser imprescindível a todo professor refletir e questionar sobre sua prática docente; sobre esta questão, Belotti e Faria (2010) comentam que:

Estudos têm apontado que existe a necessidade de que o professor seja capaz de refletir sobre sua prática e direcioná-la segundo a realidade em que atua, voltada aos interesses e às necessidades dos alunos, buscando novos caminhos para tornar o aprendizado um desafio estimulante para cada um (p. 03).

Nesse aspecto, nutridos pelo desejo de tornar as nossas aulas mais estimulantes e significativas para todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, é que entendemos a necessidade de rever nossas ações e analisá-las à luz de um referencial teórico que nos permita perceber aspectos positivos e negativos da proposta apresentada.

Sobre os aspectos positivos, verificamos que o nosso trabalho, no que se refere ao desenho de observação, trouxe significativas contribuições no processo de aprendizagem das crianças, pois tivemos, nesta pesquisa, a oportunidade de confrontar nossas ações com aspectos abordados pela autora La Pastina (2007, 2009). Outro aspecto relevante na elaboração deste estudo foram as pesquisas de mestrado realizadas por professoras de Arte do município de Uberlândia que serviram de apporte para este trabalho, tais como: França (2003); Macêdo (2003); Sousa (2006); Sá (2007); Silveira (2007); Araújo (2008) e Tinoco (2010).

Nestes trabalhos, aprendemos com estas autoras sobre o Ensino de Arte em diversos aspectos, como saberes e práticas, história do Ensino de Arte em Uberlândia, leitura de imagens, multiculturalismo, constituição de grupos de professores, política e currículo, bem como sobre a avaliação em Arte.

Além das Diretrizes Básicas do Ensino de Arte (2003, 2010), citamos também as produções teóricas de Ana Mae Barbosa, que vem balizando o nosso trabalho, reflexões e inquietações sobre o Ensino de Arte na Escola Municipal Jardins de Monet.

Avaliamos que a pesquisa envolvida com a prática docente suscita várias inquietações e que nem todas elas são objeto de aprofundamento. Além disso, fica também a percepção de que seriam necessárias mais leituras. Se, por um lado, temos o contato direto e diário com o cotidiano escolar, por outro, falta-nos tempo para submergir nas questões postas dentro deste espaço educacional.

Nessa pesquisa, além dos teóricos que têm na Arte seu objeto de estudo, também nos valemos dos relatos e depoimentos das crianças, dos questionários respondidos pelos pais ou responsáveis, da direção escolar e da equipe pedagógica.

Nosso objetivo ao buscar novas considerações e outros olhares sobre o trabalho realizado no Ensino de Arte nesta escola, nos anos de 2011, 2012 e parte de 2013, pauta-se na intenção de obter uma melhor percepção sobre o ensino de Arte e a prática educativa promovida nestes anos e, a partir disso, viabilizar uma proposta que atenda às reais necessidades educacionais das crianças no que se refere ao Ensino de Arte, como também, fomentar a arte nesta comunidade escolar.

Para isso, propomos rever as nossas indagações iniciais da pesquisa e, neste exercício reflexivo, verificar se conseguimos sair da superfície em que nos encontrávamos, como também, caso tenha havido, averiguar os avanços obtidos nesta experiência que desenvolvemos com as crianças matriculadas no turno da manhã e que foram nossos alunos, entre os anos de 2011, 2012 e parte de 2013, na Escola Municipal Jardins de Monet.

Nossas primeiras inquietações em relação ao Ensino de Arte nesta instituição escolar eram:

- número reduzido de aulas semanais em cada turma - 50 minutos de hora/aula por semana;
- falta de uma sala específica e adequada para o Ensino de Arte;
- ausência de uma identidade para o Ensino de Arte e a desvalorização por parte da comunidade escolar por não considerá-la como área do conhecimento.

Diante do exposto, afirmamos que duas situações foram conquistadas ao longo do nosso trabalho entre os anos de 2011, 2012 e parte de 2013. Primeiro, houve alteração em relação ao tempo de aula, passando, em fevereiro de 2012, de uma hora/aula de 50 minutos por semana para cada turma, para duas horas/aulas semanais. Segundo, pelo fato de

constatarmos, através dos vários relatos e depoimentos, escritos e/ou verbalizados pelas crianças, que o Ensino de Arte tem representado, juntamente com outras disciplinas, algo importante para a sua formação social, cognitiva e afetiva.

Ainda permanece o nosso desejo e a necessidade de poder contar com uma sala de aula específica e adequada para o Ensino de Arte. Contudo, entendemos que esta é uma questão política, em relação à qual nos cabe continuar o trabalho com a preocupação de fazê-lo da melhor forma e, nos mobilizarmos a fim de reivindicarmos nossas solicitações, que, em nosso caso, atualmente, restringem-se à construção deste espaço para o Ensino de Arte, que, como já salientamos, traria significativas contribuições para o processo ensino-aprendizagem.

Para além desta sala de Arte, cremos que o Ensino de Arte também poderia ter um espaço na biblioteca da escola, com livros, revistas e DVD's que fossem voltados para as artes. Haja vista que a biblioteca conta hoje com um acervo de artes bastante limitado e com poucos exemplares.

Conforme já citamos anteriormente, Duarte Jr. (2011) comenta sobre uma metáfora utilizada por Rubem Alves ao se referir às caixas de brinquedo e de ferramenta. Sobre isso, o autor explica que as coisas práticas e úteis pertencem à caixa de ferramenta, já a arte faz parte da caixa de brinquedos. No entanto, para Rubem Alves, nós nascemos com estas duas caixas, porém, a escola tem valorizado mais a caixa de ferramenta e fechado cada vez mais a caixa de brinquedo.

Com a intenção de possibilitar a abertura desta caixa de brinquedos em nossa escola e deixar a imaginação, a fantasia e os sonhos tomarem formas, cores, sons, movimentos, texturas, linhas, é que acreditamos que uma brinquedoteca poderia possibilitar às crianças vivenciar a arte com novas perspectivas. Neste espaço lúdico, poderíamos materializar histórias e contos, curtir antigas brincadeiras e recriar outras, enfim, entendemos que um ambiente que possibilite ao aluno externar sua inocência e infância seria algo construtivo no seu processo de formação.

Verificamos também a ausência de um espaço verde, arborizado, onde as crianças pudessem ter aulas em ambiente natural e tivessem a oportunidade de mexer na terra, seja para brincar ou semear.

Percebemos em nossa escola a necessidade de uma maior articulação entre as áreas de conhecimento e seus profissionais. Felizmente, em nossa área, ainda distante do ideal, já podemos verificar um maior interesse no que se refere ao Ensino de Arte por parte dos demais

professores. Penso que o trabalho realizado entre os anos 2011, 2012 e parte de 2013, vem a cada dia potencializando este ensino na Escola Municipal Jardins de Monet.

No entanto, é nossa intenção compartilhar cada vez mais estes saberes com a comunidade escolar, desejamos que a arte estivesse ao acesso de todos, que o mesmo encantamento vivenciado por uma criança possa também reluzir os olhares de seus pais ou responsáveis. Nesse aspecto, podemos em parte perceber esse fato no ano de 2011, quando presenciamos a alegria dos pais ou responsáveis caminhando pelos corredores da Mostra “Uma Viagem Pela História da Arte”. Por tudo isso, acreditamos que o Ensino de Arte possa vir a representar para esta comunidade escolar como um possível caminho de acesso à cultura.

Entretanto, se desejamos fomentar a Arte nesta perspectiva, entendemos ser preciso refletir cada vez mais sobre qual cultura queremos valorizar ou conhecer. Para isso, inicialmente, nos propomos entender melhor a trajetória do Ensino de Arte em nosso país e na cidade de Uberlândia. Nesse aspecto, verificamos que ocorreram várias mobilizações e lutas pela valorização do Ensino de Arte e por melhores condições de trabalho.

Desse modo, entendemos que também temos que nos posicionar diante de situações que consideramos desfavoráveis para a prática de um Ensino de Arte com qualidade para as crianças e sua formação. Desejamos ecoar neste trabalho as vozes dos nossos pares e suas constantes queixas em relação às necessidades diárias em sala de aula para o pleno exercício de suas funções que, mesmo em situações adversas, têm se fortalecido no contexto educacional de Uberlândia, possivelmente, pela capacidade destes professores de Arte de se articularem e de se fortalecerem através da coletividade e pelos laços estabelecidos entre o grupo.

Em relação à caracterização da Escola Municipal Jardins de Monet, verificamos que ela está inserida na periferia de Uberlândia e atende uma clientela que, em sua maioria, é composta por pessoas de baixa renda. Entretanto, vale ressaltar que, nestes últimos anos, essa comunidade vem sendo beneficiada por uma melhor infra-estrutura física e também pelas ações de ONG's ali presentes e que desenvolvem significativos serviços, seja de ordem religiosa, educativa, esportiva, profissional, dentre outras.

Consideramos que a referida escola também dispõe de mínimas condições físicas adequadas para o processo ensino-aprendizagem, exceto pela localização e situação do bebedouro das crianças que, a nosso ver, não oferece higiene necessária e adequada ao consumo de água. Constatamos também que os banheiros dos alunos, mesmo após terem sido reformados, continuam merecendo uma atenção maior, principalmente pela ausência de

sabonete e toalhas descartáveis. Outra questão que tem sido motivo de reivindicações é em relação à falta de espaços adequados para os atendimentos especializados, principalmente em relação ao reforço pedagógico, quando os professores têm que ficar peregrinando de um lugar para outro em busca de um espaço mais tranquilo para ajudar as crianças nas suas dificuldades, e, quando não encontram, o reforço pedagógico é dado no próprio corredor da escola.

Destacamos também a necessidade de se repensar o papel do Conselho Escolar na Escola Municipal Jardins de Monet, tendo em vista as nossas considerações quanto às ações e intervenções tomadas pelo Conselho e que não têm sido socializadas com a comunidade escolar, ainda que temos tido a tranquilidade de contar com uma gestão escolar responsável, comprometida e transparente.

Um fato que tem sido muito polemizado nesta escola refere-se à violência e ao tráfico de drogas presentes naquela região. Preocupados em entender melhor esta situação, principalmente pelos estigmas que aquela população, em especial, as nossas crianças recebem por conta destas ideias, buscamos estatísticas sobre estas questões e verificamos que naquele espaço não há mais violência do que em outros lugares da cidade.

Por fim, em relação a alguns profissionais da Escola Municipal Jardins de Monet, entendemos que seja preciso desmitificar situações e avaliações preconceituosas que ocorrem por desconhecimento e desvalorização das culturas populares, origem das famílias cujos filhos estudam na escola pesquisada.

Na realidade pesquisada em relação ao cotidiano doméstico das nossas crianças, constatamos que os nossos alunos, na sua maioria, moram em casas próprias, de alvenaria, com pai e mãe morando juntos na mesma residência, inclusive, com a possibilidade de a mãe ter uma presença mais constante na vida das crianças. Verificamos também que grande parte dos nossos alunos vivenciam seu cotidiano com outras crianças, sendo que, na maior parte do tempo, a sua ocupação fora da escola é assistir televisão e brincar. Em média, $\frac{3}{4}$ das crianças estão matriculadas no ano correspondente à sua idade e em poucos casos houve abandono escolar. Outra constatação que fizemos a partir destas análises foi o fato de grande parte das crianças não ter problemas de relacionamento e, por fim, a satisfação de termos tido a informação de que praticamente todas as crianças gostam de ir para a escola. No entanto, sabemos que ainda há muitos estereótipos e preconceitos a serem superados.

Temos consciência de que ainda há caminhos por percorrer a partir deste estudo. Até o momento, os resultados obtidos a partir da nossa reflexão sobre o trabalho realizado no

Ensino de Arte, entre os anos 2011, 2012 e parte de 2013, tem nos deixado motivados e otimistas, entretanto, se estas primeiras ações tiveram um impacto positivo no contexto educacional da Escola Municipal Jardins de Monet, conforme constatamos neste estudo, acreditamos que o próximo passo seja transpor os muros da escola, levando a arte até a comunidade e a mesma até a arte.

Para 2014, já tivemos um primeiro diálogo com os demais professores de Arte da escola, com a intenção de planejarmos uma proposta para o Ensino de Arte para todos os anos escolares e inseri-la no Projeto Político-Pedagógico. Inicialmente, temos a intenção de propor um trabalho pautado na metodologia utilizada pela Escola da Ponte⁶⁰, em Portugal. Para isso, a escola já manteve um contato inicial com o professor José Pacheco, fundador desta instituição lusitana e que, atualmente, reside em uma cidade do interior paulista. Vale ressaltar que a possibilidade desta parceria não se resume tão somente ao Ensino de Arte, mas à escola como um todo.

Por entendermos a relevância da metodologia de ensino trabalhada pela Escola da Ponte e por nos mantermos sempre alertas em relação à possibilidade de trazer para os nossos alunos um ensino criador, motivante e desafiador, é que, de momento, daremos uma breve pausa nesta pesquisa, confiantes de que nossos limites, desafios e possibilidades permanecem imersos em nosso desejo de continuar aprendendo sobre o Ensino de Arte.

⁶⁰ Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino, localizada em S. Tomé de Negrelos, no Distrito do Porto, em Portugal. Na escola da Ponte todos trabalham com todos. Nenhum aluno é aluno de um professor só, nem um professor é professor só de alguns alunos. Assente em valores como a solidariedade, autonomia e responsabilidade, a escola da Ponte é hoje um marco pedagógico de diferenciação do modelo de escola dito “tradicional”, com mais de 35 anos de história.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. O Relacionamento Interpessoal na Coordenação Pedagógica. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança.** 2^a ed. São Paulo : Edições Loyola, 2002.
- _____. **O Relacionamento Interpessoal na Coordenação Pedagógica.** In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. 9^a ed. São Paulo : Edições Loyola, 2011.
- ALMEIDA, Cássia. “**Pai, mãe e filhos” já não reinam mais nos lares.** In: O Globo, Rio de Janeiro, 25 ago. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/pai-mae-filhos-ja-nao-reinam-mais-nos-lares-5898477>>. Acesso em 01 mai. 2013.
- ARAÚJO, Waldilena Silva Campos. **Ensino de arte na educação municipal de Uberlândia:** os impasses metodológicos e a realidade do ensino. (1990 – 2003). 2008. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- AZEVÊDO, Fernando Antônio Gonçalves. Sobre a dramaticidade no ensino de arte: em busca de um currículo reconstrutivista. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Coord.). **Som, gesto, forma e cor:** dimensões da arte e seu ensino. 2. ed. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996. 112 p.
- BARBIER, René; DIDIO, Lucie (Trad.). **A Pesquisa-Ação.** Brasília: Liber, 2007.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. IN: MEDEIROS, Maria de Medeiros (Org.). **A arte pesquisa.** Volume 1. Ensino e aprendizagem da arte. Linguagens visuais. – Brasília, D.F.: Mestrado em Artes, UnB, 2003. p. 21-42.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da Educação Artística.** São Paulo : Editora Cultrix, 1975.
- BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 5^oEd. São Paulo: Cortez, 2008.
- BELOTTI, Salua Helena A.; FARIA, Moacir Alves de. Relação Professor/Aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.facsoroque.br/novo/publicacoes/pdfs/salua.pdf>>. Acesso em: 25 Jun. 2013.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto editora, 1994
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** arte. Brasília: MEC/SEF. 1997.
- _____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** arte. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- _____. **Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares.** In: Portal MEC. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12384&Itemid=657>. Acesso em 11 fev. 2013.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção** : uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1998.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção** : uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2000.

CAMILLIS, Lourdes Stamato de. **Criação e docência em arte**. 1^a ed. Araraquara: JM Editora, 2002. 126 p.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15^a ed. São Paulo,SP: Editora Brasiliense, 1995.

CORAZZA, S. M. (org.). Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos investigativos**: Novos olhares na pesquisa em educação. Rio de janeiro: DP&A, 2002.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?**. Campinas: Papirus, 1983.

_____ ; MATTAR, S. ; ROIPHE, A. . "Brincar, Jogar, Tocar e Atuar: Conexões Estéticas". In: SEMINÁRIO MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDO E PESQUISA EM ARTES E EDUCAÇÃO, 1, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 2011. v. 1. Disponível em: <http://www.paralapraca.org.br/wp-content/uploads/2012/03/DUARTE-JR-Palestra-Usp-Reescrita-_1_.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2012.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro S.A, 1984.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de**. São Paulo: Cortez, 1999. 2.ed. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

FERREIRA, Wesley Diniz. Uma experiência com Oficina de animação: desenho Zumbi dos Palmares. In: TINOCO, Eliane de Fátima Vieira; FRANÇA, Léa Carneiro de Zumpano (Orgs.). **Artes Visuais**: ensino e aprendizagem experiências da rede pública municipal em Uberlândia. Uberlândia: Arte na Escola, 2012. p. 95-102.

FISCHER, Ernst; KONDER, Leandro (trad.). **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FRANÇA, Léa Carneiro de Zumpano. **O Ensino de Desenho**: Saberes e Práticas das Professoras de Artes: um olhar... muitas possibilidades. 2006. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Por que se esconde a violeta?** Isto não é uma concepção de desenho, nem pós-moderna, nem tautológica. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. **Noemia Varela e a arte.** Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

GONÇALVES, Luiz Roberto. **Contribuição da proposta de ensino-aprendizagem do desenho de observação desenvolvida por Betty Edwards para a formação do professor de arte.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ARTES DA F.A.P.A., 4., 2009. p. 1-18. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/4Artigos_artes.pdf>. Acesso em 02 fev. 2013.

2 MIL terrenos serão regularizados na zona leste de Uberlândia. In: Site do Correio de Uberlândia. Disponível em: <<http://www.correiouberlandia.com.br/cidade-e-regiao/2-mil-terrenos-serao-regularizados-na-zona-leste-de-uberlandia>>. Acesso em 16 Mai. 2012.

ÍNDICE de evasão escolar é maior entre estudantes do Ensino Médio. In: Globo Educação. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/10/indice-de-evasao-escolar-e-maior-entre-estudantes-do-ensino-medio.html>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

KEMMIS, Sthepen; WILKINSON, Mervyn. A pesquisa-ação e o estudo da prática. IN: DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio e ZEICHENER, Kenneth M. (Orgs.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LA PASTINA, Camilla Carpanezzi. **O desenho infantil de 8 a 10 anos:** da satisfação à crise. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-034-10.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2013

_____. Apropriação e cópia no desenho infantil. **Revista Palíndromo**, n.1, mar. 2009. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/1ensino_de_arte/6_palindromo_pastina.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2013.

LARA, Silvana Maria de. **Professora de artes em construção: uma reflexão autobiográfica.** 2011. 79f. Monografia (Pós-Graduação latu sensu Ensino das Artes Visuais) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

LELIS, Soraia Cristina Cardoso. **Poéticas Visuais em Construção:** O fazer artístico e a educação (do) sensível no contexto escolar. 2004. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar:** políticas, estruturas e organização. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação).

LOUREIRO, Alícia M. A. **O Ensino da Música na Escola Fundamental.** 7. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

MACÊDO, Cesária Alice. **História do Ensino de Arte**: uma experiência na educação municipal de Uberlândia (1990 – 2000). 2003. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo : FTD, 1998

MONROE, Camila; LIMA, Laize. Elos do Conhecimento. **Nova Escola**, v. 26, n. 243, jun./jul. 2011. p. 84-86.

MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2.ed. – Rio de Janeiro : Lamparina, 2008.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. T. A. (orgs.). **O processo de pesquisa Iniciação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006. 124p.

NAZARI, Ana Clara Gomes. **Desafios da Educação em Tempo Integral na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia – Minas Gerais**: Limites e Possibilidades. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

NÚMERO de leitores caiu 9,1% no país em quatro anos, segundo pesquisa. In: G1 Educação. São Paulo; Brasília. 2012. Disponível em:
<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html>. Acesso em 01 mai. 2013.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs.). O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. São Paulo ; Edições Loyola, 2002

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, história e ensino**: uma trajetória. São Paulo, Cortez, 2001. – (Coleção questões da nossa época ; v. 79)

PILLAR, Analice Dutra. Regimes de visibilidade nos desenhos animados da televisão. In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (Org.). **Arte em pesquisa**: Especificidades. Ensino e Aprendizagem da Arte; Linguagens Visuais. Brasília, DF: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2004. v. 2. p. 52-62.

POSTMAN, Neil; CARVALHO, Suzana Menescal de Alencar e MELO, José Laurenio de (Trad.) . **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

READ, Herbert; SIQUEIRA, Valter Lellis (Trad.). **A educação pela arte**. São Paulo : Martins Fontes, 2001. – (Coleção a)

SÁ, Raquel Mello Salimeno de. **Ensino da Arte na Educação Municipal de Uberlândia**: potencialidades e silenciamentos no campo do multiculturalismo. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista** : fundamentos para o ensino das artes plásticas. 2^a ed. – Campinas, SP : Papirus, 1985.

SCHÖPKE, Regina; BALADI, Mauro (Trad.) A arte como potência de vida. In: GUYAU, Jean-Marie. **A arte do ponto de vista sociológico**. São Paulo : Martins Fontes, 2009. 690 p.

SILVEIRA, Teresa Cristina Melo da. **Constituição de Saberes e Práticas Docentes em e Sobre um Grupo de Professores de Arte**. 2007. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SILVA, Josie Agatha Parrilha . O Ensino da Arte na Educação Fundamental no final do século XX: questões sobre a legislação brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCACÃO, 5, 2008, ARACAJU. **Anais...** O Ensino e a Pesquisa em História da Educação, 2008. Disponível em:
<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/918.pdf>
Acesso em: 10 jun. 2013.

SILVA, Angela Maria; PINHEIRO, Salete de Freitas; FRANÇA, Maira França. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. ver. e ampl. – Uberlândia: UFU, 2009

SILVA, E. M. A. ; ARAUJO, C. M. . Tendências e Concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológico da Arte/Educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007, Caxambú. **Anais...** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2012 8:30.

SILVA, Gislene de Fátima Santos. Cultura e Arte: identidade e diversidades no contexto escolar. In: TINOCO, Eliane de Fátima Vieira; FRANÇA, Léa Carneiro de Zumpano (Orgs.). **Artes Visuais**: ensino e aprendizagem experiências da rede pública municipal em Uberlândia. Uberlândia: Arte na Escola, 2012. p. 185-196

SOUZA, Márcia Maria de. **Leitura de imagens na sala de aula**: relações entre saberes, práticas de professores de arte e grupos de estudos. 2006. 253 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

STRICKLAND, Carol; ANDRADE, Angela Lobo de (trad.). **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

TAUNAY, Afonso de Escragnolle. **A missão artística de 1816**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

THIOLLENT, Michel, 1947. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. – São Paulo: Cortez; 1996.

TINOCO, Eliane de Fátima Vieira (Org.). et. al. **Possibilidades e encantamentos**: trajetória de professores do ensino de arte. Uberlândia: E.F.Tinoco, 2003. 144 p.

TINOCO, Eliane de Fátima Vieira. **Avaliação em Artes:** saberes e práticas educativas de professores no Ensino Fundamental. 2010. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

TRAGANTE, Christiane Aparecida. **Descolonizando as aulas de Arte: o olhar das crianças ao conhecer, apreciar e fazer arte na escola.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE INFÂNCIAS E PÓS-COLONIALISMO: PESQUISAS EM BUSCA DE PEDAGOGIAS DESCOLONIZADORAS, 1, 2012, Campinas - SP. **Anais...** Seminário Internacional sobre Infâncias e Pós-Colonialismo. Campinas - SP: Unicamp/FE, 2012. v. 1. p. 18-30.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Básicas do Ensino de Arte:** 1^a a 8^a séries. Uberlândia, 2003.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Básicas do Ensino de Artes:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Uberlândia, 2010.

VASCONCELOS, Luiz. **A diferença entre o olhar e o ver.** In: Site Somos todos um. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=11777>>. Acesso em: 10 ago. 2012

VIANNA, H. M. **Pesquisa em Educação:** a observação. Brasília: Editora Plano, 2003.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção psicologia e pedagogia)

APÊNDICE A

Questionário para os pais ou responsáveis



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – “MESTRADO”
Linha de Pesquisa: Saberes e Práticas Educativas
Wesley Diniz Ferreira - Mestrando
Myrtes Dias da Cunha - Orientadora

QUESTIONÁRIO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS: - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

01- Qual é o seu grau de parentesco com a criança?

02- A criança mora com o pai e a mãe juntos na mesma casa?

03- A criança mora numa casa:

- Própria Alugada
 Financiada Emprestada

04- A casa é de:

- () Alvenaria (tijolo) () Barraco

05- A criança convive na mesma casa com outras crianças?

- () Sim Quantas: () Não

06- Qual a forma de lazer mais frequente da criança:

- () Assistir Televisão () Brincar na rua () Brincar em casa
() Ir ao clube () Ouvir música () Usar o computador
() Visitar parentes () Ir ao shopping () Outros

07- A criança está matriculada no ano correspondente a sua idade e nunca foi reprovada?

- () Sim, ela está matriculada no ano correspondente a sua idade e nunca foi reprovada!
() Não, ela já teve uma ou mais reprovações!

08- A criança já abandonou a escola alguma vez?

- () Não, ela nunca abandonou a escola!
() Sim, ela já abandonou a escola por algum tempo!
Por que ela abandonou? Quanto tempo ficou fora da escola?
-
-

09- Qual atividade a criança mais gosta de fazer em casa:

- () Desenhar () Ler () Escrever
() Outras, quais:
-
-

10- A criança se relaciona bem com as pessoas:

- () Sim () Não () Mais ou menos

11- A criança gosta de ir para a escola?

- () Sim () Não () Às vezes

Caso queira, utilize o espaço abaixo para fazer comentários sobre a escola e as aulas de Arte:

Muito obrigado pela contribuição,

Wesley Diniz Ferreira
Mestrando em Educação

APÊNDICE B

Questionário para a direção da escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – “MESTRADO”
Linha de Pesquisa: Saberes e Práticas Educativas
Wesley Diniz Ferreira - Mestrando
Myrtes Dias da Cunha – Orientadora

QUESTIONÁRIO PARA A DIREÇÃO DA ESCOLA

1)- A Direção da escola avalia o Ensino de Arte nos anos de 2011 e 2012, como sendo:

() Ruim () Razoável () Bom () Ótimo

Justifique:

2)- A Direção da escola considera que o Ensino de Arte nos anos 2011 e 2012, em relação ao Ensino de Arte dos anos anteriores,

() Piorou () Melhorou () Não mudou nada

Justifique:

3)- A Direção da Escola considera que a ausência de uma sala apropriada para o Ensino de Arte, com recursos e materiais adequados para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem em arte,

() Não faz falta () Tanto faz () Faz falta

Justifique:

4)- A Direção da Escola acredita que o Ensino de Arte poderá trazer algumas contribuições no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos alunos:

() Sim () Não () Não sei () Às vezes

Justifique:

5)- A Direção da escola considera que houve, nos anos de 2011 e 2012, uma valorização do Ensino de Arte nesta unidade escolar?

() Sim () Não () Em alguns aspectos () Não sei

Justifique:

6)- Para a Direção da escola, a mudança na carga horária do Ensino de Arte, passando de 01 hora/aula de 50 minutos por semana para 02 horas/aula de 50 minutos por semana, foi algo:

() Negativo () Positivo () Não representou nenhuma mudança

Justifique:

7)- A Direção da escola considera que os alunos estão inseridos num contexto de risco?

() Sim () Não () Não sei

Justifique:

8)- Em relação as propostas pedagógicas do Ensino de Arte nos anos 2011 e 2012, a Direção da escola considera-as como sendo:

() Inadequadas () Insuficientes () Razoáveis () Satisfatórias

Justifique:

9)- Faça um breve comentário sobre como tem se organizado o Ensino de Arte, sua importância e as expectativas desta disciplina para a escola.

Muito obrigado pela colaboração!

Wesley Diniz Ferreira
Mestrando em Educação

APÊNDICE C

Questionário para os alunos

ESCOLA MUNICIPAL IRENE MONTEIRO JORGE – DEZEMBRO 2011

Professor: Wesley Diniz Ferreira

Disciplina: Arte

Aluno (a): _____

Ano: _____ Turma: _____ Turno: () Manhã () Tarde

1)- O que você achava da disciplina de Arte antes de 2011?

2)- No ano de 2011 alguma coisa mudou para você em relação à disciplina de Arte?

3)- O que você mais gostou na disciplina de Arte neste ano?

4)- O que você menos gostou na disciplina de Arte neste ano?
